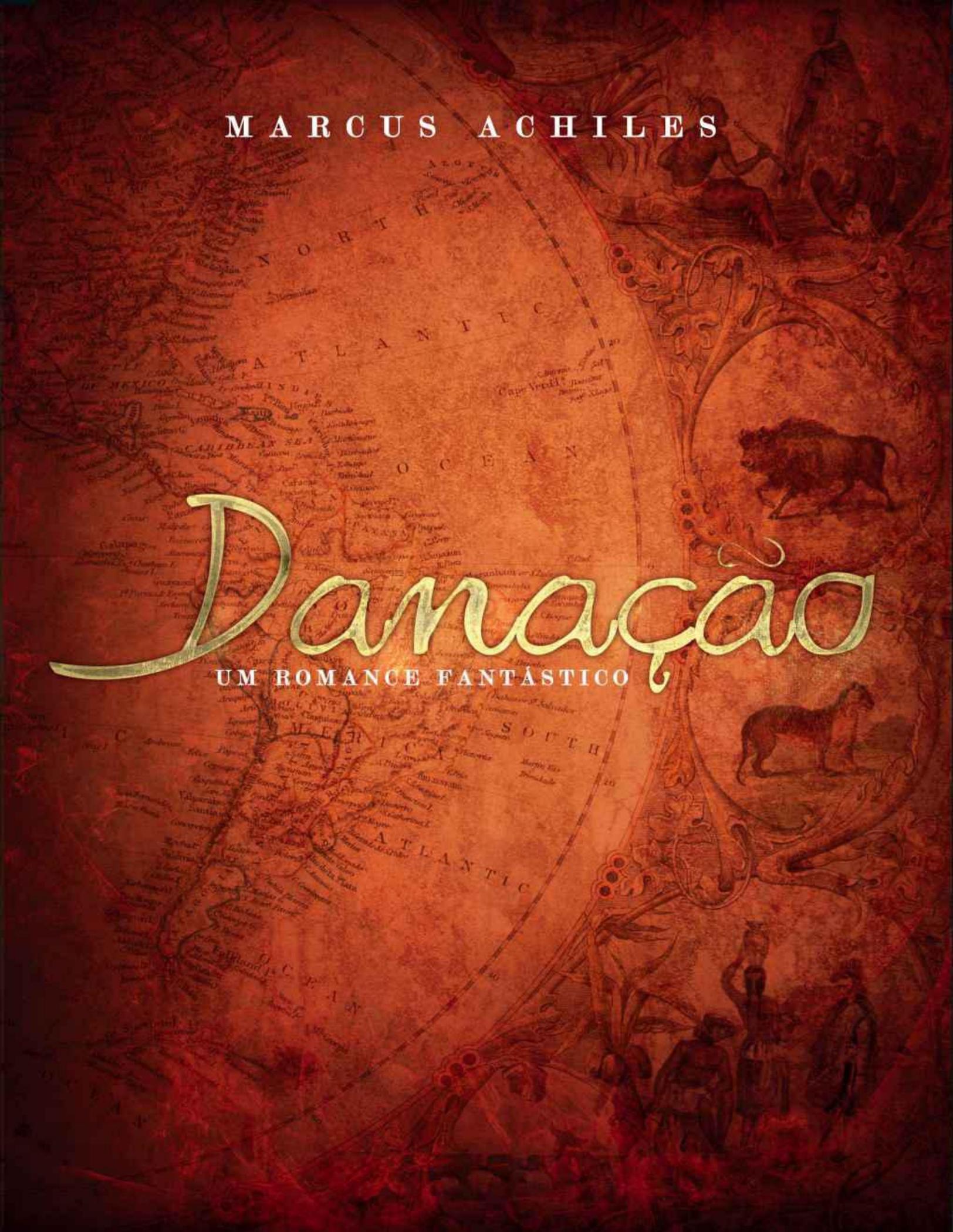


MARCUS ACHILES

# Damação

UM ROMANCE FANTÁSTICO



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Danação**

**Marcus Achilles**

**Capa**

Marina Ávila

**Revisão**

Marcus Achilles

**Diagramação e-book**

Marcelo Porto

Literatura Brasileira – Terror/Romance Histórico  
Todos os direitos reservados ao autor

A minha mãe, Margarida,  
e meu pai, Pantaleão  
A Audrey, minha mulher  
A Lucas, meu filho  
A Marcus Alexandre, meu irmão

## *Agradecimentos*

A Terezinha, irmã;  
A Narciso e Ana Cristina,  
leitores-beta e amigos-alfa.

A Marcelo Porto, mão mais que providencial para esta edição em  
e-book.

## Sumário

***Prólogo***

***1. Diogo***

***2. João***

***3. Fúria na mata***

***4. O pacto***

***5. Gratidão***

***6. Um bom homem***

***7. O medo em cada rosto***

***8. Um plano simples***

***9. A vila se prepara***

***10. O resgate***

***11. Gregório***

***12. A sombra do Jurupari***

***13. Catarina e Miguel***

***14. A inveja que corrói***

***15. Os Brasílicos***

***16. Solidão***

***17. O demônio nos próprios olhos***

***18. Sodoma***

***19. Uma resposta para João***

***20. A chegada do forasteiro***

***21. A glória das chamas***

***22. A emboscada***

***23. E o inimigo se revela***

***24. A mais fértil das terras***

- 25. Lugares piores que o inferno**
- 26. Um novo pouso**
- 27. Rescaldos do fogo**
- 28. Os Vidal**
- 29. A confissão**
- 30. O fedor da culpa**
- 31. Um recado para Diogo**
- 32. Ganância**
- 33. A história de Rosário**
- 34. Uma alma dentre tantas**
- 35. Despedidas**
- 36. A maior obra de Deus**
- 37. O sacrifício**
- 38. Destino**
- 39. Uma ajuda inesperada**
- 40. O retorno**
- 41. Retribuição**
- 42. Tijolos de fé**
- 43. Atos de contrição**
- 44. Uma noite em claro**
- 45. O sangue do justo**
- 46. Ao encontro do carrasco**
- 47. A roça dos Meira**
- 48. Seu Cura**
- 49. O teatro dos mortos**
- 50. Reparação**
- 51. O último refúgio**
- 52. Em busca de um alvo**

***53. A língua dos anjos***

***54. A semente e o joio***

***55. Dor***

***56. Os amantes***

***57. Libertação***

***Epílogo***

## ***Prólogo***

A apenas algumas horas da madrugada de sexta-feira a raiva já dominava Catarina, mas isso não mais a preocupava. O que era uma leve irritação no domingo se tornara uma ira indisfarçável. Antes mesmo de sentir no espírito os sinais inequívocos da mudança os animais da roça começavam a evitá-la. Porcos, marrecos e até o cachorro — acolhido pelo falecido marido ainda filhote — debandavam ao menor sinal de sua presença. A reação que mais a incomodava, no entanto, era de Cigano, um maltratado cavalo que servia a família havia oito anos. O animal assumia uma postura agressiva sempre que Catarina se aproximava. Ela chegou a ser derrubada duas vezes ao tentar montá-lo e desistira de selar o animal, delegando a tarefa a Rosário.

Acreditava que sua ruína também contaminava a roça. As fileiras de milho secaram, embora chovesse regularmente. As poucas raízes de mandioca arrancadas da terra morta ao serem descascadas estavam tão pretas que podiam ser tomadas por tocos de carvão. As bananeiras davam frutas pequenas e murchas, e o leite amargo da única vaca já matara um bezerro. Após o pôr do sol, quando se sentava só na soleira de seu casebre, passava horas sem escutar um único pio ou coaxar.

Em muitas dessas noites ela empunhou a garrucha e a apontou para o coração. Fechava os olhos, pressionando o gatilho por quase

uma hora, até os dedos endurecerem e o cano de ferro marcar a pele branca. Então recuava, sem derramar uma única lágrima, e se deitava na esteira, sonhando com ondas de fogo, gritos de dor e gemidos na sacristia. Os rostos dos mortos também a visitavam durante o sono, enegrecidos pelas chamas, olhos vazados e envoltos no cheiro enjoativo de carne queimada. Desistira de tirar a própria vida não apenas por medo do que lhe aguardava no inferno dos suicidas — mas porque qualquer castigo seria insignificante diante da sua danação.

Desde a epidemia de cólera que lhe levara o marido dois anos antes, sua existência era um lamento tedioso. Fora obrigada a administrar a roça sozinha, contando apenas com a ajuda de sua escrava. As dívidas cresciam, e raros eram os comerciantes com os quais ainda tinha algum crédito. Habitara-se a ser assediada pelos homens da vila, que ora a queriam como esposa, ora como concubina.

Admirou o corpo nu na noite sem lua, com orgulho e alguma vergonha. Ainda era uma mulher atraente para a época e o lugar, embora a jornada exaustiva no preparo da farinha de mandioca, a alimentação pobre e a tristeza houvessem devorado parte de sua beleza. Os cabelos loiros desgrenhados cresciam secos e sem viço. A pele branca estava poluída por manchas de sol e picadas de insetos. Um escorbuto mal curado escurecera suas gengivas e levara alguns dentes; os que sobraram eram pequenos e amarelados. No entanto, sonhava em ser mais uma vez bela, para um homem igualmente vistoso e sem vícios. Há onze meses, esse homem finalmente chegara à vila.

Ela prosseguiria até o amanhecer embalada por lembranças malditas e inebriantes se a ira não reivindicasse a posse de seu corpo. Veio a dor invencível, mas a certeza que em breve a partilharia a acalentou. Apertou com força as pálpebras umedecidas e só as abriu quando pôde vislumbrar o mundo com olhos que não existiam. A mata mudara. Silenciosa, encolhida como um animal acuado que respirava em breves lufadas de ar, parecia ansiar pela passagem da invasora.

Catarina não se importou com o protesto acovardado da natureza. Impôs mais vigor aos músculos, que respondiam com maior velocidade, e aos pulmões, que iluminavam o breu da madrugada. Agora não havia mais a escuridão de uma noite sem lua, mas um mundo de chamas. Atravessou displicentemente um córrego raso, e as águas frias ferveram à sua passagem. Envaidecida, sorriu, e pôs-se a brincar com o borbulhar que produzia ao chapinhar no riacho.

Por instantes imaginou que não haveria testemunhas do milagre operado a apenas uma légua da vila, até captar a presença do velho e de seu cavalo. Ele, sim, verdadeiro intruso, violador de terras que não lhe pertenciam. A montaria do homem relinchou em desespero, pressentindo a grandeza da criatura no seu encalço, e Catarina respondeu em sua língua. A viúva desembestou, certa da vitória no confronto iminente, levantando nuvens de folhas secas e de terra. O medo no coração do velho chegou a ela, bafejado pela brisa da madrugada — um pavor de gosto ocre, que alimentou seus músculos, levando-os ao limite. Outro rinchar e o cavalo do estranho derrubou o dono, embrenhando-se entre as árvores.

Ela surgiu diante do velho, magnífica. O homem disparou um mosquete e uma garrucha que trazia à cintura — uma reação

instintiva, sem apurar a pontaria. Dois tiros a atingiram, mas as esferas de chumbo não lhe rasgaram a carne como esperado. Catarina respondeu à agressão, e apenas a afoiteza impediu que seu inimigo fosse calcinado por uma longa labareda. O velho valeu-se da aparente falha e correu atabalhoadamente pelo córrego. Por diversas vezes ele tropeçou, ferindo o rosto e as mãos nos seixos afiados do leito pedregoso. Catarina, ao contrário, impunha à perseguição um ritmo quase desinteressado. Ela persistiria na encenação por um tempo interminável, mas a Ave-Maria murmurada pelo estranho a esbofeteou. Os lábios apenas se moveram, sem que a garganta ressecada cantasse a oração. Mesmo assim, o apelo ofensivo chegou aos seus ouvidos, e a reação foi imediata.

Antes de o fugitivo ficar de pé ela investiu com fúria sobre suas costas, acertando em cheio uma das clavículas, que se partiu num ruído seco. Uma dor leitosa encobriu o moribundo. A visão enevoou-se, os pulmões esgotaram o pouco ar que restava. Nos últimos segundos de sofrimento mal conseguiu divisar os contornos do adversário, que agora se aproximava lentamente. O brilho forte e ao mesmo tempo difuso da chama — como uma tocha empunhada na noite de lua nova — impedia que enxergasse com clareza. Sem forças para se arrastar, virou-se e tentou sem sucesso levantar as mãos. Não para implorar piedade, mas apenas cobrir o rosto.

Quando o fogo o envolveu, ele gritou.

## ***1. Diogo***

Diogo Durão de Meneses acordou com o grito — um chamado que apenas ele ouviu. Embora os primeiros comerciantes e escravos já circulassem pelo Aldeamento de São José e o dia acabasse de nascer, tinha certeza que o berro não saíra das ruas lamacentas ou das casas ao redor da pensão onde pernoitara. Neto de portugueses, levava os sobrenomes do pai, um paulista assassinado na guerra pelo domínio das minas, trinta anos antes. Da mãe, morta em uma emboscada de índios quando ainda engatinhava, não trazia recordação alguma.

Era uma sexta-feira, manhã do dia sete de maio de 1734, embora ele não soubesse disso. Há quatro anos perdera a noção do tempo. Reconhecia o dia pela luz e a noite pelo breu, sem se importar com estações ou meses. Apenas os olhares dos curiosos que evitavam o rosto barbado davam a Diogo a impressão de estar vivo. Passava até dois dias sem comer, bebendo uma caneca de água quando os lábios rachados e a garganta seca exigiam umidade. As refeições se limitavam a nacos de charque desfiados com displicência pelos dentes estragados, abandonados após algumas mordidas. Não se recordava do último banho. O sustento vinha de uma pequena fortuna em dobrões e pepitas de ouro, guardadas em uma algibeira e que Diogo trocava por contos de réis quando havia necessidade. As horas de sono, cada vez mais raras. Quando o corpo

esgotado perdia as forças após dias sem descanso, buscava uma rede ou a sombra de uma árvore e praticamente desfalecia. Foi dessa modorra sem sonhos que o grito o tirou.

Boatos sobre a riqueza misteriosa do forasteiro atiçaram por duas vezes a sanha de bandidos em São José, onde ele passara os últimos três meses. Os primeiros planejaram uma emboscada às margens do rio Buquira, logo após o pôr do sol. Dos cinco, três fugiram, deixando para trás os corpos dos comparsas. O fracasso reforçou a tropa que encampou a segunda tentativa. Sete o atacaram em uma noite de lua nova nos arredores na vila. Um deles não chegou sequer a disparar as garruchas, e um segundo agonizou com os intestinos abertos por uma semana.

No formigueiro em que os povoados do sertão se transformaram após a descoberta do ouro apenas duas pessoas acompanhavam a vida morta de Diogo: seu escravo João e o filho do cativo, Inácio.

Havia, no entanto, uma terceira testemunha.

A criança dos dentes pretos.

Nos quatro últimos anos ela seguia Diogo em muitas das noites insones e dos dias tediosos. Por vezes, passava uma semana sem aparecer, em uma planejada e ilusória tranquilidade. Quando o jovem se arriscava a pensar que sua presença era um pesadelo ou delírio, a criança surgia novamente. Calada em princípio, saboreava o desalento que corroía o rosto da presa ao perceber o inimigo surgir em um canto sombrio. Depois abandonava o silêncio e disparava o rastilho de provocações, insultos e lembranças dolorosas. Ninguém mais a via, apesar de seguir Diogo nas ruas, casas e pátios das vilas como um filho rejeitado. Andava descalça e mancava de uma perna. Vestia somente uma calça curta e

esfarrapada, deixando as canelas expostas. Os cabelos eram engordurados, a pele, suja. As pessoas ignoravam sua presença, embora os animais se sentissem irrequietos na companhia do forasteiro.

Quando o berro o despertou, Diogo acreditou tratar-se de mais uma zombaria da criança dos dentes pretos. Estava deitado em uma rede no quarto e por pouco não caiu ao ser arrancado do sono. Demorou até que os olhos se acostumassem à penumbra do aposento. No cômodo, além da rede, um baú e uma cadeira quebrada usada como escora da porta. Manteve-se imóvel por alguns segundos, tentando discernir ecos do chamado em meio ao burburinho de risadas, relinchos e sons difusos que atravessavam a janela fechada. Talvez o grito tivesse partido de alguém agredido nas imediações ou assustado com o movimento brusco de um animal.

Ainda atentava aos ruídos da rua quando teve certeza de não estar mais sozinho. Os pelos do corpo se eriçaram, e os testículos encolheram.

— Vosmecê acordou cedo hoje.

O comentário, vindo de algum ponto do cômodo escuro, não transparecia preocupação autêntica, apenas curiosidade. A voz misturava aspereza a um enganoso tom infantil, como um falsete grotesco e inquietante. Diogo a ignorou, tentando disfarçar o mal-estar. A criança farejou o desconforto e soltou uma risada esganiçada. O jovem desceu da rede e se vestiu lentamente. Calçou as botas longas, colocou a algibeira e ajustou uma garrucha no cinto de couro. Após cobrir os cabelos sujos com o chapéu, caminhou em direção à porta, dando tempo para que a criança se esvaísse da

cabeceira da cama onde estava empoleirada e aparecesse na sua frente. Mirrada, porém intimidadora.

Defrontaram-se por alguns segundos — o homem evitando mirar o rosto sujo do inimigo, o menino buscando os olhos que se escondiam sob a aba do chapéu. Diogo nunca o encarara, nem uma única vez. Não saberia dizer se seus olhos eram castanhos ou negros, embora suspeitasse que não tivessem cor alguma. Nesse dia usou a mesma estratégia desenvolvida após incontáveis confrontos. Desviar a atenção seria um sinal de fraqueza que o inimigo certamente identificaria — e se deleitaria. Ao invés disso, dirigiu o rosto para a face pequenina e suja, mas sem fixar-se em detalhe algum. Apenas um olhar morto e vazio, como ele próprio. Em seguida alcançou a porta, de maneira determinada. A criança dos dentes pretos dissolveu-se e deu passagem.

A luz matinal do sol furou-lhe os olhos, e ele recuou alguns passos até se habituar à claridade. Ficou parado por um instante na porta da hospedaria, vasculhando o horizonte em busca de João. Quando o encontrou, o escravo já vinha arrastando os chinelos, corpo curvado como de costume, ao lado do filho.

— Nhô?

— Que horas são essas? — O desdém na voz rouca tornou a pergunta um resmungo.

— O sino da igreja bateu faz pouco. Seis e um bocado.

— Carregue os animais. Partimos logo.

Deu as costas para pai e filho e voltou-se para a entrada da pensão. Chamou o proprietário, um português gordo e amedrontado, e pediu o que comer. O homem trouxe um beiju e uma caneca com leite fresco. Diogo deu apenas duas mordidas,

tomou alguns goles e minutos mais tarde já deixava a casa. Sentou-se em um tronco aos pés do sobrado e esperou por João, que apareceu puxando um cavalo e três mulas. Inácio montava uma delas. As outras traziam alforjes com o necessário para os longos e imprevisíveis deslocamentos pelo interior: carne seca, toucinho, feijão, marmelada e farinha. Uma numerosa coleção de remédios de paulistas — na forma de cascas de árvores e raízes — para tratar os males que certamente encontrariam no caminho. Um pequeno caldeirão para as refeições quentes. Armas e munição enroladas em um tecido grosso. Vários metros de pano dobrados, que debaixo de chuva transformavam-se em eficiente cobertura.

Sua montaria ostentava pelo marrom e brilhoso. O nome do cavalo — Brabo — refletia bem o temperamento diante de estranhos e fora dado pelo filho de Diogo. Ele puxou-o gentilmente pelas rédeas, acarinhou o rosto grande e anguloso e o montou. Antes mesmo que Brabo relinchasse inquieto já tinha certeza que a criança dos dentes pretos estava de pé, ao lado da tropa.

— Já escolheu o próximo pouso? Ou decidiu seguir o mapa? É o vosso destino, e vosmecê bem sabe. É o que pediu e recebeu.

Diogo desviou o rosto, embora reconhecesse que a criança tinha razão. O inimigo percebeu e sorriu, um cacarejo repulsivo. O cavalo ergueu-se sobre as patas traseiras, visivelmente nervoso. A tropa permaneceu parada por um instante, aguardando a direção a seguir. Por quatro anos, o ritual se repetia. Após subir em Brabo, o jovem abaixava a cabeça como se rezasse e assim permanecia durante um tempo que, na percepção passiva de João e Inácio, beirava horas, mas limitava-se a alguns segundos. Então, cutucava a barriga de sua montaria com a bota e começava mais uma jornada cega.

Dessa vez, no entanto, algo havia mudado. Passaram-se minutos sem que a ordem viesse.

Ele mantinha a cabeça abaixada e os olhos cerrados. Pensava no grito que o despertara no começo da manhã. Ainda ouvia na sua cabeça o eco produzido em aparente desespero, sem conseguir decifrar se tudo não passara de um sonho ou apenas uma perturbação vinda das ruas barulhentas. Alguma coisa o inquietava desde a manhã. Alguma coisa difusa, imprecisa. Uma sensação de desconforto, como se algo se alojasse em sua cabeça — uma lembrança soterrada e que agora lutava para emergir. Pensou novamente na criança dos dentes pretos.

Subitamente, berrou para o escravo:

— Descubra que dia é hoje!

— O dia, nhô?

— O dia, preto miserável! O dia!

João debandou em direção ao centro da vila, onde três viajantes acomodavam cargas no lombo de mulas. Diante da negativa do grupo, abordou um homem que trajava um hábito preto empoeirado, acompanhado de um jovem mulato com uma cesta de palha cheia de peixes. Voltou ofegante e informou ao senhor, já impaciente com a demora:

— Hoje é sete de maio, nhô. Sete de maio.

— Está certo disso?

— Falei com o padre. — A carreira roubou-lhe o fôlego e o obrigou a respirar fundo antes de repetir — Sete de maio.

Diogo voltou a cerrar os olhos. João pôde entrever um leve sorriso no rosto sombreado pela longa aba do chapéu — algo que não presenciava havia anos.

— Vosmecês não sabem que dia é hoje, não?

João encolheu-se junto à mula de onde Inácio acompanhava a cena amedrontado.

— Hoje é aniversário de Tiago. — Ergueu a cabeça para o sol ainda fraco da manhã e tirou o chapéu. — Do meu Tiago.

Um sinal, pensou Diogo. Não de Deus, que o abandonara à cobiça dos homens. Nem de Satanás, que se aproveitara de suas fraquezas. Mas de seu filho, um anjo acima de ambos e de todas as forças na Terra. O sorriso contido transformou-se em uma risada aberta e, daí, em uma gargalhada que assustou João e Inácio. O escravo não teve dúvidas. A loucura, uma companheira discreta e comportada durante os últimos anos, resolvera mostrar as unhas, tomando posse do corpo e da alma de seu senhor.

Diogo riu por muito tempo, como há dez anos, quando retirou o filho ainda sujo de sangue das mãos da parteira e o levou até a varanda da casa grande — uma alegria que logo deu lugar à frustração. De nada valeria um sinal de Tiago se sua mente entorpecida e embrutecida não fosse capaz de decifrá-lo. Perguntou-se para onde ir e o que significava a mensagem. Nunca, desde a partida do engenho da família, deparara-se com uma encruzilhada como a que agora zombava de suas dúvidas.

Da sela avistava duas rotas distintas brotando da praça. Dois extremos do Caminho dos Paulistas, a trilha que começava em São Paulo de Piratininga e terminava nas minas das Geraes. O rumo do sudoeste levava até Itaqué passando por Mogi, distante cerca de dez léguas. No outro extremo, sete léguas a nordeste, a vila de Taubaté. Diogo poderia chegar a Itaqué em menos de quatro dias, conduzindo a tropa em ritmo lento, sem fatigar os animais. Já a

segunda alternativa, mais curta, renunciava-se menos convidativa. Relatos de ataques de guaianás entre os rios Buquira e das Almas assustavam muitos viajantes. A rota para Taubaté, com a vila de Caassapaba a meio caminho, também era empestada de bandidos, que saqueavam e matavam quem encontrassem.

Diogo olhou para os dois lados, detendo-se demoradamente em cada extremidade. Repetiu o movimento inúmeras vezes, buscando outra manifestação do filho, um rastro oculto, alguma marca que indicasse a melhor direção.

Foi então que voltou a ver a falsa criança. Sorria de modo provocador, lábios rachados emoldurando a horrenda fileira de dentes escuros que tanto o afligiam. Depois de tanto tempo acreditava ter aprendido a reconhecer as artimanhas do adversário. A eterna dissimulação. O engodo em cada gesto. E as mentiras — ditas ou não.

O inimigo o aguardava imóvel no caminho de Taubaté.

Respirou a plenos pulmões, revigorado como se despertasse de um sono reconfortante, e conduziu Brabo na direção nordeste. Com o canto dos olhos jurou ter vislumbrado perplexidade no rosto intimidador da criança dos dentes pretos quando ela desvaneceu-se para dar passagem à tropa.

Pela primeira vez em quatro anos, sentiu-se em vantagem diante do Diabo.

## **2. João**

João passaria despercebido em qualquer ajuntamento de escravos. Nada o diferenciava das centenas de milhares de peças que movimentavam a perversa engrenagem da colônia naqueles tempos. Mais um dentre tantos cujos pais ou avós foram caçados, acorrentados, submetidos a uma travessia oceânica de três meses em um porão encharcado de urina e fezes e, enfim, vendidos em um mercado. Mesmo esguio, caminhava levemente arqueado, não devido a problemas na coluna, mas por que não convinha a um escravo assumir postura mais altiva que seu senhor. Os braços e pernas pouco musculosos escondiam grande força física. O nariz era curvo, como nos negros de Benin.

Não sabia a idade exata — limitando-se a responder “trinta e poucos” quando perguntado — e era propriedade da família Durão de Meneses desde o nascimento. Nos olhos arregalados, revolta, submissão e medo em partes iguais. A vida de um escravo podia depender de como os três sentimentos fossem dosados. O primeiro nunca podia se sobrepor aos outros dois, pois da revolta vinha a raiva e, como consequência, a implacável reação do dono. Da mesma forma, submissão e medo eram bem vindos, mas em excesso e sem a presença da rebeldia levantavam suspeitas. João já vira irmãos enfrentarem o açoite por orgulho mal disfarçado ou exagerada docilidade.

Nos momentos em que não trabalhava no corte de cana, no fabrico do açúcar ou intermináveis serviços domésticos lutava para criar o filho, um menino de dez anos. Inácio cresceu enxergando nos destinos dos mais velhos o que lhe estava reservado. Após a morte da mãe, afogada durante a travessia de um rio, o moleque passou a seguir o pai como uma sombra. Sempre segurava a mão calejada onde faltava um dedo mindinho, arrancado pelo tio-avô de Diogo quando João tinha a idade de Inácio. A amputação foi a forma que o velho encontrou para castigá-lo por tentar roubar de uma neta um pequeno cavalo entalhado em madeira. A intenção verdadeira de João era consertar uma das rodas do brinquedo.

Inácio conhecera essa história e muitas outras, assimilando-as à sua maneira. Nunca segurou nenhum objeto que não fosse sabidamente seu. Assim, aos poucos, diferenciou o certo do errado — ou o aceito do intolerável: nas marcas no corpo do pai. Do “F” talhado no rosto soube as consequências de uma fuga fracassada da senzala. Das cicatrizes nas costas aprendeu que a preguiça ou o desrespeito ao senhor não eram admitidos. Os polegares deformados pelo aperto do anjinho mostravam que se deve responder sem demora todas as perguntas do feitor — do responsável pelo roubo de uma galinha ao paradeiro de um escravo desaparecido. Outras lições aguardariam ainda o tempo certo até serem apresentadas, como a extração de um dos testículos — maneira usada para ensiná-lo como se pune o negro que admira à distância a beleza de uma mulher branca.

Pai e filho sempre tiveram seu senhor como um homem de poucas palavras, que murmurava entre os dentes ordens aos escravos. Indiferente ao sofrimento ou privação dos cativos, era

afável com as crianças da família e descontraído na companhia de amigos ou parentes. Muitos se perguntavam como compartilhava o mesmo sangue com Tiago. A esposa morrera quando a criança tinha apenas sete meses, vítima de uma febre que a castigou durante uma semana. Da união sobrara apenas o bebê. Um ano depois uma caxumba mal curada o condenou a ser pai de um único herdeiro.

Ele o criou com um amor tão intenso que provocava comentários dos frequentadores da casa grande. Para alguns, a criança cresceria malcriada, acostumada a uma atenção incomum naqueles tempos. Outros colocavam em dúvida a masculinidade do menino, como se os afagos e olhares carinhosos do pai o transformassem em uma pequena dama. Tiago absorveu o afeto de Diogo e o potencializou à sua maneira, dividindo-o com todos na fazenda, em especial os escravos e seus filhos. Levava sob a roupa guloseimas preparadas apenas para familiares ou convidados e presenteava os moradores da senzala. Sabia de cor o nome de cada cativo e fazia questão de cumprimentar os que cruzassem seu caminho.

Tiago também se divertia às escondidas com as crianças negras — que por breves momentos se imaginavam livres na terra de seus antepassados, e não animais de tração em crescimento, aguardando apenas a adolescência para esgotar as forças no canavial. Mas dentre todos, Inácio era o preferido de Tiago. Ambos tinham a mesma idade e compartilhavam brincadeiras. A proximidade entre os dois preocupava João. Ele temia a reação do senhor caso descobrisse o que seu herdeiro e o filho de um negro faziam nos fundos da casa grande, quando os adultos discutiam o preço do açúcar. João, entretanto, se permitia tranquilizar, pois não acreditava

que qualquer um na fazenda — nem mesmo Diogo — fosse capaz de fazer algo ao predileto de Tiago.

À noite, na senzala, o pequeno Durão de Meneses era o assunto de muitas conversas. Nessas ocasiões — incentivados pela aguardente que os senhores forneciam para entorpecer os ânimos e minar a rebeldia — os cativos reuniam os filhos e se deliciavam ao imaginar um futuro onde a criança assumia o lugar do pai e comandava o engenho com mais justiça. Não havia uma única pessoa na fazenda — parente, amigo da família, agregado ou escravo — que não reconhecesse em Tiago uma alma pura no cotidiano de ódio, violência e intolerância. Como um vaga-lume solitário, que teimava em iluminar sozinho uma caverna escura.

Diogo carregava Tiago nos ombros nas três caminhadas diárias ao engenho da família, nos arredores da vila de Itu. Quando a vistoria dos trabalhos era feita por pai e filho, a condescendência tornava-se regra, e os negros mal disfarçavam o alívio ao vê-los percorrendo juntos a trilha entre o canavial e o moinho. O jovem proibira os feitores de punir escravos na frente da criança, sempre poupada de presenciar os martírios e xingamentos que prevaleciam na senzala. Certa tarde um capitão do mato trouxe um negro acorrentado, capturado após uma fuga mal sucedida, e o açoitou durante meia hora na presença de Tiago. O menino passou os dias seguintes cabisbaixo e choroso, escondendo-se de todos sob as mesas e recusando-se a comer. O pai o interrogou e a muito custo arrancou o motivo da inquietação. Na manhã seguinte o capitão foi dado por desaparecido. E antes que se espalhasse entre os escravos que alguém na casa grande condoía-se dos castigos reservados aos negros, o próprio Diogo arrastou o fujão até os fundos da senzala e,

somente diante dos olhares assustados dos outros cativos, chicoteou-o por uma hora.

O amor entre os dois parecia imenso e eterno. Até aquela noite, há quatro anos, quando Diogo emergiu do canavial trazendo o cadáver de Tiago. Todos na propriedade acompanharam a vigília solitária do jovem. Durante um dia inteiro ele permaneceu sentado ao lado do corpo, debaixo de chuva e sol, acariciando os cabelos loiros do único filho. Ao amanhecer levantou-se e entrou na mata, desta vez para enterrá-lo. E de lá saiu, com as mãos sujas de lama, as roupas rasgadas e um olhar estéril que nunca mais o deixou.

João e Inácio, assim como os outros na fazenda, choraram a morte de Tiago e testemunharam o renascimento do patrão. Após sepultar o filho, ele subiu as escadas da casa grande e despediu-se do avô, recusando-se a dar qualquer explicação. Passou por todos que o espiavam intrigados e ordenou a João que preparasse três mulas e seu cavalo com todo o preciso para uma viagem sem volta. O escravo apressou-se e em minutos trouxe os animais, puxados pelos arreios até o pátio da fazenda. Diogo subiu em Brabo, abaixou a cabeça e direcionou o olhar para um lugar à sua esquerda. Assim permaneceu durante instantes, sussurrando entre os dentes. À distância, parecia rezar. João, porém, que o conhecia desde a infância, reconheceu de imediato as palavras. Não se tratava de uma prece.

Eram xingamentos.

Por um momento João acreditou que seu senhor perdera o juízo após a morte do filho. Um chuvisco — que em breve se transformou em tempestade — começou a cair, obrigando todos a buscar abrigo na varanda ou embaixo das árvores. Diogo bateu com as rédeas no

lombo de Brabo. O cavalo moveu-se, arrastando a pequena tropa de mulas, quando João ouviu seu nome ser gritado. A ordem era clara: o escravo deveria acompanhá-lo. Ele hesitou, buscando nervosamente a mão de Inácio, que segurava sua camisa. Pensou por um breve instante em argumentar com seu senhor — suplicar que escolhesse um dentre os tantos negros solteiros — mas o olhar de Diogo o fez mudar de ideia. Então virou-se e proferiu o que aos ouvidos do negro soou como uma sentença de morte para seu filho. Inácio seguiria com a tropa.

João segurou com força os ombros da criança, perguntando-se quais eram os motivos da viagem súbita e o que de fato acontecera a Tiago. Chegou a calcular, em um breve momento de desespero, as chances de uma fuga caso debandasse com toda a força das pernas, carregando-o no colo em direção à mata fechada ao redor da propriedade. Um relâmpago fez o escravo despertar dos devaneios e correr em direção aos animais, arrastando os chinelos na lama e levando Inácio. Colocou o filho no lombo de uma das mulas e acenou com a cabeça para o senhor. Entraram na mata, debaixo da chuva torrencial. E desde aquele dia percorriam o sertão, em uma jornada sem rumo, em que cabia a Diogo escolher aleatoriamente os pousos, e a João e Inácio, apenas acompanhá-lo.

Durante os tediosos deslocamentos ou nas semanas perdidas em vilas e acampamentos à beira dos rios, enquanto via o filho crescer no lombo de uma mula ou dormir no chão de depósitos, o escravo imaginava o que buscavam. Talvez tudo fosse parte de um propósito mantido em segredo por seu senhor, que serpenteava por trilhas sem controle da própria sina, guardando para si um destino cuidadosamente planejado. João não sabia, no entanto, que Diogo

apenas vagava, sentindo-se indigno de permanecer entre os vivos e ao mesmo tempo amaldiçoando-se por não estar ainda morto.

### ***3. Fúria na mata***

Como em todos os deslocamentos Diogo seguia na frente. A pesada cerração, que só se dissipava no meio da manhã, ainda cobria a mata. Quase nada se enxergava, limitando a visão a poucos metros. Brabo trotava firme, roubando de seu dono a disposição de abrir caminho pelo lençol branco e pastoso que dominava a paisagem. Já as mulas puxadas por João hesitavam em acompanhar o ritmo acelerado, como se, a exemplo do cavalo, estivessem contaminadas pelo ânimo de quem as conduzia.

— Medo da lebrina? Lebrina não mata ninguém. Só cega, mas não mata. — O vigor na voz de Diogo era inconfundível.

— Vejo nada, nhô. As mulas podem rolar pelo barranco — respondeu João, preocupado em purgar do comentário qualquer contestação.

— Vosmecê não está aflito com a carga ou com as bestas. Cuide de vosso filho que eu cuido das mulas.

Por várias vezes vislumbrou o vulto da criança dos dentes pretos oculto na neblina. Chegou a vê-la empoleirada em um tronco acima de suas cabeças, olhos fixos no grupo. Diogo desviava o rosto, decidido a ignorar a incômoda companhia. Já as mulas não conseguiam controlar o desconforto e respondiam à sua maneira, zurrando e empacando a cada curva. Brabo, dando provas do forte laço com o dono, pressentia a sombra que cercava a tropa no meio da cerração sufocante, mas apenas eriçava o pelo e arreganhava as ventas, em uma contida manifestação de medo perceptível apenas

para Diogo, que conhecia o animal desde o nascimento. Ele acariciou Brabo com ternura, feliz por possuir montaria tão corajosa.

Prosseguiram até o meio da tarde, evitando parar até para matar a sede. Diogo conduzia a tropa sem olhar para trás, cabendo a João apressar o passo das mulas para encurtar a distância entre ele e seu senhor. O jovem teve fome — sensação desconhecida havia muito tempo — e lembrou-se que deixara São José apenas com meio beiju e alguns goles de leite. Não se recordava o que comera no dia anterior. Nada, talvez.

— Amarre os animais e acenda o fogo. E prepare algo para almoçar.

João obedeceu sem demora. Minutos depois, mulas presas na raiz de uma árvore, uma fogueira crepitava. Em um pequeno caldeirão de ferro, lascas de toucinho aguardavam a água ferver. Um pedaço de couro de boi fora estendido no chão, onde meio cacho de bananas já muito maduras e uma cuia de madeira cheia de farinha de peixe aguardavam ao lado de uma grande tira de carne seca.

Em meia hora o almoço estava pronto. Diogo sentou-se diante da comida e encheu uma gamela com fartas porções. João e Inácio, como de costume, aguardavam o senhor se servir. O escravo não conseguiu disfarçar a surpresa diante da fome do patrão, que pouco deixou para ele e seu filho. O próprio Diogo espantou-se com seu apetite. A última vez que se recordava de ter comido tanto foi na ceia da noite anterior à morte de Tiago. O estômago ressentiu-se dos anos de dieta regrada e respondeu com fortes agulhadas, mas ele não deu a refeição por encerrada. Levantou-se com a barriga estufada após limpar a gamela, abrindo caminho para João e Inácio.

O escravo serviu o menino, deixando para si apenas um naco de carne seca e um punhado de farinha.

Os dois raspavam o caldeirão, pescando com a colher de pau pedaços de toucinho sob o olhar indiferente do patrão, que mastigava a última banana encostado em uma árvore. Inácio levantou o rosto e espiou com cobiça a sobremesa que Diogo, já empanturrado, insistia em comer. O senhor captou as intenções do menino, e Inácio virou-se para o lado oposto, envergonhado. Diogo sorriu — como alguém que se diverte ao flagrar peraltices de uma criança — e aproximou a banana da boca de Brabo. O cavalo aceitou o agrado e engoliu a fruta.

Um sinal de alerta martelou sua cabeça quando ele acariciou o animal e percebeu apreensão no lugar da costumeira afeição. Brabo esticou o pescoço e bufou por entre os dentes. Diogo não perdeu um segundo sequer. Projetou o corpo para frente com rapidez, mas não foi ágil o suficiente para evitar que uma flecha atingisse o ombro esquerdo. Uma segunda seta, endereçada para as costas, errou o alvo e se alojou na árvore.

Ao se virar, já tinha uma garrucha em cada mão. Disparou e matou um índio, que nem sequer teve tempo de preparar o arco. Os tiros assustaram João e Inácio, distraídos em sua refeição. Diogo jogou as armas no colo do escravo para que as recarregasse e arrancou da sela um mosquete. O disparo acertou um segundo índio. Reconheceu os guerreiros como guaianás, senhores da Capitania de São Paulo. Atrás do que tombou surgiu mais um, derrubado na cabeça com um forte golpe da coronha. Diogo puxou o facão da bainha presa no lombo do cavalo, encravou no peito do

guerreiro desmaiado e olhou em desespero para João, à espera de suas garruchas municadas.

Uma delas caíra no caldeirão e afundara. O escravo lutava para recarregar a outra. Mãos trêmulas e sujas da gordura do toucinho dificultavam o manuseio da arma. Mesmo após secar os dedos açodadamente na calça João descobriu que não seria capaz de cumprir sua tarefa; os polegares — deformados pela tortura do anjinho — não lhe permitiam puxar o cão da garrucha.

Outro guaianá aproximou-se de Diogo. Empunhava uma borduna, usada para bloquear a trajetória da lâmina. O facão caiu no chão, e o guerreiro o atacou, acertando-o de raspão na cabeça e abrindo um pequeno corte na testa. Ele evitou a segunda investida, agarrando com as duas mãos o punho do índio, que aproveitou a oportunidade para acertar a barriga do inimigo com o joelho. Diogo recebeu três golpes, sentindo o ar deixar os pulmões a cada impacto e tentando manter o corpo firme.

Algo derrubou o atacante. Era João, que segurava a garrucha e acertara a cabeça do guaianá. O índio se desequilibrou, enquanto o sangue descia pelo talho. O escravo apertou o cano da arma com força e o golpeou mais uma vez. O guerreiro tombou, desacordado.

— Pai! Pai! Paaaiiii!!!

Diogo e João se viraram ao mesmo tempo. O último guaianá tinha Inácio pendurado pelo tornozelo em uma das mãos. A outra empunhava um facão. O negrinho esperneava de cabeça para baixo, olhos arregalados. João abriu a boca para gritar o nome do filho e olhou para o patrão, mas ele não estava mais a seu lado. Com um salto, Diogo agarrou o índio pelo pescoço. O aperto — surpreendentemente forte para um homem abatido pela luta

instantes atrás — fez com que o agressor soltasse Inácio. O menino caiu e engatinhou em pânico, buscando abrigo atrás de um tronco. Os dois homens se encararam por um segundo apenas. Antes que o guerreiro usasse a lâmina Diogo arrancou a flecha do próprio ombro e a enterrou fundo na garganta do inimigo. Um jorro de sangue desceu, e o selvagem desabou.

Respirando fundo para recuperar o fôlego perdido, Diogo arrancou o facão das mãos do morto. Virou o rosto com os olhos queimando de ódio na direção de João e começou a marchar, cambaleante. O negro se encolheu, imaginando o que o aguardava por ter sido posto à prova e falhado de maneira tão vergonhosa. O senhor, porém, ignorou-o e enfiou o facão no peito do guaianá abatido pelo escravo.

As pernas fraquejaram, e ele precisou apoiar o peso do corpo no cabo do facão. Ter a carne perfurada por uma flecha doeu muito. Retirá-la, ainda mais. Um cansaço sem tamanho se instalou, e Diogo caiu de joelhos. Passou a mão no ferimento no ombro esquerdo. Pouco sangue. Sentiu-se enjoado, a visão tornou-se embaçada. Ouviu João gritar-lhe o nome, um som distante e mais fraco que o pio dos pássaros na mata, alheios ao combate. Tentou se virar para o escravo, mas nenhum músculo de seu corpo respondeu.

Veneno, pensou antes de desmaiar.

## **4. O pacto**

A picada aberta que Diogo escolhera atravessava grande parte do canavial em linha reta, como sugerira o velho. Aguardara uma noite sem lua, ainda de acordo com as recomendações. Trazia uma lamparina na mão esquerda e uma garrucha na direita, embora o forasteiro garantisse que nenhuma das duas seria de valia alguma. Estava apreensivo, mas não sentia medo. Apenas uma expectativa sufocante, mais intensa do que a vivida instantes antes de saber se o primeiro e único herdeiro seria homem e saudável. A constatação o envergonhou, e ele tentou ocupar a mente com outras recordações.

Lembrou-se das instruções, transmitidas na Quaresma passada: “Um ano sem ir à igreja. Isso é o começo. Sem igreja. Um ano”. O velho repetia as palavras sem perceber o quanto isso o incomodava. Por exigência do avô, Diogo frequentara desde criança colégios jesuítas na capitania — onde aprendera o falar da Corte. Para ele, decifrar os balbucios do forasteiro era ao mesmo tempo um desafio e motivo de irritação. Aos seus ouvidos, a língua geral cuspidada pelo velho parecia uma mistura insana de português e tupi.

Era conhecido como Ailã. Cafuzo — meio preto, meio macuxi — rosto marcado por cortes antigos e feridas mal cicatrizadas. Os poucos dentes eram repulsivos cacos amarelados. Não tinha a orelha esquerda. Aparentava menos de sessenta anos, mas Diogo suspeitava que sustentasse idade muito mais avançada. Carapinhas

grisalhas espalhavam-se pela cabeça pequena, desproporcional para o corpo. Vagava descalço e vestia apenas uma túnica esfarrapada.

Diogo conhecera o velho em meados de 1729. Um viajante que resolvera pousar em Itu, recorrendo à caridade dos padres para sobreviver. Embora sua presença incomodasse as pessoas de bem, ninguém se aproximara dele desde sua chegada. A feiúra se revelou útil, e Ailã circulava livremente pela vila, sem importunar ou ser importunado. Com o passar dos dias surgiram os primeiros boatos. Diziam que ele fugira das Geraes, acusado do pior dos crimes contra a Igreja e a humanidade: conjurar o Diabo. A colônia estava livre dos visitantes oficiais do Santo Ofício havia mais de um século, mas os padres de Ribeirão do Carmo teriam escrito a Lisboa informando sobre as heresias na região das minas. Antes de ser preso escapou para a Capitania de São Paulo, onde sua fama logo o encontrou.

Desde então, Ailã — cuja aparência já repelia todos — passou a ser evitado também pelos laços com o Maldito. Outras façanhas foram logo atribuídas ao forasteiro. A cada dia supostas frestas do obscuro passado do cafuzo medonho eram descortinadas. O mestiço transformou-se em convidado frequente para banquetes antropofágicos dos tapuias, quando ensinava receitas de iguarias com partes do corpo humano. Ganhou a autoria de toda sorte de crimes, sem que uma única testemunha fosse conhecida. Houve quem jurou tê-lo visto em atos inomináveis com mulas, vacas e até macacos. Outros traziam a informação segura que mantinha cativas em uma gruta dezenas de meninas — brancas, pretas e índias — para sua perversão.

A intimidade com o maior inimigo do homem, no entanto, era o mais recorrente dos temas. Não importa o quão repelente fosse o

relato de bestialismo, assassinato ou violência, Ailã tornou-se temido por todos em Itu pelo conhecimento que detinha: como perder a alma e, em troca, ganhar o que desejasse.

As histórias nunca haviam impressionado Diogo. O jovem sabia que a monotonia das pequenas vilas, a ignorância dos colonos e a devoção cega ao Altíssimo produziam as piores infâmias. Ele era o mais velho dos três netos do Conde de Santa Isabel que ajudavam o avô na administração do canavial. Nas visitas semanais a Itu, quando deixava a fazenda da família para vender a produção do engenho, a única preocupação eram os negócios. A concorrência com o açúcar das Caraíbas abatia havia anos os cada vez mais minguados lucros. Os Durão de Meneses, antes reconhecidos por toda a capitania como uma das mais influentes e prósperas famílias, estavam em risco. A riqueza, o poder e, principalmente, o respeito que impunham diminuía a cada dia. Diogo fora o primeiro a alertar para a única saída: o ouro das Geraes. O avô, que já perdera um dos filhos para as minas, relutava em substituir o açúcar pelas incertezas do garimpo. Após muita insistência o velho autorizou o neto a viajar ao Arraial do Tijuco para iniciar a busca por uma lavra que garantisse o futuro dos próximos Durão de Meneses.

Durante os oito meses seguintes ele vagou por córregos barrentos pelo interior da capitania. Voltou derrotado para Itu, trazendo algumas onças de ouro, pés feridos nas pedras das lavras e mãos enrugadas pela jornada diária de até quatorze horas mergulhadas na água. Não tinha dúvidas que a riqueza dormitava naquelas terras. Por vezes, quando caminhava descalço pelo rio, era capaz de perceber a fortuna sob seus pés. Sentia uma vibração fraca — uma coceira que começava perto dos dedos, subia pelas pernas e,

por fim, desaparecia. Saiu de lá convencido que as Geraes zombavam do seu desespero. Descontados os quintos da Coroa as sobras foram suficientes para impressionar os mais ignorantes, mas não para reerguer o nome da família ao lugar conquistado após décadas de luta na colônia.

Tamanho desalento só poderia ser purgado pela descoberta da maior das minas. Uma semana após o retorno para Itu a fazenda foi visitada por dois homens, expulsos aos berros. Cristãos novos, vindos da Capitania da Baía, credores do avô. Todos na propriedade se assustaram com a reação do velho, em especial Tiago, que se refugiou com Inácio embaixo de um carro de boi. No dia seguinte a casa grande foi acordada por gritos no corredor. A ladainha das mulheres vinha do quarto do conde. Diogo entrou ainda seminu para descobri-lo moribundo na cama, atacado durante a noite por um mal que paralisara metade de seu corpo. O prático veio rápido, mas disse que pouco ou nada poderia fazer, exceto esperar. Apenas canjas de galinha, repouso e uma vida distante de preocupações recuperariam parte de seu vigor. Em um ano voltaria a andar, prometera. Os parentes se reuniram para ouvir detalhadas instruções sobre a convalescença. Diogo não escutou uma única palavra da preleção. Antes que sua ausência fosse notada já galopava no limite das forças de Brabo em direção a Itu.

A primeira parada foi nos habituais compradores de açúcar da vila. Todos os apelos por melhores preços para a produção foram negados, assim como pedidos de adiantamento para entregas futuras. Marchou pelas ruas empoeiradas suando ódio até a casa de um judeu convertido que enriquecera socorrendo senhores de engenho endividados. Foi recebido com extrema cordialidade pelo

homem, que ofereceu chá e marmelada, para em seguida ofertar um empréstimo com juros que, se praticados na Corte, o levariam para a cadeia. Diogo ainda considerava a viabilidade da proposta quando o marrano o lembrou que a garantia para a operação seria a fazenda da família. Nesse instante, projetou-se da cadeira com um salto e antes que o homem pudesse gritar o empurrou contra a parede, tirou o punhal do cinto e aproximou a lâmina do olho do comerciante. Provavelmente o teria matado se uma escrava não chegasse e aos berros alertasse os outros criados.

Diogo estava de volta às ruas de Itu.

Fechou os olhos e fez o que lhe restava: rezou.

Embora tivesse crescido de acordo com as normas da Igreja desde o nascimento e criasse Tiago seguindo as mesmas regras, habituou-se a considerar Deus como um pai distante, que acolhia os filhos com a frieza dos padrastos. Tratava seus emissários com respeito, sem dispensar mais atenção do que o avô lhe exigia. Reservava aos padres que o cumprimentavam em Itu ou visitavam a família na casa grande o mesmo tratamento dado a estranhos aos quais devesse apenas consideração. Seguia seu caminho, paralelo ao de Deus.

Nesse dia, no entanto, sentiu que necessitava de ajuda.

— Nunca pedi nada a Vosmecê, mas imploro agora. Me ajude. Se não por mim, pela glória de minha família — rogou em voz baixa.

Abriu os olhos.

Ailã estava diante dele.

O cafuzo sorria, acorocado na varanda de um depósito. Vestia a mesma túnica rasgada com que desfilava na vila, afrontando os moradores com sua aparência repugnante, e deliciando-se com isso.

Diogo marchou em direção ao velho. Embora o encarasse de cima para baixo, sentia-se oprimido pela proximidade com o forasteiro. Ailã não recuou, desafiando-o com um olhar debochado. Coube ao cafuzo falar primeiro.

— Eu sei o que vosmecê quer.

— Toda essa vila dos infernos sabe. A notícia da visita dos judeus se espalhou, e agora nossa ruína é motivo de todo compadrio de Itu.

— Também sabe que posso ser de valia. — O velho prosseguia, sem se importar com a resposta.

Diogo ajoelhou-se, apertou o cabo do punhal com força e o apontou para Ailã. A ponta da lâmina encostou no queixo do forasteiro, que se manteve imóvel. Seus olhos nem sequer piscavam, ao contrário dos do jovem.

— O que eu quero é sangrar vosmecê, mestiço! E ensinar a nunca mais falar com um homem de bem!

— O que quer é a maior mina das Geraes.

A resposta acertou Diogo como um chute no peito. Ele se desequilibrou e caiu. O cafuzo continuava a encará-lo e soltou uma risada esganiçada, chocalhando o corpo avantajado como se soluçasse. Ailã aumentou a intensidade da risada, agora uma gargalhada estrondosa. Limpou a saliva que escorria da boca desdentada com o roupão imundo, deixando à mostra os testículos, e prosseguiu:

— Vosmecê, e cada morador dessa colônia. Do mais afortunado senhor de engenho ao mais humilde roceiro, aponte um que não busque itajubá depois que vossa cana perdeu valor. E Itu não fala apenas da visita dos marranos. Vossa empresa desventurada nas

lavras também é assunto de qualquer mesa — disse o cafuzo, cobrindo a virilha e tirando de um saco tão sujo quanto sua túnica um caju meio mordido. Enfiou os cacos de dente na fruta, espirrando sumo que gotejou pelo queixo.

O jovem não conseguiu disfarçar a repulsa. Ele se recompôs e odiou a si mesmo por ter se prestado à tarefa de entreter a criatura mais indesejável da vila. Voltou a acocorar-se, buscando testemunhas para aquela conversa.

— Todos sonham com a fortuna, mas alguns sonham mais que outros. E pelejam mais que outros. O quanto vosmecê quer? — perguntou Ailã.

Diogo hesitou e pensou em responder ao mestiço. Então, se levantou e guardou o punhal no cinto.

— Vá para o inferno. E se voltar a me dirigir palavra, mato vosmecê — rebateu, recuperando parte da altivez.

— O inferno não me assusta, dom Diogo. E vosmecê há de me procurar, mais cedo do que pensa. — Imóvel, o velho o acompanhou com os olhos, enquanto se distanciava.

Diogo voltou para a fazenda e se recolheu em seu quarto, recusando-se a sair para a janta e a ceia. Lutou para dormir, fitando por horas o forro de canela-preta mal iluminado pela luz fraca do candeeiro. No canto oposto à porta, um crucifixo de madeira, pregado por sua avó quando ele ainda era uma criança, criava uma sombra que manchava parte da parede e se movia freneticamente, acompanhando o tremor da chama. Fixou os olhos no crucifixo. A dança da sombra tornou-se mais intensa, zombando do desalento que invadia o quarto e sua alma. A frustração cresceu e transformou-se em ódio. Ele agarrou o candeeiro e o arremessou

contra a parede, derrubando o objeto talhado em madeira e envolvendo o aposento em um negrume absoluto.

Deixou a propriedade às pressas e subiu no lombo de Brabo, percorrendo a légua e meia que separava a fazenda dos arredores de Itu em menos de uma hora. Chegou à vila no meio da madrugada, desafiando a proibição de transitar pelas ruas precariamente iluminadas por tocheiros. Amarrou o cavalo no galho de uma árvore e, encolhido no escuro, vasculhou os becos com olhos atentos. Dois soldados com mosquetes nos ombros passaram em ronda a alguns metros. Contrariando a impetuosidade dos animais, Brabo permaneceu imóvel, sem sequer mexer as orelhas, como se pressentisse o que aguardava seu dono se fossem descobertos. Diogo olhou com carinho para a montaria e voltou a atenção para a vila.

— Eu disse que encontraria vosmecê mui cedo. — As palavras de Ailã assustaram o jovem, que se virou já empunhando a garrucha. A súbita aparição surpreendeu até mesmo Brabo. Por sorte, os soldados seguiam distante.

— Desde quando me cerca, mestiço? Quando me viu chegar?

— Se veio é por que pensou na minha oferta. E se vamos nos haver é melhor buscar outro lugar.

O cafuzo ficou de pé e embrenhou-se na mata sem esperar por sua companhia. Diogo hesitou por alguns instantes enquanto via o velho se afastar. Fechou os olhos. Várias imagens surgiram. O avô doente. A visita dos credores. O acinte do marrano. O formigueiro das Geraes. Tiago, sorridente e alheio à ruína de sua família. A casa grande onde nascera e fora criado, tomada por desconhecidos. Um imenso ribeirão, dourado como o sol, e a fila interminável de mulas

que dele partiam, abarrotadas do mais puro ouro. E, por fim, o crucifixo e a dança de sua sombra cheia de escárnio.

Afastou os pensamentos e apressou-se em acompanhar o mestiço, que já ia longe. Encontrou-o perto de uma roça de milho abandonada.

— Sabe o que eu posso oferecer. É do que a vila fala, desde que aqui pousei.

A madrugada estava abafada, mas um vento frio os arranhava. O velho era apenas uma silhueta escura de rosto indefinido.

— Também sabe que receberá aquilo que pedir. E o que dará em troca.

Nesse momento, ele percebeu. Não tinha medo das promessas do mestiço, mas do que aconteceria se tudo não passasse de uma troça. Naquela noite, acossado pela decadência, perder a alma era o que menos lhe importava.

— Diga o nome dele — ordenou o velho, sorrindo.

Diogo foi pego de surpresa pelo pedido. Hesitou. Diante de tudo que estaria por vir, pronunciar uma simples palavra parecia pouco. No entanto, gaguejou, incapaz de obedecer.

— Os bugres falam Jurupari. Já ouvi outros nomes mui feios. Quando vosmecê encontrar, como vai chamar? — O cafuzo comprazia-se com a figura apática diante de seus olhos. Uma imagem distante do orgulho e da arrogância que acompanhavam o varão da família em seus desfiles pela vila de Itu, na sela de seu cavalo.

— O nome não importa. Vossa vontade é o que importa.

— O que posso ter?

— Tudo.

— O que faço? — Um fiapo de ânimo despontou no sussurro.

— Um ano sem ir à igreja. Isso é o começo. Sem igreja. Um ano. Não pode assistir missa, mesmo rezada na mata ou na praça. Depois de um ano escolha uma noite sem lua e tome o rumo de um caminho reto, o mais reto que conhecer. — Diogo ouvia com atenção, lembrando-se de uma picada aberta que atravessava grande parte do canavial, sem curvas ou sinuosidades. Pouco antes do engenho o caminho se bifurcava, levando ao moinho e a um depósito onde as mulas eram carregadas.

— Esse ensinamento é mui antigo e foi dado por um francês em São Vicente — acrescentou Ailã, antecipando a próxima pergunta. — Siga o caminho, sem desviar do meio, sem pisar na beirada. Não se preocupe em levar luz. De nada servirá. Nem carregue armas. Apenas siga o caminho e encontrará.

O jovem manteve os olhos fixos, esperando que Ailã concluísse a explicação. O mestiço o encarou por alguns segundos e aproximou o rosto. O ranço de suor e cauim envolveu Diogo e ardeu-lhe nas narinas.

— O Diabo. Vosmecê encontrará o Diabo. Não é ele que procura?

O nome. Finalmente, o nome. A menção inesperada causou em Diogo uma corrente de sentimentos contraditórios. Temor e júbilo. Apreensão e alívio.

— Sim. Eu procuro o Diabo — respondeu, resignado.

— Ele já procurava antes por vosmecê. — O velho ficou de pé e sem olhar para trás embrenhou-se na mata.

Foi a última vez que Diogo o viu. Ele voltou sorrateiramente à fazenda ao amanhecer, sem chamar a atenção de criados ou familiares. Entrou no quarto e foi vencido por uma imensa fadiga.

Costas, braços e pernas — tudo doía e implorava por descanso. Rendeu-se ao cansaço, tirou as botas e sentou na cama. Antes de se deitar avistou no chão, perto da porta, o candeeiro que usara para derrubar o crucifixo apenas algumas horas antes, mas em um momento que agora pertencia a outra vida. Levantou-se e caminhou em direção à parede.

O crucifixo não estava no chão.

Diogo procurou em todo o quarto. O lugar era pequeno e mobiliado por poucos móveis. Não havia reentrâncias ou cantos onde a pequena peça de madeira pudesse estar escondida. O crucifixo desaparecera. Ele não se surpreendeu. Melhor assim, pensou. Deitou e dormiu por horas, acordando perto da ceia.

Era o dia 18 de maio de 1729. O primeiro de um ano quase sem fim.

Nos doze meses seguintes Diogo seguiu à risca as instruções de Ailã. Não pisou na igreja uma única vez. Em três ocasiões se recusou a ser padrinho de crianças da família, inclusive de um sobrinho, filho do segundo irmão. Após o derrame do avô assumiu a administração da propriedade. Foi com essa autoridade que mandou interditar a capela construída por sua avó mais de quarenta anos antes. Aos domingos, quando todos no engenho se uniam no cortejo até a missa em Itu, Diogo era a única ausência. O comportamento do neto mais velho dos Durão de Meneses logo se tornou motivo de comentários na vila. Por duas vezes padre Vasco, um jesuíta gordo e calvo, o procurou. No primeiro encontro Diogo foi frio. Disse que tinha em mente apenas a ruína iminente da família e lhe sobrara pouco tempo para orações. A segunda conversa chocou o sacerdote, expulso da fazenda aos gritos.

Isolou-se dentro da própria casa. Passou a ser mais brutal com os escravos e aplicava castigos cruéis por pequenos deslizes. Raramente frequentava a mesa durante as refeições, preferindo comer sozinho em seu quarto ou ao ar livre. Não participava mais das animadas rodas de cantoria à noite. Qualquer prazer — modesto ou inebriante — foi abandonado. Até as duas negras que Diogo procurava à noite deixaram de vê-lo por um ano inteiro. Sem que soubesse, sua alma abandonava o corpo aos poucos, antes mesmo que se consumasse o pacto.

A maneira como conduzia os negócios da família mudou. Continuava a tratar em Itu da produção do engenho, mas deixara de demonstrar preocupação diante das sucessivas quedas no preço do açúcar. Era tudo uma questão de tempo, pensava. Em poucos meses a sanha dos credores e o endividamento seriam parte do passado. Quem sabe até pudesse substituir os marranos e comprar propriedades de outros senhores em apuros.

O laço entre Diogo e Tiago também não era mais o mesmo. Havia se fortalecido. Ele passava horas em brincadeiras infantis ou ensinando-o a montar. À medida que o dia do pacto se aproximava maior era seu apego à figura do menino e à inocência de seu espírito. Com o mesmo ímpeto que se afastou da igreja obrigou Tiago a frequentar os cultos diariamente na vila. Assim, padre Vasco ganhou um novo coroinha, e a ideia do filho seguir o sacerdócio — um sonho de seu avô — já não parecia tão absurda a Diogo. De maneira inconsciente, agarrava-se à pureza da criança enquanto sentia crescer nele o peso da danação. Se Ailã estivesse certo e o Diabo cruzasse seu caminho, o amor de Tiago o acompanharia por onde quer que fosse arrastado.

Enfim, o dia. O termo de um ano de privações e angústias. A expectativa apertava a garganta de Diogo e matou-lhe o sono. Quando a casa silenciou ele saiu do quarto, com cuidado para não fazer o piso de madeira ranger sob seu peso. O avô dormia em uma rede na sala, abraçado à bengala que agora o acompanhava em todas as caminhadas. Olhou para o velho com ternura e desceu a escada em direção ao canal. Ignorando as recomendações de Ailã, levava a lamparina e uma garrucha.

Pisou na picada e começou a cruzar o mar de cana. O caminho era usado todos os dias pelos escravos. O vai e vem de infinitos pés por gerações desbastara a plantação, criando uma vereda de mais de um metro de largura, espaçosa o bastante para permitir a passagem de um carro de boi. A lamparina dava boa visibilidade e abocanhava parte da escuridão a seu redor. O coração acelerado e o suor frio não disfarçavam o êxtase doentio que o contaminou.

O canal envergava diante de um vento forte, que começara como uma brisa, mas agora castigava as folhas. Percebeu que, apesar da intensa ventania, a chama de sua lamparina mantinha-se imóvel. A constatação o intimidou, e ele teve a certeza que penetrara em outros domínios. Diogo já percorrera o caminho centenas de vezes, a ponto de memorizar quantos passos levavam até a bifurcação da trilha. Por isso surpreendeu-se ao perceber que as longas curvas que conduziam ao moinho e ao depósito haviam desaparecido. De onde estava, sequer avistava as imponentes construções de madeira que sabia estarem a menos de duzentos metros.

Tudo agora era uma reta infinita. Continuou marchando, não tendo mais dúvidas que a realidade a seu redor havia se corrompido.

Caminhou por mais de uma hora, preso a uma trilha habitualmente vencida em minutos. O sorriso, no início da jornada tímido e hesitante, instalara-se em seu rosto.

Nesse instante avistou algo à frente. Um vulto.

Apressou o passo, apertando com mais força a lanterna e levando a mão perto da arma. Com a proximidade pôde delinear detalhes da silhueta. Um chapéu. Mãos na cintura. As pernas pouco afastadas. Por um brevíssimo momento imaginou que se depararia com um dos capitães do mato à caça de escravos embrenhados no canavial em busca de privacidade com suas companheiras. Enxotou o pensamento e acelerou a marcha. Agora via o homem de costas, olhando para o céu escuro. Não conseguiu sufocar a excitação de estar diante do que considerava o maior mistério da humanidade. O homem fora forjado à semelhança de Deus. A forma do inimigo, por outro lado, era a dúvida eterna. Diogo pensou nas imagens que vinham à mente durante os cultos dominicais, nas palavras de padre Vasco. Lembrou-se das alegorias com bestas infernais e animais noturnos, transmitidas por gerações nos sermões e perguntou a si mesmo se estava pronto para o que veria.

Parou a alguns metros da figura. Tentou falar. A voz definhou na garganta seca.

O vulto se virou.

Era ele próprio.

O choque o derrubou. Diogo tentou se levantar, mas seus pés escorregavam nas folhas secas que forravam o chão. A chama por pouco não caiu. Com esforço, conseguiu se ajoelhar, estendendo a lanterna em uma das mãos e na outra a garrucha pronta para o disparo. O Diabo sorriu, mostrando uma horrível fileira de dentes

pretos. Era igual a Diogo em cada detalhe, peça de roupa e trejeito. Até mesmo nas cicatrizes, no tamanho da barba maltratada, no chapéu com a aba de couro rasgada. Uma imagem refletida e perfeita. Ele andou ao redor do jovem com determinação, embora mancasse de uma perna.

— Por que tamanho assombro? Não se agradou? — perguntou o Diabo, braços abertos. A voz era idêntica, apesar de uma vibração estranha e quase imperceptível. Ele se ajoelhou, colocando seu rosto a alguns centímetros de Diogo, que se afastou apavorado.

— Não esqueça o motivo que me trouxe aqui. — O tom de cordialidade fora substituído por um rosnado.

A ferocidade despertou Diogo. Ele tentou se recompor e lentamente, como se arrastasse pedras presas aos ombros, levantou-se. Ficou diante de seu reflexo e, aos poucos, o medo diminuiu, dando lugar a uma certa decepção.

— O que esperava, dom Diogo? A besta que cospe fogo?

O jovem escolheu as palavras para responder, mas apenas balbuciou. O Diabo então olhou para o breu acima de suas cabeças, limpou a garganta e deu voz a padre Vasco declamando um versículo da Bíblia.

— O inimigo não se apoia na verdade, pois nele não há verdade. Quando mente, apenas fala de si, porque é o pai da mentira.

A ventania que castigava o canavial tornou-se mais forte. O Diabo olhou para Diogo, apontou para a lamparina em sua mão e perguntou:

— A minha chama não treme como a de vosso Deus. Em quem vai acreditar?

— Em vosmecê — respondeu, surpreso pela facilidade com que, dessa vez, as palavras saíram.

— Fez o que foi pedido?

Diogo anuiu, lembrando-se das instruções de Ailã. Ainda pensava no mestiço quando ouviu a voz do velho, imitada com perfeição:

— Um ano sem ir à igreja. Isso é o começo. Sem igreja. Um ano.

O Diabo gargalhou diante do espanto da presa. Em seguida, indicou a trilha de onde o jovem emergira há pouco e perguntou, recorrendo novamente às Escrituras em tom de zombaria.

— Tu, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os caminhos retos do Senhor?

Caminhos retos, pensou Diogo ao olhar para trás em direção à vereda sem curvas que o levara até aquele ponto.

— Eu terei o que mais quero, e vosmecê, o que mais quer. Uma troca mui justa. Está pronto?

— Eu ainda não disse o que desejo.

— Não há mister. Eu conheço tudo o que os homens pensam ou fazem. Quando a obra de vosso Deus acabou, a minha começou. Nada que vosmecês tramam me é estranho. Rache a madeira e encontrará o Altíssimo. Levante a pedra, e Ele estará lá. — O Diabo aproximou o rosto, deixando à mostra a fileira de dentes pretos. — Mas rache a madeira e surre um justo e me encontrará. Levante a mesma pedra e atire em um inocente, e eu estarei lá.

— O que quer — prosseguiu o Diabo, abrindo os braços e tornando dourado o canavial no breu da noite sem lua — é o que todos os homens querem. Riqueza para trazer poder. E poder para trazer riqueza. E isso vosso Deus não pode dar a vosmecê.

Diogo admirava maravilhado o mundo de ouro que brotara diante de seus olhos. Por isso, não percebeu quando o Diabo avançou em sua direção com os braços estendidos. O jovem foi agarrado pela cabeça e no momento seguinte a boca aberta do inimigo estava próxima à dele. Por uma fração de segundo pensou que o Diabo fosse beijá-lo. A ideia o enojou, e sentiu o gosto amargo do vômito subir. Mas não era um beijo.

Era um sopro.

O hálito gelado desceu pela garganta, apodrecendo-o por dentro. Ele se debatia, preso às garras que aprisionavam sua cabeça, enquanto sentia a carne e os ossos escurecerem. O ar que saía de seus pulmões era empurrado para baixo pelo bafo sufocante. Começou a perder a consciência lentamente. O Diabo o soltou, e ele desabou. Sentia a palha seca do chão espetando seu rosto. As mãos tatearam a terra batida até que reuniu forças e ergueu o tronco. Nauseado, olhou ao redor e encontrou a lamparina ainda acesa. O inimigo voltou a ficar de joelhos e segurou-lhe com firmeza o queixo.

— Agora vossa alma é minha, dom Diogo. Aproveite com regozijo cada dia de vossa vida. Use vossa riqueza como quiser. Quando deixar este mundo estarei esperando. — A suavidade na voz era inebriante.

O jovem abaixou o rosto e entre as botas do Diabo — botas iguais às suas em cada nuance, até no barro seco acumulado nas solas — viu um pedaço de couro amarrado. As mãos tremiam — não por fraqueza, mas excitação. Desenrolou a pele do animal com avidez e reconheceu os traços inconfundíveis de um mapa.

— A maior mina das Geraes. Maior do que o maior veio de vossos sonhos e desconhecida de todos os homens. Levante e tome

posse das riquezas que tanto pediu.

Diogo agarrou o mapa com força entre os dedos, levando junto folhas secas de cana e um punhado de terra. Apoiou-se nos joelhos com dificuldade, ainda zozzo, e ficou de pé. O Diabo sorria. Sem se preocupar em ocultar os dentes escuros, aproximou-se mancando e sussurrou-lhe:

— E cuide com zelo de vosso ouro. Não confie em ninguém.

O jovem percebeu que o inimigo olhava sobre seu ombro para algum ponto às suas costas. Captou um barulho distante, um leve farfalhar na vegetação, alguns metros atrás. Passos que tentavam não se fazer ouvir. Uma respiração quase inaudível, mas acelerada. Sem aviso, Diogo se virou e disparou a garrucha, mirando na direção do som. Algo tombou, envergando a cana com o peso. Nenhum grito ou gemido. Abaixando a arma e guardando o mapa na cintura, aproximou-se do canavial com o auxílio da lamparina. Amaldiçoou o intruso e puxou o punhal, pronto para acabar com a vida de quem ousou cobiçar seu tesouro. Talvez um feitor que o flagrara atravessando a plantação. Ou um escravo curioso, que pagou caro pela indiscrição. Descortinou os ramos de cana que ainda ocultavam o morto e iluminou o chão.

Tiago jazia deitado no colchão de folhas secas, vestindo uma camisola que cobria quase todo o corpo. Na altura do peito, uma mancha vermelha se espalhava devagar no algodão muito branco. Os olhos estavam fechados, como se dormisse profundamente.

Diogo demorou a compreender o que acontecia. No início, esperou que Tiago o assustasse com um grito agudo e uma gargalhada. Segundos se arrastaram sem que a brincadeira se consumasse. Seu coração acelerou e pesou no peito quando

considerou outra possibilidade: a bala o ferira, mas apenas de raspão, fazendo com que desmaiasse de susto. Logo despertaria aos prantos, como qualquer criança de seis anos ao se machucar. No entanto, a mancha de sangue aumentou de tamanho e já tingia boa parte do pijama. Não havia movimento algum em Tiago.

Nesse instante, Diogo descobriu que matara seu filho.

Antes que percebesse, abraçava o corpo frágil e frio. Berrando, pressionou o peito da criança contra o seu, como se pretendesse transferir energias capazes de penetrar no coração inerte e fazê-lo pulsar novamente. Afastou-se e olhou para o rosto que já começava a perder a cor, em busca do mínimo espasmo, mas só viu o sangue pintar com uma cor escura o marrom de sua camisa. Sentiu a própria pele encharcada, unindo-se ao tecido encardido. Enquanto enlouquecia gritou o nome de Tiago até a garganta não mais responder. As lágrimas queimavam os olhos. O Diabo assistia à cena de pé, sem expressar sentimento algum no rosto usurpado. Carinhosamente, Diogo deitou o corpo nas folhas secas de cana e se levantou, segurando o punhal na mão ensanguentada.

— Se crê que pode me ferir é a mais parva das criaturas.

— Vosmecê matou meu filho!!! — espumou o jovem, apontando a lâmina. — Matou meu filho!!!

— Não, dom Diogo. Não lance acusações contra mim, um mero mercador. E justiça seja feita, nem contra vosso Deus, que deu ao homem o arbítrio tão sonhado. *Vosmecê* matou vosso filho. Não apenas quando puxou o gatilho de uma arma que não deveria carregar, mas também ao trazer uma lamparina que apenas serviria de valia para guiar uma criança curiosa. Uma criança que acorda e decide seguir o pai noite adentro.

Diogo se lembrou das orientações de Ailã. Sem armas ou luz.

Voltou-se para Tiago. Seus olhos pousaram sobre o punhal e o pedaço de couro na cintura. Com a vista embaçada pelo choro e a cabeça pulsando de dor, ajoelhou-se e encostou a lâmina no peito.

— Maldito seja vosmecê e quem mais me arrastou até esse canavial — disse, com os olhos inchados e a voz devastada.

— Nada posso contra vosso arbítrio. Mas já tenho o que quero. E vosmecê também — argumentou o Diabo, apontando para o mapa preso no cinto de Diogo. — Não tenho o poder de governar o coração dos homens. Apenas colho o que plantam. E todos conhecem o que vosso Deus reserva aos suicidas. Ele abandonou vosmecê em vida e abandonará na morte.

Diogo fraquejou por um instante, mas encontrou na imagem do filho morto a motivação para fazer o que julgava necessário. Fitou o inimigo e, sem desviar os olhos, começou a enterrar o punhal no peito.

Ele nunca teve certeza por que interrompeu o avanço da lâmina quando a ponta muito afiada já entrava na carne. Talvez a dor aguda. Ou apenas covardia diante do destino dos que tiravam a própria vida. O último pensamento que passou por sua cabeça foram as palavras de padre Vasco, grotescamente imitadas minutos atrás. Ergueu os olhos, agora desafiadores, e afastou o punhal.

—Não.

O Diabo encarou-o, intrigado. Ele se acorrou, apoiando o peso do corpo sobre a perna sã e aguardou Diogo completar a frase.

— Não vou me matar. Não por medo da punição dos Céus ou por que me sobrou desejo algum de viver. Não vou me matar pois isso é o que vosmecê espera. — Levantou-se e repetiu o sermão do

sacerdote. — O inimigo não se apoia na verdade, pois nele não há verdade. Quando mente, apenas fala de si, porque é o pai da mentira.

Jogou o pedaço de couro ainda enrolado no chão e rechaçou em tom de afronta:

— A mentira é vossa essência. Acreditar em vosmecê me trouxe até aqui. Leve vosso mapa de volta para o Inferno. Prefiro me cegar na ponta de uma faca antes de pousar os olhos nessa oferta maldita.

— Queime o mapa e outro estará sempre a aguardar vosmecê, em vossa algibeira. Destrua mil deles, e mil hão de surgir.

Diogo não pareceu ouvir as palavras do inimigo. Colocou Tiago no colo e deu as costas para o Diabo, iniciando a jornada de volta para a casa grande.

— Pode se arrepender dessa pilhéria acintosa. Se não deseja tomar posse do vosso ouro, tomarei do meu. Por que a alma de malditos como vosmecê é minha riqueza. — Dessa vez, o tom era vibrante e ameaçador, já não lembrando em nada a voz humana.

— Reclame vossa fortuna de outra maneira. Não usarei o mapa e nunca irei usufruir de nenhum ouro manchado com o sangue de meu filho.

Diogo sentiu os pelos do corpo arrepiarem antes de presenciar o que estava por vir. Um redemoinho escuro e leitoso o envolveu e endureceu seus músculos, ao mesmo tempo congelando a pele e queimando a carne. Não conseguiu dar mais um passo sequer no canavial. Vieram os sons, aos milhões — gritos, lamentos, súplicas, insultos, gargalhadas. Odores repugnantes, entupindo suas narinas e impedindo-o de respirar. Imagens que o comprimiam dentro de uma

tempestade onde sofrimento, depravação, desespero, loucura e ódio de multidões de condenados eram projetados diante de seus olhos.

Isso é o inferno, pensou. Ao contrário do que padre Vasco acreditava, não havia caldeirões, fogo e torturas, sob o olhar vigilante de uma legião de demônios. Apenas o mal puro — eterno, sufocante e invencível. Surpreendentemente, Diogo permaneceu calmo, talvez por imaginar que merecia qualquer destino a ele reservado ou acreditar que nada podia lhe acontecer enquanto se agarrasse ao corpo de Tiago. Equilibrava-se com dificuldade no meio do redemoinho, enquanto repetia sem parar o nome do filho em pensamento, como uma oração.

O pandemônio cessou sem aviso, e o silêncio se instalou no canavial. O mapa, atirado no chão instantes atrás, voltara para sua cintura. Não havia sinal do Diabo, embora Diogo ainda pressentisse sua presença e permanecesse atento a qualquer som ou movimento. A voz veio, infantil e inquietante.

— Vosmecê me procurou de livre vontade. Se não tomar posse do que é vosso, tomarei do que é meu de direito, cedo ou tarde. E seguirei vossos passos enquanto estiver neste mundo para lembrar vosmecê do nosso acerto.

Diogo olhou para o lado e se deparou com Tiago, de pé, a alguns metros. Confuso, acariciou os cabelos do menino morto em seu colo e voltou a fitar a criança, que deu um passo em sua direção. O jovem percebeu que ela mancava. Quando sorriu, a medonha fileira de pequenos dentes pretos o fez vomitar.

O Diabo gargalhou.

## **5. Gratidão**

Diogo foi arrancado do pesadelo ainda febril. O corpo todo doía, e a língua seca arranhava na boca. Acordou desorientado no chão da mata, cabeça apoiada em sua algibeira. Quis se sentar, mas desistiu diante do desconforto no ombro. Lembrou-se da emboscada e do veneno na ponta da flecha. Pela posição do sol calculou que deveriam ser as primeiras horas da manhã. Voltou a se deitar e não demorou a ouvir as passadas arrastadas de João. O escravo parecia visivelmente aliviado em vê-lo bem e ajudou-o a sentar, empurrando-lhe com cuidado as costas.

— Nhô passou dois dias dormindo. Achei que ia morrer, por que flecha molhada com timbó mata, mas por sorte ela parou no osso e não entrou na carne funda.

Ele tinha razão, pensou Diogo. Se o sumo da raiz tivesse caído em sua corrente sanguínea não teria sobrevivido.

— Fiz um *emprasto* com araruta e enfiei na ferida. Ajudou a matar o veneno. Também raspei casca de ambaíba e espremi. Tente não bulir muito por que amarrei a casca em cima. Logo vai sarar — o escravo prosseguia na explicação, encorajado pelo silêncio do senhor e sem conseguir disfarçar o orgulho pela maestria no uso das plantas.

— Essa intimidade com as cousas dos bugres. Parece negro da terra...

— Nhô ia morrer sem as drogas dos gentios.

O escravo novamente estava certo. O jovem sempre criticara o contato entre suas peças e os índios, receoso que pudessem ver nos brancos um inimigo comum. E João, por compartilhar da servidão ou mera curiosidade, afeiçoou-se a um grupo de caingangues que vagava pelos arredores da fazenda após sua aldeia ter sido destruída. O avô de Diogo não aprovava a aproximação e chegou a castigar o negro, mas passou a tolerar suas aventuras ao descobrir que o principal motivo das escapadas do escravo era uma jovem da tribo. As repetidas visitas à roça onde os índios se instalaram geraram, além de uma criança mestiça, uma invejável sabedoria prática sobre as drogas do sertão. Nos quatro anos em que a tropa cruzou o interior da colônia João passava boa parte do seu tempo livre recolhendo cascas, raízes, folhas e frutos.

Diogo estava vivo, mas a dupla ironia de ter sido salvo por obra de um escravo e graças ao saber dos índios o perturbava. Levantou-se com dificuldade e repeliu João com o olhar.

— Depois de me faltar em amunicar as armas só cabia a vosmecê cuidar das minhas feridas. Outra falha e parto vosso couro. Fique atento que esses bugres são ladinos. — Cambaleou até Brabo sob os olhares de Inácio, que acompanhava a cena junto às mulas. — E trate de cuidar desse moleque. Não tenho tempo nem pendor para pajear negrinhos.

— Sou grato a nhô pelo que fez por Inácio. E perdão pela baralhada. A garrucha caiu no caldeirão. E meus dedos...

— Não me falte de novo! — rosnou. As pernas voltaram a fraquejar e ele esteve prestes a desmaiar, mas se apoiou na sela. — Para onde levou a tropa?

— Tive medo que os gentios voltassem e tomei um rumo fora do caminho.

— Fez bem. — Diogo respirou fundo e aguardou a vertigem passar. As mulas já estavam prontas para retomar a viagem. Foi quando viu suas garruchas enfiadas na sela de Brabo, carregadas.

— Disse que não pode lidar com armas. Quem amunicou essas, então? — Ele caminhava trôpego na direção do escravo, empunhando uma das garruchas. João percebeu a desconfiança na voz do patrão e não teve dúvidas do que estava por vir. A certeza da morte secou sua garganta e ele apenas balbuciou.

— Fui eu, nhô.

Inácio aproximou-se do pai e segurou-lhe a mão onde faltava um dedo. Diogo olhou para o garoto com um sorriso de deboche e deu-se conta que essa era a primeira vez que o negrinho lhe dirigia palavra, embora ainda evitasse encará-lo. O jovem mirou em um tronco e disparou, entregando-a em seguida para Inácio. O estampido assustou o escravo e causou uma revoada dos pássaros pousados nos galhos acima. O menino não se moveu.

— Prove, gibi.

Inácio segurou a garrucha — pesada demais para as mãos pequenas — e caminhou decidido até Brabo. O animal não protestou quando ele tirou da sela uma bolsa de couro e, mecanicamente, começou a carregar a arma. Despejou a pólvora do chifre oco de boi no cano da garrucha, socou a bucha com ajuda da vareta e empurrou a esfera de chumbo com força. Por fim, puxou o cão, tendo antes o cuidado de conferir se a pederneira estava seca. Olhando para os próprios pés, estendeu com as duas mãos a arma para Diogo, que assistia à demonstração impressionado.

— Ora, ora! Tinha em casa um capitão do mato já feito e nunca contou a ninguém! Como aprendeu o ofício, gibi?

— Vendo nhô. — A resposta era pouco mais que um miado. Diogo deu-lhe as costas e verificou a recarga, como se atestasse a pureza de um diamante. Sem dúvida, um bom trabalho. Já vira homens feitos serem mais lentos.

Caminhou até Brabo, subiu na sela e anunciou a retomada da marcha. Ainda se sentia fraco, mas ouvia Taubaté — e o que mais estivesse por lá — gritando seu nome. Voltaram ao Caminho dos Paulistas com os sentidos redobrados. A partir dali, os arredores dos pousos seriam examinados com cuidado. Mal começaram a jornada quando Diogo puxou o arreio do cavalo e perguntou, olhos fixos na trilha aberta em meio à mata.

— Por que não me matou enquanto eu estava desacordado? Por que não fugiu?

João hesitou. Mentiria se negasse que a ideia lhe ocorreu. Mais de uma vez durante os dois dias de vigília pensou em cravar um punhal na garganta do patrão. Ou em deixar o veneno se espalhar em seu corpo, o que ocorreria se não preparasse o emplastro. A notícia da morte de um senhor de engenho, um homem solitário e de paradeiro incerto, demoraria a chegar à vila mais próxima — proporcionando uma dianteira confortável. Por outro lado, um escravo desgarrado com a marca de uma fuga sem sucesso talhada no rosto e acompanhado do filho chamariam atenção, e os dois não chegariam a um dos vários quilombos espalhados pela colônia. Todas essas imagens passaram por sua cabeça atordoada nos últimos dias. Mas não foi a possibilidade de captura ou morte que o guiou.

— Nhô salvou a vida de Inácio. — A resposta veio após longa pausa.

Diogo captou uma desconcertante sinceridade nas palavras do escravo. Espantou o pensamento e cutucou a barriga de Brabo.

— Durante meu desvario, eu falei alguma cousa? — voltou a perguntar, dessa vez em tom mais cordial.

Pai e filho se entreolharam. João molhou os lábios escolhendo as palavras e recorreu a Inácio, que balançou a cabeça quase imperceptivelmente. Diogo pensou em repreender com rispidez o escravo, mas se entregou a uma condescendência com a qual não estava habituado.

— João, o que eu disse?

— O nome de Tiago. Nhô repetiu o nome de Tiago todo o tempo.

O tremor na voz não deixava dúvidas. Havia algo que o cativo ainda relutava em revelar. Os dois se encararam por um longo instante. Diogo moveu a cabeça, pedindo que o negro prosseguisse.

— Nhô disse que o Diabo tinha matado Tiago. E que ia arrastar a tropa para o inferno.

## ***6. Um bom homem***

A tropa seguiu viagem em silêncio. Além da necessidade de manter os sentidos afiados para evitar novas emboscadas, a revelação de João sufocou Diogo. Lembranças de sua danação entranharam-se em seu corpo e o exauriram mais do que os poucos traços de veneno ainda espalhados. Reviver o pacto, a ruína da família e, principalmente, o fim de Tiago era mais doloroso que morrer. Durante boa parte do caminho pressentiu a criança dos dentes pretos com o canto dos olhos, mancando ligeira ao lado de Brabo. Vez por outra perdia contato, mas no segundo seguinte vislumbrava a silhueta mirrada em galhos acima de sua cabeça, como um animal prestes a atacar.

Ao anoitecer Diogo ordenou que armassem acampamento. Levaram os animais até o meio da mata e escolheram para o pouso uma pequena clareira aparentemente livre de formigas — uma praga capaz de infernizar o pouso de um viajante menos prevenido. João estendeu a rede de seu patrão entre duas árvores baixas e dividiu uma única esteira com o filho. Diogo deitou-se ainda nauseado e manteve-se alerta, com o mosquete carregado sobre o peito. Cogitou delegar a vigília ao escravo, mas logo desistiu, certo que lhe faltava coragem, frieza e um bom manejo de armas.

Os mosquitos tornaram o sono do grupo pouco reconfortante. Antes do amanhecer Inácio já estava de pé, passando unguento nas

picadas avermelhadas espalhadas pelo corpo. Viu Diogo levantar-se da rede e correu para perto de João, que subia em uma jaqueira para conseguir a primeira refeição do dia. Instantes depois o escravo trazia da copa de outra árvore um punhado de ovos, fritos em uma pequena panela de estanho para seu senhor. Pai e filho recolheram-se próximos a Brabo e devoraram alguns gomos da jaca.

Levantaram pouso quando o sol despontou e seguiram por três horas, até encontrarem uma prainha. Avistaram uma roça com o telhado de palha sendo consertado por um grupo de índios. Outros, provavelmente também abrigados na propriedade, tomavam banho no riacho. Um adolescente branco, que Diogo julgou ser filho do dono, lavava-se na água corrente, esfregando o corpo com areia. O rapaz se assustou ao ser surpreendido pela tropa e tentou nadar até a margem, onde deixara um mosquete e um facão, mas a indiferença de Diogo diante da sua reação o convenceu que os três viajantes não representavam ameaça alguma.

— Se acalme, moço. Procuramos apenas lugar para pousar e preparar o almoço. Não queremos fazer mal a vosmecês.

O rapaz hesitou, mas por fim caminhou até a margem e cumprimentou o forasteiro com um aceno de cabeça. Vestia apenas um calção e aparentava ter menos de quinze anos. Um grande hematoma tingia o queixo, e os lábios estavam cortados.

— Pegue logo vossa arma. Vosmecê se sente seguro e eu não me ofendo. Só procuro um bom pouso na beira de um rio — prosseguiu Diogo, amistosamente.

— Me chamo André. E me perdoe pela cisma. Os bugres e alguns brancos atacaram ontem. Mataram minha irmã menor e levaram

outras duas. — Os olhos do rapaz se encheram de lágrimas, que correram pelo rosto ferido.

— Havia algum homem na casa?

— Meu pai e meu tio estavam a caçar do outro lado do riacho. Eu tentei pelear, mas eles eram muitos. — O choro aumentou, ignorando o esforço do rapaz para se controlar.

— Não há motivo para pejo. Vosmecê é menino e nada pode contra homens feitos. Chame vosso pai. Não vou pisar em terra alguma sem permissão do dono.

O rapaz correu, seguido pela fileira de índios nus e amedrontados que aguardavam o melhor momento para debandar em segurança. Diogo desceu do cavalo e cheirou um pouco de rapé, tirado do bolso da camisa. Puxou as garruchas do cinto e as escondeu na sela, fazendo o mesmo com o punhal. O dono da roça não demorou a aparecer, acompanhado do irmão. Era como milhares de outros que atenderam ao chamado para colonizar aquelas terras — maltratados, pobres e abandonados, no meio de um mundo hostil que tinham o dever de povoar, contando apenas com a própria sorte e as bênçãos da Igreja. O pai, um português atarracado com uma grande barba grisalha, aparentava muito mais idade do que realmente acumulava, pele enrugada por anos de trabalho extenuante. O irmão era uma versão menos envelhecida, braço direito amputado no cotovelo. Esbaforidos e descalços, seguravam mosquetes. O cansaço da corrida marcou os rostos, atenuando a desconfiança e a ferocidade que pretendiam transmitir. Alguns passos atrás, uma pequena turba de índios já cobertos por túnicas brancas acompanhava a cena.

— Lamento vossa provação. Quero apenas um lugar para preparar uma refeição e seguir viagem.

— Cruza o sertão desarmado? — O colono não conseguia disfarçar a suspeição.

— Armas, tenho bastantes. Mas não há mister de exhibir o que trago.

Convencidos, os homens baixaram os mosquetes e contaram sua história. No dia anterior, logo após o amanhecer, quando caçavam a meia légua dali, bandidos escoltados por um grupo de guaianás atacaram a roça, sem aviso ou motivo aparente. Depois de colocar fogo nas casas e no milharal, mataram três dos caingangues que serviam à família e levaram duas filhas — uma de onze anos e a mais velha, com dezesseis. A menor se agarrou no vestido das irmãs e foi morta com um golpe na cabeça. A mãe, debilitada por causa de um maculo mal curado, por pouco não morreu no incêndio em sua choupana. O único filho, André, só não foi baleado por que a garrucha apontada para seu peito falhou, mas não escapou de ser surrado.

— Onde está vossa mulher? — perguntou Diogo, ao avistar o pequeno monte de terra revolvida onde a caçula fora enterrada.

— Em casa. Ainda estamos a consertar o estrago nas paredes e no telhado — respondeu o pai, pesaroso. — O nome dela é Eulália. Ela está mui enferma. Piorou depois do ataque. Não sei se resiste a mais uma noite.

— Quem cuida dela?

— Um dos caingangues, um velho, mas ele foi um dos mortos.

— Meu escravo pode ser de serventia. Ele conhece as drogas do sertão melhor do que muitos tropeiros. E já curou corrução antes.

O homem ouviu a oferta de Diogo e, ao final, sorriu timidamente. Estendeu a mão e cumprimentou-o com um aperto firme.

— Sinto confiança em vosmecê. Meu nome é Pero Ramalho. Este é meu irmão, Amador. Minha casa é também de vosmecês. Me sigam.

Pero levou Diogo até seu casebre. Além da construção principal, onde morava com a família, havia outras três para os caingangues. Amador, sua esposa índia e um punhado de filhos mestiços ocupavam a última casa. Grande parte da área ao redor fora tomada por pequenas fileiras de mandioca, abóbora, batata, pimenta e cenoura, um milharal de bom tamanho e bananeiras espalhadas pela roça. Porcos se assustaram com a agitação e buscaram abrigo nos casebres. Antes que chegassem à choupana o cheiro de excremento já impregnava o ambiente. Pero cobriu o nariz com a mão e entrou. Apenas Diogo e João o seguiram.

Encontraram Eulália prostrada em uma rede, o vestido branco sujo de fezes já secas. Os olhos estavam fechados como se dormisse, mas na verdade mergulhara em um delírio de fraqueza e agonia. O peito ossudo tremia sob a febre alta e pouco se movia. Como todos os atacados pelo maculo, tinha perdido o controle sobre a evacuação, soltando um muco fétido que empestava o interior da casa de terra batida. O quarto, escuro e abafado, e as moscas que zuniam enlouquecidas transformava a cena, aos olhos de João e Pero, em um lugar de martírio. Mas nada que se compare ao verdadeiro inferno, pensou Diogo.

João não esperou ordens do senhor. Controlando a repulsa, ajoelhou-se perto da rede e colocou a mão na testa da mulher.

— Temos de dar um banho de rio. Limpa o corpo e segura a febre. Depois, fazer um saca-trapo e pôr no sesso antes que crie

bicho. — A explicação do escravo era pausada, e ele mirava nos olhos do marido.

A possibilidade de um negro enfiar uma bucha feita de pólvora, pimenta e fumo no ânus da esposa moribunda seria considerada uma provocação por qualquer homem na colônia. Para Pero, que enterrara a filha mais nova sem saber sequer se encontraria os restos das duas outras, a proposta estava apenas à altura da loucura que tomava conta daquela terra. Ele anuiu e ajudou João a carregar a mulher na rede.

Os dois deixaram o casebre sem dificuldade, impressionados com o pouco peso da enferma. Seguida de perto por Diogo, a dupla entrou no rio e, com a ajuda de duas caingangues, deu um demorado banho em Eulália. Enquanto ela era levada de volta para casa e posta em uma rede limpa, João se recolheu embaixo de uma árvore e preparou o saca-trapo. Caminhou até Pero e, com o olhar terno, pediu permissão para prosseguir. Diante do choro do marido o escravo entrou, levando consigo uma índia de meia idade para ajudar a segurar a mulher.

Ela pouco protestou, enfraquecida pela doença. João deu instruções para que folhas de fumo fossem queimadas dentro da casa, espantando as moscas e o mau cheiro. Já refeito da emoção, Pero cumprimentou o escravo com um firme aperto de mão e deu ordens para que fosse posto o almoço. As caingangues colocaram em uma longa mesa ao ar livre gamelas e pratos com carne de porco, feijão, milho cozido, chouriço e farinha. Amador, André e três índios sentaram-se em um banco rústico, reservando o outro para o chefe da família, que com um gesto convidou os visitantes a

acompanhá-lo. Um aceno de Diogo impeliu seu escravo para a copa das árvores próximas.

— Me perdoe, dom Diogo, mas João senta conosco — disse Pero.

— Vosmecê é que deve me perdoar, mas ele senta onde eu ordenar. Vosmecê é homem-bom. Poderia ser até vereador. Decerto, entende o lugar dos pretos.

— Na minha mesa, sentam ao meu lado e comem da minha comida todos aqueles que me assistem nessa terra. Se eu planto, defendo e povoo essa colônia em nome de El Rei é por que tenho esses homens ao meu lado. — O tom brando das palavras de Pero antagonizava com o ar grave de seu rosto. Levantou-se com vagar e encarou o convidado. — Me diga, dom Diogo, como posso tratar com menoscabo quem tenta salvar a vida de minha mulher?

João fez menção de se retirar da mesa. Nesse momento, colocar seu senhor em confronto direto com o anfitrião era o que de pior podia lhe acontecer. Pero pousou delicadamente a mão no seu ombro, fazendo-o sentar. O escravo abaixou o rosto, sentindo a fúria do patrão.

— Se João salvasse vossa vida sem esperar nada em troca, nem mesmo alívio no peso da chibata, ainda assim o trataria com desprezo e malquerença?

A última pergunta fez o ferimento no ombro de Diogo queimar, na carne e na alma. Ele se virou para Pero, pronto para argumentar sobre seus direitos como senhor, o alto investimento feito na aquisição de suas peças e o quanto a colônia e o reino dependiam daqueles braços, mas recuou diante do sorriso amplo e caloroso do homem.

— Não peço que mude vossa consciência do dia para a noite. Apenas rogo que respeite meu julgamento. Nada me faria mais prazenteiro do que ter convidados a desfrutar das cousas de minha terra — prosseguiu o português.

Diogo correu os rostos dos homens, que aguardavam mudos o desenlace da conversação. Ergueu os olhos e estendeu a mão para Pero.

— Não afrontarei vosmecê, que me acolheu de modo tão voluntarioso e passou por provações cruéis nos últimos dias. Dê a João o tratamento que melhor lhe aprouver.

— Até no dormir.

— Até no dormir.

Pero se sentou, ladeado por Diogo e João, como o pivô de uma balança em que pesos excessivamente desiguais estivessem, ao menos durante um breve instante, mantidos em frágil equilíbrio. Aliviados, Amador e os índios trocaram sorrisos e começaram a tagarelar em tupi.

— Comamos, então — sugeriu Pero.

— Decerto. Hoje à noite vamos livrar vossas filhas, que hão de estar cativas não mui longe daqui, e não quero pelejar de bandulho vazio — disse Diogo, dentes cravados em uma espiga de milho.

Amador se engasgou com a comida, sacudido por um forte acesso de tosse. Quando conseguiu se recompor o silêncio voltou a pesar na mesa.

## ***7. O medo em cada rosto***

— Até quando essa vila há de conviver com o mal? Até quando vamos aceitar que o demônio ande por essas terras?

A pergunta, mais uma provocação carregada de teatralidade do que autêntico questionamento, não surtiu o efeito desejado. Nenhum dos espectadores que observava o corpo incinerado pareceu sensibilizar-se com o apelo de Armando Quintana. O vereador olhou os restos no chão e, apesar da aparência do morto, não se sentiu repugnado.

O fogo havia enegrecido quase tudo à mostra. Apenas os pés e parte das pernas restavam intactos. Pele, roupas e cabelos eram agora parte da mesma crosta preta, de onde exalava um odor repulsivo. O homem estava encolhido no chão, com as mãos crispadas em frente ao rosto. Os lábios haviam desaparecido, e os dentes surgiam como um sorriso medonho, sobressaindo-se pela brancura extrema em meio à carne escura. As feições destruídas pelas chamas tornavam impossível no momento descobrir sua identidade.

Dom Armando voltou a encarar a elite da vila, que se reunia em uma circunferência perfeita ao redor do cadáver.

Estavam todos lá, em completo silêncio. Os dois outros vereadores, o juiz, o mestre de campo, os maiores senhores de engenho, negociantes de escravos, arrendatários de minas e demais

homens-bons, além do vigário. Em sua maioria, portugueses de alma e coração, nobres ou nascidos em famílias proeminentes. Olhos e ouvidos, a cruz e a espada da Coroa na colônia. Em um círculo de diâmetro maior e logo atrás do primeiro — como espectadores de segunda categoria — quadrilheiros, comerciantes, escrivães, artesãos, professores e soldados, buscando na ponta dos pés uma brecha que permitisse enxergar algo além de uma mão carbonizada. Amontoados alguns passos atrás — apenas imaginando o que outros tinham oportunidade de analisar detalhadamente — dezenas de mascates, roceiros, escravos, mulatos, índios, tropeiros, crianças e mulheres, entregues a um burburinho sussurrado, tão numerosos quanto as versões sobre a cena que lhes era negada.

E no centro dessa imensa espiral de diferentes linhagens, cores, ofícios e posses, estava dom Armando, aos pés do morto. Membro mais antigo da Casa de Câmara, influente nas Cortes e arrendatário de jazidas de diamantes nas Geraes, concentrava autoridade que rivalizava apenas com a do juiz Alfonso Lisboa. Apoiando-se na vara vermelha usada pelos vereadores, decorada em uma das pontas com as armas do Reino, dom Armando vasculhou as feições à sua volta com olhos empapuçados, que conferiam ao rosto ornado com a cabeleira branca um aspecto cômico.

— Esse infeliz é o sexto! A sexta alma arrastada para o Tártaro! E quando olho para vosmecês, o que vejo? Autoridades e nobres, escondidos em suas casas, a fugir como um bando de fanchonos!

— Não reconheço em vossa excelência poder para ofender ninguém entre os presentes! Desde que as mortes começaram não partiu da Casa de Câmara ou de qualquer dos seus oficiais qualquer providência! — protestou Afonso Lisboa, um português magérrimo

de sobrelhas grossas e arrepiadas. — E vosmecê trate de escolher melhor as palavras ao maldizer os homens desta vila. O somítigo pode se ocultar onde menos se espera — murmurou o juiz, deixando de lado a deferência e lançando um olhar provocador a dom Armando.

O vereador ensaiou uma reação, pronto para usar o símbolo de sua autoridade como um porrete. Alfonso de Lisboa não se intimidou, segurando a sua própria vara com ambas as mãos. Foram contidos pelas autoridades próximas, que os afastaram até uma distância segura, de onde só podiam envenenar as almas com os olhos. Coube a um segundo vereador, Tomé Barroso, arrefecer os ânimos.

— Recomendo a vossas excelências que serenem o espírito. Nesse momento, o destempero não é apenas impróprio. É também uma manifestação indesejável, se praticada diante dessas gentes. — A ponderação sussurrada alcançou apenas seus pares, parados próximos ao corpo.

— São tão cegos que não conseguem enxergar a obra do demônio a ser erigida nessa vila? — interrompeu padre Gonçalo, um franciscano octogenário, aos gritos, antítese perfeita ao tom conciliador da fala de dom Tomé. — Seis são consumidos até sobrar pouco mais que cinzas e ainda se entregam a contendas insensatas? Meu Deus! Como a sandice dos homens se presta às artimanhas do inimigo! Deveríamos nos aliar para vencer uma ameaça que aflige a todos, e o que fazemos? Enveredamos por rixas estúpidas, enquanto a besta que se oculta nessas matas escolhe o sétimo dentre nós! Quiçá ela esteja, neste momento, a admirar essa cena grotesca e a eleger a presa da próxima sexta-feira!

A turba foi tomada por súbita apreensão, como se sentisse olhos fixos em cada um dos presentes. Até os soldados vasculharam as árvores à distância, tentando detectar movimentos que denunciassem um inimigo camuflado entre a folhagem.

— Sigo a prudência de dom Tomé e concordo em parte com as palavras de dom Armando e de nosso eminente vigário. Não desprezo a influência de Lúcifer nessas ações, mas não tenho dúvidas que isso é cousa dos gentios, criaturas sem alma que insistem em desgraçar as obras de Nosso Senhor.

— E de nosso Rei, decerto — disse o último dos vereadores, Manoel Soares de Sant'anna, inclinando o corpo atarracado ao mencionar o Soberano.

A artificialidade da reverência não foi imitada por nenhum dos outros. Recuperado do embaraço, prosseguiu com o discurso, apontando o indicador gordo em direção ao mestre de campo, Gregório de Muniz, que até então acompanhava a cena calado.

— Não é o que pensa vossa senhoria?

O militar descruzou os braços, colocando uma das mãos na empunhadura do sabre e a outra na cintura. Um homem imenso — talvez o maior da vila — rosto barbeado com esmero, ao contrário da maioria dos compatriotas ou colonos que descuidavam da própria aparência. Caminhou lentamente até o corpo queimado e por alguns segundos manteve sobre ele um olhar pesaroso.

— Já estive no Melinde, na Abissínia, em Daomé, na Costa do Ouro e muitas outras terras de África. E no outro lado do mundo, em Catai e no Sião. Fui mandado para essa colônia há seis anos, e acreditem no que digo: o que encontrei aqui não vi em nenhum lugar. Não sabem do que os selvagens são capazes. Devoram os

seus. Adoram espíritos. Matam as próprias crias. Fazem adornos com restos de inimigos. Profanam o corpo com ossos e lascas de madeiras. — Gregório levantou o rosto furioso e apontou para o cadáver. — Isso é cousa dos bugres, que nos querem fora dessas terras, como se deles ainda fossem! E garanto que se não tratarmos dessa questão com vigor os gentios nos massacrarão sem piedade!

O discurso do mestre de campo — ao contrário do apelo artificial de dom Armando — injetou medo, desconfiança e ódio nos espectadores. O burburinho cessou, pois Gregório não fez esforço para limitar suas palavras aos ouvidos dos homens-bons. O fluxo de curiosos aumentou. Índios começaram a se retirar discretamente e, por prudência, buscaram abrigo nas casas de conhecidos.

— O que compartilha conosco é mera suspeita ou afirma com justeza? Pergunto por que os gentios que habitam essa comarca são caingangues ou aranãs, e pouco se fala sobre o espírito belicoso dessas gentes. Os guaianás, estes sim se arvoram senhores destas terras e já mataram antes, e à larga, mas restaram poucos — retrucou dom Tomé. O olhar do mestre de campo, no entanto, abalou o vereador e o fez moderar o que falaria a seguir. — Ademais, não acredito que guaianá algum ignore os riscos de arrostar homens como os do Regimento de vossa senhoria, cuja reputação já chegou às Cortes.

A bajulação não envaideceu o militar, que lhe deu as costas e caminhou até o corpo. O mestre de campo encarou cada uma das autoridades antes de se despedir com falsa resignação.

— Não pretendo motivar a cizânia no seio desta Casa de Câmara. Me retiro com uma recomendação: enfrentar os bugres, que são decerto culpados. Mas deixo a vossas excelências a tarefa de

deliberar. Estarei pronto a responder ao vosso chamado e rezarei para que esses demônios não levem outra pobre alma. O destino da vila e a segurança de todos que me ouvem estão em vossas mãos — proclamou, lançando um último olhar a dom Tomé.

Abrindo caminho em meio à multidão Gregório deixou a clareira seguido por seus homens. Por alguns segundos os presentes apenas se entreolharam. Coube a dom Armando pôr fim ao silêncio.

— Ele tem razão. O Conselho deve se reunir e decidir que medidas adotar. E este não é o momento apropriado. Reflitamos à noite, na Casa de Câmara. A portas fechadas.

Os outros concordaram com um gesto de cabeça. Como se as palavras do vereador fossem uma senha, a turba se dispersou. Dom Armando deu ordens a dois escravos para que levassem o corpo até os fundos da Igreja Matriz de São Francisco e lá permanecessem de guarda até a identificação do morto. Enquanto o cadáver era acomodado em uma rede, o vereador, certificando-se que não estava sendo ouvido, dirigiu-se a um negro alto que carregava um guarda-sol.

— Trate de se ausentar por alguns dias. E quando voltar, tenha cuidado ao entrar ou sair de minha casa. Vosmecê só é de valia enquanto agir com recato. No dia em que for motivo de coscuvilhice por vossa culpa, castro vosmecê, como já fiz com outro linguareiro antes — rosou dom Armando, em voz baixa.

Amedrontado pelos pequenos olhos castanhos, o escravo assentiu e se embrenhou na mata a passos rápidos. O vereador já havia partido em direção ao largo da Câmara quando foi alcançado por Lourenço, o chefe dos quadrilheiros, que bufava, ofegante:

— Se vossa excelência permitir, sugiro que o sino de correr seja tocado às sete horas, e não às oito. Com menos pessoas a vagar durante a noite meus homens podem melhor patrulhar as ruas e as cercanias.

— Não pretendo restringir o ir e vir mais do que as mortes já o fizeram. Cabe a vosmecê e aos seus zelar pela ordem. Se a tarefa estiver além de vossas aptidões, mando buscar outros quadrilheiros fora da comarca. Devo aclarar que essa não é uma vila qualquer. Essa é Taubaté, segunda sede da Capitania de Itanhaém. Minha vila — retrucou dom Armando, arqueando as sobrancelhas quase femininas e repetindo as últimas palavras com a mão espalmada no próprio peito. — Minha vila.

## ***8. Um plano simples***

Após o almoço Diogo buscou a sombra de uma mangueira. De longe avistou a criança dos dentes pretos, empoleirada em um tronco da árvore, como um urubu que aguarda a presa tombar sem vida para comer-lhe as entranhas. Ele não diminuiu o passo diante da visão. Ao contrário, acelerou a marcha até alcançar a sombra. A criança permaneceu calada, sem disfarçar o olhar intrigado. Tentava sem sucesso vasculhar a alma que julgava lhe pertencer e saciar sua curiosidade sobre as reais intenções do oponente. Envenenado pela frustração e pelo sorriso que surgia no rosto do jovem, o Diabo arreganhou a bocarra.

— Se busca motivo para morrer deveria agir com justeza. Nenhum desses infelizes voltará com vida.

— O que conhece de justeza?

— Nada. Assim como vosmecê.

O jovem preferiu dar a conversa por encerrada. Silenciou e aguardou a chegada de Pero, Amador, André e três caingangues. Falou durante quase meia hora sem ser interrompido. Revelou que fora atacado dois dias antes, provavelmente por guaianás da mesma aldeia que raptaram as filhas de Pero. Omitiu o ferimento com a flecha envenenada e a providencial intervenção de João, mas revelou a suspeição que a tropa ainda estivesse perto, a distância não superior a uma ou duas léguas. Percebendo a dúvida nos rostos

dos companheiros sobre sua teoria, disse que salteadores muitas vezes atacavam roças e sesmarias em busca de um bem ainda raro no interior da colônia: mulheres — novas, bem apessoadas e, de preferência, virgens.

Ele não se sensibilizou diante do desespero no rosto de Pero e prosseguiu com a explanação. Para Diogo, os brancos — escoltados por guaianás seduzidos pela possibilidade de matar caingangues rivais — estariam ansiosos para armar acampamento tão logo se sentissem em segurança a fim de desfrutar do produto da pilhagem. Calculava que os bandidos permaneceriam no pouso por no máximo um dia antes de seguir viagem para a região das minas. Daí a necessidade de encontrar o grupo ainda nessa noite — com sorte, a última que disporiam.

— Essa tropa deve ter deixado marca. Preciso de um bugre que saiba seguir trilhas. E mais os que vosmecês puderem reunir. Não mansos como os vossos, que de tanto ler a Bíblia esqueceram como se peleja. Quero guerreiros, aparentados ou amigos dos que tombaram, querençosos de vingança e dispostos a morrer.

Pero ouviu as exigências, envergonhado por presenciar o resgate de suas filhas planejado por um estranho.

— Eu quero ir.

— Fique com o que restou de vossa família, que já passou por bastantes provações.

— Então leve meu irmão. Ou André, que é crescido e sabe manejar armas — insistiu o português, agarrando ambos pelos ombros.

— Não. Vosso filho ainda é uma criança. E um aleijado não me será de valia.

— Acredita que quando perdi o braço, perdi também a valentia? Sim! Sou aleijado! Mas saiba que me fiz aleijado combatendo com honra ao lado de João Antunes Maciel contra os paiaguás. Meu sangue não havia secado ainda e eu já voltava aos campos!!!

— Não tomo vosmecê por poltrão. Tomo por aleijado, e nem toda a braveza do reino fará brotar um braço desse coto.

Amador se levantou e puxou um facão da cintura. Diogo não se mexeu, olhando com desdém para o oponente. Apenas prosseguiu, com a voz arrastada:

— Se acalme. Já perdeu uma sobrinha. Quiçá, três. Não pretendo ajudar a dizimar essa família. Por favor, me ouça calado.

O irmão de Pero buscou apoio nos homens da casa, mas recebeu apenas olhares de reprovação dos que consideraram a demonstração de valentia desnecessária e inconveniente. Acanhado, voltou a se acocorar e ouvir o plano. O grupo sairia ao escurecer em direção ao nordeste, no rumo das Geraes. Na frente, o batedor, acompanhado de um índio hábil no uso do arco, encarregado de silenciar qualquer guaianá que encontrassem e pudesse alertar os demais. Logo atrás, o resto da tropa. Diogo contava com a experiência dos guerreiros de Pero no cerco ao pouso. Quando chegasse a hora, caberia aos caingangues enfrentar seus rivais. Ele se encarregaria dos salteadores e resgataria as irmãs, se ainda estivessem vivas.

— Faz crer que essa empresa será mui fácil — alfinetou Amador, ainda magoado.

— Muitos, se não todos dos vossos bugres, devem morrer. E não dou garantia que livro as raparigas. Nada posso fazer se já estiverem mortas.

— A depender de vossas palavras, os gentios e até minhas sobrinhas já foram sentenciadas. E vosmecê, retornará vivo?

Pelo canto dos olhos Diogo viu o inimigo, invisível a todos, se arrastar pela árvore, desafiando a gravidade como uma cobra. Tentou conter um calafrio, à medida que o Diabo se esgueirava pelo tronco a centímetros de seu rosto. A resposta veio, provocativa e carregada de ironia:

— Já estou morto, dom Amador. Mas o demônio, por pura bisonhice, ainda não logrou levar minha alma.

A criança dos dentes pretos soltou uma risada doentia e debochada.

Os pássaros abrigados na árvore debandaram de uma só vez.

## ***9. A vila se prepara***

Por sugestão de Manoel Soares a reunião começou às nove horas, quando a vila já se recolhera e o simples ato de transitar pelas ruas sem autorização era punido com uma semana de cadeia. Dois soldados guardavam a porta principal da Casa de Câmara. Até o escrivão, Gago Pereira, havia sido impedido de entrar. Dentro do prédio, os três vereadores e o juiz, sentados ao longo da mesa de reuniões, pousavam os olhos com desalento em um pedaço de papel, sem preocupação de lê-lo; já conheciam a maioria dos nomes na folha, inclusive o último, cuja identidade fora revelada pelo mestre de campo instantes antes do encontro começar.

Seis vítimas em cinco semanas. À exceção do terceiro ataque — quando houve duas mortes na mesma madrugada — a cada sexta-feira do último mês Taubaté perdera um dos seus para o fogo. Somente uma mulher entre os infelizes. O primeiro era o dono de uma roça nos arredores. Em seguida, um mascate que sem dinheiro para pernoitar em uma pensão, buscara abrigo sob uma árvore. Um quadrilheiro e um escravo fujão foram atacados na outra semana, após uma perseguição nas margens do Rio das Almas. Depois, uma índia embrenhada na mata atrás de uma porca parida. E por fim, na noite anterior, o dono de um próspero canavial, morto ao tentar emboscar uma onça.

— Não estou certo que os gentios sejam responsáveis por essa barbaria. Um deles foi morto. Uma mulher, e anciã, em verdade — ponderou dom Tomé.

— Isso nada significa. Lembro vossa senhoria que eles devoram os seus. Diante disso, sacrificar uma bugra velha é o menor dos pecados — rebateu dom Manoel, buscando o apoio de Armando Quintana, a quem via como único aliado no Conselho.

— Ainda assim não me considero convencido. Nunca vi selvagem que guardasse respeito a calendário algum, e os ataques apenas ocorrem às sextas-feiras. Receio do que possa acontecer se cedermos às suspeitas do povo e de nosso mestre de campo. Pela vontade de Gregório, estaríamos a abrasar as últimas aldeias da comarca.

— O que consideraria sinal da ação dos bugres? Encontrar os coitados tomados por flechas, como São Sebastião?

O juiz foi o próximo a interceder, coçando o nariz avantajado:

— Dom Tomé está certo. Os gentios podem até ser inculcados pelas mortes, mas não podemos permitir que sejam caçados sem garantias para nossos homens. Da mesma forma, acredito ser ainda cedo para ver a mão do demônio operando em nossa vila.

— A falta de fé de vosmecês perverte este Conselho. Não sei o que mais me inquieta: a defesa ferrenha desses selvagens sem alma ou a complacência diante de um enviado dos infernos a operar debaixo de vossas ventas. Talvez devêssemos ter convocado também padre Gonçalo. Decerto, ele poderia purificar a vila, a começar por essa sala.

A intervenção de Armando Quintana, mesmo tardia, foi cuidadosamente calculada. Manoel Soares respirou aliviado ao vê-lo

de pé, com uma das mãos na cintura e apoiado em sua vara, imóvel como uma estátua. Sem tentar disfarçar a afetação dos gestos ou a pretensa superioridade, dirigiu-se a seu rival.

— E vosmecê, dom Alfonso, tem a partir desse momento vossa autoridade como magistrado contestada por mim. Solicitarei em pessoa ao capitão-mor da Capitania de Itanhaém vossa substituição. Ou, se necessário, ao vice-rei em São Salvador. Esta vila não pode mais confiar nos julgados de um incrédulo e amante de bugres.

— O que trata como amor eu chamo de prudência. Afinal, os gentios ainda são a maior parte das gentes desta capitania, e não pretendo sujeitar nosso povo a uma peleja sanguenta sem precisão. Mas me intriga tal ojeriza aos negros da terra, por que sei de vossa afeição particular por outros de cor — provocou o juiz, sorriso dissimulado na boca enrugada.

Os olhos de dom Armando ferveram. No entanto, ao contrário do confronto da manhã, decidira adiar o embate. Para sua infelicidade havia muito suas preferências tinham deixado de ser um segredo, e permitir que se tornassem tema de qualquer mesa, mesmo em círculos fechados, sepultaria sua carreira e o nome de sua família. Dom Alfonso sentiu a apreensão nas feições do inimigo e encorajou-se a prosseguir.

— Vosmecê ou nenhum outro cristão pode colocar minha fé à prova. Conhecemos a sabedoria de padre Gonçalo e não a desestimamos em questões como as que nos afligem, mas enquanto não refugarmos todos os argumentos mundanos, não há por que abraçarmos os espirituais. Por ora, sugiro um simples ardil. Ordenemos que Lourenço e seus quadrilheiros ocupem posições ao redor da vila, de preferência ocultos, na noite da próxima quinta-

feira. Que ele instrua seus homens a tentar emboscar os criminosos, sejam gentios ou não. E com armas, no lugar de varas. Não convém enfrentar um louco sem garruchas ou mosquetes.

Todos na sala concordaram com a estratégia do velho juiz. Ele fez uma breve pausa e prosseguiu, voltando a encarar os vereadores.

— Não esqueçamos também que não devemos atrair a atenção das Cortes para esses fatos tenebrosos. Toda a vila comenta das ligações de nosso vigário com o Santo Ofício. Alguns dizem até que ele seria um comissário a dividir seu tempo entre os assuntos da sacristia e informes secretos ao Palácio de Estaus. Outros acreditam que Taubaté abriga até familiares.

A menção aos espões laicos do Santo Ofício provocou inquietação no Conselho, exceto em dom Armando, que sabia ser visto por muitos como os olhos e ouvidos da Inquisição.

— Vossa senhoria acredita que a feitiçaria que nos oprime pode precipitar o envio de bispos para Taubaté, a exemplo do que ocorreu nas províncias de Espanha? — A dúvida de Manoel Soares exalava expectativa em vez de preocupação.

— Não, meu caro amigo. Não acredito que a Madre Igreja despachará para esse rincão seu tribunal. Os últimos visitantes atuaram em São Salvador há mais de um século, e empresa semelhante na capitania custaria mais dobrões do que Lisboa se disporia a gastar. Temos certeza apenas da presença, entre nós, dos usuais sacrílegos e desviantes da fé, como sodomitas desvergonhados, mouriscos e marranos reticentes — incitou o juiz, sem sentir necessidade de se dirigir a dom Armando. — Todavia,

creio que a vinda de alguns visitantes não pode ser afastada. O que nos leva a outro embaraço, mui mais grave.

Nesse momento, pela primeira vez, dom Alfonso se levantou do pesado banco e circundou a sala. Confiante que já intimidara suficientemente Armando Quintana e desfrutando do total domínio entre os presentes, o velho magistrado apoiou os braços na mesa e pôs-se a falar, com toda a solenidade do cargo.

— Todos sabem do prestígio conquistado por nossa vila aos olhos da Coroa. Foi pela importância de Taubaté que logramos instalar aqui um Ofício Real dos Quintos, uma pérola com menos de quarenta anos de vida e que alimenta a inveja de tantas vilas próximas. Nossa decadência agradaria outras comarcas e seus homens-bons, que cobiçam esta posição. Ninguém deve ignorar o ardor com que desejam ver fincada em suas terras uma Casa de Fundação como a que nos enobrece. Perder a excelência na arrecadação de tributos sobre o ouro do sertão é perder nosso lugar de direito na colônia.

O grupo o ouvia com legítima atenção. O próprio dom Armando, cuja riqueza brotava dos diamantes do Arraial do Tijuco, parecia convencido pelos argumentos do juiz.

— A luta que travaremos não busca justificar infelizes assassinados, subjugar o gentio insidioso ou purgar pecados ocultos. O que defenderemos é a própria existência de Taubaté — proclamou dom Alfonso.

## ***10. O resgate***

O sol mal havia se posto e a tropa deixara a roça de Pero. Seguindo as instruções, um batedor abria caminho, auxiliado por um guerreiro atento a qualquer ruído na mata. Diogo e seis outros índios seguiam na retaguarda. Normalmente iam à guerra com suas esposas — companheiras corajosas, a quem cabia carregar as flechas e os unguentos para o caso de ferimentos — mas o pedido fora negado por Diogo. Antes de iniciar a marcha ele deixou Eulália aos cuidados de João, que já trocara o primeiro saca-trapo por outro. O procedimento dava sinais de sucesso — a febre baixara, e a mulher não mais delirava. Pero e o que restara de sua família reuniram-se na casa principal, entregues a orações junto aos caingangues catequizados. Os índios não convertidos que permaneceram na roça — em sua maioria mulheres e crianças — acompanhavam a ladainha com indiferença.

Depois de quase quatro horas na direção nordeste, o piado agudo de uma anhupoca indicou a aproximação da meia-noite. Por algumas vezes o batedor sinalizou para os outros se agacharem em posição defensiva, mas eram apenas alarmes falsos causados por antas ou macacos que disparavam na mata ao pressentir os intrusos.

Para os homens que acompanhavam Diogo guerrear era apenas uma das exigências de suas vidas. Os caingangues tinham um

passado de enfrentamento com as tribos rivais, em especial os guaianás. Com a chegada dos portugueses e após um breve período de convivência pacífica, teve início uma sistemática política de apresamento dos nativos para trabalho escravo na extração de madeira. Depois vieram os bandeirantes e os bugreiros, que dizimaram, não sem resistência, aldeias e gerações inteiras. Muitos nativos abraçaram a cristandade apenas para serem poupados da exploração, dos estupros e dos maus-tratos. Outros se mantiveram fiéis à sua tradição, recusando-se a cobrir a nudez com túnicas brancas, renegar seus deuses, falar na língua do inimigo ou adotar como seus nomes impronunciáveis. Eram esses que Diogo escolhera a dedo e agora se aproximavam do pouso dos bandoleiros.

Matar também tinha deixado de ser uma novidade para ele próprio. Diogo soube que em sua jornada errante pelo sertão enfrentaria ameaças comuns a todos os viajantes. Deparara-se com ladrões, índios hostis e até soldados da Coroa empenhados em recrutar o maior número possível de homens para as guerras que ameaçavam desintegrar a unidade da colônia. A emboscada dos guaianás não fora a única. Antes, houvera duas outras, embora menos sangrentas.

— Escolheu condenar esses infelizes. Mas eu não me espanto mais. Há muito vosmecê apenas semeia morte.

A provocação da criança dos dentes pretos sobressaltou Diogo, até então concentrado no breu da mata. Seu primeiro instinto foi maldizer a companhia sinistra, mas lembrou-se que somente ele podia escutá-la.

— Não pode me julgar pelo sangue que espalho. Não vosmecê, maldito, que é autor de todo sofrimento — murmurou Diogo,

chamando a atenção dos índios, incomodados com o precioso silêncio interrompido.

— Nunca toquei em um único filho de vosso Pai Celestial. Respondo se chamado, mas jamais fiz mal algum ao homem. São os homens, talhados à semelhança de Deus, que cobrem o mundo de lamentos. Vosmecê é bom exemplo, dom Diogo. Recorda de quantos tirou a vida? Além do vosso Tiago.

Diogo teria xingado o inimigo caso um dos caingangues não o cutucasse com a ponta do arco. Uma silhueta escura, quase imperceptível, recostava-se em uma árvore metros adiante. O guerreiro à frente do grupo se ajoelhou e disparou uma flecha certa, que atravessou o pescoço do guaianá desatento. A sentinela tentou sem sucesso emitir algum som com a garganta perfurada e caiu. Ainda emitia espasmos quando Diogo e seus homens passaram por ele, agora certos da proximidade do acampamento. Os caingangues começaram então um incompreensível diálogo de sinais. O batedor assentiu e escalou um grosso jequitibá, buscando apoio em um tronco a mais de dez metros de altura. De lá vasculhou a mata até encontrar um segundo inimigo. Sinalizou para um companheiro, que se embrenhou nas folhagens com o arco já armado. Voltou em instantes, sem trazer expressão alguma no rosto pintado de vermelho.

Não precisaram caminhar muito para chegar ao pouso. Os bandidos haviam escolhido uma encosta cercada de árvores baixas, nas quais montaram várias redes ao redor de uma fogueira. Apenas uma tenda improvisada fora erguida, onde Diogo desconfiou que as irmãs fossem mantidas. Ele contou quatorze guaianás, a maioria dormindo no chão. Três brancos se aqueciam perto do fogo,

entretidos em uma animada conversa. Um quarto roncava em uma das redes, embriagado pelo cauim. Pelo sotaque, teve certeza de não serem portugueses ou mesmo mazombos — seus filhos nascidos nas capitâneas. Há muito o banditismo naquelas terras deixara de ser praticado principalmente por degredados de Lisboa. Os bandoleiros eram a prova que a colônia teve sucesso em produzir seus próprios indesejáveis.

Diogo assentiu para os índios. Levava consigo três garruchas enfiadas no cinto e um mosquete na mão. Não haveria tempo para recarregar. Quatro tiros para quatro alvos. Caso errasse algum disparo, reservara um punhal. Antes de dar a ordem para atacar percebeu que um quinto branco deixara a tenda, nu em pelo. Os colegas começaram a gargalhar, e Diogo sentiu-se aliviado por não ter trazido ninguém da família de Pero. O grupo estava pronto. O jovem teve a curiosidade de procurar a criança dos dentes pretos, desaparecida desde a provocação minutos atrás. Encontrou-a agarrada a um tronco, acompanhando a cena com autêntico interesse no desfecho certamente sangrento.

Um dos caingangues cuspiu no dedo, levando-o acima da cabeça para avaliar a direção do vento. Quatro deles circundaram com cuidado o acampamento e, friccionando lascas de madeira, atearam fogo em grossos ramos de pimenta que traziam amarrados ao corpo. A fumaça surgiu, a princípio apenas um filete, mas logo as chamas produziram nuvens levadas pela brisa da madrugada até o centro do pouso. Antes que o crepitar chegasse aos seus ouvidos os guaianás já gritavam em sua língua, protegendo os olhos da ardência da pimenta e alertando que um ataque começara.

As primeiras flechas partiram da mata e acertaram em cheio o grupo mais próximo. Segundos depois, uma nova saraivada, derrubando os que tentavam se abrigar atrás das árvores. Os brancos, aturdidos e com olhos em brasa, demoraram a perceber o perigo. Diogo se levantou, marchando decidido em direção à tenda. Apontava o mosquete para a nuca do homem nu, mas esperou até estar próximo o suficiente. O grupo ao redor da fogueira o viu emergir da fumaça como uma visão, empunhando a arma já engatilhada. Parou a apenas poucos passos do seu alvo.

Mas ele não atirou. Por um breve instante, todos permaneceram estáticos, alheios ao inferno de gritos, fumaça e desorientação ao redor. Os bandidos mantinham-se petrificados, buscando com o canto dos olhos as garruchas presas aos cintos e esperando apenas o som do estampido em meio à balbúrdia para investir contra o agressor solitário. O homem nu virou-se e encarou seu oponente. O bandoleiro era muito gordo e trazia sangue na virilha e nas mãos. Da tenda veio um choro infantil, fazendo-o abrir a boca de dentes podres e ofender o jovem com um sorriso doentio.

Diogo encostou o cano do mosquete na virilha do bandoleiro e apertou o gatilho. O homem foi empurrado para trás pela força do disparo e mergulhou no chão, pressionando as mãos entre as pernas e urrando de dor. O cheiro de pólvora queimada sufocou os outros três, que hesitaram e perderam a preciosa chance de sacar as garruchas. O último deles caiu da rede onde roncava bêbado e estatelou-se no chão, assustado com o tiro.

Enquanto o homem nu se debatia na terra, Diogo se aproximou do resto do grupo. Deixou cair o mosquete e levou as mãos até a cintura. Ignorou as garruchas, desembainhou o longo punhal e no

segundo seguinte já estocava o branco à sua frente, logo abaixo do queixo. O bandido caiu de joelhos, segurando em desespero a calça do bandoleiro ao lado. Diogo trocou a arma de mão e se atracou com o próximo, que lutava para enxotar o companheiro agarrado à sua perna. A lâmina afiadíssima entrou acima do umbigo.

O terceiro oponente tentou fugir, mas tropeçou na rede e caiu. Diogo o ergueu pelos cabelos, arrancando xingamentos e gritos de dor, silenciados quando o punhal abriu um talho em seu pescoço. O último deles, apalermado pela bebida, engatinhou em pânico, Tateando desesperadamente os corpos dos amigos em busca de uma garrucha. Encontrou uma na cintura do degolado e tentou puxar o cão da arma. O peso da bota em suas costas o fez desequilibrar. Com o rosto enterrado no chão, sentindo o gosto de terra, não viu quando o oponente desferiu uma rápida sequência de golpes entre suas costelas, enterrando a lâmina até o cabo.

Diogo levantou-se com os braços tingidos de sangue. A camisa também estava suja, assim como parte da calça. Limpou a lâmina na roupa e virou-se.

Um bandoleiro segurava uma das irmãs pela garganta, sufocando-a. Empunhava uma garrucha e mantivera-se escondido dentro da tenda, aguardando o melhor momento para atacar. Os olhos arregalados e vermelhos transmitiam mais aflição do que raiva, e a arma tremia em suas mãos. Mas não foi isso que deu a Diogo a certeza da vantagem. Ele julgava ter recebido uma missão e partira para um destino ainda desconhecido, perseguido por um demônio e guiado por um anjo. Até encontrar sentido em sua jornada nada poderia matá-lo. Nem a arma apontada para seu peito. Nem todas as flechas envenenadas.

O homem apertou o gatilho, mas a garrucha não disparou. Apenas uma pequena nuvem de fumaça subiu onde a pederneira tentou provocar uma faísca na pólvora provavelmente molhada. Antes que pensasse em aumentar a pressão na garganta da prisioneira e tentasse usá-la como escudo, a mão firme do jovem crispou-se em seu pescoço. O bandoleiro se ajoelhou, arranhando os braços que o sufocavam para roubar um pouco de ar. O aperto tornou-se mais forte, a ponto dos nós dos dedos de Diogo arroxear, como a pele do homem que aos poucos perdia a consciência.

Ele não precisou quanto tempo permaneceu imóvel, esganando o bandido. Se um instante ou alguns minutos, nunca saberia. Apenas apertou-lhe a garganta, usando como alimento toda a raiva, a frustração e o arrependimento que o apodreceram em quatro anos. Naquele momento sentiu-se capaz de matar o próprio demônio.

Deixou o transe em que mergulhara e percebeu os caingangues à distância, pasmados. A batalha travada entre os índios, embora houvesse vitimado quase vinte de ambas as tribos, não se comparava àquela carnificina. Dos oito enviados por Pero, apenas três sobreviveram. Todos os guaianás morreram, muitos surpreendidos pelas flechas. Quando percebeu que o bandoleiro não mais respirava, o senhor o soltou. O homem desabou, parte da língua pendendo para fora da boca e os olhos esbugalhados. Diogo dividiu sua atenção entre os berros do bandido nu e a tenda, onde a filha mais velha do português tentava cobrir a nudez com um pedaço de tecido salpicado de sangue. Ele recuou diante do pavor nos olhos da jovem e dirigiu-se a ela com uma candura que julgava perdida.

— Pero me mandou. Vosmecês estão livres.

A adolescente relutou em ver o bárbaro ensanguentado à sua frente como um amigo, mas a menção do nome do pai a fez abrir passagem para que Diogo entrasse na tenda. Contando somente com a luz da fogueira, ele demorou alguns segundos até que os olhos se acostumassem à penumbra e diferenciassem a silhueta frágil da irmã mais nova. Apenas uma criança encolhida em um canto, cabeça apoiada em uma sela. Também estava nua e tentava envolver o corpo magro em uma rede. Manchas vermelhas espalhadas no tecido denunciavam a brutalidade dos bandoleiros. A menina fitou Diogo com olhos ociosos e voltou a fixar a visão em lugar algum.

— Diga a vossa irmã que vamos partir agora. Estamos a grande lonjura de vossas terras, e os bugres carregarão vosmecês.

— Levem apenas Beatriz. Eu posso caminhar. — A voz era fraca, porém decidida.

— A rapariga me perdoe, mas se sofrer de dores...

— Levem apenas Beatriz. Eu quero caminhar.

As duas o seguiram, a menor amparada na mais velha. Beatriz logo reconheceu rostos familiares entre os índios. Um deles se aproximou da criança e a colocou carinhosamente no colo. Ela gemeu quando suas pernas foram acomodadas, e o sangue, dessa vez vivo, voltou a manchar a rede que improvisara como túnica. O bandoleiro castrado parara de gritar e tentava cobrir uma nudez que não mais existia. Um imenso leitão prostrado no chão — ofegante e arredio. Os caingangues tomaram o rumo da roça de Pero, Beatriz aninhada nos braços de um deles, que olhou para Diogo antes de se

embrenhar na mata. O jovem sinalizou, e os índios o deixaram para trás com a irmã mais velha.

Ela olhava para seu violador com a fúria dos loucos. O bandido tentou arrastar-se na terra e usou as mãos para deslocar o imenso corpo suado, mas percebeu que para isso teria de se expor e desistiu, voltando a ocultar a virilha ensanguentada. Diogo puxou uma das garruchas da cintura e a entregou à filha de Pero. Ela segurou a arma sem hesitação, demonstrando uma intimidade provavelmente adquirida em lições com o pai e o tio. Olhou agradecida para o jovem, que pela primeira vez, com a ajuda da luz trêmula da fogueira, pôde admirar sua beleza. Ele se ajoelhou e sussurrou ao ouvido do homem.

— Onde guardam vosso ouro?

O bandoleiro apontou com o dedo para o líder do grupo, deitado ao lado da fogueira. Diogo retirou do corpo uma bolsa de pele amarrada em uma tira de couro, escondida sob a camisa. Sentiu o peso na mão e a abriu, apenas para se certificar da pequena fortuna: um punhado de dobrões de tamanhos variados e uma quantidade ainda maior de escudos. Pelo menos seiscentos mil réis, além de algumas pepitas. Guardou a bolsa sob a própria roupa e voltou a aproximar-se do homem, tão perto que poderia morder sua orelha.

— Quando chegar ao inferno diga ao Diabo que tenho uma missão, confiada por meu filho. Faça ele saber que posso tardar, mas prometo livrar minha alma — murmurou Diogo.

Ele ficou de pé e distanciou-se do bandoleiro. A jovem apontou a garrucha para o rosto do homem e, com pulso firme, disparou.

À distância, a criança dos dentes pretos observava a cena, intrigada.



## ***11. Gregório***

Gregório de Muniz não esperou o dia amanhecer para dirigir-se ao quartel. Antes das quatro horas já aguardava a chegada do seu capitão e dos sargentos responsáveis pelas milícias e ordenanças. Confiava apenas no Regimento de Linha, composto por portugueses natos, mas diante do inimigo não podia abrir mão de um único homem — fosse ele reinol, colono, negro ou mulato.

Lamentava o estado de indolência que se apoderara da Casa de Câmara de Taubaté. Dos três vereadores, poderia contar apenas com Manoel Soares, embora o considerasse vacilante e adulator; uma combinação perigosa, pois o interesse do bajulador pende para o rumo que o vento sopra — e o tempo é sempre imprevisível. Armando Quintana professava uma infundável obsessão pelo divino e tentava administrar a vila com a perversão de um feitor. Já Tomé Barroso era um covarde e um burocrata — as duas piores nódoas no caráter de um homem.

O juiz também o preocupava. Alfonso Lisboa se opunha de maneira aberta e ferrenha à sua autoridade. As afrontas, antes restritas a ocasiões em que apenas os homens-bons estavam presentes, tornavam-se públicas, corroendo a reputação do próprio Gregório e de todo o Regimento. Mas o velho colecionava inimigos, o que poderia, em um momento futuro, render aliados — ainda que

fanáticos devassos e oportunistas, como Armando Quintana e Manoel Soares.

O capitão Ataíde não demorou a chegar, trazendo consigo os dois sargentos. Segundo em comando na vila e homem de total confiança de Gregório, reunia atributos que um dia o conduziriam aos postos mais altos do oficialato. Jovem, aluno brilhante de engenharia em Lisboa e filho de nobres portugueses, era a garantia que as ordens do mestre de campo chegariam a cada homem de Taubaté, mesmo às milícias mantidas pelos senhores de engenho e às indisciplinadas companhias de pretos e pardos recrutadas entre a população.

— Perdoe a demora, dom Gregório. Tardamos por que decidimos apurar as rondas noturnas. Dois cabos estavam a fornicar com uma mulata e uma negra nos fundos do mercado. Já mandei por ambos a ferros. — Como Gregório, Ataíde parecia sentir-se confortável no uniforme do Regimento, com sua casaca azul-marinho de botões dourados, botas de cano alto, chapéu tricórnio e peruca branca de fios alinhados.

— Solte os dois.

— Soltar? Mas... Vossa senhoria... Eles estavam de calças arriadas! E em vigília!

— Solte os dois. Talvez haja guerra, meu caro. Guerra, renhida e sanguenta, contra um inimigo sem alma, superior em número e conhecedor da terra. Não posso isentar homem algum de pelejar junto a seu Regimento. Se lhe agradar, tome nota dos nomes e puna a vosso agrado, depois que vencermos os bugres.

A repreensão de Gregório veio em tom fraternal, pois nutria por seu braço-direito a típica afeição dispensada a irmãos mais novos.

Levantou-se da poltrona, mantendo o alinhamento impecável — um retrato perfeito da marcialidade europeia. Caminhou até Ataíde e apoiou as mãos em seus ombros, sussurrando em tom malicioso:

— E bem sabe que o pecado desses lorpas não foi deitar com as pretas, e sim ser descoberto. Alguns até comentam vossa esfregação com uma mucama da mulher do almotacel, mas vosmecê é prudente, como um oficial de um Regimento de Primeira Linha deve ser. — O superior certificou-se que os sargentos não escutavam o diálogo: — Também não se deve desprezar a luxúria e a bruxaria que essas gentes cultivam tão bem. Uma noite passada em uma senzala seria o bastante para um visitador condenar todos os escravos à fogueira. Mas convém deixar a lascívia das negras e a fraqueza dos homens a padre Gonçalo — prosseguiu, sem disfarçar o desdém ao acomodar o corpanzil na poltrona. — Agora, tratemos de assuntos da Coroa.

O capitão e os dois sargentos empertigaram-se, como se as próximas palavras de Gregório merecessem da platéia a formalidade que acompanha os anúncios grandiosos.

— Todos nessa vila estão pávidos, acobardados e encolhidos. Ratos em uma toca. Mas esta não é uma toca. É Taubaté. E eu pretendo fazer o homem ordinário enxergar em nós o destemor que falta em suas autoridades. Minha posição por vezes é débil. Longe do vice-reinado pouco posso fazer. A Câmara é dominada por oficiais titubeantes. Minhas mãos refletem o desígnio de nosso rei, mas estão atadas ao arbítrio dos vereadores. — O mestre de campo ergueu os braços como uma figura sacra, por um instante suplicante e frágil. De súbito, abandonou a postura humilde e vestiu a inclemência de seu posto, petrificando o rosto barbeado à medida

que voltava a proclamar — Outras mortes ocorrerão, e minhas mãos seguirão imóveis. Então, o Conselho se curvará aos gritos dos homens e mulheres. Quando formos chamados, e eu prometo a vosmecês que seremos, supliciaremos os bugres sem alma que cercam Taubaté. Para cada um dos nossos que tombou tisonado, cem deles morrerão. A robusteza da Coroa nessa vila será um modelo para as outras, diante das revoltas dos gentios no norte e dos espanhóis ao sul.

— Vossa senhoria acredita que podemos creditar as mortes aos selvagens? No Conselho...

— Não cometa o mesmo erro que os cobardes do Conselho. A depender deles, Taubaté enfrentaria um cerco de bugres e arderia como uma fogueira. Mas esses bárbaros sabem que, mesmo em maior número, a pólvora fará pender a balança dos justos a nosso favor. Então, atacam à sorrelfa, emboscando os que vão às cercanias. Pretendem amedrontar o homem simples da vila para que abandonem essas terras. O que lograrão é provocar a Coroa e serem eles próprios banidos. Ou mortos.

— O que fazer, então?

— De quantos homens dispomos?

— Pouco menos de cento e vinte. Não é um destacamento mui numeroso, mas sem par na colônia — respondeu Ataíde, com nítido orgulho.

— E as milícias e ordenanças? Já disse que essa é uma luta de todos, até dos paisanos armados — O tom ríspido de Gregório constrangeu o capitão.

— Nas companhias de pardos e pretos, oitenta e tantos homens. E nas milícias, metade disso.

— Menos de duzentos e cinquenta... O número não traz alento, mas a história está repleta de momentos em que a mera vantagem do inimigo de pouco valeu. Por ora, não alerte a tropa. Apenas vá ter com os sargentos de confiança. Esclareça a situação e peça sigilo. Não pretendo inquietar a população ou favorecer os bugres.

— Reforço as rondas ao redor da vila?

— Ao contrário. Deixe essa incumbência com os quadrilheiros da Câmara. Que enfrentem o fogo dos bugres com suas burlescas varas verdes. Poupe nossos soldados até o confronto, que não tardará. E não permita que os mascates deixem Taubaté. Apreenda mercadorias e, se houver mister, prenda os infelizes na cadeia. Apenas por algumas noites. Se permanecerem soltos, em dias toda a capitania saberá da nossa inglória situação. — Gregório transmitia as ordens com clareza e sem pressa.

— Se o intento é afastar os viajantes, receio ser tarefa quase impossível. Taubaté é rota para as Geraes. Mesmo os que vão para os Goiases passam por aqui. São dezenas a cada semana — retrucou Ataíde, receoso. A intervenção do capitão, no entanto, foi recebida com satisfação pelo mestre de campo, que viu em seu subordinado um interlocutor sagaz.

— O que recomendaria, então?

Ataíde correu o aposento fracamente iluminado pelo candeeiro com os olhos, como se a solução estivesse pintada nas paredes. Depois de alguns segundos de hesitação voltou a encarar o superior e proclamou, sem disfarçar o orgulho pela própria astúcia.

— Faça chegar às vilas próximas que enfrentamos alguma moléstia, um mal que já matou vários. Isso manterá longe os tropeiros e mascates, poltrões que são.

— Bexiga. A notícia de uma irrupção de bexiga há de repelir os forasteiros — completou Gregório. Os dois se entreolharam e sorriram. — Mande soldados ao norte, até a paragem de Caassapaba, e ao sul, em São José de Pindamonhangaba e no Aldeamento da Escada. Que espalhem o boato da moléstia.

— E se algum dos viajantes não se acobardar e chegar à vila?

— Um tropeiro ou outro não é razão para desassossego, mas a depender do que ele assistir há de permanecer detido até derrotarmos os bugres.

Após a última instrução, o capitão manteve-se imóvel, ladeado pelos sargentos emudecidos. Gregório voltou-se para o grupo e fez um aceno de cabeça, imediatamente interpretado como uma ordem para que se retirassem. Os sargentos abaixaram o corpo em uma breve reverência e deixaram a sala, seguidos por Ataíde. Antes que o jovem chegasse à porta o mestre de campo o deteve, com um breve aperto no ombro.

— Descubra o que os membros do Conselho estão a tramar. Pergunte ao escrivão o assunto da reunião.

— Soube que o encontro foi cercado de sigilo. Gago sequer foi convidado.

— O que lhe sobra em determinação por vezes falta em argúcia e malícia. Nunca conheci um só servidor de Câmara que não seja também metediço. Nada é tratado lá sem que esse marrano saiba. Decerto, ele ouviu cada palavra dos vereadores.

— Não sei se ele reconhecerá a bisbilhotice. Mas posso obrigá-lo a confessar o que sabe, se vossa senhoria permitir...

— Não me desaponte, capitão — interrompeu Gregório, com impaciência. — Não se põe um servidor da Coroa a ferros e lhe

impinge suplícios apenas por que ele escuta por trás das portas. Vosmecê há de convencer sem usar força. Caso o escrivão alegue ignorância, ameace entregar o infeliz à Inquisição. Uma escrava rancorosa anda a espalhar pela vila que ele guarda os sábados e nesses dias veste a mulher com o mais faustoso tafetá. Mais um judeu convertido de meia pataca, mas o velho tremerá se julgar estar às portas do Santo Ofício.

Ataíde ouvia cabisbaixo as palavras de seu superior, sem coragem para encará-lo. Gregório afastou-se alguns passos e buscou os olhos do capitão, como se espreitasse uma toca onde um pequeno animal se escondesse.

— Comandar uma soldadesca ignorante não é tudo que espero de vosmecê. Já vi macacos na África obedecerem ao som de cocos e assovios. Quero que conheça os segredos dessas gentes. Ao menos, os mais proveitosos, como os encontros em que os peralvilhos chegados de Coimbra conjuram contra a Coroa. Mas isso será resolvido no tempo certo. Agora, quero vosmecê atento para aquela que é a maior ameaça.

O mestre de campo percebeu a vergonha no rosto do rapaz, mas manteve-se imperturbável. Com outro aceno de cabeça, dispensou-o. Uma vez sozinho, sentou-se na cadeira e fechou os olhos.

## ***12. A sombra do Jurupari***

A volta para a roça quase exauriu as forças de Amélia — nome da filha mais velha de Pero, como Diogo descobriu durante a caminhada. Em nenhum momento, no entanto, ela permitiu que o grupo diminuísse o ritmo acelerado da marcha ou parasse mais do que poucos minutos para descansar. Nos breves instantes de repouso as irmãs se afastavam e permaneciam caladas, fixando o mesmo ponto perdido na escuridão da mata, compartilhando em silêncio lembranças de horrores. Depois de uma hora a jovem pediu uma garrucha carregada. Diogo a atendeu e deixou que ela caminhasse ao seu lado e não recuada alguns passos, protegida pelos caingangues.

O que restou da tropa de resgate foi recebido como se regressasse de uma longa e vitoriosa guerra. O dia acabara de amanhecer quando os seis entraram na roça. Pero, Amador e André dispararam para abraçar as meninas e ao se aproximar depararam-se com os rostos tristes, o mancar, as manchas vermelhas nos panos que as envolviam, confirmando o medo dos mais velhos. Apenas André, na afoiteza e ingenuidade dos rapazes, correu para as irmãs. Beatriz ainda se manteve apática, mas Amélia por fim se entregou a toda revolta, vergonha e nojo que sentia e chorou convulsivamente. Pero acompanhava a cena à distância, sem coragem para consolá-las. Diogo o repreendeu com rispidez.

— Se suspeitasse que acolheria vossas filhas como um estranho teria deixado as duas com os bandoleiros.

— Esse é o maior dos pesadelos para um pai — respondeu Pero, devastado.

— O que aflige vosmecê em pensamento fere as raparigas na carne. Pense nisso.

Pero olhou para as filhas e arrastou-se em sua direção. Antes que as abraçasse, já chorava, seguido pelo irmão. A pequena multidão de índios se dividia entre acompanhar a comoção e acolher os seus, que também voltavam da odisséia. Diogo se aproximou do guerreiro mais velho do grupo e notou que estava ferido no rosto e no ombro. Os dois se admiraram por um longo instante, até o jovem acenar com a cabeça, deixando escapar uma reverência respeitosa. O caingangue anuiu em resposta e ambos sorriram com discrição.

Diogo sentiu-se esgotado. As oito horas de caminhada na mata e a excitação do combate o deixaram fadigado, e ele percebeu que precisava de descanso e comida. Arrastou-se até a longa mesa em frente ao casebre de Pero e foi recebido por Eulália, que caminhava com dificuldade, amparada por João. A mulher ainda estava fraca e não conseguiu falar. Limitou-se a acariciar o rosto do jovem com as mãos suadas e trêmulas, irradiando com o sorriso frágil mais calor do que o corpo debilitado.

O escravo espantou-se com a aparência do senhor e tão logo acomodou a mulher no banco de madeira apressou-se em trazer-lhe uma nova muda de roupa. Diogo caminhou até o rio, despiu-se e lavou o corpo, impregnando a água com sangue dos bandoleiros. Voltou para a mesa já vestido, onde se deparou com a família do português e os índios agregados. Amontoavam-se ao redor de uma

velha caingangue, que ficou paralisada ao vê-lo. Por alguns segundos o grupo permaneceu em constrangido silêncio. Pero levantou-se e estendeu a mão a Diogo.

— Toda minha gratidão nunca bastará para vosmecê. Faça a mercê de sentar conosco.

O jovem percebeu a apreensão nos rostos de cada um, exceto em seu anfitrião. A velha fechara os olhos, murmurando algo em tupi. Balançava o tronco atarracado para frente e para trás, como se rezasse.

— Não desejo ser ingrato, mas estou lasso e quero dormir. Mais tarde, decerto me juntarei a vosmecês.

— Como preferir. A casa de Amador é a mais arejada de todas.

Diogo caminhou até o casebre, sentindo a tensão esvair-se. A porta estava aberta e ele entrou, escolhendo a maior rede dentre as de vários tamanhos estendidas na morada de um só cômodo. Ouviu passos e se voltou. Era Amélia. Havia tomado banho, provavelmente em um tonel na intimidade do casebre do pai. O vestido longo e branco já tinha a barra suja do barro ao redor das choupanas.

— Perdoe minha família. Todos têm medo dos guaianás. Acreditam que algum possa ter evadido do pouso e alertado os...

— Não há razão para mentir. Eu trago mais apreensão para vossa família do que mil bugres — Diogo a interrompeu enquanto preparava a rede, mas sem demonstrar rispidez. Amélia abaixou os olhos, encabulada.

— Eles viram vosmecê ao chegar, banhado de sangue. Os guerreiros também contaram o fim que tiveram os brancos. Esses

gentios não são habituados a tanta sanha. Quando matam, matam por honra. Ou na guerra. Nunca por ódio.

— A bugra velha. O que ela disse? — perguntou, ainda de costas para Amélia. Mesmo sem ver o rosto da jovem, podia ouvir sua vergonha na respiração ofegante à medida que prosseguia com o interrogatório.

— É apenas uma anciã. Uma uainuy. Vosmecê não deveria...

Diogo voltou-se para ela com um semblante sério e, ao mesmo tempo, gentil. Um olhar duro e cândido, capaz de arrancar qualquer confissão.

— Ela disse que quando olha para vosmecê enxerga a sombra do Jurupari.

Ele manteve a expressão grave, e Amélia acreditou que não entendera o significado das palavras.

— Jurupari é...

— Eu sei o que é — respondeu, abandonando a amabilidade e encarando-a com a suspeição dos inquisidores. Lembrou-se das palavras de Ailã, cuspidas uma eternidade atrás. — E se eu dissesse a vosmecê que a bugra está certa? Que eu piso nas pegadas do Diabo e ele, nas minhas? Que sou um danado? O que diria?

— Eu diria que os caminhos de Deus são tortos. E que se Ele despachou um maldito para me livrar e a minha irmã, ninguém pode desdizer. Nem eu, nem vosmecê, nem uma uainuy — proclamou Amélia, antes de deixar a choupana.

Diogo deitou-se na rede, pensando no desabafo da jovem, mas a exaustão sugou o resto de energia que mantinha seus olhos abertos e a mente alerta. Dormiu, como não dormia há quatro anos. Um sono sem pesadelos ou sobressaltos. Acordou no meio da tarde,

refeito. Levantou-se e encontrou Pero sentado em uma banquetta grosseiramente talhada. Uma pata e seus filhotes fugiram quando o jovem se aproximou. O português abraçava um mosquete e acompanhava o trabalho de alguns índios, envolvidos na construção de uma paliçada ao redor da roça.

— Espero que tenha despertado faminto. Eulália dispensou a cozinheira e se pôs a preparar ela mesma uma ceia para vosmecê. João tem mãos abençoadas. Ela ainda está a convalescer, mas creio que não há mais risco. Agora, nosso único desassossego são os guaianás. Por isso, ordenei que levantassem a caçara.

— Uma decisão sábia. E a refeição será bem-vinda. Apenas quero comer aqui, na casa de Amador.

— Se o motivo de tanto recato é a uainuy, esteja à vontade. Ela pediu para deixar a roça e voltar quando vosmecê se for. Eu alertei que não retornasse antes do domingo — disse Pero, constrangendo Diogo com o já característico sorriso.

— Agradeço a hospitalidade, mas devo tomar o rumo de Taubaté o quanto antes. Parto logo após o anoitecer.

— Não receber com dignidade o homem que salvou minhas filhas apenas coroará meu infortúnio. Por favor, aceite minha roça como vossa pousada. Taubaté estará onde sempre estive. — Pero abandonou a cordialidade e, por um instante, foi apenas um velho cansado e suplicante.

— Dois dias, então.

— Dois dias. E trate de ignorar as sandices da índia velha.

Os dois permaneceram calados durante minutos, escutando o barulho do vento no milharal próximo e o som dos pássaros. O jovem julgou ter ouvido, misturado às gargalhadas dos filhos de

Amador, a risada de Inácio. Por instantes, se esqueceu de tudo: do pacto, da morte de Tiago, da jornada sem fim pelo sertão, da criança dos dentes pretos. Quis ser apenas um viajante desfrutando de hospitalidade de um colono no meio de uma terra hostil, mas convidativa. Foi quando Pero perguntou.

— Como eles morreram?

— Como mereceram.

Após um instante de silêncio conversaram por quase meia hora sobre as medidas defensivas que poderiam adotar para impedir novos ataques. Diogo sugeriu que além das cercas fossem construídos também mundéus e outras armadilhas indígenas. A caça ficaria a cargo dos nativos, de modo que André não fosse mais deixado sozinho com as mulheres. À noite haveria sentinelas armadas, sempre aos pares. Novos animais seriam criados na roça, diminuindo ainda mais a necessidade de aventurar-se na mata para procurar comida.

Uma índia veio avisar que a janta estava posta. Os dois caminharam até a mesa, e Diogo deparou-se com um verdadeiro banquete, preparado exclusivamente para ele. Sentou-se no banco de madeira acompanhado apenas de Pero e Eulália, que se deliciaram com a gulodice do visitante. Antes que Diogo terminasse de comer ela se despediu com um leve aceno de cabeça e entrou em sua casa.

— Vou chamar João. Já é noite e decerto vosmecê quer falar com ele antes de se recolher — comunicou Pero, ao fim da ceia.

Diogo agradeceu pela deferência. Embora o escravo recebesse tratamento de um convidado, ainda era propriedade de seu hóspede, que detinha sobre ele direitos aos quais não cabia a Pero

se opor. O português impediria que João fosse maltratado, mas nunca privaria o jovem de dar as ordens que julgasse necessárias.

— Onde ele está? Não pus os olhos nele desde que acordei.

— Enquanto vosmecê dormia ele alimentou vosso cavalo. Um belo animal. Também o vi no rio, lavando vossas roupas sujas de sangue. Carregou madeira para a caiçara e ajudou Eulália a semear em sua horta algumas drogas do sertão. Até os gentios se pasmaram com sua prática nos remédios dos paulistas — respondeu Pero, levantando-se e limpando o barro das mãos na calça, para em seguida completar, com uma malícia que destoava da afabilidade demonstrada até então. — Um deles ficou mui maravilhado. Uma rapariga, em verdade. Mas João não quis ir com ela até a aldeia. Não sem vosso permissão.

Diogo não pôde deixar de sorrir, sem acreditar no que ouvia. Pero, um insuspeito alcoviteiro! Em instantes, o português e o escravo voltavam. João, com o habitual olhar cabisbaixo e as costas envergadas, vinha alguns passos atrás. Ao se aproximar de seu senhor manteve-se encolhido.

— Nhô?

— Brabo está bem cuidado?

— Sim.

— E dona Eulália?

— Melhor. Nem tive de usar outro saca-trapo. O sesso dela...

Diogo o repeliu com impaciência. O escravo descobriu que deveria ser breve nos detalhes íntimos diante do marido de Eulália e lamentou a própria falta de bom senso. O semblante sereno de Pero, no entanto, o tranqüilizou.

— Dom Pero disse que vosmecê se engraçou por uma bugra. É verdade?

A pergunta pegou o português e o escravo de surpresa. Nenhum dos dois esperava que Diogo dispensasse os rodeios. João olhou para o anfitrião, que desviou o rosto na direção de uma fogueira. O negro continuou calado, esperando que seu silêncio fosse interpretado como uma resposta afirmativa. Pero dava ordens para os índios, tentando ocultar um sorriso.

— Vá, João. Leve essa bugra para os matos.

O escravo debandou com uma rapidez surpreendente, não temendo que o senhor se arrependesse da concessão ou para desfrutar logo da companhia da índia, mas por já estar suficientemente encabulado.

Diogo e Pero se entreolharam e sorriram.

— Por Deus, alguém tem de povoar essa terra! — disse o anfitrião, dirigindo-se para seu casebre e dando o dia por encerrado. — Pode dormir na casa de Amador. Ele vai se acomodar com os caingangues.

Depois que o português se recolheu Diogo ainda permaneceu sentado por quase duas horas, estudando em silêncio as medidas defensivas. Logo, o céu escureceu por completo. A fogueira no centro da roça e as tochas distribuídas estrategicamente pela área eram as únicas fontes de luz. Ele se levantou e caminhou até a casa de Amador, fugindo dos mosquitos que já dominavam tudo ao redor em enxames ruidosos.

Correu o chão e as frestas da parede de trapiche à busca de cobras e deitou-se na rede, certo que as horas de sono recente iriam deixá-lo desperto até o amanhecer. Pensou em João e na abstinência

de cinco anos que impôs a si próprio. Lembrou-se vagamente do rosto da mãe de Tiago e das negras do engenho, em especial das duas preferidas, que deixara de visitar um ano antes do pacto. Em poucos minutos já ressonava, ignorando a companhia da criança dos dentes pretos, que permaneceu ao lado da rede por toda a noite iluminada pela chama sempre imóvel da vela.

## ***13. Catarina e Miguel***

De onde estava agachada, oculta pelo breu da madrugada e por uma pilha de sacos de milho, Catarina acompanhava a cena à distância. O embuste, embora ingênuo e arquitetado por uma mucama simplória, foi assustadoramente eficiente. A mulata e a negra passaram, alegres e suadas, pela dupla de soldados, mesmo sabendo que não deveriam caminhar por Taubaté àquela hora. Equilibravam na cabeça jarras de água coletada no chafariz público e traziam nas mãos cestos com feijão e cachos de banana. Ambas eram belas, jovens e provocantes — uma combinação nunca desprezada pelos soldados reinóis enviados à colônia.

Pararam para o que Catarina supôs ser um cumprimento — a quase vinte metros era impossível ouvir cada palavra — e abriram um sorriso lascivo. Os soldados riram e responderam com carícias no ombro das mulheres. A gola do vestido da mulata, intencionalmente frouxa, escorregou para mostrar um seio volumoso e dilatado pelo leite ainda preso. Alimentado pela complacência o rapaz se aproximou, puxando com facilidade a roupa até o chão e revelando o corpo nu, torneado e de pele lustrosa. Todos gargalharam e se assustaram com o eco das risadas nas ruas desertas. O grupo buscou então abrigo no beco atrás do mercado, deixando no chão jarras, cestos, mosquetes, sabres e tudo mais que pudesse ser

obstáculo aos poucos minutos de privacidade sonhados pelos militares.

Em outras circunstâncias o teatro encenado por sua escrava com a ajuda de uma cunhada seria motivo de graça. No entanto, Catarina apenas ficou aliviada por poder caminhar pelas ruas sem ser abordada ou presa. A farsa também lhe causou raiva diante da constatação que todos — homens, mulheres, índios, brancos, negros ou mulatos — eram prisioneiros da luxúria. Ninguém estava livre desta que, para Catarina, era a verdadeira servidão que apodrecia e movia a colônia. Nem ela. Nem os supostos mensageiros de Deus.

Levantou-se do esconderijo e seguiu, escorando-se nas paredes das ruelas de terra batida fracamente iluminadas pelos tocheiros. Tinha o cuidado de procurar outros soldados ou quadrilheiros antes de avançar, encolhida como um animal atento. A palidez do rosto e a brancura do vestido a transformaram em um espectro movendo-se com a leveza típica dos fantasmas. Depois de alguns quarteirões chegou ao seu destino: a Igreja Matriz de São Francisco das Chagas.

Quase três horas antes do nascer do sol a praça ao redor da construção parecia deserta. Olhou para os lados, certificou-se que estava sozinha e caminhou até a escadaria principal. Já imaginava a maciça porta de madeira trancada, mas ainda assim tentou forçar o pesado trinco de ferro. Desceu a escada, circundando a igreja e caminhando na ponta dos pés em direção aos fundos, onde ficava a única entrada externa para a sacristia. Ao contrário da maior parte das ruas de Taubaté, o terreno em torno do templo era recoberto por pedras — deferência reservada apenas a poucos prédios. Catarina, entretanto, estava descalça e não temia causar barulho ao pisar. Ouviu um grito de mulher, vindo de algum lugar na escuridão,

e imaginou se outro infeliz se aventuraria sozinho na madrugada. Sem muito esforço concluiu que não. De todas as três mil e tantas almas da vila, nenhuma era tão desgraçadamente maldita quanto ela.

A porta da sacristia era menos reforçada do que a entrada principal, mas também havia sido trancada. Não causava surpresa que até os sacerdotes buscassem a segurança atrás de ferrolhos e trincos. Com a descoberta de ouro nas Geraes e dos diamantes nos Goiaes, o sertão virou rota de passagem para aventureiros da pior espécie, e os roubos tornaram-se corriqueiros — mesmo em locais sacros. A ação dos quadrilheiros, que percorriam as ruas pateticamente brandindo suas longas varas verdes, não era suficiente para reduzir os crimes.

Catarina voltou a forçar a porta, que apenas rangeu. Pensou em esmurrá-la e exigir passagem, mas o descontrole apenas faria com que fosse descoberta e jogada na cadeia. Resignada, apoiou as mãos na madeira e sentiu uma imensa fadiga chegar. Ajoelhou-se e chorou. Um ruído dentro da sacristia chamou sua atenção. Um arrastar de pés acompanhado de um leve trincar. Alerta, encostou o ouvido na porta. Escutou uma respiração tensa e abafada, mas que soava forte como uma ventania encanando em um corredor.

— É vosmecê que está aí? — sussurrou Catarina.

A respiração se acelerou, e ela teve a certeza que se tratava da pessoa certa.

— Não vá. Quero me confessar. Não é com isso que vosmecês lidam? Se não lograr salvar a mesma alma que desgraçou, apenas me escute.

— Vosmecê veio a mim.

— Calado, padre. Ouça meu pecado e dê minha penitência, como um sacerdote. Ou saia e me enfrente, como um homem. Vosmecê não pode ser as duas cousas.

Novamente, o silêncio. Catarina considerou a pausa como uma concordância.

— Padre, dê vossa benção porque pequei — disse, com as mãos contritas.

— Que o Senhor esteja em vosso coração e em vossos lábios para que se arrependa e confesse — murmurou o homem, vazio e constrangido.

Foi a vez de Catarina calar-se por alguns segundos antes de começar a falar.

— Tentei um padre. Tentei porque ele era o único dentre os brutos dessa vila maldita que não me provocava repulsa. Porque tenho desejos e desde a morte de meu marido me privo do gozo.

Catarina crispou os dedos com tamanha força que as unhas já deixavam marcas na pele muito branca. Atrás da porta, o estranho arfava, irrequieto e perturbado.

— Tentei porque ele me cobiçava. Porque me prometeu com os olhos mais prazer e carinho que mulher alguma jamais recebeu. Tentei porque ele queria ser tentado — concluiu, elevando sem perceber o tom da voz, que há muito deixara de ser um sussurro.

— Não é verdade! Eu nunca quis encantar vosmecê! E nunca prometi nada! Vosmecê veio a mim, despida de vergonhas e sequiosa do que eu não podia dar!

— Mas me deu, padre!! Me deu tudo o que eu pedi e tudo o que vosmecê também queria!! — Catarina agora quase gritava, arranhando a porta.

— Se prosseguir com esse alvoroço dormirá na cadeia. E ninguém acreditará em vosmecê.

— Me deu deleites esquecidos!

— Calada! Desgraçará nós dois!

— Me deu esperança!

— Se não for embora, mandarei buscar o mestre de campo em pessoa para por vosmecê a ferros!

— Me deu um filho!

O homem emudeceu. Do outro lado da porta podia escutar com clareza o soluço da mulher e o som das unhas na madeira. Passaram-se alguns segundos antes que ele voltasse a falar.

— Vosmecê está prenhe?

— Estava. Arranquei a criança com ajuda de uma bugra.

Ela fechou os olhos e pôde sentir que o padre havia se prostrado no piso da sacristia, buscando apoio na porta com os braços estendidos. Catarina encostou as próprias mãos na madeira, alinhando-as onde sabia estarem as do homem, como se as tábuas que os separassem tivessem se tornado translúcidas.

— Eu amava vosmecê — disse, devastada.

— O que nos governou não era amor. Sou fraco e não ousou dizer o nome. Reconhecer minhas culpas não vai salvar vossa alma depois do que fez com essa criança.

— Se crê que minha maior danação foi matar no ventre o fruto da minha luxúria com um homem santo, se ilude como um tolo. Já estou condenada às profundezas, mas não por sangrar nosso filho.

As palavras de ódio de Catarina, cantadas em meio ao que ele julgou ser uma risada doentia, o fizeram recuar da porta. Ele quis

saber o que ela pretendia dizer. A pouca coragem, porém, desanuviou e fugiu.

— Não pode se esconder para sempre. Meu tempo nessa terra se encurta, e o Juízo Final se avizinha para mim. Mas prometo, como um dia amei vosmecê, que não vou cavalgar sozinha para os braços do demônio. Serei vossa montaria para o inferno.

Antes que ele pudesse perguntar o significado da ameaça pressentiu Catarina deixar o confessionário forjado para aquela única noite. Estava amedrontado e confuso, mas ao mesmo tempo aliviado com o fim do encontro.

— Padre Miguel! O que está a fazer ajoelhado no escuro? A soleira da sacristia não é o lugar para meditações!

O homem se assustou com a brusca interrupção de seus devaneios. Ele se levantou e tentou se recompor, enxugando a transpiração que minava da testa com mãos ainda mais ensopadas. Padre Gonçalo aproximou a vela do rosto juvenil e detectou apreensão nos olhos azuis arregalados.

— Levantei para as orações das *laudes* e pensei ter escutado alguém a forçar a porta. Corri para cá e fiquei agachado no escuro para surpreender o invasor, mas devo ter sido iludido por meus ouvidos — respondeu o jovem, surpreso como a mentira pareceu convincente.

— E o que faria caso se deparasse com um malfeitor determinado a roubar a igreja? Ou pior: um bando deles, e armados? Meu rapaz, deixe a vigilância das ruas a cargo dos quadrilheiros, que para isso são pagos. Já foi uma árdua tarefa convencer vosso avô a permitir que se juntasse a nós. Nada pode

acontecer a vosmecê. Não enquanto eu for o responsável por essa freguesia.

— Perdoe, padre. Não costumo ser imprudente.

— Como já está desperto e pouco passou das *laudes*, me juntarei a vosmecê nas orações.

O jovem sacerdote concordou e seguiu o superior. Após poucos passos recuou em silêncio e, certificando-se que a porta estava firmemente trancada, desapareceu no interior da igreja escura.

## ***14. A inveja que corrói***

Diogo acordou ao nascer do sol, depois de outra inacreditável jornada de sono. Após aquecer o corpo com uma caneca de aguardente e devorar alguns pedaços de batata-doce, juntou-se a Pero, Amador, João e aos índios na extenuante tarefa de fortificar a roça. O escravo mal disfarçava o contentamento pela noite passada com a caingangue — pouco mais que uma menina, precoce como muitas de sua tribo e maliciosamente acanhada ao se defrontar com os olhares gulosos do negro.

Pouco antes das dez horas Diogo sentou-se à mesa com toda a família de Pero para o almoço, tendo ao lado João. A índia comia uma farinha de peixe junto às outras da tribo, dividindo a mesma gamela. Das seis, era a única a não vestir a túnica branca, incitando às claras o desejo do novo companheiro.

— Se com apenas um grão vosmecê avivou o cio dessa bugra, penso o que faria com dois.

João sorriu de volta, ignorando a provocação de Diogo.

Pela primeira vez desde que foi resgatada Beatriz saiu de dentro da casa e juntou-se à família na mesa. Sentada entre o pai e a mãe, tornara-se uma criança envelhecida antes mesmo de completar doze anos. Tentava sem sucesso corresponder aos afagos de Pero e Eulália com um sorriso vazio.

O dia foi todo dedicado às obras na roça. Terminado o almoço, Diogo e os homens completaram a paliçada em torno da área onde estavam as casas e as plantações mais próximas. Os caingangues percorreram as aldeias e propriedades vizinhas alertando sobre a iminência de um ataque guaianá. João passou horas cortando troncos para um estoque de lenha que o ultrapassou em altura e, se usado com parcimônia, demoraria semanas para ser consumido.

O grupo parou apenas às quatro da tarde para a janta. Eulália preparou um leitão, e as índias se encarregaram de assar vários peixes em um braseiro rente ao chão de terra. Enquanto as mulheres carregavam as gamelas com feijão, mandioca e toucinho, Diogo pediu a Amélia que chamasse o pai. Pero não demorou a aparecer, acompanhado de Amador e da filha. O jovem, que ajudava João a empilhar a lenha cortada, fez uma pausa no trabalho e sentou-se em um tronco limpando o suor da testa.

— Deve tirar vossas filhas dessas terras.

Pero reagiu com naturalidade, como se já aguardasse que o assunto fosse colocado em algum momento.

— Não pretendo ignorar que o pensamento me ocorreu. Algum dia os guaianás atacarão novamente, e não estou seguro que nossas providências servirão. Os bandidos também me desassossegam. Outros podem vir, para vingar os primeiros. — Olhou com carinho para Amélia, que acompanhava inquieta a conversa, e prosseguiu: — Tenho parentes em São Vicente e pedirei a eles a mercê de acolher as duas até...

— Não falo de vossa roça. Falo da colônia. Aqui não é lugar para raparigas como elas. É uma terra bruta. Não entendo o que esposas

e filhas fazem nesse inferno cheio de selvagens, feras e assassinos. Se quer bem a elas, tire as duas daqui.

— Ao lado da família! É onde uma filha deve ficar!!

— Em um lugar onde não sejam desonradas e mortas, é onde devem ficar — retrucou Diogo, sem se importar com as lágrimas que surgiram no rosto de Amélia. — O que vossa roça reserva a elas, além de pais carinhosos e dignos? Vosso amor não tornará essa colônia menos bárbara. Se quer bem a elas, despache as duas para Portugal, onde terão uma vida longe de bugres e degredados.

— Mesmo se desejasse, como faria? Não sou homem de posses!

— Mas eu sou — Diogo retirou de baixo da camisa suada a pequena bolsa recheada de dobrões e pedras arrancadas do corpo do bandoleiro. — Isso deve bastar. Para a viagem de volta, o sustento com parentes e, com alguma provisão, até para um pequeno dote. — O jovem despejou parte do saque na palma de Pero. Ouro e moedas caíram no chão. Os irmãos arregalaram os olhos, incrédulos. — Guarde um pouco para vosmecê. Há de precisar de pólvora e armas.

Amador não continha o êxtase diante da pequena fortuna transbordando daquela cornucópia de couro cru. A resistência, como previsto, partiu de Pero.

— Isso veio daqueles malditos? Prefiro arrancar um braço a tocar na riqueza de quem causou mal à minha família!!! Isso veio deles?!

— Não, dom Pero. Como já disse, sou homem de posses. Minha família é dona de engenhos em Itu. Cada dobrão em vosso poder é meu.

Pero voltou-se para a filha, que trocara a dor da lembrança pelo desconforto diante do embuste.

— Amélia?

— Nada sei, senhor meu pai — respondeu, constrangida. — Devia acreditar em nosso hóspede. Ele já deu palavra.

O português olhou resignado para o jovem, que lhe entregou a bolsa com o restante do dinheiro. Diogo aproveitou o breve momento de silêncio e deixou o grupo em direção à mesa já posta, a fim de evitar outras perguntas e novas mentiras. Antes, disse, com indisfarçável escárnio:

— Fico feliz que tenha aceito minha oferta, dom Pero. Não me agradaria ver vosmecê cumprir sozinho a promessa de arrancar um braço.

Amador avançou bufando, esquecendo-se por um instante da riqueza há pouco recebida.

— Ora, meu irmão! Não sabe diferenciar a troça tola da ofensa? — intercedeu Pero, diante do riso de todos, inclusive Amélia e João. Amador pareceu convencido a não expor novamente suas desavenças com Diogo e juntou-se ao resto da família na janta.

Trabalharam até o início da noite sem outras interrupções. Com o corpo dolorido após mais de doze horas de esforço, Diogo tomou banho no riacho próximo e recostou-se na parede da casa de Amador. Uma índia de meia idade, auxiliada por uma multidão de filhas e netas, começava a preparar a ceia com a última refeição do dia. No entanto, ele já decidira dispensar qualquer alimento. Encerraria a jornada com um gole de aguardente e, antes que fosse coberto por uma nuvem de mosquitos, deitaria cedo para enfrentar com disposição a marcha da manhã.

Ainda não havia se levantado quando avistou a silhueta curvada de João, com o costumeiro arrastar de pés. Acocorada na folhagem

à beira do riacho a Índia o aguardava.

— Onde está Inácio? Pouco o vi nesses dias.

— Com as outras crianças. Os filhos de dom Amador logo se agradaram dele.

— E vosmecê quer passar outra noite com aquela bugra libertina?

A pergunta novamente desconcertou o escravo, que apenas abaixou os olhos. Diogo insistiu, dessa vez com menos cordialidade na voz.

— Não é pela hospitalidade de Pero que vosmecê deixou de ser peça minha. Responda.

— Se nhô não malquerer...

Antes que percebesse, o jovem foi consumido por uma inveja corrosiva. Mesmo domado e amedrontado, escondido atrás de uma pose de submissão construída com cuidado, João ainda possuía duas coisas que haviam sido negadas a Diogo: desejo e descendência.

— Dispense a rapariga e trate de dormir. Amanhã partimos cedo, e vosmecê só me é de valia repousado. E veja se Brabo precisa de algo antes de deitar.

Diogo se levantou e entrou na choupana, dando as costas para a frustração e o ódio que congelavam o rosto de João. Já se preparava para acomodar-se na rede quando percebeu que a chama da vela se petrificara. Os pelos do corpo se ouriçaram.

— A bugra do preto já está prenhe sem saber. E esse bastardo não é o primeiro. Antes, já contei dois, feitos quando vosmecê dormia, a sonhar com Tiago. Enquanto mata à larga, ele enche a capitania de mestiços, mesmo castrado. É isso que vosmecê, que

matou vosso filho, tanto cobiça? As crias de João? — perguntou o Diabo.

Mecanicamente, Diogo continuou a preparar-se para o repouso, iluminando o aposento com o candeeiro à busca de cobras. Em seu íntimo, porém, sabia ser verdade cada palavra da criança dos dentes pretos. Mas recuar de sua decisão significaria render-se diante daqueles que nunca poderiam presenciar suas fraquezas: seu inimigo e seu escravo. Deitou-se e tentou relaxar. De olhos fechados, ouviu a voz provocativa e fina, em algum ponto acima de sua cabeça.

— Durma, dom Diogo. Durma e sonhe com o som de Tiago tombando no canavial. Ou, se lhe aprouver, com vossa mina, que o espera, virgem.

O jovem cerrou as pálpebras com mais força, tentando manter-se desperto na noite quase eterna que apenas começava.

Antes do amanhecer já estava de pé, exausto e com a cabeça dolorida após horas lutando contra o sono e os pesadelos. Saiu da choupana e deparou-se com João, ao lado de Brabo e das mulas. Inácio, assim como o pai, o esperava montado em um dos animais. Atrás da tropa, Pero, toda sua família e uma imensa comitiva, que reunia também vários índios de todas as idades. Calculou mais de vinte pessoas diante do casebre para a despedida. Eulália se aproximou com o marido, trazendo nas mãos uma caneca de barro com leite e um pão de milho. Diogo aceitou e olhou para João, imaginando que pai e filho já estivessem alimentados. Ele comeu de pé, onde estava, e devolveu a caneca vazia à mulher.

— Espero que tenha repousado a contento, dom Diogo. João abasteceu as mulas com comida bastante para alguns dias. E

também sal e pólvora.

— Fico grato. Hospitalidade como a que encontrei aqui somente soube de autoridades a cruzar a colônia.

— Coragem e abnegação como a vossa apenas ouvi em relatos sobre homens santos.

— De santo nada tenho. Se soubesse a verdade sobre mim não me deixaria pisar nessas terras.

— Então, não me conte.

Os dois deram as mãos em um aperto sincero. O jovem caminhou até Amador e também o cumprimentou, recebendo um olhar ressentido. Diogo voltou-se para Eulália e suas filhas, fazendo uma breve reverência. Ao lado da irmã, Beatriz acenou, no que parecia ser o primeiro sinal de sanidade dos últimos dias. Amélia estava alguns passos atrás do pai. Já recuperara a vivacidade característica das adolescentes e sorriu para seu salvador. Jovial e bela, mas ainda deslocada diante da brutalidade da terra.

— Prometa que despachará as duas para o reino, na próxima embarcação que deixar a colônia.

— Se é verdade o que vosmecê me diz sobre o dinheiro...

— É verdade. O dinheiro era meu e agora é vosso — respondeu, buscando alguma hesitação nos olhos muito azuis da jovem. Para seu espanto, encontrou em Amélia mais segurança do que em si próprio e teve a certeza que ela nunca revelaria o segredo.

— Então, tem minha palavra. Apenas lamento que vá embora sem dizer o que o trouxe a essas bandas.

Diogo permaneceu imóvel durante alguns segundos, escolhendo as palavras.

— Persigo quem matou meu único filho e desgraçou minha vida — murmurou, controlando a inquietação de Brabo ao pressentir o regozijo da criança dos dentes pretos, que surgira ao lado de uma das mulas.

A revelação pegou Pero de surpresa. O velho olhou para o forasteiro com piedade e pôs a mão em seu ombro, confortando-o como um pai.

— Encontre o desgraçado e mande para as hostes do demônio, que há de acolher o infeliz — rosnou Pero.

— É o que tento há quatro anos — disse Diogo, já montado em Brabo e deixando claro que pretendia dar a conversa por encerrada. O português compreendeu e cumprimentou João com um forte abraço. Eulália caminhou com dificuldade até ele e acariciou seu rosto marcado pelo ferro, surpreendendo até Pero, que não esperava tamanha demonstração de afeto. João respondeu com um comedido beijo na mão ossuda da senhora. O escravo vasculhou a multidão de índios que os cercavam e encontrou a companheira de apenas uma noite. Os dois sorriram e trocaram acenos discretos. Diogo bateu com os calcanhares suavemente na barriga do cavalo quando foi abordado pelo velho.

— Não quero mais molestar vosmecê, mas tenho uma última pergunta. Por que nos ajudou? Poderia apenas pousar na beira do riacho, seguir vosso rumo, e preferiu resgatar minhas filhas, sem sequer conhecer a mim ou minha família. Não lamento a decisão, mas desejo compreender vossos motivos.

Diogo puxou as rédeas de Brabo e voltou-se para seu anfitrião. Aos olhos do português, por um breve instante, o jovem e seu cavalo — determinados e imóveis — se transformaram em uma

imponente estátua, iluminada pelo sol amarelado das primeiras horas.

— Meu filho colocou vosmecês em meu caminho, dom Pero. Eu não escolhi salvar vossas filhas. Tiago escolheu — respondeu, retomando a marcha da tropa sem olhar para trás.

## ***15. Os Brasílicos***

O sol já estava quase a pino quando os três rapazes cruzaram apressadamente as ruas empoeiradas de Taubaté. Filhos de ricos proprietários e educados em Lisboa, frutos ilustres da terra, viviam o paradoxo de ser o que de melhor a colônia produzia, mas proibidos de escalar a arcaica e injusta estrutura social herdada das Cortes.

Martim Negreiros, o mais velho do grupo, voltara no verão passado da Faculdade de Direito de Coimbra, para onde fora mandado pela família ao completar dezenove anos. Os outros dois — Domingos e Bartolomeu de Vidal — eram irmãos separados apenas por um ano de diferença e haviam feito o mesmo caminho do colega.

Jovens, bonitos, ricos e cultos. Por isso, atraíam os olhares das mulheres da vila — solteiras ou não. O que os preocupava, no entanto, era a atenção que as autoridades de Taubaté começavam a lhes dispensar. Passeios, conversas e amizades eram monitoradas à distância por soldados ou paisanos que não conseguiam sequer disfarçar o interesse pelas atividades do grupo. Frequentemente sentiam-se alvo da curiosidade do mestre de campo, que interrogava escravos, comerciantes e quem mais conhecesse seu cotidiano.

Os três abriam caminho entre carros de boi, mucamas com cestos equilibrados nas cabeças, negros e seus patrões conduzidos em cadeirinhas em um tedioso e incômodo sacolejo. Ignoravam as

fezes de animais que sujavam as ruas estreitas, as poças de lama e os veios de água malcheirosa correndo ao largo das casas. Também não perceberam os olhares e sorrisos de jovens ainda descomprometidas a caminho da Igreja de São Francisco para as orações das *sextas*, em um raro momento longe dos pais e escoltadas apenas por suas amas alcoviteiras. Uma multidão de escravos vendia frutas, bolos e grãos em tabuleiros e cestos. Outros se aglomeravam ao redor de um chafariz para encher seus potes, enquanto uma tropa de crianças levantava terra em suas brincadeiras. Por duas vezes tiveram de parar para enxotar porcos ou dar passagem a tropas de mulas.

O sino da igreja tocou, chamando os fiéis para a missa e marcando o meio-dia. Apressaram o passo para fugir de um remoinho de moscas que zuniam perto de uma carcaça de boi exposta na calçada em frente a um açougue. Respiraram aliviados ao deixar para trás a algazarra e o fedor das ruas estreitas e se aproximar da amplitude ao redor do pelourinho. Por outro lado, sentiram-se visivelmente incomodados ao ver a Casa de Câmara guardada por um pequeno destacamento de soldados do Regimento. Domingos e Bartolomeu abaixaram a cabeça, amedrontados. Martim manteve o rosto levantado, desafiando a construção com os olhos.

O trio seguiu com as passadas largas e sincronizadas, como uma marcha ensaiada. Viraram em um beco à esquerda. Martim, assumindo o papel de liderança que a idade e o ímpeto lhe conferiam, bateu à porta. Um rapaz, não muito mais velho que os dois irmãos, apareceu. Seguiram o anfitrião por um corredor apertado até um quarto amplo, onde seis outros jovens os aguardavam.

— Não vejo em vossos semblantes o frescor e a ousadia da juventude. Se suspeitasse que meus companheiros seriam tão taciturnos teria permanecido nas Cortes. Lá ao menos existe júbilo nos rostos. Em Paris, em cada rua há um folgado. Sem mencionar as francesas, mui alinhadas se comparadas às pretendentes daqui, que vertem suor e cheiram como bugras. Ou as marranas, que ao menos têm dote vantajoso — disse um dos rapazes.

— Então, volte para as Cortes, Tomás. Assim, ganhamos nós e vosmecê — retrucou Martim, impaciente.

— Calma, meu amigo. Se não, haveremos de mudar nosso título. De Academia dos Brasílicos a Academia dos Esfola-Caras.

— Sequer gosto do nome. Podemos evocar a imagem de canibais nus recém-chegados de Lisboa. Sugiro substituir Brasílicos por Iluminados. Ou Escolhidos — ironizou o rapaz à esquerda.

— Coloquemos em votação. Não há quem se oponha, pois estamos batizados como Academia dos Iluminados.

— Escolhidos.

— Outra sugestão?

Martim esmurrou a mesa, provocando um estrondo na sala. Todos se calaram. A fita de seu rabo de cavalo se soltara e veias grossas corriam pelo rosto. Esperou até certificar-se que não seria mais interrompido. Prendeu o cabelo e limpou o suor da testa com os punhos de renda que brotavam da longa casaca azul.

— O momento é mui grave para troças ridículas. Ou vosmecê encontra motivo para riso no cerco de Gregório de Muniz a nossas reuniões? Talvez considere burlescas as ameaças do mestre de campo, que promete sangrar cada gentio daqui até São Vicente. Ou veja gracejos nos corpos tismados que surgem a cada semana. — O

discurso acuou cada um dos espectadores, que se encolheram em suas poltronas.

— Garanto a vosmecê que nossa modesta sociedade literária é a menor das preocupações de Gregório. Para esse fim, ao menos os ataques dos bugres bastaram — retrucou Tomás, agora em tom sério.

— Primeiro, não estou certo que os ataques sejam obra dos nativos. E há muito a Academia dos Brasílicos deixou de ser um mero grêmio de leitura. Sequer me recordo quando nos debruçamos pela última vez em algum livro — proibido ou não. Se passaram menos de dez anos do nascimento da Academia dos Esquecidos em São Salvador, e desde então a Coroa tem sido mui pouco tolerante com ideias como as que professamos. Para a Corte, um punhado de colonos juntos já é uma provocação. Se forem letrados, então, temos uma conjuração — rebateu Martim.

— Do que tem medo, caro amigo? Enquanto carregarmos nossos sobrenomes não há o que recear. Desde que evitemos parvoíces — intercedeu um dos rapazes, até então calado.

— Responderei do que devemos ter medo. De desgraçar nosso nome, da vergonha, do banimento, até da prisão.

— Ninguém deve temer represália alguma, Bartolomeu. Não tanto por força de estirpe, mas pelos dobrões que nossos pais estarão sempre dispostos a despejar nos bolsos de algum nobre de gostos extravagantes — rebateu Tomás.

— Não fui mandado conhecer as leis em Coimbra para ser enxotado das minhas terras. Ou ter minha liberdade comprada, como um dos meus escravos — insistiu o mais velho dos irmãos Vidal. Martim limpou a garganta, pedindo a palavra.

— Concorde com vosmecê. Nenhum de nós foi despachado para Portugal para trazer dissabores a nossas famílias, mas sim para um dia pôr fim aos abusos da Coroa! Qual dentre vosmecês considera justa a maneira como Nossa Majestade nos afasta do governo dessas terras? Ou como nos sufocam com tributos apenas para alimentar bocas na Corte? Até o sal nos proibiram de produzir! Lisboa despeja seus alvarás e ordens régias sobre um povo que já provou mais de uma vez seu valor, lutando lado a lado com os portugueses contra invasores! E de que nos vale a bravura? De nada! Nos Regimentos, nenhum de nós irá além de alferes. E desde março os juízes estão impedidos de se casar com as nascidas aqui. Não advogo em nome das negras ou mestiças, mas das mulheres brancas. Como as minhas irmãs! Ou as vossas, que agora, aos olhos da Coroa, não prestam para esposar magistrados. Servem apenas para deitar com eles e dar filhos bastardos, a dividir o mesmo farnel com pretas e bugras! — berrou, para em seguida repetir o apelo, dessa vez apontando para cada um dos colegas de academia. — O mesmo farnel!!

Todos se calaram. Certo de ter atraído a atenção dos amigos, circundou a mesa e sentou-se em uma cadeira vazia, sem tirar os olhos em nenhum instante dos outros rapazes. A expressão de cólera, no entanto, não resistiu à impotência que se seguiu, e ele admitiu, resignado:

— Mas confesso que não sei o que podemos fazer para pender essa balança enferrujada a nosso favor e conquistar o respeito de El Rei.

— A situação não é melhor nas colônias da Inglaterra e da Espanha.

— Um ato iníquo não deve ser tolerado por ser comum — retrucou Domingos, surpreendendo alguns dos presentes pouco acostumados a ouvir sua voz.

— Mais importante do que denunciar a intolerância é revelar o valor das gentes dessa terra, e dos que para aqui vieram atendendo ao justo apelo da Coroa. Devemos exigir ser tratados como leais súditos, não como mestiços ou degredados — interrompeu um dos rapazes.

— Devemos, sim, exigir liberdade. Mas como, se a negamos a cada negro e gentio?

— Ora, ora, temos um inconfidente, e logo no seio dos Vidal.

— Não impute a meu irmão o vício da traição ou diminua a honra de minha família — disse Bartolomeu com rispidez, sem, no entanto, se convencer com as próprias palavras.

— Não acuso ninguém, mas tampouco testemunharei essa academia fazer corte à sedição.

O silêncio voltou a abafar a sala. Martim encheu uma caneca com água de um pote de barro colocado em cima da mesa e foi imitado pelos irmãos Vidal.

— Rixas apenas nos manterão longe dos nossos propósitos. Nenhum de nós nesta sala é o inimigo — intercedeu o jovem, retomando a discussão.

— Então fale, Martim. Qual nosso intuito e quem é o inimigo? — provocou Tomás.

— Nosso propósito se modifica a cada dia. No momento, é evitar atrair a sanha de Gregório de Muniz e de seus cães. E nosso inimigo é todo aquele que nos considera indignos de auxiliar no governo dessa colônia, uma terra tão nossa quanto dos homens- bons dessa

vila — respondeu com altivez, não deixando dúvidas sobre os motivos que o conduziram à liderança do pequeno grupo.

Tomás fez um aceno quase imperceptível, dando o debate por encerrado, e perguntou, enquanto enchia sua própria caneca com água:

— O que fazemos agora? Confesso que não sei se devemos de tomar mais precauções, já que a vila está mui agitada com as mortes.

— Concordo com vosmecê quando diz que Gregório tem outras cousas a lhe ocupar a cabeça, mas não devemos nos enganar com a frouxidão do laço no pescoço. Evitemos novas reuniões, ao menos por enquanto. Os olhos e ouvidos do mestre de campo estão em toda a Taubaté. Cuidado com os escravos e curiosos. Se os pretos se apeteçam em denunciar as libertinagens de suas senhoras e de seus senhores, se fartarão com nossa modesta academia.

O grupo permaneceu em silêncio, concordando com as instruções. Martim levantou-se da cadeira e dirigiu aos colegas um discreto sorriso.

— *Ars est celare artem* — proclamou, em tom solene.

— *Ars est celare artem* — acompanharam os rapazes, em coro.

Como se seguissem uma ordem determinada, deixaram a sala em fila. Os irmãos também se encaminhavam à porta quando foram chamados por Martim.

— Morda a língua antes de outro sermão leviano! Por amizade, cada um de nós pode perdoar vossas ideias e as tomamos por tolas, mas nem todo o ouro da colônia vai salvar vosmecê se Gregório ou os oficiais da Câmara souberem o que pensa! — rosnou em voz baixa para o caçula dos Vidal, que abaixou a cabeça, envergonhado.

Em seguida, disparou pelo corredor ao lado de Bartolomeu. Domingos se viu sozinho na casa. Caminhou até a mesa e encheu a caneca, tomando o último gole d'água antes de enfrentar as ruas abafadas da vila.

— *Ars est celare artem* — murmurou.

## ***16. Solidão***

Catarina observava com desalento Rosário prender Cigano à carroça. A escrava acarinhava o pelo do animal enquanto apertava as tiras de couro e cantarolava desinteressadamente uma canção. A viúva voltou a pensar na negra. Rosário era a única pessoa com quem mantinha contato, embora não pudesse ser considerada confidente ou amiga. Também não a via apenas como cativa, já que Catarina se incluía no imenso contingente de brancos empobrecidos que transformaram suas peças em escravos de ganho, dividindo os lucros do comércio de doces. Era apenas cúmplice dos encontros furtivos com padre Miguel durante as semanas que durou o romance condenado. Nada mais que alcoviteira e sócia.

Fora dela, por exemplo, a ideia de seduzir os soldados para que Catarina pudesse se encontrar pela última vez com o sacerdote nos fundos da igreja, três dias atrás. O embuste contou com a participação da cunhada, uma bela mulata que a ajudava no preparo das guloseimas, e permitiu à viúva cumprir pela última vez o sacramento da confissão, ajoelhada diante da porta da sacristia.

Catarina pensou em revelar a Rosário sua maldição. A negra não escondia a intimidade com o calundu e talvez até conhecesse magia capaz de reverter o mal. Seus feitiços eram conhecidos na vila. Muitas moças bem criadas de Taubaté recorriam a ela para encomendar suas famosas cartas de tocar e, com isso, encantar os

bons e desejados partidos. Outros a procuravam a fim de benzer panos para curar as mais diversas doenças, interpretar sonhos, confeccionar patuás ou bolsas de mandingas. Catarina, porém, desistira de buscar ajuda ou solidariedade. Os deuses de sua escrava não poderiam fazer nada contra a sentença do seu próprio, e há muito se convencera que sua provação não era apenas um castigo, mas uma punição eterna e exemplar.

Lembrou-se da primeira vez que avistara padre Miguel. O jovem sacerdote recém-chegado de Portugal foi caçado com os olhos pelas ruas de Taubaté. Um príncipe entre bestas, pensou. Catarina sorria com o assédio sem tréguas, enquanto ele se refugiava na igreja, com o semblante envergonhado. Logo padre Miguel percebeu que estar em terreno sagrado não a constrangia. Buscou então a proteção nas casas de moradores ilustres, em visitas quase diárias. E Catarina, como toda mulher na condição de pretendente, embelezava-se com o que dispunha. Passou a pentear os cabelos, mantendo-os presos quando descia para a vila, e desfilava nas ruas em um vestido ornado com singelos bordados feitos por Rosário. Até o sorriso tornou-se comedido, escondendo na timidez dos lábios rachados os dentes que faltavam.

Catarina pressentia que seu cerco a padre Miguel incomodava a escrava, embora o assunto não lhe dissesse respeito. Muitos eram os casos de romances entre sacerdotes e mulheres na colônia — algumas delas casadas e por vezes aliciadas no próprio confessionário. Havia também relatos de abusos envolvendo freiras e donzelas reclusas em conventos. A solicitação *ad turpia* praticada por religiosos nas sacristias ou em capelas domésticas, embora envergonhasse o clero, era uma praga dos trópicos, como a cólera e

a tuberculose. No entanto, nem mesmo a escrava, que conhecia como poucos as vergonhas da terra, ouvira falar de uma obsessão tão insana como a sofrida pelo rapaz.

Nas contas de Rosário, era a primeira vez, na longa história de lascívia entre pastores e seu rebanho na colônia, que a balança da luxúria pendia a favor de uma mulher.

Enfim, após quatro meses de insistência, ele cedeu. Catarina valeu-se de uma noite em que padre Gonçalo viajara a São José de Pindamonhangaba e mandou Rosário chamar o jovem às pressas, com o pretexto de dar a extrema unção a um escravo. Padre Miguel atendeu ao chamado, mas ao entrar no casebre, no lugar do moribundo, encontrou Catarina. Ela estava nua, e a pele muito branca parecia refletir a luz da lamparina. O jovem não se moveu, petrificado pela visão. Desistira de correr, pois em seu pensamento nada poderia ser pior do que a fadiga de uma fuga covarde e incessante — nem mesmo a perda de sua sagrada castidade. Ela segurou suas mãos frias e trêmulas, colocando uma em seu seio e a outra entre suas pernas. Em seguida, comprimiu seu corpo no de padre Miguel, certificando-se que ele fora contaminado por seu desejo, e arrancou-lhe a batina.

Durante as semanas seguintes, os dois se encontraram com frequência no casebre de Catarina, sob o olhar reprovador de Rosário. Com o tempo, qualquer lugar onde estivessem a sós — uma prainha, o lanço de taipa usado como depósito, um tronco de árvore na mata ao redor da vila, a sacristia deserta — passou a substituir a esteira desfiada no quarto da viúva.

Ela soube se entregar ao jovem sacerdote. Nutria pelo rapaz mais ternura e desejo que por seu marido, a quem fora fiel e

devotada por seis anos e dera três filhos, todos nascidos mortos. Padre Miguel, por sua vez, sentia-se maldito e abençoado ao mesmo tempo. Não questionava que o dedo do demônio o havia tocado e feito esquecer seus votos, trair sua ordem e desonrar sua família. Mas que força seria capaz de despertar-lhe para o amor senão o sopro de Deus? Enquanto a tentação se mesclou à hesitação, esse frágil equilíbrio se manteve.

Um dia, porém, isso mudou, e da maneira mais tola que se poderia imaginar.

Como de costume, Padre Miguel foi ao encontro de Catarina em seu casebre, mas estava modificado. Nem por um instante se assemelhava com o rapaz que a encantara. Deixara de ser jovial e se tornara um monge envelhecido. Catarina forçou um sorriso vazio e fez menção de deixar o vestido cair, mas recuou encabulada, desistindo de seduzir um estranho indiferente ao seu desejo.

Para seu desespero, ele contara que naquela manhã, corroído pela dúvida, ao deixar a sacristia para ensaiar um auto com um grupo de índios em catequese, teve uma visão. Ou melhor, presenciou com os próprios olhos uma mensagem do Salvador. Uma pequena cadela branca fora acuada por um cachorro de maior porte nos fundos da Igreja Matriz. O macho rosnava ao menor sinal de fuga da fêmea e avançava com as presas expostas. O padre estava a ponto de interferir quando uma revoada de pombos assustou o cão, permitindo que a cadela disparasse em direção a uma ruela. Para ele, aquele era um sinal claro e inquestionável do que deveria fazer. Fugir da tentação, da desgraça, dos sentimentos plantados pelo demônio, antes que fosse tarde. Em seu íntimo, teve a certeza que aquela era sua última chance.

Foi assim, sem emoção alguma nos olhos azuis, que padre Miguel sentenciou o fim do romance. Ele e Catarina nunca mais se veriam em pecado. Virou-se e deixou a roça, rumo à vila.

Antes que desse o terceiro passo, Catarina pulou em suas costas como um animal, tentando sem sucesso arranhar o peito coberto pela batina. As unhas cravaram-se em seu pescoço, enquanto os dentes buscavam as orelhas. A ferocidade dos urros e o hálito forte fizeram padre Miguel acreditar por um instante se tratar de uma onça oculta na mata. O jovem reagiu e derrubou Catarina, que retomou o ataque com mais fúria, dessa vez de frente. Ela mordeu um dos braços, que deixara a proteção da batina. Ele gritou de dor e, certo que morreria caso não lutasse, desferiu um único soco, forte, porém desajeitado, no nariz. Catarina teria cravado novamente os dentes se o jovem não tivesse apanhado uma pedra e acertado em sua cabeça, abrindo um corte profundo. A mulher desequilibrou-se e buscou apoio em uma árvore, mas o sangue que vertia do talho a cegou por alguns segundos, e ela caiu. Lá permaneceu, embalada pelo próprio choro.

O sacerdote recuperou-se e, apertando o ferimento no braço com uma das mãos e empunhando a pedra com a outra, circundou Catarina, que seguia prostrada no chão. Com a cabeça enterrada nas folhas, ela não viu quando padre Miguel fugiu pela mata. Nesse instante, a viúva entendeu com clareza a visão que os separou. Ela não era a cadela indefesa e acossada, mas sim ele. Rosário a encontrou, atraída pelos gritos, e a carregou com dificuldade para casa. A escrava preparou um unguento com a polpa de abacates e colocou no corte, esperando que o ferimento cicatrizasse. Pensou em perguntar sobre o ocorrido, mas o desespero nos olhos da

patroa denunciava que o romance entre ela e o sacerdote havia terminado. Em segredo, Rosário comemorou o fim do que considerava a mais maldita das uniões.

Dois dias depois Catarina levantou-se da cama. Passou a vagar pela propriedade como uma morta, sem se assear e comendo apenas restos. Pouco falou com a sua única companheira na roça, limitando-se a dar ordens sobre os animais ou pequenos reparos na propriedade. Em três meses, ela procurou a escrava.

Estava grávida e queria tirar a criança.

Rosário a levou a uma índia velha, que preparou várias garrafas de chá de arruda. Amparada pela negra, expeliu o filho malformado à beira do rio. A escrava prestou os primeiros cuidados durante a recuperação e usou todo o ganho de semanas na venda de doces na compra de galinhas para as preciosas canjas dos dias seguintes. Evitava deixar a patroa sozinha quando montava seu tabuleiro na feira e por vezes pediu para a cunhada fazer-lhe companhia. Durante todo o tempo, Catarina permaneceu calada.

A escrava acreditava que o único fruto daquela relação maldita fora enterrado em silêncio no buraco raso cavado na areia. A própria Catarina compartilhou essa crença. Até a madrugada de uma sexta-feira, há cinco semanas.

— Nhá quer alguma cousa? Vou ao mercado e posso trazer.

A pergunta de Rosário a trouxe de volta ao novelo de martírios em que sua vida se transformara.

— Sabe que não tenho dinheiro. Devo mais que a última carga de farinha que vendi. E nem recebi a paga ainda — respondeu Catarina, sem desviar o olhar do sol que se punha.

— Guardei umas patacas. Posso comprar feijão e carne para salgar — retrucou a escrava, buscando o rosto da patroa, que aguardava o anoitecer com apatia. Rosário considerou o silêncio como uma resposta afirmativa e se retirou. Antes de subir na carroça puxada por Cigano, voltou-se e perguntou:

— Posso trazer também um bocado de pólvora? Temos apenas um punhado para as armas, e os bugres já queimaram seis. O último, a menos de meia légua.

Catarina encarou a negra com um olhar insano, fazendo-a recuar, assustada. Pela primeira vez em anos, Rosário teve medo de sua patroa.

— Não gaste vossas patacas com pólvora ou munição, que de nada servirão. Daqui a dois dias, ao anoitecer, tranque a porta e não saia. Mesmo que ouça o mais sofrido grito de socorro, não saia até o sol nascer.

Rosário subiu na carroça, amedrontada. Cigano fitou a viúva com desconfiança e disparou em direção à vila. Catarina sorriu para o sol, agora já avermelhado, sem lutar contra as chamas que aqueciam o coração morto e tentavam escalar desesperadamente rumo às narinas.

## ***17. O demônio nos próprios olhos***

A tropa seguiu viagem tranquila. Trilhavam o Caminho dos Paulistas em silêncio até o meio da tarde. A hora do almoço há muito passara sem que Diogo ordenasse uma pausa para repor as energias. Após três dias na companhia de Pero parecia disposto a recuperar o precioso tempo perdido e decidiu imprimir à marcha um ritmo mais forte. Durante o trajeto sentira a presença da criança dos dentes pretos, que acompanhava o trote dos animais com o habitual mancar e buscando os olhos de Diogo.

— Sabe que não pode ocultar de mim propósito algum. A teimosia em aceitar vosso destino guiou vosmecê por quatro anos, mas o que tentou com o pouso na roça do português? Se almeja redenção, nunca logrará sucesso. Não seguindo os sinais de Tiago, morto por vossas mãos. Ou tornando raparigas assassinas como vosmecê.

— Pergunte ao castrado que despachei para vosso reino. Decerto, ele há de revelar meus segredos. Se vosmecê é quem diz ser.

— Eu sou quem digo ser! Quem mais poderia trazer as riquezas pedidas e a dor mais profunda?

— Me deixe em paz. E vá para o inferno!

— O inferno não me assusta, dom Diogo — respondeu a criança dos dentes pretos, em perfeita imitação da voz nasalada de Ailã.

O Diabo cresceu ameaçadoramente, surpreendendo Diogo e sua montaria, que ergueu o corpo nas patas traseiras. As mulas apavoradas quase derrubaram João, forçando o escravo a fincar pé com toda a força e evitar a debandada da tropa. Inácio desequilibrou-se e caiu, escapando por pouco de ser pisoteado pelos cascos.

O inimigo abandonou a forma blasfema da falsa criança e cercou o grupo. Diogo se viu imobilizado dentro do pandemônio que o envolvera no dia do pacto. Dessa vez, no entanto, não estava só. Um grito em sua mente encheu a mata, espantando os pássaros. Tudo ao redor escureceu. O ar tornou-se pesado e quente. Brabo recuou, derrubando Diogo na trilha coberta de folhas. As mulas debandaram, esparramando pelo chão o conteúdo de vários alforjes. Em sua fuga, se chocaram contra João, que foi jogado com força contra uma árvore.

Diogo tentou erguer-se, mas sentiu-se nauseado. Passaram-se alguns segundos antes que pudesse encher os pulmões de ar. Acocorou-se, apoiando o corpo nas mãos trêmulas, e percebeu que a densa cerração voltara. Olhou ao redor em busca da criança dos dentes pretos, sem encontrá-la. João era apenas uma mancha sem contornos, que gemia após o forte impacto no troco.

A alguns metros do pai estava Inácio, paralisado. Apertava os joelhos contra o peito e chorava.

O jovem levantou-se e cambaleou em sua direção, ignorando as dores do escravo. Permaneceu de pé por alguns segundos olhando para Inácio. Diogo o conhecia desde o nascimento, mas somente nos últimos quatro anos passara a ser uma companhia constante. Nunca vislumbrou no menino traço algum de raiva, desprezo ou

mágoa. Apenas uma submissão amedrontada — uma variação do que expressava seu pai. Chegou a perguntar-se diversas vezes se ele era oco para sentimentos. Nesse instante, no entanto, vendo-o chorar, ele percebeu o motivo pelo qual era cego às suas aflições.

Inácio sempre desviava os olhos diante de Diogo. Assim como seu senhor, o menino tinha seu próprio demônio.

Diogo ajoelhou-se e tentou puxar as mãos pequenas, crispadas em volta das canelas finas. Inácio reagiu, sem encará-lo. Recuou e manteve-se encolhido.

— O que foi isso, nhô? — balbuciou João, levantando-se com dificuldade e pressionando as costelas no lugar onde fora arremessado contra a árvore.

— Encontre as mulas e reúna a tropa! Corra, antes que elas se percam! — ordenou o patrão, de cócoras ao lado de Inácio. João hesitou ao vê-los tão próximos, não por temer pela segurança do menino, mas por saber do desconforto que o filho sentia diante de Diogo. O senhor reiterou a ordem, dessa vez com os olhos. O negro já seguia mancando pela trilha quando ouviu um assovio. Virou-se e por pouco não derrubou a garrucha arremessada em suas mãos.

— Fique desperto para os bugres. Eles infestam essas matas e podem emboscar vosmecê.

João segurou a arma sem perícia alguma, confuso entre a súbita confiança depositada e o que realmente assustara os animais. Acelerou o passo e desapareceu entre as árvores.

Diogo tentou puxar os punhos de Inácio com leveza, sem conseguir aliviar o aperto que mantinha as canelas presas. Certo do medo que seus olhos provocavam, abaixou o rosto. Aos poucos, sentiu a respiração do menino tornar-se menos arfante e os braços

finos e tensionados se afrouxaram. Depois de alguns minutos, percebeu que os pulmões já se moviam em uma cadência lenta e constante.

— Vosmecê se feriu? — perguntou, ainda sem encará-lo. Inácio nada respondeu, mas o jovem pôde constatar que ele estava bem. Além de alguns arranhões, não havia motivo para preocupação. — Se levante. Vosso pai logo volta com as mulas.

Diogo pousou displicentemente uma das mãos no ombro ossudo de Inácio apenas para testar sua reação e o sentiu recuar diante do toque. Ouviram o trote da tropa. João surgiu, trazendo os animais pelas rédeas. O escravo aproximou-se do patrão e estendeu a mão, devolvendo a arma. Diogo segurou a garrucha, mas não a tomou, limitando-se a desengatilhar o cão e devolvê-la a João.

— Essa mata está empestada. Preciso que proteja ao menos vosso filho. Estamos a menos de meia légua de Caassapaba e não quero pousar na margem dessa trilha — disse Diogo, permitindo que Inácio corresse em direção ao pai. Os dois se abraçaram com força, e o menino voltou a chorar. Assistindo à cena, o jovem teve dificuldade em lembrar-se do afago de Tiago, do cheiro de seus cabelos, do som das risadas infantis. Por um instante, duvidou até mesmo que um dia houvesse sido pai.

João confortou o filho, encabulado pela demonstração de tamanha emotividade diante do patrão, e tentou afastá-lo com leveza. Inácio respondeu com um aperto ainda mais forte. O escravo repetiu o movimento e, mais uma vez, o menino se agarrou desesperadamente, transformando o choro em um pranto descontrolado.

Pela primeira vez desde que nascera, João expôs o ódio que sentia. Ignorou os castigos certamente reservados e encarou Diogo. Antes que percebesse, começou a chorar. Não movido pelo medo como Inácio, mas pela lembrança da covardia, da hesitação nas muitas ocasiões em que poderia ter matado Diogo, da passividade diante do chicote e, principalmente, da incapacidade em evitar que o filho fosse arrastado para um inferno criado pelo patrão.

O escravo conseguiu conter o menino, dessa vez com mais firmeza, e levantou-se. Não assumiu a posição acanhada com que sempre brindava seus senhores. Quando ficou de pé, com todos os músculos estirados e os punhos cerrados, já era um gigante. Apertando com força a garrucha em uma das mãos, caminhou em direção a Diogo. A arma estava desengatilhada, e o negro teria dificuldades em puxar o cão usando os polegares deformados, mas isso não encorajou o jovem a reagir.

Diogo tentou manter-se imóvel. No entanto, a cada passo dado por João, recuava outro. Teve a certeza que não conseguiria intimidá-lo com nenhuma ordem ou ameaça de agressão. Mesmo diante de um adversário mais forte, rancoroso e motivado, lutou para não transparecer que se apequenava enquanto João crescia. Os dois se encararam por um instante, enquanto a criança dos dentes negros acompanhava a cena no topo de uma árvore, sem ser notada por sua presa. Mesmo ela, conhecedora como ninguém do coração dos homens, constatou com desconforto que não estava imune às surpresas de alguns deles.

Furioso, o Diabo trincou os dentes, rasgando os ouvidos de todos os animais na mata. Os pássaros debandaram ao mesmo tempo, abandonando as árvores. As mulas ameaçaram desembestar

novamente, seguidas por Brabo, que arregalava os olhos em desespero. O sobressalto arrancou João e Diogo de seu duelo, lançando-os em direção aos animais apavorados. Inácio segurou o cavalo pelo arreio e o acalmou com um afago. Pai e filho vasculharam a mata, assustados.

— Vamos seguir para Caassapaba sem demora! Agora! — gritou o jovem, reassumindo o controle da tropa. João recolheu com pressa o conteúdo dos alforjes derrubados no chão, enquanto Inácio pulava em uma das mulas com agilidade impressionante. Diogo constatou aliviado que o ódio no semblante do escravo desaparecera. Seu rosto, no entanto, assumira um brio que jamais vira em nenhum cativo. Uma altivez quase presunçosa, que nunca mais o deixaria e incendiaria a colônia se contaminasse outros negros. O senhor caminhou até ele e retirou-lhe a arma, mas em vez de guardá-la no cinto segurou-a pelo cabo. Sem desviar o olhar, estendeu o polegar e disse.

— Vossos dedos não prestam. Olhe bem como faço, que não vou repetir.

Ele empunhou a garrucha desengatilhada e usando o antebraço esquerdo forçou o cão até ouvir um ruído seco, indicando que estava pronta para o disparo. Em seguida, retirou do alforje outra arma e a deu a João. O escravo praticou algumas vezes, até tornar o movimento surpreendentemente rápido.

— A vila está a duas horas de viagem — disse, montando em Brabo e impondo à tropa uma velocidade maior que a de costume. João foi obrigado a correr para seguir os animais, mas, ao contrário das outras marchas, não mais arrastava os pés, na fragilidade

forjada que aprendera a encenar. Acompanhava as mulas com esforço, queixo erguido, sem demonstrar cansaço.

Diogo puxou as rédeas e voltou-se para o escravo, que retribuiu o olhar grave.

— Vosmecê pode remanchar toda a tropa, e tenho precisão de chegar cedo. Suba em uma das mulas — ordenou, mas sem a autoridade habitual. João hesitou por alguns segundos até perceber no rosto de Diogo que o gesto não era uma mera concessão, fruto da piedade de um senhor indulgente. O escravo escolheu a maior das três mulas, surpreendendo-se com o desconforto ao acomodarse no animal, embora uma grossa manta cobrisse seu dorso. Olhando para baixo, descobriu a razão do súbito incômodo: seus pés, que nos últimos quatro anos haviam trilhado centenas de quilômetros sertão adentro, ressentiam-se por não mais suportar o peso do corpo. O escravo então acenou com a cabeça para o patrão, indicando que a marcha poderia prosseguir.

Daquele dia em diante e sem que se apercebesse, João conquistou o direito de acompanhar a tropa montado.

## ***18. Sodoma***

A dois dias da noite de quinta-feira a tensão na vila era indisfarçável e corrompia a tediosa tranquilidade de Taubaté. A madrugada do próximo ataque se aproximava e o temor contaminava todos, de qualquer posição social, ascendência ou cor. Nas ruas, desde as primeiras horas, brigava-se sem motivo. Os quadrilheiros foram chamados várias vezes para prender os mais exaltados, que reagiam ao medo envolvendo-se em confusões por causa de um esbarrão, comentário tolo ou mesmo um olhar mal interpretado. Nesse dia seis pessoas foram mandadas para a cadeia da Casa de Câmara após desentendimentos que, em outras circunstâncias, seriam resolvidos com um mero pedido de desculpas. Em duas ocasiões, os homens de Lourenço apenas chegaram a tempo de carregar os corpos em redes.

Nos mercados, casas e prédios públicos esse era o assunto dominante. Os moradores das roças e sesmarias estavam entre os mais preocupados, por ocuparem os arredores de Taubaté, onde os ataques aconteceram. Muitos deles já eram vistos pelas ruas da vila, com pertences acomodados às pressas em trouxas, em busca de abrigo na casa de parentes ou amigos. As mortes acabaram por provocar um êxodo inusitado: uma romaria de pequenos agricultores abandonava suas propriedades na tarde da quinta-feira para retornar apenas após o próximo corpo queimado ter sido

descoberto. Cinco dias depois, a migração se repetia, envolvendo Taubaté em um ciclo de insanidade, desordem e inquietação.

Os donos de fazendas nas cercanias não adotavam a mesma postura e se recusavam a deixar suas terras, preferindo restringir a saída de membros da família nas horas consideradas críticas e reforçar a segurança ao redor das casas grandes. Enquanto os ataques se limitaram a índios, negros ou colonos pobres a elite local se considerou segura. No entanto, a morte de um senhor de engenho na madrugada da última sexta-feira provou que o assassino não escolhia casta ou raça.

Os índios estavam particularmente apreensivos, pois todas as vítimas perderam a vida nos arredores de Taubaté, onde se situavam as poucas aldeias de caingangues ou aranãs que sobreviveram aos bugreiros. Algumas famílias deixaram suas malocas e procuraram a segurança da vila, mas retornaram para a mata ao descobrir que muitos moradores compartilhavam as mesmas suspeitas de Gregório de Muniz. Entre uma ameaça desconhecida e o ódio irracional de um povo acuado, escolheram a primeira opção.

Poucos contribuíam tanto para a histeria nas casas, ruas e becos de Taubaté como padre Gonçalo. A certeza da danação e a sentença que se abatia sobre cada morador eram o tema de todos os sermões. O vigário havia solicitado autorização para abrir a Igreja de São Francisco para as orações das *matinas*, à meia-noite, e das *laudes*, às três da madrugada, mas o Conselho da Câmara negara o pedido. A alegação dos vereadores que o toque do sino de correr deveria ser mantido às oito da noite para esvaziar as ruas e, assim, colocar a população a salvo dos ataques noturnos, não o convenceu. O padre então anunciou que quando o sol se pusesse, no final das

tardes das quintas-feiras, ele se reuniria em vigília na igreja a portas fechadas até o amanhecer, dedicando-se à inglória tarefa de salvar as almas dos reticentes e ingratos.

Naquela terça-feira, na abertura das *primas*, o vigário se deparou com a igreja surpreendentemente lotada àquela hora da manhã. Os bancos rústicos haviam sido afastados para que mais fiéis fossem acomodados, e a grande porta principal fora escancarada, transformando a escadaria em uma expansão da nave. Com padre Miguel ao seu lado dirigiu-se ao altar e vasculhou as dezenas de rostos. Todos familiares, atentos e assustados. A maior parte, agricultores humildes, comerciantes, poucos negros e índios cristianizados. Das abastadas famílias donas de engenhos ou minas, apenas algumas esposas e filhas que preferiram ouvir o sermão em vez de recolher-se nas capelas construídas nas fazendas.

O jovem sacerdote respirou aliviado ao certificar-se da ausência de Catarina e balançou o incensório de cobre, defumando o ambiente com o aroma forte e adocicado. A um comando do superior, interrompeu o movimento.

Padre Gonçalo deteve-se no altar, mirando cada um dos olhos arregalados. Manteve-se calado por um longo minuto, até considerar que a tensão no interior da igreja atingira o limite. Então, iniciou o sermão, pausadamente e quase que aos berros.

— Enganam-se aqueles que acreditam estar livres do mal, apenas por se esconderem em suas casas, protegidos por homens e armas! Enganam-se aqueles que acreditam estar acima do julgamento do Senhor e da tentação do demônio! — Ele caminhou até poder tocar a primeira fileira de beatos aterrorizados e apontou para a multidão, que se encolheu diante do dedo acusador. — Por

que um fogo se acendeu no seu grupo, e a chama abrasou os ímpios — proclamou, recorrendo a um Salmo.

Sem aviso, abriu os braços, como se pretendesse abraçar todo seu rebanho. O calor abafado impregnando a igreja e o cheiro enjoativo do incenso transformavam o ambiente em um lugar que pouco lembrava a salvação prometida pelo velho sacerdote.

— As chamas, que por ora consumiram poucos, logo invadirão essa vila, entrando em cada casa, tisonando cada homem, mulher e criança, matando cada animal, enegrecendo cada parede, queimando cada muda plantada. E por que deve ser destinado a Taubaté fim melhor que Sodoma? — perguntou, crispando as mãos em um trejeito teatral.

Afastou-se da muralha de fiéis à sua frente, buscou o ponto mais elevado do altar e de lá voltou a admirar a multidão. Torceu a boca com autêntico asco e prosseguiu com o sermão.

— Quando ando nas ruas de Taubaté, o que vejo? Por trás das romarias, dos autos, das missas? Vejo cristãos displicentes, que dizem seguir o mandamento de Deus, mas se entregam ao adultério e ao concubinato, gerando bastardos como animais! Vejo a simonia praticada à larga! Vejo marranos que rezam sob a cruz para escapar do Ofício, mas em suas casas não só seguem as leis de Moisés como também judiam dos santos, mergulhando suas imagens nas piores imundiças! Vejo capelas erguidas nos fundos de fazendas, apenas para permitir que jovens fornicuem longe dos olhares atentos de seus pais! E ouço os batuques dos calunduns infernais, onde homens e mulheres que um dia pertenceram a Cristo flertam com Satanás, recorrendo às mais malditas feitiçarias para alcançar o amor e a fortuna!

Padre Miguel acompanhava o discurso tão assustado quanto qualquer um dos presentes. O fato de seu superior não ter mencionado os romances entre religiosos e mulheres o encabulou ainda mais. De onde se encontrava tinha uma visão privilegiada das dezenas de máscaras de vergonha, culpa, dissimulação e temor que os habitantes da vila vestiam, constrangidos. Ao constatar que tremia, embora a nave da igreja a essa hora lembrasse uma fornalha, imaginou se algum dos presentes não teria dele a mesma impressão.

— Apenas uma cousa tem o poder de salvar as almas dos justos de Taubaté. A fé! A fé daqueles ainda não tocados pelo dedo do demônio ou dos decididos a limpar o espírito maculado! De todos os que habitam nessa vila, tão só o servo mais temente de Nosso Senhor terá a salvação! E não trato aqui do Juízo Final, que decerto virá, um dia! Falo do perigo mais próximo, que aguarda cada um em duas madrugadas. O apetite da besta que cerca essa vila não se saciará com meia dúzia de almas! Não bastou para Jonas se esconder no porão de um navio para fugir da missão confiada por Deus, assim como não bastará a vosmecês buscar abrigo em vossas casas, mesmo que fossem fortalezas! A baleia encontrou Jonas, como a besta encontrará todos os ímpios dessa vila! Com uma boca maior do que o mais imenso dos peixes e uma fome mais voraz! Mas a língua da fera que cobiça vosmecês, vossos filhos e pais, é feita de fogo! Do mais puro e vivo fogo do inferno! — gritou, à beira do descontrole.

Foi preciso que o velho sacerdote fizesse uma breve pausa em seu sermão para padre Miguel ouvir o som difuso do choro em boa parte da platéia. O vigário admirou sua obra com orgulho e virou-se

para o jovem a seu lado. O viu também às lágrimas, com a cabeça abaixada. No entanto, ao contrário do que seu superior pudesse pensar, ele chorava por Catarina, por ele mesmo e pelo filho morto. Padre Gonçalo voltou-se para seus fiéis. Com um sorriso afável, estendeu os braços.

— Oremos.

O velho franciscano começou a entoar a Coroa de Nossa Senhora, puxando o coro de ladainhas sussurradas e prantos.

Martim e os irmãos Vidal acompanhavam a missa. Desceram os degraus, embrenhando-se no formigueiro de devotos e fanáticos esparramados pela escadaria em frente à Igreja de São Francisco das Chagas. Respiraram aliviados ao chegar à praça em frente à construção.

— Não sei o que mais me apavora. O fervor desmesurado de padre Gonçalo ou a sanha do nosso amigo mestre de campo. Nunca desejei tanto estar em Lisboa! — desabafou Bartolomeu, arrumando o cabelo despenteado sob o chapéu.

— Gregório não é nosso amigo.

— Concordo com vosmecê, Domingos, mas ainda assim ele insiste em se juntar a nós.

Gregório aproximou-se, acompanhado do capitão Ataíde e de três soldados. Parou em frente aos jovens e fez uma breve reverência, de pronto correspondida.

— Desconhecia que professavam com tanto ardor a fé pelo Altíssimo. Não esperava encontrar aqui, no meio de crentes às lágrimas, crias tão ilustres das Cortes.

— Da colônia, vossa senhoria. Crias tão ilustres da colônia. — A ironia de Domingos causou um olhar corrosivo do irmão.

— Como desejem. Escolher a terra onde decidiram espalhar vossos frutos não é crime. A depender do fruto, decerto. Ainda assim, não escondo o espanto em me deparar com vosmecês na igreja, a essa hora da manhã. Acreditava que estariam entregues a debates sobre livros de vosso apreço. Ou talvez outro tema de interesse.

— O espanto é meu, dom Gregório. Qualquer homem-bom bem sabe que deveria cumprir as obrigações delegadas, não apenas como súdito de El Rei, mas como cristão exemplar. Por que não está a assistir as pregações de nosso vigário? — perguntou Martim, saindo do silêncio para participar do arriscado jogo de provocações.

— Gostaria de degustar cada palavra de padre Gonçalo, meu rapaz. Mas tenho outras responsabilidades. Selvagens a caçar, traidores a prender, conjurações a arruinar. Exigências do posto.

— Deixemos vossa senhoria, para que possa defender nossa Taubaté dos inimigos — disse Martim, prudentemente dando o embate por encerrado.

O grupo repetiu a reverência, dessa vez de maneira ainda mais comedida e apressada, e se afastou em direção ao mercado.

— Ele sabe! — sussurrou Domingos. — Ele sabe!

— Foi preciso frequentar faculdades em Coimbra para formular essa suspeita? É lógico que sabe! E o escárnio de vosmecês em nada nos ajuda! — protestou Bartolomeu, o único do trio a permanecer calado durante o breve encontro.

— Não pude fechar a boca diante de tamanha arrogância — retrucou Domingos, aborrecido. Martim colocou a mão em seu ombro e falou, em tom conciliador:

— Entendo vossos motivos. Em outra circunstância, não responderia ao acinte. Mas é cada vez difícil ignorar as afrontas de Gregório. Como alegou Tomás, ele deve estar mui entretido com os ataques que credita aos gentios. Por ora, não há razão para inquietação. Salvo se vosmecê decidir se desnudar e brandir uma tocha.

Os três começaram a gargalhar.

A distância, o mestre de campo acompanhou a explosão de alegria dos jovens sem irritação ou despeito. Tudo a seu tempo, pensou. Ataíde chamou sua atenção para uma movimentação em uma das ruelas que desembocavam no pelourinho. Os vereadores haviam decidido atestar pessoalmente a normalidade da vila. À frente do cortejo, Armando Quintana e Manoel Soares, unidos como siameses grotescos. Poucos passos recuados e cochichando, Tomé Barroso e Alfonso Lisboa. Alguns escravos mantinham-se a postos, levando sombrinhas ainda fechadas àquela hora do dia. Cercando o grupo como atentos guarda-costas — não tão preocupados pela segurança dos oficiais, mas sim com a aproximação dos moradores mais humildes em busca de interferência para conflitos domésticos e outras pendências menores — um pequeno destacamento de soldados do Regimento. Acuados pela multidão, os oficiais da Câmara se limitavam a acenar e emoldurar um sorriso de falsa disposição, esquecendo-se do rosto do suplicante no segundo seguinte para presentear o próximo com um caricato semblante de atenção.

Gregório caminhou até eles, repelindo os colonos à mera aproximação. Com sua presença, ele conseguiu, sem esforço algum, o que seus soldados apenas tentavam: manter a turba afastada dos

vereadores. Após sua chegada, as pessoas humildes que cercavam os oficiais se dispersaram como ratos.

— Espero que vossas excelências não estejam sendo importunados por esses infelizes. Posso pôr a ferros algum inconveniente — disse Gregório, inclinando o tronco na reverência.

— Nada a que não estejamos habituados, meu bom mestre. Essas pessoas precisam de um bocado de atenção de quem os governa. A natureza dos queixumes, em verdade, nos enfastia. Reclamamos sobre um vizinho que despeja as imundiças nas ruas, animais soltos a devorar uma horta alheia, dívidas não honradas. Dois moradores citaram o mesmo bugre, que se embriaga todos os dias e lamuria desde as primeiras horas — disse Armando de Quintana, exigindo com o olhar alguma providência. Gregório voltou-se para Ataíde, que captou a ordem, selando o destino do índio.

— E quanto aos ataques dos selvagens? A Casa de Câmara já decidiu quais diligências adotar para aplacar as cobranças dessas gentes? — perguntou o mestre de campo, tomando o momento como ideal. Embora já houvesse sido informado por Ataíde sobre as decisões da reunião, auscultadas pelas frestas da parede pelo indiscreto escrivão, conseguiu conferir à sua dúvida um inquestionável tom de autenticidade.

— Paulista algum pode nos cobrar qualquer diligência, dom Gregório! Vosmecê deveria saber disso melhor que todos!!

— Dom Armando me perdoe. Não pretendi ser insultuoso. Esse é o tema de qualquer grupo que se ponha a conversar nas ruas.

— Então, enxote todo ajuntamento que considerar suspeito!

Dom Alfonso aproximou-se dos dois e, fazendo questão de sobrepor à rispidez uma calculada complacência, dirigiu-se ao

mestre de campo em tom quase paternal:

— A Casa da Câmara não ignora o medo que se apossou desses infelizes. Mas decidimos aguardar mais uma semana para evitar decisões açodadas.

A mentira contada pelo juiz não causou surpresa em nenhum dos vereadores, nem mesmo em Armando Quintana. A despeito da rivalidade declarada, ambos compartilhavam da desconfiança em relação aos militares aquartelados nas vilas da colônia, sempre dispostos a evidenciar a inércia da burocracia reinol a fim de desequilibrar a seu favor a delicada balança do poder local.

— O Regimento está no aguardo de vossas ordens ou do que se fizer necessário para trazer de volta a ordem a Taubaté.

Dom Armando identificou com clareza a provocação nas últimas palavras do militar, uma semente de desobediência aos poderes da Casa de Câmara. No entanto, preferiu não prolongar ainda mais a conversa, que já se mostrava desgastante para ambos os lados. A reverência do mestre de campo pôs fim ao diálogo. A comitiva se afastou, voltando a disputar espaço entre moradores assustados e animais soltos pelas ruas.

— Vosmecê pode assegurar que esses parvos intentam emboscar os bugres?

— Foi o próprio Gago que me confidenciou. Um quadrilheiro na copa de cada árvore.

Gregório empertigou-se, limpando a poeira que se assentava no uniforme. Sorriu, como se adivinhasse os pensamentos de seu subordinado.

— Mantenha os soldados fora das matas entre a noite de quinta-feira e o amanhecer. Essa madrugada será a mais sanguenta dentre

todas, e não quero perder nenhum homem. Que a Câmara perca os dela.

— Como vossa senhoria pode saber? É um presságio?

— Reserve as crenças primitivas para as bruxas que o Santo Ofício tanto persegue. Não se trata de agouro. Depois que vosmecê houver pelejado como eu, enfrentado selvagens, soldados e corsários, será capaz de sentir quando a morte se avizinha. Ao amanhecer de sexta-feira, acredite, teremos bastantes corpos para velar.

Ataíde — que em três dias estaria sendo enterrado, confirmando o pressentimento de Gregório — assentiu.

## ***19. Uma resposta para João***

A tropa chegou a Caassapaba ao anoitecer. Percorreram a distância que restava em pouco mais de duas horas, impulsionados pelo vigor das mulas. Os animais, acostumados ao trote lento e tedioso, foram forçados a galopar quase à exaustão. O que levava João em seu lombo por várias vezes empacou, protestando com a teimosia característica contra a carga extra e o ritmo acelerado.

Diogo tinha pressa. Não sabia por que motivo, mas decidira acelerar o deslocamento, como se Taubaté estivesse condenada a desaparecer em breve. Chegou a arrepender-se de ter passado na roça de Pero mais tempo que o necessário. A espalhafatosa aparição da criança dos dentes pretos — que até então nunca se manifestara diante de outros além dele próprio — igualmente o inquietava.

O escravo também tinha fortes motivos para temer o futuro. Desconhecia o que havia surpreendido o grupo na mata, mas estava certo que não se tratava de algo de seu mundo. Não apenas pela reação das mulas diante do que parecia um redemoinho surgido do nada ou do terror nos olhos de Brabo — um animal destemido como poucos. Ele se recordou das palavras de Diogo ao despertar do sonho delirante, três dias atrás. A lembrança o fez sentir-se desconfortável e reforçou a desconfiança que a tropa estava amaldiçoada.

Essa, no entanto, não era sua única preocupação. Receava pagar um preço alto demais pelo confronto agora explícito e irreversível entre ele e o senhor. Embora nenhuma ameaça houvesse sido pronunciada, o ódio em seus olhos e a postura desafiadora não deixaram em Diogo nenhuma dúvida quanto às suas intenções. Por provocações muito menores já presenciara companheiros de senzala ter os dentes quebrados a golpes de martelo ou os tendões cortados. Mas João não pesou as consequências, para ele ou seu filho, e reclinou-se por isso. O choro descontrolado de Inácio, arrastado para uma jornada de violência, desconforto e medo contra sua vontade, cegou-o para qualquer outro juízo. A punição, acreditava ele, seria inevitável.

Faltavam quase duas horas para o toque do sino de correr, mas o movimento nas ruelas de Caassapaba era mínimo. Alguns escravos carregavam potes com água dos chafarizes para a higiene dos senhores antes que se recolhessem. A missa das *vesperas* se encerrara havia instantes, e os fiéis deixavam a igreja, voltando para suas casas em pequenos grupos. Diogo identificou o que julgou ser uma pensão, conduziu a tropa até o alpendre e desceu da sela. João e Inácio aguardaram quando ele entrou na casa.

Um indiozinho tocava flauta sentado em cima de um baú. Diogo olhou ao redor e fez um sinal com a cabeça para o menino. A criança disparou por um corredor mal iluminado e voltou acompanhada de um senhor que lutava para empurrar um camisolão dentro das calças. Diogo imaginou que estivesse dormindo, mas avistou o rosto de uma menina índia, apenas alguns anos mais velha que o curumim. Ela tentava misturar-se às sombras do corredor iluminado apenas por um candeeiro, sem conter a curiosidade

infantil pelo estranho. Pelas feições, julgou serem irmãos, usados pelo dono do estabelecimento para todo tipo de tarefa ou deleite.

— Quer um quarto? — perguntou o velho, apoiando uma vela sobre a mesa no centro da sala.

— Só para um pernoite. Logo cedo sigo para Taubaté.

— Não devia pisar naquela vila. Chegaram notícias que a bexiga lá matou à farta. Se o negócio não for urgente, aconselho vosmecê...

— Sou grato pelo aviso, mas tenho pressa.

— Vinte contos — informou o velho, aborrecido pela rispidez do hóspede.

O jovem apontou para João e Inácio, ainda montados nas mulas.

— Preciso de dois quartos, um para mim e outro para eles.

O dono da pensão se esgueirou na ponta dos pés para ver de quem falavam. Ao avistar pai e filho, contorceu o rosto, contrariado.

— Mas são pretos!

— São minhas peças, e quero os dois por perto.

— Não em minha casa, dormindo em minhas redes! Que se abriguem nos currais!

Diogo jogou cinquenta contos de réis em cima da mesa.

— Dois adultos e uma criança. É a paga justa — prosseguiu, indiferente à reação do velho. Retirou do bolso mais algumas moedas e empilhou-as junto às outras. — E mais vinte, para nossa janta e o repouso dos animais. Dê comida às mulas e cuidado com o cavalo. Ele é espantadiço.

— Quiçá vosmecê deva procurar outro pernoite. Um que queira negros.

— Quiçá vosmecê deva aceitar minhas moedas e fazer a janta — retrucou Diogo, que pela primeira vez buscou os olhos do homem. Confrontaram-se por alguns segundos, até que o proprietário recuou, tateando na mesa para encontrar a vela. O jovem acenou para o escravo e seu filho, que desceram das mulas. Os dois entraram na pensão, com João à frente, abrindo caminho para Inácio. O menino apertava com força a mão mutilada e demorou a sondar o aposento escuro. Buscou algo de especial nas paredes, nos poucos móveis rústicos e, por fim, no velho que o olhava com desprezo. Nada encontrou de incomum. Apenas uma casa feia, pobremente mobiliada, ocupada por um homem raivoso como tantos outros.

Após quatro anos dormindo com o filho em currais, abrigos improvisados ou depósitos, João também se sentiu desconfortável na hospedaria. Não por ter sido recebido pelo dono com desdém virulento, mas por acreditar que até então não era digno de repousar em uma rede ou um colchão de palha, a salvo dos roedores, de mosquitos e do tempo. À medida que atravessou a sala, no entanto, enterrou qualquer rastro de inferioridade e confrontou o despeito do velho com sua própria arrogância, ancorada no porte altivo e na garrucha enfiada no cinto.

— Trate de arrancar a arma do preto. Ele pode pernoitar às vossas expensas, mas desarmado.

— Se a garrucha incomoda tanto, arranque das mãos dele.

O velho não se moveu. Apenas sinalizou para a menina oculta nas sombras, que saiu do esconderijo e indicou uma porta no fim do corredor. João e Inácio a seguiram, acompanhados de Diogo. Antes

de entrar em seu quarto, ele voltou-se para o homem, com uma das mãos apoiada na própria garrucha.

— Prepare a janta sem ódio no coração. O negro e o gibi têm boa saúde e me são de grande serventia. Se algo acontecer a eles, sigo vosso rastro até o inferno.

O dono da pensão se encolheu, constrangido por ter os pensamentos devassados com tanta facilidade pelo estranho. Diogo abriu a porta de seu quarto e entrou.

A criança dos dentes pretos já o aguardava ao lado da rede. Ele não se surpreendeu com sua presença — de certa forma esperada após a afronta na mata — mas sim com a figura do gordo nu, morto por Amélia dois dias atrás. O corpo roliço parecia preencher grande parte do minúsculo quarto, mobiliado apenas com uma arca, uma cadeira e uma rede. Da virilha destroçada escorria um sangue escuro, que empoçava o piso de terra batida do cômodo. Um dos olhos havia desaparecido, dando lugar ao buraco da bala disparada pela filha de Pero. A aberração trazia a mesma expressão cruel e abobalhada de quando era viva. O bandoleiro sorriu, expondo uma fileira de dentes podres e pretos. Diogo percebeu que a chama do candeeiro permanecia imóvel, apesar da forte brisa que entrava pela janela aberta.

— Decidi seguir vosso conselho, mas não preciso interrogar alma alguma para saber o que trama. Basta assistir ao vergonhoso chamego com esses pretos. Pode acalentar Inácio todas as noites em vossos braços, manchados com o sangue de Tiago, que nada mudará nosso acerto — provocou o Diabo.

— Então, se eu estou tão só a malbaratar meu tempo, não tem o que temer — respondeu Diogo, em desalento. Sentiu-se subitamente

esgotado e imaginou se o inimigo não tinha razão. De que valeria seguir uma intuição vazia pelo sertão, espalhando migalhas do conforto negado por toda a vida a João e seu filho, se cometera o pior dentre todos os crimes? A euforia que o tornava sólido como pedra e o guiava para Taubaté se esfarinhava diante da criança dos dentes pretos.

Diogo colocou a algibeira e as duas garruchas em cima do baú iluminado pela chama estática do candeeiro. Sentou-se na rede e cobriu o rosto com as mãos, tomado por uma fadiga que carcomia suas forças e seu ânimo. De olhos fechados, viu-se novamente no canavial, como há quatro anos. Os cheiros da cana, da palha seca e da pólvora de sua arma chegaram, trazidos pelo vento que balançou as fileiras da plantação naquela noite. Depois, os sons. O estampido do tiro. A queda do corpo de Tiago. O choro. Sentiu o frio da camisa colada em seu peito, ensopada com o sangue do filho. Por fim, o sal das lágrimas que desceram pela garganta ferida pelos gritos de agonia.

Ele abriu os olhos e viu na mão esquerda a garrucha deixada sobre a mesa instantes atrás. O Diabo abandonou a feição zombeteira e o consolou com uma expressão de enganosa solidariedade que estranhamente o comoveu. Por um instante, compartilharam de uma amizade forjada em sofrimento, mentira e desespero.

Diogo olhou para a chama. O fogo despontava como uma língua azul que, mesmo petrificada, transmitia aconchego e segurança. Ele puxou o cão da arma, sem desviar a atenção da luz. A brisa que invadia o quarto pela janela aberta tornou-se mais intensa, arrancando-lhe o chapéu da cabeça e derrubando uma moringa

colocada sobre o baú. O pote espatifou-se no chão de terra, que sugou a água em segundos. A chama permanecia imóvel, desafiando o que agora já era uma ventania.

O jovem enfiou a garrucha engatilhada na boca até sentir o gosto ardido da pólvora no cano. Com olhos ainda fixos no candeeiro, depositou o que lhe restara de vigor no dedo indicador.

Não soube o que primeiro lhe chamou a atenção — o tremular repentino da chama ou a pancada na porta. Despertou sobressaltado, por pouco não apertando o gatilho. Tirou a arma da boca e ouviu de novo a mão esmurrando a madeira. Uma terceira série de batidas, agora mais fortes. Em princípio, imaginou ser o velho, chamando para a janta. No entanto, o ribombar das pancadas não deixou dúvidas que se tratava de João. Olhou para os lados, à procura da criança dos dentes pretos ou do bandoleiro nu, sem encontrá-los. Abriu a porta para o escravo.

Ele estava suado e tenso, mas não carregava a garrucha na cintura. Diogo caminhou até a rede e sentou-se, esgotado.

— O que quer, João?

— Sou da família de nhô desde que nasci, e acompanho nhô há quatro anos, e obedeço sempre.

— Vosmecê me obedece por que é minha peça. E ainda não me respondeu. O que quer?

O escravo hesitou. Olhava para o chão e apertava as mãos com força, cravando as unhas nas palmas.

— Eu preciso saber.

Diogo levantou o rosto e encarou o negro. Tentou vasculhar suas intenções e descobrir se ele havia batido na porta alimentado por

rebeldia ou medo. Descobriu os dois sentimentos nos olhos arregalados.

— Eu preciso saber por que trouxe Inácio comigo em vossa jornada.

A pergunta surpreendeu Diogo, que esperava ser inquirido sobre o pandemônio na mata. O fato de João não ter mencionado o episódio podia significar apenas que ele temia a explicação a ser dada pelo senhor — ou que, em seu íntimo, sabia quem os seguia. O escravo permaneceu de pé, enquanto Diogo pensava em uma resposta que o satisfizesse por completo. Não podia mais recorrer ao argumento da autoridade para mantê-lo calado, principalmente depois do ocorrido no caminho para Caassapaba. Concordando ou não, um João renascido, orgulhoso e questionador iria acompanhá-lo até o fim de sua viagem. Então, decidiu apenas contar a verdade.

— Arrastei vosso filho porque ele é a única coisa viva que restou do meu — confessou, esmorecido.

O escravo ouviu com atenção, mas apenas ponderou se era o que esperava ouvir após quatro anos vagando pela colônia. Se a resposta satisfazia o desalento que sentia todos os dias ao ver o rosto de Inácio — ora entediado, ora assustado, nunca jovial ou alegre — no lombo das mulas, repousando em uma sombra à beira de um riacho ou acompanhando-o com os olhos nas tarefas do cotidiano. Descobriu que precisava mais do que as palavras enigmáticas de seu senhor. Aquele, no entanto, não era o momento ou o lugar para novas explicações.

— Agora, vá. Aguarde a janta, coma bem e tenha uma boa noite de sono, pois amanhã sairemos mui cedo. Quero chegar a Taubaté antes do anoitecer.

João não reconheceu em sua voz o tom costumeiro das ordens sussurradas e saiu do quarto, deixando o senhor sozinho. A pintura tremulante do fogo na parede logo cessou, e Diogo soube que o inimigo havia voltado. Esperou uma nova provocação, mas o Diabo apenas permaneceu ao lado da rede, como uma estátua, próximo ao bandoleiro ensanguentado. Minutos depois a menina índia sussurrou por trás da porta. Diogo não conhecia a língua e deduziu que ela o chamava para a janta. Quando chegou à mesa da sala já encontrou João e Inácio, pratos vazios à frente. O dono da pensão havia se recolhido, provavelmente para não presenciar a cena que considerava inominável, deixando a menina a postos para servi-los.

O jovem sentou-se diante do escravo e encheu a própria gamela com feijão, farinha, abóbora cozida e grandes pedaços de carne de paca. Pai e filho o imitaram, em princípio em pequenas porções, que logo se transformaram em colheradas fartas. Em silêncio, Diogo repetiu o prato duas vezes, não pelo apetite, mas por que desejava a indolência que apenas uma barriga estufada pode trazer. Em seguida, ergueu a caneca vazia para a menina, que sem demora fez menção de trazer água fresca de um pote. Ele balançou a cabeça em recusa, deixando claro que não queria apenas matar a sede. A indiazinha entrou por uma porta no canto oposto da sala e voltou com aguardente.

Em minutos tomou quase metade da garrafa. Levantou-se cambaleante, apoiando as mãos no corredor estreito até chegar ao quarto, e desabou na rede, sem sequer perceber se a falsa criança o espreitava no canto do aposento ou preocupar-se em fechar a porta. O álcool, o estômago empanturrado e o balanço da rede acalentaram-no, até que o sono o levou.

Acordou às cinco da manhã, surpreendentemente sem traço algum da bebedeira. Pai e filho já o aguardavam do lado de fora da pensão, acomodados em suas mulas. Diogo não pôde deixar de sorrir ao ver a pretensa imponência do escravo montado em um animal com metade da sua altura. Ao subir em Brabo viu que João trazia a garrucha enfiada na calça.

Às primeiras horas, Caassapaba se entregava à agitação que cresceria ao longo do dia. Escravos traziam na cabeça vasos com as fezes recolhidas nas secretas, prestes a serem despejadas em valas cavadas na mata. Os primeiros fiéis se dirigiam à escadaria da igreja para as orações das *primas*. Guinchados medonhos dos porcos abatidos a golpes de facão anunciavam a abertura do mercado. Um enxame de crianças dividia as ruas de terra com os carros de boi.

Diogo voltou-se para João e assentiu com discrição. O escravo devolveu o cumprimento, aguardando o início da marcha. O jovem puxou as rédeas de Brabo e colocou a tropa em movimento, disposto a vencer sem descanso as últimas três léguas que o separavam de Taubaté.

## ***20. A chegada do forasteiro***

Catarina não saberia dizer por que fora a Taubaté na tarde daquela quinta-feira. Decidira recolher-se após o encontro frustrado com padre Miguel, transferindo a Rosário todas as tarefas que exigissem o deslocamento até a vila. A escrava, já responsável por comprar com as minguadas patacas os mantimentos necessários ou trocá-los por outros gêneros, foi incumbida também de receber o pagamento pela farinha de mandioca moída na roça.

Havia um bom motivo para que ela relutasse em ir a Taubaté. Faltavam apenas poucas horas até a madrugada. A prudência ordenava que permanecesse em sua propriedade, afastada ao máximo das pessoas da vila. No entanto, sabia que não haveria riscos nessa breve visita, talvez a última, ao lugar onde nascera, se casara e, certamente, morreria. Não se tratava de um mero pressentimento — falseável, difuso e humano. Era puro instinto — infalível, preciso e, sobretudo, selvagem.

Cigano há muito a impedia de subir na carroça, reagindo com violência ao menor sinal de aproximação. A vaca bem poderia substituir o cavalo, mas era a única tração que dispunha para mover o moinho. Amarrá-la ao carro para uma viagem sem motivo significaria comprometer a já escassa produção da roça, e Catarina não podia abrir mão de um punhado sequer de farinha. Ela decidiu,

então, percorrer a distância entre sua casa e a vila a pé, em uma extenuante caminhada de quase uma hora e meia.

Ela entrou em Taubaté no meio da tarde e achou a vila estranhamente quieta. Ainda havia movimento, mas nada que se comparasse aos dias anteriores aos ataques. A maioria dos comerciantes já deixara o mercado, e os poucos que restaram olhavam com impaciência os clientes indecisos. As crianças não levantavam a terra das ruas como de costume, embora o sol só se pusesse em três horas. Passou pelo pelourinho e pela Casa de Câmara sem encontrar os grupos habitualmente vistos em animadas conversas sobre as últimas novidades da Corte ou os destinos da colônia. O único sinal de agitação vinha da igreja, a fervilhar com a presença de dezenas de fiéis, graças à vigília de padre Gonçalo. Avistou alguns quadrilheiros que acompanhavam os moradores à distância. Passou por três deles e impressionou-se com o fedor de medo que pingava de suas peles suadas, misturado ao ranço de dias sem banho e ao cheiro de aguardente. Ela sorriu e continuou vagando sem rumo pelas ruas quase desertas.

Caminhou até uma casa de alcouce mantida por um mulato forro de meia idade chamado Pascoal. Em um dia comum àquela hora da tarde o estabelecimento devia estar cheio de homens, embriagando-se no rústico balcão improvisado com toras. Outros estariam recolhidos aos cubículos no fundo com suas companhias femininas, fossem elas adúlteras ou apenas mulheres empobrecidas que viam no parceiro de minutos uma refeição. Todas pagavam a Pascoal algumas patacas pelo benefício da privacidade e pelo conforto de um colchão de palha ou uma esteira.

— A esperança da salvação glorifica até o coração mais corrompido — ironizou Catarina, voltando os olhos para a Igreja de São Francisco das Chagas.

— Marafonas do inferno! Ontem, estavam a sujar minhas camas! Hoje, são donzelas reclusas! — protestou o homem, gesticulando com as mãos enormes e peludas.

— O que mais enfurece vosmecê? A redenção com que essas infelizes sonham ou as patacas que deixam de pesar em vossos bolsos para erguer as obras de padre Gonçalo?

A provocação acertou o mestiço como um coice. Pascoal levantou-se com mais rapidez do que o corpo atarracado poderia sugerir e avançou em direção à mulher. A viúva não recuou. A loucura em seu rosto o fez interromper o movimento desengonçadamente, e ele voltou a sentar-se na cadeira na soleira da casa.

— Não tem motivos para zombar da desdita alheia! Eu não estou só a sofrer com os ataques dos bugres! Veja com vossos olhos o abandono de outras vendas! Muitos já falam em deixar a vila e montar negócio em São José, Caassapaba e até Mogi! Nenhuma mulher pisou em minha casa hoje!

Catarina sabia que o mulato mentia ao desconsiderar a presença das duas filhas adolescentes, prostituídas há anos em seu próprio lar. No entanto, era impossível ignorar o desalento que tomava conta de Taubaté. Moradores cogitaram mudar-se para as vilas próximas, mas foram proibidos pelo mestre de campo, que alegou precisar de todos os homens capazes de usar um mosquete ou um sabre. Afora uns poucos sesmeiros que ocupavam propriedades mais distantes e conseguiam ir e vir pelo Caminho dos Paulistas sem serem

abordados por quadrilheiros ou soldados do Regimento, Taubaté estava isolada. O fluxo de forasteiros a caminho das minas nas Geraes e nos Goiaes, sempre tão constante, secara nos últimos dias.

— Essa vila está condenada. Cada casa. Cada alma. Condenada...

A prostração do mulato contagiou Catarina com uma alegria mórbida. Uma maldita entre outros tantos, pensou. Ela não se envergonhou em se deliciar com a ruína de milhares. Sorriu e fechou os olhos, imaginando toda Taubaté tomada pelo mesmo fogo que ela e seu amado padre. Os berros de seu último gozo misturados aos gritos de agonia daqueles homens, mulheres e crianças. Um único coro e um único destino.

Xingamentos despertaram Catarina de seu deleite doentio. Um caingangue era trazido a laço pelo pescoço por uma multidão enlouquecida. A matilha arrastou a presa pelas ruas de terra batida até o pelourinho, onde foi erguida e amarrada. Alguns passos atrás, outro índio puxado pelos pulsos — talvez filho ou irmão menor do primeiro — acompanhava os homens enfurecidos, recebendo estocadas de facões nas nádegas e chutes. Por várias vezes o mais novo estatelou-se, sendo içado pelos cabelos e empurrado novamente.

Antes que Catarina perguntasse a Pascoal o motivo da selvageria ele cruzou num galope desajeitado os poucos metros entre a casa de alcouce e a praça. Os índios gritavam em sua língua, mas o apelo desesperado era um sopro diante dos urros. Mesmo sem dominar o idioma caingangue e ensurdecida pelo rugido dos homens ela era

capaz de compreender com perfeita clareza o que os dois diziam: eles juravam inocência.

O mulato voltou, e Catarina viu, enojada, que ele babava.

— Os bugres foram presos com tochas! Com tochas!

— Eles queimam seus roçados antes de semear. O que usariam, se não fogo?

— Vosmecê me escutou? Apanharam os bugres com tochas! E hoje é quinta-feira!!

— Aqueles homens não mataram ninguém. Apenas preparavam seu milho.

Pascoal não mais a ouvia. Os olhos estavam fixos na turba, e se esbugalhavam à medida que o frenesi do grupo atraía mais curiosos. O homem deixou Catarina novamente sozinha e uniu-se aos urros da multidão. À distância, ela avistou os irmãos Vidal. O caçula era contido pelo mais velho no que parecia uma tentativa de salvar os caingangues. O rapaz desvencilhou-se e disparou em direção ao pelourinho, mas foi alcançado pelo irmão a tempo de ser poupado da fúria dos moradores.

Nesse instante, um dos homens sacou uma garrucha da cintura e atirou na barriga do caingangue amarrado no pelourinho. A multidão abriu passagem para um quadrilheiro, que usou seu mosquete, dessa vez na cabeça. O índio mais novo estirou-se em desespero — como se a ponta de seus dedos pudesse injetar vida no corpo inerte à sua frente. Um punhal saído de algum lugar na massa enlouquecida de braços e mãos abriu um talho profundo em seu pescoço. Ele desabou e, mesmo ferido, tentou levantar-se, mas uma bota empurrou seu rosto contra o piso de pedra da praça. Então, em

uma coreografia bárbara, sabres e facões foram desembainhados ao mesmo tempo e enterrados nas costas do moribundo.

Fascinada, a vila urrou. O mais novo dos Vidal correu, seguido pelo irmão, em direção à igreja. Logo, um homem surgiu montado em uma égua. Os corpos foram amarrados na sela e arrastados pelas ruas empoeiradas até a mata, onde seriam pendurados em árvores como alerta.

Em meio à imolação dos caingangues ninguém deu importância à pequena tropa que entrou em Taubaté sem procurar chamar atenção. Apenas um branco montado em um cavalo, acompanhado de dois negros — um adulto e uma criança — conduzidos por mulas visivelmente exaustas. Intrigados com a gritaria, mas ainda dispostos a passar despercebidos, os recém-chegados ignoraram a multidão magnetizada e prosseguiram.

Talvez a única pessoa a notar a chegada dos forasteiros tenha sido Catarina, que acompanhava com desinteresse o massacre. A casa de alcouce pareceu a Diogo um bom lugar para descansar da viagem extenuante, tomar um copo de aguardente e dar água aos animais. Ele se dirigia lentamente até o alpendre quando Brabo avistou a mulher parada em frente à escada. O cavalo refugou com rispidez, desequilibrando-o.

Diogo e Catarina se encararam por apenas um segundo. Pouco tempo para que gravassem na memória a cor dos olhos, o formato do rosto ou outro detalhe sutil, mas longo o bastante para um farejar a danação do outro. Os dois foram tomados por uma sensação recíproca de desconforto e apreensão. O nervosismo de Brabo tratou de afastá-los. Sem ser conduzido por Diogo, o cavalo disparou pela rua e galopou por cerca de cem metros, parando de

súbito. Catarina deu-lhes as costas e caminhou de volta à clareira ao redor da vila. João e Inácio demoraram a alcançar Brabo, que respirava ofegante entre bufos. Diogo viu que a mulher já havia se afastado e decidiu fazer o mesmo. Ainda ignorava o que levara a multidão a se reunir em torno do pelourinho aos gritos. Chegou a pensar que o ajuntamento escondia um pregoeiro, entretido na leitura de alguma ordem ou aviso da Coroa, mas os moradores se dispersaram sem revelar o motivo do alvoroço.

A tropa continuou seu caminho por uma rua escolhida aleatoriamente por Diogo até ele encontrar um adolescente franzino que andava às pressas na direção oposta.

— O que faziam aqueles homens a berrar no pelourinho?

— As Ordenanças apresaram dois bugres com tochas — respondeu o jovem, recuperando o fôlego. — Mataram os dois.

Diogo esperou que o rapaz prosseguisse com a explicação, mas ele permaneceu calado, intrigado com a expressão de ignorância do estranho.

— Mas por quê?

— Eles estavam com tochas! — replicou, já aborrecido. Diogo acomodou-se no cavalo pronto para insistir no interrogatório quando o adolescente levantou as mãos em sinal de impaciência e afastou-se com pressa.

— Ainda não dispensei vosmecê, moço.

Ele deu meia-volta e caminhou de cabeça baixa, contrariado. O senhor, no entanto, já desistira de obter informações de alguém tão irrequieto. Reclinou o corpo na sela e perguntou:

— Onde encontro uma boa albergaria?

O rapaz coçou a cabeça por alguns segundos e apontou para um sobrado no final da rua.

— Uma que aceite pretos.

Ele repetiu o movimento, dessa vez por um tempo desconcertantemente mais longo, e indicou outra construção, ao lado de uma praça. A tropa seguiu até a pensão. Diogo foi o primeiro a desmontar. Ao entrar na casa compreendeu o motivo da tolerância do proprietário. Era um homem de meia idade e ruivo. Em seu colo, na rede, um bebê mulato lutava para mastigar um pedaço de cana entre as gengivas ainda sem dentes. Sentada no chão, uma menina da idade de Inácio, debruçada sobre uma pilha de cajus, separando as castanhas dos frutos. Atrás de uma mesa e empilhando gamelas de diferentes tamanhos, uma negra esguia, grávida. O homem olhou para o recém-chegado com uma expressão amistosa. O jovem correspondeu e tirou o chapéu.

— Vosmecê aceita pretos? — perguntou Diogo, ao mesmo tempo em que João entrava na pensão. O semblante amigável do dono da pensão desvaneceu no momento em que viu o “F” talhado no rosto do escravo.

— Aceito todos que me procuram. Até os perversos.

A mulher largou as gamelas e cruzou os braços. Pelo sotaque Diogo percebeu que o ruivo não era português ou nascido na colônia. Um silêncio desconfortante se instalou. Ele colocou novamente o chapéu na cabeça e já descia os degraus quando João falou.

— Estamos fatigados da viagem. Deixamos Caassapaba ao amanhecer e ainda não pousamos ou comemos.

— Então, essa é vossa morada enquanto estiverem em Taubaté. Enquanto vosmecê tiver patacas bastantes — replicou o homem, apontando para Diogo, que assentiu e apoiou a algibeira sobre a mesa. A mulher e a filha ainda mantinham distância, sem disfarçar o descontentamento em abrigar um proprietário de escravos em seu lar.

— Flamengo?

— Francês. Me chamo Étienne, mas é um nome que entorta a língua do povo da vila. Então, aqui sou Tião. Tião Francês.

— Me chamo Diogo. Esse é João e seu filho, Inácio.

Étienne apertou com força a mão do escravo e afagou a cabeça do menino, desconcertando-o. Só então se dirigiu ao senhor e o cumprimentou, sem entusiasmo. O homem aproximou-se como se pretendesse abraçar o recém-chegado, mas era apenas um artifício para sussurrar em seu ouvido sem que os outros o escutassem.

— Maltrate qualquer um dos dois em minha casa e terá de encontrar outra pensão para pernoitar.

Diogo assentiu. A mulher saiu da sala em silêncio com os filhos, deixando-os sozinhos. O francês, percebendo o desconforto crescente em Inácio, ajoelhou-se e segurou candidamente seus ombros.

— Vá. Mostre a meus filhos do que as crianças brincam pelo sertão.

O menino olhou para o pai e, sem esperar a concordância, correu pela casa. Os três permaneceram calados durante algum tempo até Diogo voltar-se para Étienne.

— Preciso falar com vosmecê.

— Então fale. E bebam comigo.

O francês retirou uma garrafa de cachaça de um pequeno móvel e apontou o gargalo para João, que olhou para seu senhor. Diogo devolveu uma expressão de indiferença, e o escravo anuiu. Pequenas canecas de estanho chegaram às mãos dos hóspedes. Tião e Diogo tomaram a bebida em um único gole. João demorou a segui-los, absorto com o cheiro doce da aguardente. O francês serviu outra dose e prosseguiu.

— Escolheu a pior vila de toda a colônia para pousar, dom Diogo.

— Se fala da irrupção de bexiga que tanto comentam em Caassapaba não tenho motivo para temor. Não imagina onde dormimos nos últimos quatro anos.

— Não há irrupção alguma em Taubaté. Apenas uns poucos enfermos, tratados pelo barbeiro com as sangrias e purgativos habituais. O que faz de Taubaté um lugar de tormento não é a bexiga, eu garanto — Encheu a própria caneca pela terceira vez antes de continuar: — Nunca pensei que sentiria saudades das manhãs e tardes de enfado.

O francês tagarelou sem parar por meia hora. Falou sobre os seis corpos queimados, as suspeitas de Gregório de Muniz a respeito dos índios, o medo que acompanhava cada morador nas últimas semanas, até o recente linchamento dos dois caingangues. Após a sexta caneca revelou as rivalidades entre os vereadores e o juiz, a fúria do mestre de campo prestes a explodir, a histeria de padre Gonçalo e os boatos a respeito da presença de espiões do Santo Ofício na vila. Os mais de vinte anos entre os paulistas deram a ele não apenas um português impecável — salvo pelo forte sotaque — mas um profundo conhecimento do nem sempre sutil jogo de antagonismos, vilanias e interesses que moviam o cotidiano do lugar.

— Agora, eu fiz de vosmecê um *vrai* mexeriqueiro! — Étienne deixou-se contagiar pelo entusiasmo dos bêbados. João também estava visivelmente embriagado, lutando para manter o tronco ereto e enchendo a própria caneca sem cerimônia alguma. Apenas Diogo mantinha-se quase imune aos efeitos do álcool, embora tivesse ajudado os dois a esvaziarem a garrafa.

Lembrou-se do grito que o arrancou do sonho uma semana atrás e da imagem da criança dos dentes pretos, colocando-o à prova diante do caminho para a vila. Pensou no pacto, nos últimos quatro anos percorrendo trilhas sem rumo. Sobretudo, agarrou-se à certeza que seu filho o havia enviado para aquela vila, embora desconhecesse o motivo. Chegou a considerar que tudo — do pesadelo à escolha por Taubaté — era apenas uma armadilha da criança dos dentes pretos. Ou pior: Tiago o queria morto, e escolhera aquele lugar como o fim de sua jornada.

O cheiro de milho cozido e de toucinho tomou conta da sala. Étienne levantou-se trôpego quando a filha entrou carregando as gamelas. Já começava a escurecer no momento em que o jantar foi colocado. A mulher do francês, que Diogo descobriu chamar-se Clara, não os serviu, incomodada com sua presença. As crianças, inclusive Inácio, já comiam no chão, em pratos de cobre. Alguns candeeiros iluminavam o cômodo, e as janelas foram fechadas para conter a revoada de mosquitos. Mesmo faminto, Diogo mal comeu. Enquanto o francês e João devoravam com as mãos a janta, ele revivia as lembranças dos últimos dias, buscando alguma ligação entre ele e as mortes em Taubaté. Foi quando uma risada infantil chamou sua atenção. Era Inácio, que se divertia dando comida a um

mico. A cada guincho do animal ele e a filha do francês gargalhavam e ofereciam mais migalhas.

— Está a se maldizer por ter escolhido esta *ville* — arriscou o anfitrião, tentando vasculhar com os olhos já semicerrados pelo álcool as intenções do hóspede.

— Ainda não tenho motivo algum para temer essas paragens. — Diogo mexia displicentemente com os dedos no prato ainda cheio sem encarar o francês.

— Vosmecê seguirá outro rumo em breve e esquecerá Taubaté para sempre. Nossas sinas são diferentes — retrucou, levantando-se e ordenando à filha que se recolhesse. — Sigam até o final do corredor e encontrarão os quartos. São seis, mas apenas três estão livres. Escolham o que mais lhes aprouver.

Diogo pensou em chamar Étienne e perguntar sobre a mulher magra e loira que assustara Brabo em frente à casa de alcouce, mas o deixou ir. O francês tiraria conclusões maliciosas e em vez de elucidar suas dúvidas apenas o deixaria irritado. Preferiu ocupar a mente com outro problema: como conhecer a ameaça que rondava os habitantes da vila. Se apesar da bebedeira o dono da pensão dizia a verdade e as mortes ocorriam apenas nas madrugadas de sexta-feira, Diogo não poderia passar a noite recolhido e esperar uma semana pelo próximo ataque.

Ele caminhou até a janela e a abriu, a tempo de ouvir o sino de correr. As ruas, no entanto, já estavam desertas, e ninguém se apressou para a segurança de suas casas impelido pelo toque. Outro fato também lhe chamou a atenção: não havia um único quadrilheiro ou soldado do Regimento em ronda por Taubaté. A descoberta,

embora causasse estranheza, deu-lhe a certeza de deixar a casa sem ser abordado.

Antes de dispensar João e escolher um quarto, Diogo certificou-se que a chave da porta da pensão pousava na fechadura.

## ***21. A glória das chamas***

A noite estava abafada, e o fogo a tornava ainda mais quente. Catarina podia jurar que jorrava suor, mas era incapaz de perceber a transpiração escorrendo por sua pele. Os pés descalços não eram mais feridos por pedras ou gravetos pontiagudos espalhados pela trilha. Sentia apenas o calor — imenso e revigorante — e uma força que não encontraria semelhança em nenhum outro animal. Embriagada pelo poder, correu e deliciou-se com a velocidade, a resposta dos músculos, o fôlego ardente que levava energia a cada parte de seu corpo. De seu novo corpo.

Urrou de êxtase, mas o som produzido por sua garganta em brasas não era humano. Sequer era um grito.

Catarina disparou em direção à sua casa. Avistou a construção simples, não mais oculta no breu da noite iluminada pela débil lua minguante. Em vez do negrume, o brilho avermelhado do fogo envolvia a choupana de barro. Ela se aproximou e captou o pavor de Rosário antes mesmo de sentir sua presença. A escrava tentava se esconder atrás de um baú, agarrada a um mosquete. Berrava em desespero, embora tivesse dificuldade para escutar os próprios gritos, tamanho o pandemônio causado pelos relinchos.

O casebre foi lentamente circundado por Catarina, fazendo com que a claridade da chama invadisse as frestas nas janelas e os buracos nas paredes toscas como a luz de um farol , iluminando os

cômodos de um lado a outro. Ouvia quando sua escrava sufocou o choro. Outro relincho chamou sua atenção. Era Cigano, que se erguia nas patas traseiras a apenas alguns metros e mostrava os dentes ameaçadoramente. Catarina também era capaz de perceber o coração do cavalo socando o peito, a respiração acelerada, o tremor nos músculos.

Encarou o animal por um instante antes de avançar a toda velocidade. Cigano recuou diante do inimigo invencível e embrenhou-se na mata. Porcos enlouquecidos arremessavam-se contra as tábuas do chiqueiro e guinchavam como se enfrentassem o matadouro. Os patos e até o cachorro haviam desaparecido, buscando abrigo longe da roça.

Aproximou-se da parede do casebre e escutou os lamentos desesperados de Rosário misturados a soluços. Sem saber o motivo, decidiu deixar a propriedade rumo à vila. Talvez compaixão pela companheira. Mais provavelmente, desejo de enfrentar o que sabia lhe estar reservado nos arredores de Taubaté. Catarina tinha fome e não pretendia saciá-la com sua escrava.

Partiu a passos rápidos — ou o que julgava serem passos. Mesmo após a sexta semana, ainda tinha dificuldade de compreender com exatidão as mudanças em seu corpo. Tentava escutar o arrastar dos pés na trilha, mas apenas ouvia o barulho seco de cascos. A menos que aquilo fosse o inferno, pensava ela. Catarina não se sentia morta. Ao contrário, ao fim da mudança era tomada por uma energia inebriante, capaz de varrer qualquer lembrança dolorosa, anular todas as desgraças de sua vida e semear desejos em uma existência estéril.

Depois da terceira ocasião passou a ansiar pela madrugada mágica, quando renascia, e a odiar o amanhecer, que a arrastava novamente à triste condição de cada dia. Como em todo parto havia sofrimento. Não apenas na dor intensa que parecia romper cada músculo, nervo e osso de seu corpo nos primeiros minutos da mudança. Nem na trilha de brasa em sua garganta, sufocando-a antes que pudesse por fim respirar. Ao despertar, mais uma vez presa à forma indesejável e débil, transcorriam-se horas até poder caminhar sem dificuldade, como se tivesse sido pisoteada por uma tropa de bestas. Entretanto, logo aprendeu que os hematomas e arranhões espalhados por sua pele branca e que tanto a intrigavam desapareceriam em um ou dois dias.

Não mais se acanhava ao se descobrir nua, nas primeiras horas da sexta-feira, corpo coberto de folhas e lama. Com o tempo passou a adotar providências práticas, em especial para uma viúva de poucas posses. Depois de ver duas mudas de roupa reduzidas a trapos queimados decidiu despir-se no início da noite, aguardando com impaciência infantil a mudança. Uma vez dobrada a camisola ou pendurada em um galho de árvore próxima à sua casa, Catarina iniciava a lenta caminhada pela picada que partia de sua roça, até ser alcançada por sua maldição.

Ao amanhecer, trazia mais que ferimentos ou dúvidas. Havia os rostos, alguns conhecidos. Lembrava-se do primeiro, como ela era frequentador do mercado onde vendia farinha produzida no moinho. O quadrilheiro que perseguia o escravo também lhe era familiar. No entanto, habituara-se a vê-lo nas ruas da vila, desfilando com ridícula imponência diante de lavradores intimidados, e não empestando a mata com suas fezes diante de uma ameaça indizível.

Dos outros mortos guardou apenas a expressão de pavor e incredulidade do último oponente, que disparara contra ela duas vezes. Catarina sentiu quando as esferas de chumbo rasgaram sua carne, mas foi apenas uma porção mínima da dor que devolveu ao homem. De manhã, o único sinal do encontro em sua pele eram duas marcas avermelhadas que lembravam picadas de insetos e que logo sumiram.

O confronto com o senhor de engenho foi o que mais a maravilhou, pois a fez crer ser perfeita — e eterna. Com essa certeza chegou aos arredores de Taubaté, captando os quadrilheiros à distância, como formigas em um lençol. Sabia que o brilho das chamas na madrugada a denunciaria, mas o linchamento dos caingangues no dia anterior mostrara o quão cegos estavam os homens da vila. Eles haviam se preparado para um inimigo muito mais terreno. Não foram forjados para a ameaça que atravessava a mata, ignorando os galhos afiados e evitando os obstáculos ocultos no breu da noite, guiada por olhos irreais.

Catarina interrompeu a marcha a algumas centenas de metros da clareira ao redor de Taubaté, esquadrinhando cada ser vivo e cada detalhe da vegetação em meio à escuridão. Seu apetite cresceu ao sentir o fedor da aflição dos oponentes. Eram doze, risivelmente escondidos nas copas das árvores — frutas apetitosas e chamativas em um pomar. O som abafado dos corações tomou tudo ao redor, como uma orquestra descompassada de tambores. Um deles estava prestes a se urinar, enquanto dois outros cochichavam. Tentou compreender o que diziam, mas era surda a qualquer língua. Entendia apenas o falar da mata e de seus animais, há muito ocultos

em buracos nos troncos ou arbustos. Tomado pelo medo, outro quadrilheiro gaguejou o que soava como uma oração.

A ladainha solitária do estranho, mesmo incompreensível para Catarina, feriu-lhe mais do que os tiros recebidos pelo senhor de engenho há exatos sete dias. Ela se lembrou de padre Miguel e, aos prantos, amaldiçoou o homem. Tudo o que os quadrilheiros ouviram foi um relincho longo, agudo e horrendo.

Estava prestes a iniciar a investida quando farejou dois intrusos ocultos na mata, embora afastados dos que pretendiam emboscá-la. O primeiro, quase tão aterrorizado quanto os outros, não buscara abrigo nos galhos das árvores. Um leve ranço de petulância disfarçava a apreensão e a fez suspeitar que seria uma presa fácil. Já o segundo homem a preocupou. Ela não conseguiu identificar com clareza seus cheiros ou a localização precisa. Uma miríade de odores — todos eles pestilentos e ofensivos — irradiava do estranho. Também não pôde sentir as batidas de seu coração ou as emoções que o moviam.

O quadrilheiro que rezava elevou a voz. A súplica a açoitou, dessa vez com mais força, e ela relinchou de dor. Antes que percebesse já cavalgava possuída pelo ódio, levantando fagulhas do chão com os cascos em brasa.

## ***22. A emboscada***

Capitão Ataíde não traçara plano algum, pois confiava mais em seus instintos e na habilidade em combate que no valor da estratégia. As circunstâncias mudam, pensou, e com elas qualquer artil, mesmo os cuidadosamente elaborados. Munido de mosquete e garrucha, além do inseparável sabre, sentia-se pronto para enfrentar mais do que meia dúzia de selvagens. Na verdade, era capaz de dizimar uma aldeia inteira — se isso o fizesse avançar alguns degraus na longa escadaria que conduzia ao panteão da honra erguido no coração de Gregório.

Embora não houvesse dúvida quanto à sua posição no Regimento, acreditava que seu desempenho por vezes reprovável como segundo na linha de comando adiaría infinitamente a transferência para vilas mais ricas e importantes, como São Paulo de Piratininga, São Vicente ou o opulento Distrito Diamantino. A despeito da coragem, argúcia e obediência, a cada movimento digno de elogio uma crítica ou repreensão o arrastava do merecido reconhecimento. Foi o que ocorreu ao questionar a ordem de seu superior para soltar os soldados fornicadores ou sugerir torturar o escrívão em busca de informações. Ataíde via seu lugar de direito ainda distante e intocável, como um náufrago desesperado que persegue um navio no horizonte. Hoje ele venceria essa distância a braçadas, não importando quantos índios tivesse de matar.

O ímpeto em agradar Gregório superou o receio de ser acusado de insubordinação. O mestre de campo havia sido claro o suficiente ao proibir a presença da soldadesca na emboscada que se anunciava fracassada. Ataíde considerou a possibilidade de argumentar que ele próprio, em virtude da patente de capitão, não se considerava incluído nesse grupo. Mas nenhuma pecha de desobediência se sustentaria após entrar em Taubaté na manhã daquele dia arrastando em seu cavalo os corpos dos assassinos. Além disso não soube por que Gregório confiara tarefa tão importante aos quadrilheiros. Embora ostentassem como missão a manutenção da ordem nos limites da vila não tinham disciplina ou o treinamento necessário. Também eram conhecidos por achacar lavradores ou agir a mando de comerciantes ou senhores de engenho, complementando o minguado soldo da Câmara com serviços particulares, em regra, ilegais.

Foi com a certeza de ter sucesso onde os quadrilheiros certamente falhariam e movido pela obsessão de reluzir aos olhos de Gregório que Ataíde esgueirou-se pelas ruas, tirando proveito da ausência de soldados em ronda. Por pouco não se deparou com Diogo, que deixara a pensão de Tião Francês pouco antes da meia-noite. O jovem, no entanto, foi rápido e escondeu-se ao ouvir o barulho metálico do sabre balançando na bainha — um ruído que no silêncio absoluto da madrugada ecoava como moedas atiradas em um prato de cobre. Diogo se perguntou quem seria imprudente o bastante para se aventurar no que parecia ser uma tocaia, sem abrir mão dos ridículos e inconvenientes paramentos. Ele se sentiu aliviado por ter como chamariz um escravo da pompa e decidiu segui-lo.

Diogo espreitou o militar mata adentro por quase meia hora até o momento que ele agachou-se perto de um tronco. Várias silhuetas pesavam nas copas das árvores ao redor da vila. Colegas ou subordinados do homem à sua frente, pensou. Ele contou três, mas outros deviam estar escondidos. Fora o choramingo de um deles, as cercanias de Taubaté estavam oprimidas por uma quietude soturna. Não havia piados, guinchos ou os sons do coaxar que coloriam a colônia.

Um relincho dolorido e aterrador assustou o militar, que reagiu vasculhando a escuridão às cegas com o mosquete engatilhado. O próprio jovem sobressaltou-se, não apenas pelo medo a que julgava estar imune após tantos anos, mas por reconhecer no lamento do animal uma afronta ao costumeiro rincar dos cavalos. Ele, entretanto, não foi o único a se inquietar.

Acocorada em um tronco a criança dos dentes pretos mirava um ponto no breu. Algo atraía a atenção do Diabo, causando uma reação que Diogo nunca havia presenciado: fascinação. O som se repetiu, desta vez mais longo e ameaçador. Então, o jovem avistou um brilho na mata. Uma tocha, empunhada por alguém em uma montaria. Não conseguiu ver com clareza quem estava na sela e acreditou tratar-se de um cavaleiro guaicuru — índios que agarrados às crinas dos animais, montavam de maneira única, pendendo o corpo para o lado, ocultando-se de seus oponentes. Esses destemidos guerreiros, no entanto, atormentavam sem distinção portugueses, espanhóis e colonos nos charcos da Capitania de Mato Grosso, e não havia relatos de ataques nos sertões paulistas.

Era o sinal que os homens nas árvores aguardavam. Três deles deixaram os esconderijos, apontando as armas para o cavaleiro e

anunciando sua prisão. O militar também se precipitou em direção ao grupo. Diogo não pretendia segui-los, mas mudou de ideia ao ver a criança dos dentes pretos desvanecer, para buscar no instante seguinte uma visão privilegiada em um galho acima dos quadrilheiros. Curvado, ele avançou com cautela, empunhando as garruchas.

Um dos homens gritou — uma mistura de insanidade, horror e súplica. Os dois outros dispararam suas armas e embrenharam-se entre as árvores. O primeiro deles, no entanto, estava imobilizado diante da ameaça. Quando o animal ergueu-se nas patas traseiras, Diogo entendeu o motivo.

O que eles enfrentavam não era um cavalo. Talvez uma mula, embora não desse mundo. Ela não tinha cabeça, e em seu lugar despontava uma chama viva, que se expandia e contraía em sincronia com os pulmões. Gotas de fogo misturadas a sangue fervente pingavam do pescoço decepado, queimando as folhas secas no chão. Os cascos eram brasa incandescente. O rabo, uma longa e indócil labareda que se movimentava erraticamente, como um chicote. A besta era maior que as outras da sua espécie, superando em porte até cavalos de bom tamanho. O pelo, negro, maltratado e coalhado de falhas. Um demônio, parido no mais profundo inferno, pensou Diogo.

A aberração sacudiu com violência as patas dianteiras no ar e arremessou os cascos no chão, arrancando faíscas com o impacto. Um relincho despertou o único quadrilheiro do pequeno grupo que não havia debandado. Sem coragem de dar as costas para a ameaça ele tropeçou em uma raiz e caiu. Levantou-se com uma agilidade impressionante, mas antes que fugisse a besta o envolveu com um

forte jorro de fogo, lançando o corpo em chamas contra uma árvore. Incapaz de produzir som algum com a garganta devastada, o homem morreu, enquanto espasmos agitavam braços e pernas.

A besta voltou-se para Diogo. Instintivamente, ele mirou as duas garruchas em seu peito e disparou, embora já suspeitasse que os tiros não surtiriam efeito algum. Para sua surpresa o animal sentiu quando as esferas de chumbo o atingiram e parou. Durante alguns segundos os dois se encararam, e o senhor pensou ter visto o que seriam pequenos olhos em meio à torrente que ardia a poucos metros de seu rosto. Uma incômoda familiaridade o entorpeceu, e a mula se aproveitou do deslize. Diogo pressentiu o ataque quando a besta inclinou ligeiramente as ancas para trás, como se arrancasse energia das entranhas. Ele se jogou no chão enquanto um escarro de fogo calcinou um tronco acima de sua cabeça e chamuscou-lhe o chapéu.

A exemplo do infeliz quadrilheiro o jovem estava encurralado e levaria valiosos segundos para pôr-se de pé. A fera o teria tisonado se Ataíde não tivesse deixado seu esconderijo e disparado o mosquete. O animal virou-se de costas, levando o capitão a celebrar, com um olhar presunçoso dirigido a Diogo, o que julgou ser uma retirada do inimigo.

Aquele foi seu último pensamento. A mula desferiu um coice fortíssimo com as patas traseiras, acertando em cheio seu peito. Ataíde foi arremessado a vários metros e tombou já sem vida, atingido por um golpe tão rápido que provavelmente morreu creditando a si próprio a vitória no confronto. Livre da desprezível, porém irritante distração, a besta voltou-se para seu verdadeiro oponente. Diogo, no entanto, havia desaparecido. Fugira, sem deixar

rastro algum, a não ser o cheiro degradante e difuso a inundar toda a mata. Tampouco conseguia ouvir seu coração, embora captasse com incrível nitidez os batimentos dos quadrilheiros restantes, incluindo os que corriam desesperados.

Enlouquecida, a aberração pisoteou o cadáver de Ataíde até não mais ouvir o ruído de ossos quebrados dentro da chamuscada casaca azul-marinho. Ela voltou a relinchar, desta vez mais alto, invadindo a vila com o som de sua frustração e fazendo com que cada morador agarrasse com força crucifixos, terços e estatuetas de santos como se fossem cordas estendidas sobre um precipício. Nesse momento os demais quadrilheiros — posicionados a intervalos regulares de modo a cobrir a maior parte das cercanias — correram desesperados em direção a Taubaté.

Os dois primeiros que atacaram a mula escolheram a mata fechada como rota de fuga, certos que uma corrida em campo aberto os tornaria presas fáceis. Decidida a tirar vantagem do erro dos infelizes, ela desistiu de perseguir os que a essa altura já alcançavam as ruas, e voltou-se contra a dupla. Disparou entre as árvores, desviando dos galhos com leveza, enquanto os quadrilheiros tateavam e tropeçavam em cada pequeno obstáculo em seu caminho.

Quando constatou que estava em segurança Diogo deixou o interior de um tronco podre que escolhera como esconderijo improvisado a poucos metros do cadáver do capitão Ataíde. O suor gelado colava a camisa nas costas e escorria pela testa, lavando o rosto encardido. Levou alguns segundos para conseguir se levantar, pois a força desaparecera das pernas e o corpo protestava, imobilizado por um tremor que o impediu de enfiar as garruchas no

cinto. O coração parecia ter crescido e ocupava todo o espaço em seu peito, pesando como uma pedra e tornando a respiração arquejante.

Sua mente não estava preparada para o que viu. Não fossem os corpos ao seu lado e o forte cheiro de carne queimada diria que perdera a razão, após anos carcomido pela culpa. Voltou a olhar os restos dos homens e logo afastou a possibilidade de loucura. O militar era apenas um amontoado de roupas manchadas de sangue. Reconheceu o que seria o rosto pela peruca, um dia branca e impecável. Já o quadrilheiro lembrava uma grotesca fogueira, de onde despontavam braços e pernas. Despertou também para um curioso e aterrador detalhe: seu inseparável chapéu, agora chamuscado. Tirou-o da cabeça e sentiu o couro queimado ao longo das abas.

Gritos mata adentro atraíram sua atenção. A explicação sobre a origem da besta e por que ela não o perseguira poderia esperar. Como Tião Francês havia lembrado, seu destino não era o mesmo do povo de Taubaté. Mas até entender o que Tiago pretendia ao colocar aquela vila em seu caminho devia conhecer seu novo inimigo. Não havia tempo para municiar as garruchas. Colocou-as na cintura e aproximou-se do oficial. O mosquete do morto, além de descarregado, estilhaçara-se em infinitos pedaços. Diogo revirou então a casaca e de lá tirou uma garrucha ensanguentada. Pensou em levar a arma, mas desistiu, ao lembrar o quanto seria inútil.

Não teve dificuldade para encontrar a trilha da mula. Mesmo à distância conseguia avistar o brilho da chama avermelhada. Encontrou os quadrilheiros a alguns metros de uma imensa pedreira. O obstáculo pôs um fim à fuga desastrada, forçando-os a um

desesperado improviso. Um deles buscara abrigo na parte mais alta de uma árvore, enquanto o outro tentava espantar a besta atirando pedras em sua direção. A tocha viva iluminava o rosto do homem, e Diogo percebeu que ele chorava. A mula, imóvel, parecia desdenhar do pânico da presa. Porém, atacou sem aviso depois de alguns segundos, como uma criança que se entedia após provocar um inofensivo inseto por muito tempo.

O animal disparou em um galope acelerado, sem sequer dar-lhe tempo de jogar a última pedra. Desta vez, não usou o fogo. Simplesmente passou por cima do quadrilheiro, que no instante seguinte se viu pisoteado por cascos em brasa. O homem não morreu de imediato. Com as pernas quebradas, ele tentou se arrastar usando o braço direito ainda intacto. Uma nova investida, calculada para prolongar sua agonia, o fez urrar. Mais dois ataques partiram ossos em todo o corpo. A mula aproximou a chama do rosto ferido, admirando sua obra. Diogo pôde enxergar com nitidez o sangue que saía dos ouvidos e da boca. Trêmulo e com os olhos fechados, parecia em sono profundo, lutando contra um pesadelo. As labaredas, então, envolveram o moribundo.

O terceiro quadrilheiro não acompanhou os últimos instantes do companheiro. Tentava sem sucesso escalar os galhos mais altos. Por duas vezes quase perdeu o equilíbrio e desistiu, agarrando-se com força ao tronco e rezando para que a distância entre ele e a fera fosse suficiente para deixá-lo a salvo. A seis metros do solo assistiu com perturbadora clareza quando a mula passou a encará-lo, certa que àquela altura sua vítima estava fora de alcance. O homem começou a vasculhar a mata abaixo pelos colegas de emboscada, mas não os encontrou. Foi quando viu Diogo oculto na escuridão.

Sabia que pedir auxílio alertaria o animal e causaria a morte de ambos. Então, apenas implorou ajuda com os olhos arregalados.

Uma onça ou outro devorador de pessoas que reinasse por aquelas terras insistiria na vigília por algumas horas até a presa adormecer nos galhos e cair. Mas a besta não era um animal como os outros e provou isso quando trotou resignada, desaparecendo entre as árvores. O homem retomou a esperança e aliviado, afrouxou o aperto que o mantinha preso aos galhos, buscando uma posição mais confortável para as pernas dormentes.

Por isso foi pego de surpresa quando a mula emergiu da mata e acertou a árvore com um estrondoso coice.

Diogo acompanhava a cena, perplexo. Por um instante, pensou que a intenção da besta fosse partir o tronco, tamanha a força das pancadas. No entanto, após o terceiro golpe, o plano tornou-se claro. O quadrilheiro desequilibrou-se e caiu, chocando-se com galhos à medida que se aproximava do solo. Ao chegar ao chão tinha um dos braços quebrados e cortes pelo corpo. Já não buscava o jovem com o olhar suplicante de antes, e hesitava entre comprimir a fratura e sacar a garrucha da cintura. Chegou a empunhá-la, mas em um patético gesto de submissão deixou a arma cair. Mesmo sem escutá-lo, Diogo sabia que o homem implorava. Durante alguns segundos o animal permaneceu parado, enquanto a vítima misturava suas súplicas a lágrimas e filetes de saliva.

Um trêmulo sinal da cruz tirou a besta da apatia. Ela o calou com uma sucessão de golpes com os cascos dianteiros no peito e na cabeça. O homem tombou inerte, de bruços. A mula sacudiu as ancas, indicando que um novo jorro de fogo viria, mas decidiu negar ao quadrilheiro uma morte rápida e vomitou sangue ardente sobre

suas costas. As chamas logo tomaram as roupas e o cabelo, porém o infeliz, já sem sentidos, nem sequer gemeu.

Agachado atrás de um tronco, Diogo viu quando a mula deixou os corpos e penetrou na mata. Lembrando-se da cilada armada contra o pobre quadrilheiro, aguardou por quase uma hora e somente deixou o esconderijo ao ter certeza de estar sozinho. Antes de embrenhar-se na mata olhou uma última vez em direção ao homem. O fogo consumira a maior parte de seu corpo sem que ele movesse um só músculo. Diogo iniciou a caminhada de volta à pensão de Tião.

Ele não viu quando Rosário aproximou-se do quadrilheiro, verificando que ainda respirava. Acariciou a cabeça coberta por uma crosta quente de pele e cabelos queimados, orou por poucos segundos e levantou-se. Já se distanciara quando decidiu voltar. Por três vezes estendeu a mão para apanhar a garrucha ao lado do homem, até vencer a hesitação e agarrar a arma.

## ***23. E o inimigo se revela***

Os primeiros gritos correram Taubaté logo ao amanhecer. Para muitos moradores o alerta da descoberta dos corpos somente confirmou o esperado após os relinchos infernais ouvidos na madrugada. Os que se renderam ao sono acordaram assustados com a agitação incomum para as primeiras horas. Desperto desde o retorno sorrateiro à pensão, Diogo aguardava apenas o anúncio para misturar-se à multidão que certamente se acotovelaria em torno dos cadáveres. Sentado na rede, ele passara todo o tempo perseguido pela imagem irreal da besta. Uma perversão de tudo que os homens até então haviam visto ou combatido. A maior corrupção da natureza.

Esta era sua única certeza: a mula era um fruto de Satanás. Um demônio, libertado na terra com o consentimento de seu dono para caçar, espalhar o desespero e zombar dos esforços de suas presas. Diogo voltou a pensar no pesadelo que o atormentara há uma semana em Mogi e como o berro de agonia em seu sonho era idêntico em dor e desesperança ao choro dos quadrilheiros massacrados diante de seus olhos. Lembrou-se da criança dos dentes pretos, arditosamente parada no caminho de Taubaté, na tentativa capciosa de afastá-lo da vila. E da expressão de júbilo no rosto do Diabo durante o ataque da besta. Como um pai ao admirar os primeiros passos de seu herdeiro, imaginou.

Étienne escancarou a porta de seu quarto, ignorando o sobressalto que poderia causar. O francês estava esbaforido e trazia nos braços o filho mais novo.

— Mais mortos — anunciou laconicamente.

Diogo pôs-se de pé e deixou o aposento. Ao chegar à sala encontrou a esposa do anfitrião estirando o pescoço pela janela para acompanhar a correria dos moradores em direção ao pelourinho. Clara encolheu o corpo esguio e deu passagem para o hóspede, sem disfarçar a aversão. Ele deixou a pensão, seguido por Étienne e João. Encarou o sol matinal sem a proteção do chapéu — agora escondido em um baú — e seus olhos se ressentiram com a forte luminosidade.

Quase foi arrastado pela corrente de curiosos que levantavam poeira com os pés nas ruas de terra. Diogo seguiu o fluxo com uma apatia que contrariava a ansiedade nos rostos do povo da vila. Étienne deixou o bebê com a filha mais velha e, ao lado do escravo, o acompanhou.

Já avistavam o pelourinho quando foram alcançados por Inácio, que segurou com força na mão do pai. O menino estava eufórico, registrando o tumulto com os olhos arregalados. Diogo parou e ajoelhou-se diante dele.

— Volte.

Inácio manteve-se imóvel, lutando para resistir aos solavancos da turba. Apertou a mão de João, como se pudesse absorver parte da altivez conquistada pelo pai, porém recuou, imaginando que Diogo não se valia da autoridade, mas da certeza em relação ao que os esperava alguns metros à frente. Após alguns segundos o menino assentiu, abrindo caminho em direção à pensão com dificuldade.

João e Étienne olharam intrigados para o jovem, que se levantou e seguiu.

Precisaram forçar a passagem entre as dezenas de pessoas espremidas em volta da praça. Para surpresa de Diogo não havia quatro corpos. Eram apenas três. Os restos de dois quadrilheiros estavam amontoados no chão, carbonizados. Somente foram identificados por não estarem no grupo que retornou após a tocaia fracassada. A população de Taubaté, que já repetira a cena cinco outras ocasiões, reagiu com estranha familiaridade. Os mais sensíveis cobriram a boca e o nariz para controlar a repulsa diante do cheiro de carne queimada. As mulheres alternavam olhadelas de compaixão e tristeza com breves orações dirigidas ao céu muito azul da manhã. Outros acrescentavam revolta e ódio ao caldeirão de sentimentos que envolvia a vila. Mas foi o medo que fez todos, sem exceção, ver os próprios rostos naqueles corpos.

Ao lado, acomodado em uma rede, jazia Ataíde. A claridade do dia permitiu a Diogo ver com detalhes o que sobrara do impetuoso militar. Alquebrado dentro da farda azul marinho suja de barro e sangue seco, mais parecia um boneco de Judas impiedosamente surrado. Braços e pernas estavam dobrados em ângulos impossíveis, enquanto o rosto desaparecera, arrasado com a força dos cascos da mula.

— Esse era o capitão Ataíde, homem de confiança do mestre de campo. Os outros dois eram quadrilheiros. Estão a cochichar que um *troisième* escapou com vida, mas está mui ferido e não passa do meio-dia. O pobre foi mandado para o Convento de Santa Clara. Aguardam a chegada de um barbeiro ou, quiçá, um cirurgião — cochichou Étienne.

O jovem se lembrou do moribundo que julgara morto e lamentou não ter verificado seu estado. Outra preocupação sufocou o arrependimento. O sobrevivente poderia relatar tê-lo visto nas imediações durante o ataque, e Diogo temia ser arrastado pela espiral de loucura e desconfiança que governava Taubaté. Ele desejou que a madrugada estivesse escura o bastante para impedir seu reconhecimento. Ou ao menos que o infeliz morresse logo.

Nesse momento a muralha de espectadores ao redor dos cadáveres ruiu, dando passagem a Gregório de Muniz. Acompanhado por um pequeno contingente de soldados, ele marchou ao que sobrou de Ataíde. Ajoelhou-se e como se pretendesse colocá-lo sentado, segurou-o pela nuca com docilidade incomum. O corpo desconjuntou-se dentro da casaca, e o mestre de campo interrompeu o movimento, voltando a acomodar o capitão na rede com extremo cuidado.

Todos se assombraram com a desolação no rosto de Gregório — um gigante prostrado, que em nada lembrava a autoridade implacável e opressora da Coroa na vila. Um leve tremor começou a correr seu rosto. Agulhas pareciam puxar-lhe a pele, costurando uma máscara de ódio onde antes havia devastação. Ele se pôs de pé em um pulo e para a surpresa da multidão, passou a chutar Ataíde com violência. Vieram os xingamentos e as cusparadas. Por fim, Gregório sacou sua garrucha e disparou contra o cadáver. Ele continuou apertando o gatilho seguidas vezes, ignorando a inutilidade do gesto. Parou apenas quando julgou ter matado toda a afronta, a desobediência e a incompetência que um dia lhe haviam contaminado o Regimento e a razão.

Ao terminar, arrumou mecanicamente a peruca branca na cabeça, limpou o suor da testa e ordenou em voz alta ao soldado mais próximo:

— Enterrem na mata, sem cruz ou inscrição a marcar o local. Ele não merece a paz dos cemitérios ou as orações das carpideiras. — Gregório deu alguns passos quando se virou, completando as instruções: — E nu. Sem peça alguma do fardamento.

Diogo e a turba assistiram quando o mestre de campo deixou o pelourinho e subiu a íngreme rua nos fundos da praça. Não precisou perguntar a Étienne para onde conduzia o caminho de pedra.

Gregório entrou no Convento de Santa Clara, logo recepcionado por uma freira atarracada, já instruída sobre a importância do visitante. Seguiu a religiosa pelos corredores escuros até uma acanhada cela, onde o aguardavam os três vereadores, o juiz, padre Gonçalo e um barbeiro. Foi obrigado a tirar o chapéu, reclinando-se para não bater a cabeça no teto rebaixado. Ao centro, deitado em uma estreita cama, o quadrilheiro.

Bolhas se espalhavam por quase todo seu corpo. As queimaduras pouparam apenas mãos e pernas. Estava cego e convulsionava. Parte dos ossos da face e dos ombros surgia em meio à crosta malcheirosa que agora substituía sua pele. Dom Armando foi o primeiro a falar.

— O nome dele é Benjamim. Dos três atacados, foi o que restou, embora nosso caro Bento afirme dispor de poucos meios para aliviar o sofrimento. — O vereador dirigiu um olhar reprovador ao homem de idade ajoelhado ao lado da cama e emendou, como se pressentisse que a pergunta seria feita. — O cirurgião deixou a vila ontem pela manhã para tratar uma gangrena em uma fazenda na

outra margem do Rio das Almas. Sequer conhece nossa precisão e mesmo que fosse informado não chegaria a tempo.

— Vossa excelência bem sabe que sou apenas um prático. De pouco posso me valer além de sangrias e ervas. Ademais, o infeliz já deve estar a avistar os portões do paraíso — retrucou o barbeiro, ofendido com as insinuações sobre sua perícia.

Ele retirou de uma maleta um grande vidro repleto de sanguessugas e, sem demonstrar repulsa alguma, colocou várias delas nas pernas do moribundo. Em seguida, espalhou sobre as queimaduras uma pasta esverdeada, acondicionada em uma pequena bolsa de couro.

— O unguento de babosa aliviará as dores da queimação. E nunca se deve dispensar uma boa sangria. Confio a vosmecês minhas bichas por que tenho duas barbas já pagas a aparar. Não fosse o compromisso sangraria eu mesmo o pobre — justificou-se o barbeiro, enquanto arrumava a maleta com nítida afobação, talvez por ter o enfermo poucas posses ou reduzidas chances de sobrevivência.

— Ele é capaz de falar? Pergunte o que viu. Quantos bugres? De que aldeia? Interrogue o miserável!

— Ele mal respira, dom Gregório. Creio que não possa responder a vossos questionamentos.

O mestre de campo puxou o velho pela gola do casaco e encostou a boca no ouvido carcomido do quadrilheiro, desprezando o fedor de carne queimada. O homem recuou ao sentir a aproximação de Gregório e por alguns breves segundos esqueceu a dor invencível que o castigava.

— Vosmecê estava na mata. Conte o que ocorreu.

Benjamim balançou a cabeça e balbuciou palavras ininteligíveis, que padre Gonçalo logo identificou como fragmentos de uma oração. O sacerdote intercedeu, segurando com firmeza no ombro do militar.

— É hora de preparar o viático. Ele está às portas da morte e não poderá partir sem o último sacramento!

O mestre de campo voltou-se ainda ajoelhado para padre Gonçalo, pousando os olhos longamente na mão envelhecida sobre sua casaca. O religioso recuou, mas manteve a exigência na expressão grave.

— Se este velhaco morrer sem dizer o que sabe eu mesmo tratarei de arrastar seu corpo tismado a cavalo pelas ruas de Taubaté! E será enterrado na mesma cova rasa que o maldito Ataíde, para entrarem abraçados no inferno! Sem unção ou velório! — sentenciou Gregório. Ofendido com a blasfêmia, padre Gonçalo afastou-se o quanto pôde do militar. — Vosmecê escutou? Sem unção ou velório! Agora, fale!

O quadrilheiro tossiu e, sacudido pelos tremores, dirigiu os olhos mortos a seu inquisidor. A voz saiu rouca e quase inaudível, mas vibrou no silêncio da alcova.

— Não foram... bugres...

Gregório estava prestes a pressionar ainda mais o homem quando dom Armando sinalizou para que o deixasse falar.

— Foi... uma mula. Uma mula... dos infernos...

— Mula dos infernos? Se crê que pode galhofear a Coroa com vossos devaneios, há de engolir a insolência sem...

— Uma mula dos infernos!!! Sem cabeça, a cuspir fogo!!! Imensa e preta!! — berrou o quadrilheiro, assustando todos com a explosão repentina. Padre Gonçalo adiantou-se e com ajuda do barbeiro,

conteve o moribundo que emergira do estupor febril com a força de vários homens. A desordem se instalou no pequeno cômodo. Os vereadores e o juiz discutiam em voz alta, enquanto Gregório ameaçava Benjamim. Padre Gonçalo, em frenesi, rezava próximo à cama.

— Ela é imortal!! Nós disparamos duas vezes, à curta distância, e ela não tombou!!

Debilitado, o homem voltou a recostar-se no colchão de palha. Os ouvintes calaram-se ao perceber que ele prosseguiria.

— E ela é astuta! Não como os animais, mas como as gentes!! É má e capaz de ardilezas!

— Mas como pode cuspir fogo se vosmecê assegurou que nem cabeça possui? — perguntou dom Tomé, com nítido interesse.

— Ela cospe fogo!! Fogo!! E os cascos! Os cascos são afiados como sabres!! Esmigalham os ossos e queimam a carne!!

— E quem a monta? Vosmecê não viu alguém em sua sela? Quiçá o Diabo em pessoa?

— Sim!! O Diabo!! Eu vi o Diabo em seu lombo, a sussurrar nos ouvidos! Preto e peludo, como a mula!

— Basta!!

A ordem de padre Gonçalo calou todos no catre e esvaziou até as intenções hostis de Gregório. Ele encarou o mestre de campo e falou pausadamente.

— Agora esse homem receberá a merecida unção. Ele enfrentou um soldado das profundezas e em breve encontrará o Senhor. E ninguém pode atrapalhar os ritos divinos, dom Gregório. Nem mesmo vosmecê.

O militar se pôs de pé ao lado da cama, enquanto o sacerdote acendia o incensório com a chama de uma vela. Em seguida, ungiu com óleo os olhos cobertos por bolhas, as orelhas destruídas, o que restara do nariz e da boca e, por fim, as mãos. Retirou um crucifixo de prata do hábito e o encostou nos lábios feridos.

— Vosso coração ama apenas a Deus?

Mas o quadrilheiro não beijou a pequena imagem de Cristo. O último e desesperado esforço esgotara todas suas forças e privara-lhe de concluir o sacramento. O vigário guardou o crucifixo e levantou-se, esmorecido.

— Trate de se resignar, padre. Mesmo que ele tivesse recebido o viático ainda assim iria para o Tártaro. É o destino para os mentirosos que tentam enganar a Igreja e El Rei.

— Então vossa senhoria não crê na estória do pobre homem?

— Em nenhuma palavra, dom Manoel. Delírios de um louco atormentado pelas dores.

— Encontramos os mosquetes, disparados. Os quadrilheiros decerto atiraram contra algo, que não tombou ou fugiu. E há o fogo. Mais uma vez, o fogo. E os ferimentos e ossos quebrados, como que esmagados por coices. O próprio Ataíde parece ter sido pisado por uma tropa de bestas. E vossa senhoria deve ter escutado os relinchos demoníacos na madrugada. — O vereador batia com sua vara no chão da cela a cada evidência. Estava visivelmente inclinado a aceitar a explicação do moribundo e deixou isso claro ao aproximar-se do velho franciscano.

— O que vossa excelência diz apenas torna evidente quatro cousas. Primeiro, há mister de os quadrilheiros apurarem a pontaria. Segundo, os bugres agora se valem de mulas brabas para nos

atacar. Terceiro, como nossos inimigos crescem em ousadia e crueldade, a resposta de Taubaté deve ser de igual ou superior medida. — Gregório dirigiu-se à porta e a abriu, sentindo-se aliviado em deixar o minúsculo catre impregnado de incenso, carne queimada e fanatismo. — E, por fim, é chegada a hora de o Regimento assumir seu lugar nessa peleja. Com o permissão de vossas excelências — disse o mestre de campo, em uma reverência destinada aos dois únicos que poderiam apoiá-lo e até então permaneciam calados.

Armando Quintana e Alfonso Lisboa se entreolharam. O vereador sorriu, exultante em dar aos acontecimentos o desfecho com que ansiava desde a descoberta do primeiro corpo. O juiz assentiu com um movimento quase imperceptível. Diante de seu silêncio, dom Armando anunciou:

— Jamais ocultei minhas suspeitas sobre a culpa dos bugres, mas vejo como vosmecês a mão do demônio a operar nessa vila. Os selvagens, vazios de alma, se prestam ao teatro de bonecos montado por Satanás, como bonifrates do inferno que são. Se não alcançamos quem puxa os cordões, basta esmagar os títeres.

O magistrado ouviu o discurso do oficial da Câmara sem se manifestar. Ainda duvidava se um ataque direto às aldeias na comarca pouparia Taubaté de outras mortes. No entanto, não tinha força suficiente para se opor a dom Armando e a Gregório, especialmente sendo ele o autor do plano com os quadrilheiros que falhara de maneira tão vexatória. O mestre de campo repetiu a reverência e deixou o cômodo. Os cinco permaneceram alguns instantes em silêncio, embora a arrogância do mais velho dos vereadores ecoasse no catre.

— Há providências a tomar. Devemos preparar o cortejo e o enterro dos mortos. Poucas vezes perdemos tantos de forma tão trágica em um só dia. Recomendo que não deixemos essa tarefa a cargo das famílias, mas sim das autoridades. Na falta de uma vitória para celebrar, devemos serenar os espíritos dessas gentes — sugeriu dom Manoel.

Os outros concordaram. Com a vila em polvorosa e às portas de uma guerra com as nações indígenas vizinhas, uma Casa de Câmara indiferente ao sofrimento dos colonos apenas comprometeria a já esgarçada imagem da Coroa.

— Também creio não ser prudente que Taubaté conheça as últimas palavras do quadrilheiro. Alvorço e comoção são cousas das quais menos necessitamos agora — prosseguiu dom Armando.

— O povo deve saber que há um enviado do demônio a correr nossas matas! É momento de orar, como nunca! Na guerra de dom Gregório, poucos estarão ao seu lado, mas na luta que devemos travar contra o Maldito cada homem e mulher deve ser um soldado do Altíssimo! Nossa única arma é a fé! Não podemos esconder a verdadeira ameaça que pesa sobre a vila! — protestou padre Gonçalo.

— Me permita discordar de vossa senhoria. A perturbação trará inquietação aos corações de vossos fiéis. Temerosos, suas preces serão de pouca valia — argumentou dom Manoel.

Distraídos em seu debate o vigário e os vereadores não viram o instante em que o barbeiro, ansioso por espalhar a novidade, esgueirou-se pela porta entreaberta. No meio da manhã, os feitos da mula dos infernos, suas chamas e cascos em brasa já eram tema de todo burburinho nos mercados, casas e ruas de Taubaté.

## ***24. A mais fértil das terras***

Antes que retornassem à pensão, Diogo, João e Étienne ouviram a verdade sobre a mula que cuspia fogo. As façanhas da besta correram Taubaté como um pavio aceso, multiplicando-se e transformando cada morador em um ser esquecido por Deus e a vila em uma nova Gomorra. Os corpos queimados, que já chamavam a atenção dos curiosos, passaram a atrair o choro e as orações dos crentes em desespero. Dezenas correram à Igreja de São Francisco para encontrar conforto nas palavras do velho franciscano, mas apenas se depararam com padre Miguel, atordoado como os fiéis. A mulher de Étienne o esperava na porta de sua casa. Carregava o bebê no colo e estava tão angustiada que não recuou diante de Diogo. João aproximou-se do patrão e perguntou.

— Nhô acredita? Acredita na mula dos infernos?

Diogo surpreendeu-se com a postura do escravo. Não esperava vê-lo dirigir-se a ele sem ser solicitado. O jovem cogitou repreendê-lo pela liberdade indevida, mas desistiu. Sua mente estava ocupada em estabelecer a ligação definitiva entre sua chegada a Taubaté, a criança dos dentes pretos e o inimigo recém-conquistado. Também desconhecia se o quadrilheiro revelara sua presença na mata, embora suspeitasse — diante da inexistência de boatos — que não.

— Acredito em tudo que vem dos infernos, João.

O escravo, que notara a ausência do chapéu da cabeça de Diogo, considerou ser o momento ideal para testar a tolerância do senhor.

— Posso comprar outro chapéu para nhô.

— Pois vá. Inácio fica. — Diogo deu a João algumas patacas tiradas do bolso da camisa, deixando claro que estava atento a uma improvável tentativa de fuga. O negro já se retirara quando foi chamado.

— Pergunte se pode levar com vosmecê a filha de Tião. A rapariga decerto conhece onde se vendem chapéus que me agradam.

Étienne, sentado na soleira de sua pensão, concordou. A menina desceu a escada às pressas e disparou na frente, obrigando João a acelerar o passo. Escapar nunca esteve nos planos do escravo, embora também não pretendesse ser seguido. Ele somente buscava o máximo de privacidade para conhecer alguma das belas negras que vira em Taubaté até o momento. A filha de Étienne logo o levou a um comerciante de couros, onde encontrou um chapéu do gosto de Diogo. Concluída a compra, pediu à menina que retardasse em alguns minutos a volta para casa e embrenhou-se nas ruas de terra.

O assunto em cada ajuntamento de moradores — fossem eles brancos, mulatos ou escravos — era a besta. Havia poucos índios na vila, um claro sinal que a cruzada do mestre de campo, antes de começar já provocava medo entre suas principais vítimas. Apenas alguns aranãs ou caingangues convertidos aventuravam-se no mercado, usando suas túnicas brancas para acenar com a placidez dos catequizados. Como pretendia Gregório, a notícia do surto de varíola surtira efeito, e quase não se viam tropeiros, mesmo sendo Taubaté parada obrigatória a caminho do Distrito Diamantino e

outras vilas importantes como Santo Antônio de Guaratinguetá e Baependi.

Pouco era comprado ou vendido, embora o mercado fervilhasse. No meio dessa agitação incomum João avistou uma jovem e atraente escrava. Sentada na calçada, era uma das poucas pessoas que se mantinha calada, alheia à multidão barulhenta e evitando compartilhar seus medos. Tinha à frente um tabuleiro repleto de doces. O escravo acocorou-se e sorriu amistosamente. Ela não retribuiu a gentileza e se limitou a olhar com compaixão para o “F” talhado no rosto do homem.

— Doce? Tem de banana, bolo de milho, de mandioca, de queijo...

A mulher não completou a frase ao constatar que o recém-chegado não estava interessado em guloseimas. Voltou a vaguear com os olhos o vai e vem dos moradores.

— Me chamo João — disse, reforçando com a voz grossa a afabilidade do sorriso.

Ela permaneceu calada, fitando a turba.

— Os doces me parecem apetitosos. Se não compro é por que não tenho nenhuma pataca comigo. Mas vosmecê é ainda mui mais bonita que vossos bolos.

— E vosmecê é atrevido!

— Não sou atrevido. Sou sozinho, como vosmecê.

— Pois tenho um homem.

— Não tem. Se tivesse, ele não deixaria mulher solta. E se tiver, bem sabe que ele não é merecedor do que tem — retrucou João, transformando a cordialidade inicial em provocação.

Por fim, Rosário sorriu. Um belo sorriso, um dos mais radiantes que ele já vira. Ela escolheu uma fatia de bolo de milho e lhe presenteou. João dividiu o pedaço em duas partes iguais e deu uma delas para a escrava.

— Pode magoar uma mulher se recusar um agrado — A escrava agora parecia disposta a alimentar o assanhamento de João.

— Não estou a recusar. Apenas quero assegurar que vosmecê é boa doceira. Se recusar a comer o bolo feito por vossas mãos, decerto uma caganeira é o que me espera.

Dessa vez, Rosário deu uma gargalhada. Os dois devoraram suas metades em silêncio. João se levantou num salto ao perceber que a filha de Étienne já poderia ter voltado para casa. Ele colocou o chapéu comprado há pouco na cabeça e fez um desajeitado galanteio, arrancando mais risadas.

— Traz vosso tabuleiro sempre aqui?

— Pela manhã, menos domingo — ela limpou a boca com as costas da mão, e os farelos do bolo escorreram pelo decote até o vão entre os seios volumosos, deixando João ainda mais atizado.

— E como se chama?

— Rosário.

— Vejo vosmecê amanhã, Rosário.

— Nessa mesma rua.

João disparou rumo à pensão, chegando em minutos. A menina o aguardava prudentemente na esquina próxima. Ele agradeceu com um afago na cabeça e entrou na casa. Diogo o esperava, sentado em um banco na sala, onde tomava uma aguardente na companhia do dono da hospedaria.

— Vosmecê tardou a voltar.

O escravo não se desculpou. Apenas se curvou ao entregar o que fora pedido e o troco de algumas patacas. O jovem experimentou o chapéu e demonstrou ter aprovado a escolha. Em seguida, levantou-se e anunciou que iria repousar em seu quarto.

Antes de entrar já sabia que a falsa criança o aguardava, sentada no meio do aposento. Dessa vez, no entanto, ela não foi a primeira a falar.

— Encontrei vossa cria na madrugada.

O inimigo pareceu surpreso. Mostrou a pavorosa fileira de dentes pretos e sorriu enigmaticamente, provocando um calafrio que partiu da espinha e irradiou por todo o corpo do jovem.

— Eu também estava na mata e vi vosmecê a buscar abrigo em um tronco podre, como um sapo que foge de uma cobra.

— A vantagem era dela, pois conhece bem os homens. Quando encontrar de novo vossa mula dos infernos, não me esconderei.

O Diabo se pôs de pé e, apesar da aparência franzina da criança, oprimiu Diogo com o tamanho que de fato ostentava.

— O que faz vosmecê crer que pode vencer minha besta?

O jovem abaixou a cabeça. Não se sentia intimidado, mas vasculhava a mente em busca da resposta que demorou a surgir.

— Se eu não fosse capaz de matar esse demônio meu Tiago não teria me despachado para essa vila.

A criança deu um passo em sua direção. O tremor aumentou de intensidade, e os testículos encolheram.

— E se eu confessasse que não posso ser inculpado pela mula? Que ela não é meu fruto, mas sim do homem. Quiçá de vosso Deus?

— Vosmecê é o autor de toda a mentira e de todo o mal. O que diz vale somente para nos atormentar.

— Não creio que acredite em vossas palavras. Não vosmecê, que já sentiu o sabor amargo do próprio arbítrio. Não depois de conhecer a natureza do homem. Vosmecê conhece a natureza dos homens, não?

A criança estava a apenas um passo de Diogo, que fechou os olhos para fugir do rosto infantil e insultuoso. Por isso não viu quando seu inimigo segurou-lhe as mãos, paralisando-o. O calafrio, a respiração já ofegante e até os batimentos do coração estancaram, e assim permaneceram.

— Conheça o coração dos vossos irmãos, dom Diogo, e diga quem é o autor de toda mentira e todo mal — proclamou a criança dos dentes pretos.

Diogo não abriu os olhos, pois se o fizesse sabia que não se depararia com a habitual forma blasfema do seu inimigo.

— A duas casas daqui, enquanto vosmecê me escuta, o correeiro José Antunes se deleita com a sobrinha de doze anos. Desde os sete ele a procura pelas manhãs e a sevicia, em um colchão fedendo a mijo e sangue de boi. Já feriu a rapariga duas vezes com um facão e promete a morte caso ela conte o segredo. O mesmo prazer tem o mulato Pascoal ao se deitar com as próprias filhas na casa de alcouce, dois sargentos do Regimento, que atendem por Rui e Cristóvão, e Francisco Vargas, conhecido por alugar mulas na estrebaria ao lado do armazém de farinha. Já o ferreiro Simão, um tal Antônio Pacheco, que compra mandioca dos roceiros, e tantos outros usam negrinhos. E curumins — meninos ou meninas. Uma delas, logo na primeira regra, ficou prenhe do ferreiro, que não tardou a inculpar um escravo. O acusado foi para o tronco, e a bugrinha pariu um caboclo, jogado em um riacho pelo pai para

afiançar a farsa. Por ciúmes, a mulher do sesmeiro Pedro de Araújo envenenou a enteada de quatro anos ao se ver grávida do marido e ainda trocou as roupas da menina morta em um enxoval para o filho que virá. Um escravo chamado Inocêncio, propriedade do dono do açougue, deu ao mestre de campo o precioso destino de cativos fujões escondidos em uma roça abandonada às margens do rio das Almas e pediu como paga um garrafão de cachaça. Outro negro, forro e de nome Vicente, embriagou e matou o pai da mulher amada, que não o queria casado com sua filha.

O Diabo falava em uma cadência firme, como se lesse das páginas de um livro a podridão nas almas dos homens e mulheres da vila. Enquanto ouvia, Diogo era forçado a testemunhar os martírios sofridos por aqueles inocentes, provando os cheiros, gostos, medos e dores em seu próprio corpo. Sentiu o sabor da saliva dos devassos, o ranço do suor e as lâminas afiadas na carne. O vômito subiu pela garganta, mas conteve a ânsia. As pernas fraquejaram, e ele desabaria se seu inimigo não impedisse a queda, apertando-lhe as mãos e fazendo com que estirasse o tronco.

— O vereador Armando já castrou um preto e cortou a língua de outro, por medo de ter sua fanhonice revelada. Ele também obriga seus escravos a trazer das lavras pedras escondidas nas carapinhas. Depois que oculta o contrabando dentro de uma santa oca manda matar os pretos. Dom Luiz de Gouveia, homem-bom e dono de engenho, vende os bastardos que tem com escravas. Já despachou seis. Sua filha mais nova, gorda como uma leitoa e corroída pela inveja, ordenou que um feitor queimasse com ferro o rosto de uma bela mulata. Uma certa dona Ana Coelho, para garantir refeições mais fartas para os netos gêmeos há pouco nascidos, deu para um

tropeiro de passagem pela vila os filhos de colo de duas amas de leite.

Diogo novamente esmoreceu, mas dessa vez o Diabo nada fez. O jovem caiu, batendo a cabeça no piso de terra batida. Ao abrir os olhos, viu os pequenos pés sujos e descalços. Seu inimigo ajoelhou-se e sussurrou ao seu ouvido:

— Vosso Pai fez do Nazareno carpinteiro, mas escolheu ofício diferente para os outros filhos. Vosmecês são lavradores. Plantam e colhem. E essa terra é a mais fértil de todas que conheci.

Ainda no chão Diogo fitou a criança, imensa diante de seus olhos. Começou a chorar, não levado pelo desespero de mais um confronto desigual com seu inimigo, mas por constatar que o mal que tanto o perseguia e afligia estava em todos os corações. De homens e mulheres. Livres e cativos.

— Não sou vosso Pai, pois não fiz vosmecê à minha semelhança. Sou a ama que amamentou cada um dos filhos Dele. Crias famintas por cobiça, ira, preguiça, gula, inveja, vaidade. E luxúria. Meu vício preferido. O único que praticado sem medida faz de vosmecês mais animais que homens e cega até os emissários de vosso Deus — prosseguiu a criança dos dentes pretos, erguendo o dedo para o teto. — Vossa mula, dom Diogo, não foi parida em meu reino. Ela é fruto da luxúria de um padre.

— Vosmecê mente!!! Mente!!

— Quando enfim me apossar de vossa alma não verá diferença entre vosso mundo e o meu. Quiçá já esteja a caminho das profundezas. Quiçá João não logrou salvar vosmecê da flecha envenenada e Taubaté seja vosso purgatório.

Diogo agiu por puro impulso. Agarrou uma das garruchas sobre o baú ao lado da rede e atirou. A criança pareceu sentir o disparo e levou a mão ao peito, mas enquanto uma pequena parte da mente do jovem celebrava a precisão do tiro, a outra já identificava a reação como uma zombaria do inimigo. Tão logo a fumaça da pólvora se dissipou, ele se viu novamente no canavial, diante do filho baleado. Correu para evitar que o menino tombasse e o segurou. Com Tiago em seus braços e açoitado pela ventania que dobrava a plantação, lutava para permanecer equilibrado. Até lembrar-se que naquela noite fora-lhe negada a chance de admirar pela última vez o rosto ainda com vida do menino. Arrastado para uma perversão do passado, olhou com espanto para a criança que acalentava.

Tiago despertou e sorriu, mostrando dentes negros. Antes que Diogo pudesse recuar ele o agarrou pela nuca com suas garras e o invadiu com um sopro gelado, como o que corroera sua alma quatro anos antes.

A mulher de Étienne abriu a porta do quarto, atraída pelo tiro. Clara nunca pôde determinar com exatidão o que viu. Diogo estava reclinado, em agonia. Sobre ele, como se trocasse um repulsivo beijo, havia algo. Uma presença difusa, sem cores ou contornos, uma sombra que se voltou e a encarou. O bebê em sua barriga reagiu, contorcendo-se e chutando em desespero. Ela imaginou ter distinguido um sorriso onde não havia sequer rosto, e um jorro de sangue desceu por suas pernas magras. Clara desmaiou, tentando inutilmente segurar-se na soleira da porta.

Étienne surgiu, acompanhado de João e um mascate hospedado em sua pensão, e a encontrou sem sentidos. Diogo estava deitado

no chão, exaurido e zozno. Ainda segurava a garrucha quando o francês entrou no quarto. Ele tentou falar, mas suas palavras soaram como um débil pigarro. Os olhos de Étienne cresceram vermelhos quando viu a arma fumegante e sentiu o cheiro de pólvora no pequeno quarto. O francês avançou em direção a Diogo e acertou sua cabeça com o punho. Vieram mais dois socos, e provavelmente o teria matado se João não tivesse se atirado sobre ele e segurado seu braço.

— Ela não tem marca de bala, Tião. Mas a sangradura não estanca — interveio o mascate.

Étienne levantou-se atordoado e olhou erraticamente ao redor do aposento até descobrir um pequeno buraco na parede, abaixo da janela de treliças. Ofegante, deixou Diogo aos cuidados de João, que pressionava com a camisa um talho aberto na testa, e correu para a esposa. O negro percebeu as lágrimas no rosto desalentado do patrão e avistou a marca do tiro. As crianças se amontoavam diante da soleira da porta, buscando respostas com olhos arregalados.

— Chamem alguém!!! Um *barbier*!! Uma aparadeira!! Chamem alguém!! Alguém !!! — Os berros do francês misturavam-se ao choro do caçula, que tentava engatinhar sobre a mãe desacordada, e aos soluços da filha mais velha.

O mascate deixou o quarto e desembestou-se nas ruas, à procura de ajuda. João e Étienne carregaram Clara com cuidado até o quarto do casal e a colocaram sobre a cama, deixando Diogo sozinho no pequeno aposento. Ele buscou apoio no baú e com esforço ergueu o corpo combalido após a investida da falsa criança e pelos fortes murros. Em alguns instantes, pensou, o dono da pensão voltaria e se desculparia pela agressão. O jovem aceitaria o pedido

sem hesitação, mas esperava ter deixado a casa antes que o francês retornasse.

## ***25. Lugares piores que o inferno***

O refúgio fora escolhido por padre Miguel na sua primeira semana em Taubaté, quase um ano antes. Apenas a sombra de um gigantesco pé de jabuticaba, a minutos de caminhada da vila, onde o rapaz se recolhia para refletir sobre as aflições na nova terra. Nos seus primeiros dias na colônia a saudade dos pais e irmãos o levou diversas vezes àquele lugar. Depois vieram os questionamentos sobre o sentido de uma missão em um ambiente tão bárbaro e esquecido. Em algumas ocasiões — e penitenciou-se profundamente por isso — a aspereza de seu superior o arrastou para seu retiro. Nas semanas anteriores, foi colocado à prova pela maior das angústias: o assédio sem tréguas que sofria e sua sujeição aos caprichos da viúva. Hoje, outro sentimento o fizera buscar a sombra fresca da jabuticabeira.

O temor que Catarina fosse o demônio a cercar a vila.

Ele se lembrava dos estudos de Teologia em Portugal e de como a figura dos súcubos o assustavam. Os professores do seminário franciscano haviam alertado para esses espíritos malignos, que assumem a forma de mulheres a fim de atormentar os homens, roubando-lhe o fôlego e a vida. O jovem sacerdote também sabia que religiosos como ele estavam entre as vítimas prediletas dessas criaturas, animadas pela possibilidade de corromper os puros

representantes do divino e apropriar-se de seu sêmen para usar em feitiços inomináveis.

Padre Miguel não tinha certeza que sua amante era um súcubo; apenas desejava isso desesperadamente. Poderia justificar-se perante seu superior, sua família, a Igreja e até si mesmo por render-se diante de uma tentação sobrenatural. Mas como explicar ter sido seduzido por uma simples mulher, uma das almas que jurou conduzir durante a passagem na terra, até o dia de sua morte?

Ele ouviu o som de sandálias arrastadas na terra. Depois de onze meses na companhia do vigário era capaz de reconhecer sua aproximação pelas passadas — lentas, porém firmes — e da respiração arquejante, mesmo estando repousado e longe de aborrecimentos. Padre Gonçalo contornou o tronco grosso e sentou-se com dificuldade ao lado do protegido.

— Confio em vosmecê para erguer esse corpo debilitado. Ou terá de assumir o rebanho sozinho.

Padre Miguel correspondeu ao gracejo — o primeiro desde que chegara à vila. Em seguida, suas feições crisparam-se, e ele voltou a admirar a quietude do lugar com uma apreensão indisfarçável.

— Vosmecê não deve arrepender-se pelo medo. Somos homens, e o medo é um sentimento humano. Que atire a primeira pedra quem nunca tremeu diante de um inimigo que julgava mais forte. Mas diferente das guerras, em que os escudos de madeira nada podem contra as espadas de ferro, a fé está a nosso favor. Legiões são superiores a meras centúrias por serem mais numerosas. Um cavaleiro pode triunfar sobre um simples soldado a pé, pois se vale da velocidade de seu animal. Mas a mula dos infernos, padre Miguel, não pode nos vencer, por que ela representa o mal. E nós estamos

em Taubaté como guerreiros de Nosso Senhor! Eu e vosmecê, sem a força das armas, temos a vantagem! É ela, ela, fruto de Satanás e feita da mesma carne, que deve temer! — proclamou o vigário, brandindo os braços furiosamente, em nada lembrando o ancião encarquilhado que se sentara há instantes.

— Eu acredito que a balança pende a favor dos justos e que os soldados de Cristo triunfarão, mas tenho dúvidas se sou digno de estar ao lado de vossa senhoria nessa refrega. Em verdade, creio que posso até perturbar vossa tarefa.

— Vossa pouca idade de nada importa. O que vale é a pureza e a fé que carrega em vosso coração.

Padre Miguel virou-se para o superior, que se comoveu ao ver os olhos azuis injetados. O velho sacerdote o abraçou e assim permaneceu por longos minutos, enquanto o rapaz soluçava.

— Quero ser transferido para outra freguesia. Não posso ajudar vossa senhoria — gaguejou, destruído pela vergonha.

— Pedido feito, pedido recusado. A presença de cada um de nós nessa vila não foi fortuita. Deus traça planos. O vosso exige que esteja aqui, agora, comigo. Se vosmecê não tivesse sido despachado por vosso pai, eu estaria sozinho contra a mula dos infernos.

Se estivesse em Portugal sequer existiria mula a ser vencida, pensou o jovem. Ele enxugou as lágrimas e voltou a olhar para o vigário, dessa vez tomado por novo temor.

— Mas não pretende lutar contra essa besta! Vimos o que ela fez com os quadrilheiros!

— Nos dias que se seguem preciso de vosmecê a meu lado, como um esteio para a fé dessas gentes. Taubaté não pode esmorecer, pois minha força depende da crença do meu rebanho. Os

mexericos sobre agentes do Santo Ofício a operar às escondidas apenas atormentam ainda mais o povo. Na próxima sexta-feira, durante a madrugada, estarei nas matas para mandar esse demônio de volta às profundezas onde foi criado. É o que nosso Senhor espera de mim.

— Mas se vossa senhoria morrer?!

— Uma vitória sem sacrifícios não é uma vitória, mas uma mera licença de um inimigo indulgente. Não acredito que a mula o seja. Então, minha morte é o que aguardo. A minha e a dela.

— Mas não a conhece!! Não sabe das suas fraquezas, o que a impele!!

— A fraqueza da mula é minha fé no poder do Salvador. E ela é movida pela sanha em desgraçar a obra de Deus Pai. É tudo que preciso saber.

— Mas eu...

— Esse não é o lugar ou o momento adequado. Ouvirei todas as dúvidas e medos que atormentam vosso espírito, mas apenas em confissão.

Padre Miguel esmoreceu, diante da possibilidade de revelar ao superior uma ínfima parte de seus segredos. Levantou-se e ajudou o vigário a pôr-se de pé, erguendo o corpo magro com inesperada dificuldade.

— Os anos pesam, meu filho. Mais que a carne e os ossos. Agora, vamos preparar o cortejo dos pobres quadrilheiros.

— Sigo vossa senhoria em instantes.

— Não tarde. Temos muito a fazer.

O jovem acompanhou o mentor afastar-se pela trilha que conduzia à vila e voltou a sentar-se, com a cabeça entre as pernas.

Sentia-se exausto, sujo e acovardado. Voltou a pensar nas palavras da viúva no último encontro dos dois, separados pela porta da sacristia. Ela falara em montaria para o inferno e em cavalgar para os braços do demônio. Uma semana atrás o desabafo parecera teatral e indistinto. Hoje, soava ameaçador e concreto.

— Aceite a confissão. Aplaca as dores da alma. Eu quis ser ouvida, mas meu padre foge de mim.

Catarina chegou sem que padre Miguel percebesse o ruído de seus passos. Ele se sobressaltou com a aproximação furtiva e levantou-se em um pulo. Ela usava um longo vestido branco salpicado de lama e estava descalça, o que intrigou o jovem. A viúva percebeu o espanto nos olhos do rapaz e sorriu.

— Não tirei as sandálias para surpreender vosmecê em vosso refúgio. A terra me serena. Não machuca, se souber onde pisar — disse a mulher, levantando a barra do vestido e admirando os pequenos pés. Ela olhou para o sacerdote e o repreendeu, com a impaciência das mães. — E não tenha medo. Não pretendo ferir meu amado padre.

— É vosmecê! Vosmecê! — Em seu íntimo, esperava que a viúva negasse ou, ao menos, demonstrasse desconhecer a acusação. Mas ela apenas sorriu e assentiu.

As pernas do sacerdote se dobraram e ele caiu sobre o chão apinhado de jabuticabas amassadas. Recuou a cada passo de Catarina em sua direção, até suas costas sentirem o tronco da árvore.

— Eu disse que não vou ferir vosmecê. Não agora, tão distante da madrugada de sexta-feira.

— Por que está a matar inocentes? Em que se transformou?

— Vosso Deus tem a resposta. Quando se recolher para as próximas orações descubra por que Ele reserva danação tão cruel a uma mulher que apenas quis ser amada.

— Mas eu amava vosmecê. Como a todo irmão e irmã na Terra, eu ...

— Eu queria mais!! — urrou Catarina. — Eu merecia mais!!!

Ela se curvou e foi derrotada por um choro convulsivo, que a fez desabar. Por um longo tempo os dois permaneceram ajoelhados, sem força ou razão para vencer a prostração.

— Quiçá se vosmecê pedir perdão sincero ao Salvador Ele livre vossa alma dessa maldição — sugeriu sem convicção, encabulado pelas próprias palavras.

Catarina levantou então o rosto coberto pelos cabelos desgrenhados e tomado por folhas secas. Padre Miguel encolheu-se diante do olhar ensandecido.

— Eu rezei por semanas, até ver que isso não é uma maldição. É uma benção. A maior delas! Ele me fez mais bela do que já fui algum dia!

— Isso não é uma benção!! É uma danação e vai levar vosmecê ao inferno!

— Se o inferno é o fogo eterno então já o conheço. E não creio que seja um local de sofrimento. Existem destinos piores.

— Vosmecê perdeu o juízo?! Nada se iguala às profundezas!

— Minha esteira vazia é pior que o inferno!! A praia onde enterrei nosso filho!! A sombra dessa jabuticabeira, onde vosmecê rasteja e se esconde!! Toda Taubaté é pior que o inferno!!!

Ele silenciou. Não tinha argumentos para a loucura de Catarina e temia que os gritos atraíssem curiosos, ou pior, padre Gonçalo. Mas,

sobretudo, calou-se por acreditar que ela não estivesse completamente enganada.

— Como isso pode acabar?

— Com vossa morte.

Os dois se entreolharam e, por um instante, nutriram novamente afeto e desejo pelo outro. Padre Miguel ergueu a mão para acariciar seu rosto. Ela estava prestes a permitir o toque quando sentiu o fogo arder e recuou. Catarina levantou-se, sem se preocupar em limpar as folhas secas e o barro do vestido encardido, e deu as costas para o sacerdote.

— Não deixe padre Gonçalo ir às matas na sexta-feira — sussurrou ela sem olhar para trás, antes de iniciar a longa caminhada de volta à roça.

— Ele crê que essa é sua missão. Nada posso fazer para impedir.

— Vosmecê pode ir em seu lugar — sugeriu, ao se embrenhar entre as árvores, deixando padre Miguel à sombra da jabuticabeira.

## **26. Um novo pouso**

Étienne observava Diogo arrumar seus pertences com um pesar inesperado. Desde sua chegada, a inquietação de Clara o fazia ansiar pelo dia em que ele deixaria a pensão. O francês cogitara dispensar a tropa, mas desistiu em nome da afeição por João e das preciosas patacas do jovem. Agora, ver o forasteiro anunciar sua partida depois de ser injustamente espancado trazia sentimentos contraditórios.

— Vosmecê disse aceitar minhas desculpas, mas insiste em procurar outro pouso — disse o anfitrião, amuado.

— Se decido sair mesmo após vosso pedido de perdão é por que tenho bons motivos. Minha presença afligiu vossa mulher desde o primeiro momento. E, após o que ocorreu hoje, sinto que devo partir.

— O barbeiro falou que foi apenas uma sangradura, e já estancada. E a criança está bem. Quem garantiu foi a própria aparadeira.

— Acredite em mim, Tião. A última cousa que vosmecê iria desejar é ter alguém como eu em vossa casa. Buscar hospedagem aqui foi um erro. Um erro meu, que trato de corrigir agora.

Diogo voltou-se para João, que acompanhava a cena apreensivo, sentado em um pedaço de tronco. Com certeza, não encontraria em outra pensão a acolhida que lá recebera. Mas, além do receio em

relação ao próximo pouso, havia sido contaminado pela mesma melancolia do francês.

— Ele e Inácio ficam. Quero que me mostre outra hospedagem. Próxima e limpa, com boa comida.

Étienne olhou para o jovem. Mexia nervosamente os dedos em busca de palavras que expressassem seus pensamentos. Por fim, pediu, pousando a mão em seu ombro.

— Então, aceite outra sugestão. Vosmecê não está disposto. Está longe de ser um enfermo, em verdade. Mas parece cansado. Tenho amigos, que receberiam um amigo de bom grado. Como hóspede.

— Não quero que peça mercê em meu nome. Me sinto bem e posso pagar.

— Vosmecê é homem bem criado. Decerto, irá se aprazer da companhia que me ocorre. Por favor, aceite. Ademais, em nenhuma pensão na vila provaria comida como a de Clara — insistiu Étienne, em tom de súplica.

Diogo refletiu cuidadosamente sobre a proposta. O francês estava certo. Não se sentia doente, mas os confrontos com a criança dos dentes pretos — que haviam crescido em frequência e hostilidade nos últimos dias — o esgotaram. Ser confinado em uma hospedaria, tendo como única companhia seu maior inimigo, iria minar ainda mais suas forças e transformá-lo em uma presa fácil e acuada.

Ele mirou os olhos verdes de Étienne com determinação e assentiu.

— Uma casa sem mulheres prenhes. Ou mui novas. Ou mui velhas. Sem crianças ou enfermos. Ou animais.

— Vosmecê é difícil de contentar, mas também é um homem de sorte. Venha comigo.

— E Clara? O que o barbeiro recomendou?

— Repouso. Até o parto. E ainda faltam quatro meses. E também canjas, muitas canjas — sorriu, sem disfarçar a preocupação. — Como se existisse um pé de galinhas, onde eu pudesse colher duas ou três todos os dias.

— O que pretende fazer?

— Rita já é de valia no serviço da pensão. Ela terá de trabalhar mais para compensar a falta da mãe. E as canjas terão primazia. Passaremos bem com o que sobrar. Se Deus assim quiser.

Diogo enfiou a mão no fundo da algibeira e retirou de lá uma pepita de ouro, pouco maior que um dente. Colocou-a sobre a mesa e bateu no peito de Étienne.

— Pague uma mulher para as tarefas de casa e compre as galinhas que houver mister. E se recusar minha oferta, recuso a vossa.

O francês segurou a pepita e agradeceu, constrangido.

— Mas nunca revele de onde partiram as canjas e a ajudante. Diga que usou economias guardadas. Agora, vamos conhecer minha pousada.

Os dois se dirigiram à porta. Antes de sair, João foi chamado para que devolvesse a garrucha confiada dois dias antes. Diogo não acreditava que o escravo fosse capaz de tolices enquanto estivesse ausente, mas a prudência — e sobretudo a possibilidade de ser acusado de negligência com suas peças — o fizeram levar consigo a arma. Ele também o instruiu. Todo dia, logo após o nascer do sol, deveria procurá-lo para eventuais providências. As mulas, e

principalmente Brabo, deveriam estar bem cuidadas. Ele também ordenou que João auxiliasse Étienne quando necessário, em qualquer serviço doméstico. Não houve ameaças, explícitas ou não, sobre fugas.

Diogo deixou a pensão perto do meio-dia. Antes de seguir Étienne pela rua de terra, deparou-se com Inácio, entretido em uma brincadeira solitária com dois pequenos bois de madeira. O menino demorou a perceber que era observado, dando a Diogo tempo para procurar algo no fundo da algibeira. Inácio assustou-se e tentou esconder os animais atrás de si. O jovem acocorou-se e abriu a mão, mostrando dois cavalos entalhados a partir de um único galho.

— Já viu esses bichos antes?

O Inácio assentiu, calado. Eram peças feitas por um velho escravo do engenho, habilidoso no uso do formão, e dadas a ele próprio e a Tiago para as constantes brincadeiras. Diogo as recolhera há quatro anos, na noite em que deixara a propriedade da família.

— Tiago... Ele era um bom amigo?

Novamente, um movimento tímido com a cabeça. Então, Inácio falou:

— Os cavalos eram meus. Os bois, dele. Mas ele perguntou o que eu gostava mais, e eu disse boi. E ele trocou pelos meus cavalos.

— Vosmecê sente saudade? — perguntou Diogo, e Inácio percebeu que ele chorava.

— Muita.

O jovem colocou os animais em um pequeno monte de terra, construído para o passatempo do menino, e disse, escondendo os olhos sob a aba do chapéu:

— Agora, vosmecê tem dois cavalos e dois bois. Um presente. De Tiago.

Ele se levantou e apressou o passo até a esquina onde o francês o aguardava. Étienne não viu as lágrimas no rosto enrugado pelo sol e somente conjecturou hipóteses para a improvável conversa entre os dois. Caminharam em silêncio até um imenso sobrado azul — um dos únicos de Taubaté. O dono da pensão fez um sinal para que Diogo o aguardasse na calçada e bateu na porta. Um escravo permitiu imediatamente sua entrada.

A imponência da construção surpreendeu até a ele, acostumado aos luxos das casas grandes e engenhos paulistas. Várias janelas de treliça finamente trabalhadas dominavam a fachada azul. No pavimento superior despontava uma varanda, que o jovem supôs agraciar com uma vista privilegiada da vila o afortunado morador. Esperou por quase meia hora e começava a impacientar-se quando a porta se abriu e o francês apareceu, acompanhado de um rapaz, vestido com notável bom gosto. Com os cabelos longos impecavelmente presos com um laço e uma taça de cristal na mão, deixava clara a opulência em que vivia. No rosto, entretanto, não tinha a arrogância dos herdeiros dos senhores. Ao contrário, aparentava ser afável e espontâneo.

— Dom Diogo, esse é Domingos Vidal. *Mon élève*. Meu aluno. E um bom amigo — apresentou Étienne, com autêntico orgulho.

Domingos sorriu e cumprimentou o visitante com um aceno de cabeça, de pronto correspondido.

— Aluno? — perguntou Diogo, imaginando o que o rude proprietário de uma hospedaria poderia transmitir a um filho da elite.

— Francês. Nos anos em que estudei em Coimbra me interessei pela língua, mas o Direito era minha prioridade. Depois que retornei, decidi ter aulas com Étienne, três dias por semana, ou quando os afazeres permitem. Um pouco de conversa, outro bocado de leituras. O que importa é manter o idioma vivo. E o intelecto aguçado. Ademais, sempre terminamos nossas aulas com uma dose de um bom licor ou o leitão assado de Clara, sem par na colônia. Leve meus votos de melhora a vossa mulher. Diga que estou a rezar por ela.

— Vosmecê mesmo dirá, quando ela se recuperar.

Os dois trocaram algumas palavras em francês, levando Diogo a crer que ele era o assunto da conversa, e se despediram com um abraço.

— *A bientôt* — disse Domingos.

— *A bientôt* — respondeu Étienne, voltando apressado para a pensão.

O rapaz estendeu a mão em direção à porta aberta, convidando o novo hóspede para entrar. Ao contrário da maioria das demais residências da vila, com seus pisos de terra batida, tinha o chão coberto por um assoalho de madeira. Em seu interior, o sobrado era amplo. O saguão dava acesso a um pátio localizado no centro da construção, destinado a facilitar a ventilação na casa. Alguns cômodos pequenos e mantidos a portas fechadas ao longo no andar provavelmente eram usados como escritórios, depósitos ou acomodações para visitantes. Um aposento à esquerda da porta principal fora ocupado por um piano e uma pequena mesa onde havia sido montado um tabuleiro de xadrez — talvez uma sala de jogos. No extremo oposto, um oratório trabalhado com requinte

dominava quase toda a parede do corredor. Subindo as escadas, e longe dos olhares de estranhos, os cômodos reservados aos familiares.

— Enquanto estiver nessa casa, é meu convidado. Já almoçamos, mas pedi que preparassem um prato. Vosso quarto é o terceiro. Também instruí as mucamas para arrumar a cama. Estará pronta em instantes. Decerto, não irá se importunar em dormir separado alguns degraus de nós. Eu próprio por vezes desço e ocupo um desses aposentos. Meu irmão ronca como uma onça e fala durante o sono. Mesmo com uma parede a nos separar, é uma algazarra dos infernos — confidenciou Domingos, sorrindo.

Um negrinho aproximou-se e cochichou algo em seu ouvido. Ele agradeceu com um afago na cabeça e dirigiu-se às escadas.

— A cama está pronta, mas antes o barão quer conhecer vosmecê.

— Não posso subir em tamanho desalinho! Preciso ao menos trocar de roupa. Mais pareço um feitor!

— Não há motivo para pejo. Ele sabe que vosmecê é dono de terras e de escravos em Itu — disse o advogado, encerrando a conversa e trotando escada acima. Com certeza, João já havia abusado da inconfidência e instruído Étienne sobre o passado de Diogo e sua família. Ele sorriu e acompanhou o anfitrião.

O andar superior era circundado por uma sacada, de onde se podia avistar o pátio interno. Dos dois lados havia quartos, a portas fechadas como os do piso inferior. Uma grande e pesada mesa, adornada com detalhes rebuscados, ocupava parte de um salão à direita da escada, onde o dono da casa os aguardava.

— Senhor meu pai, esse é dom Diogo — anunciou Domingos, com uma breve reverência.

Dom Antero Vidal, Barão de Piraitinga, era um homem esguio, de olhos verdes, imensos cavanhaques e uma careca que começava a avançar sobre os ralos cabelos ruivos. Anos antes tomara uma decisão que não só salvara a família da ruína inevitável diante da queda do preço do açúcar como aumentara seu poder: substituiu a cana pelo proveitoso comércio de escravos. Em alguns anos tornou-se uma das maiores fortunas da capitania e presença obrigatória nos leilões, comprando negros pelo menor preço e vendendo-os com uma considerável margem de lucro. Dom Antero levantou-se de uma poltrona e caminhou até Diogo. O jovem reclinou o corpo e recebeu como resposta apenas um aceno de cabeça. Sem se despedir, Domingos desceu a escada.

— Por favor, sente — pediu o barão, oferecendo-lhe uma taça de licor.

Diogo obedeceu, sentindo-se estranhamente desconfortável na presença do patriarca. Embora sua família já houvesse possuído patrimônio semelhante ao ostentado pelos Vidal, quatro anos vagando pelo sertão e pernoitando em pensões simples purgaram toda intimidade ou desenvoltura diante do luxo.

— Meu filho disse que é dono de propriedades em Itu. A que família pertence? — perguntou dom Antero, com a voz grave carregada de desconfiança.

— Durão de Meneses.

— Reconheço o nome. Algum parentesco com o Conde de Santa Isabel?

— É meu avô.

— Também já ouvi estórias a respeito dele. Lamento o acidente de caça que tirou seu vigor. Mas quem tem quatro netos homens é uma pessoa afortunada.

— Não foi um acidente. E são apenas três netos, entre eles eu. Mas acredito que vossa senhoria saiba disso também — retrucou Diogo, mais confiante após duas doses da bebida.

Dom Antero sorriu encabulado e acendeu um cigarro com uma vela colocada no canto da mesa.

— Peço que me perdoe. Esta é uma terra de trabalho e riqueza, mas também de aventureiros. O que, decerto, vosmecê não é. O que faz em Taubaté?

Diogo suspeitava que o ardiloso barão ainda o interrogasse em busca de embustes e desistiu de inventar uma mentira, mesmo convincente. Se ele conhecia detalhes sobre o derrame de seu avô, provavelmente teria ouvido notícias a respeito do neto que renegara a família.

— Meu único filho morreu naquelas terras, que passaram a me trazer apenas dissabores. Há muito eu também discordava sobre o rumo de nossos negócios. Decidi então deixar a propriedade e buscar outro caminho. Mas não abandonei meu avô à própria sorte. Ele está na companhia de dois outros netos, capazes e abnegados, que auxiliam na administração do engenho e do canavial. Ademais, pouco me vali do patrimônio da família. A décima parte do que de direito me pertencia como primogênito.

— Serei sincero com vosmecê, dom Diogo. Muitos proprietários da capitania sabem do neto louco do Conde de Santa Isabel, que partiu há anos após a perda súbita do único herdeiro. E desde então não há vestígio algum de seu paradeiro.

— Pareço ensandecido ou perdulário a vossa senhoria? Se tiver tal opinião a meu respeito, prefiro deixar vossa casa e agradecer pelo delicioso licor.

— Não será necessário, meu caro. Confio em vosso caráter. E sanidade. Mormente, confio no julgamento de meu filho, embora ele seja pouco mais que um rapazelho — disse dom Antero, já se pondo de pé. — A ala superior é frequentada apenas pela família, salvo nas refeições, em que será, decerto, bem-vindo. O almoço é servido às dez horas, a janta, às cinco e uma leve ceia, às nove. Para uma caneca de café, esteja à vontade para procurar a cozinha. Quando houver mister de tratar com vosso escravo, peço conversar fora da casa. Vosmecê usará a secreta dos fundos, no quintal, pois embaixo não existe latrina e a desse andar é de uso da família. Outras instruções serão dadas conforme a necessidade.

Diogo levantou da poltrona e despediu-se com um aceno de cabeça. Antes de chegar à escada ouviu novamente a voz grossa.

— Lamento pela morte de vosso filho. Sinto também por vosso irmão.

O jovem virou-se e dom Antero viu o espanto em suas feições.

— Não tenho notícias da família há anos.

— Ouvi de um amigo, dono de um canavial em Mogi, que ele morreu na queda de um cavalo.

Diogo permaneceu imóvel, sem expressar sentimento algum.

— O que mais vossa senhoria sabe? E meu avô? O engenho?

— Pouca cousa. O conde perdeu um bocado das terras e dos escravos no pagamento de dívidas. Vosso irmão caçula se casou com uma cristã nova, filha de fazendeiros da Baía. O dote salvou o

engenho da ruína, mas agora os Durão de Meneses são sócios dos marranos.

Diogo escutou as novidades, oprimido por uma apatia mais forte que qualquer saudade, memória ou tristeza. Eram as primeiras informações sobre sua família em quatro anos, mas para sua surpresa descobriu que pouco se importava. Teve dificuldades em lembrar-se dos rostos: o avô, os irmãos — em especial o que agora sabia estar morto — sobrinhos, agregados e amigos. Mesmos os nomes conhecidos agora lhe escapavam. A casa grande, o canavial, o cheiro do melão. Os jantares e comemorações com parentes. Tudo desapareceu, soterrado. Para sempre, constatou sem pesar algum.

— Eles não de estar bem — limitou-se a falar antes de descer as escadas.

## ***27. Rescaldos do fogo***

O cortejo fúnebre com os três quadrilheiros deixou a Igreja de São Francisco das Chagas no final da tarde. A decisão de concentrar os ritos em um só lugar partiu do próprio padre Gonçalo, que esperava prestar uma homenagem definitiva aos mártires. Músicos pagos pela Casa de Câmara acompanharam a procissão, tocando o lamurioso memento com rabeças, clarinetas e tambores. Todos os que seguiam os corpos carregados em redes receberam velas, colorindo o crepúsculo de Taubaté com chamas trêmulas. Por ordem do vigário, as vinte e uma badaladas que antecedem a missa da agonia — rezada instantes após a extrema unção — também foram ouvidas, embora os quadrilheiros houvessem perdido a vida sem receber o último sacramento.

Nesse dia Taubaté presenciou o mais sombrio de seus funerais. Não ocorreu a tradicional vigília na casa dos mortos. Ninguém, nem os parentes mais próximos, foi convidado a comer e beber em memória dos infelizes. Nenhuma fogueira foi acesa nos quintais de suas casas. Não houve quem se prontificasse a preparar os corpos queimados para o cortejo, sob a alegação que era impossível banhar, barbear ou aparar as unhas dos cadáveres calcinados. Os quadrilheiros cruzaram as ruas da vila em redes, vestidos em mortalhas folgadas demais para acolher os ressequidos restos

carbonizados, mas ainda pequenas para poupar o povo da vila da visão inquietante.

Já estava escuro quando os três foram sepultados no cemitério nos fundos da igreja. A ausência do capitão Ataíde, enterrado nu e em uma cova rasa, sem lágrimas ou orações, era motivo de cochichos dos fiéis. Padre Gonçalo sabia que sua autoridade como vigário havia sido duramente afrontada pelo mestre de campo, mas os conflitos com Gregório teriam de esperar. Mais importante que uma disputa pelo poder local, pensava o velho franciscano, era a luta que certamente travaria em menos de uma semana.

O militar conduziu pessoalmente a captura de índios nas aldeias próximas à vila. Os soldados cercaram e queimaram qualquer agrupamento, até pequenas e isoladas malocas. Os que tentavam fugir eram alvejados pelas costas, e o menor sinal de resistência, punido com torturas, também destinadas aos que Gregório considerava estarem ocultando a verdade. O mestre de campo trouxe anjinhos e uma torquês para arrancar pessoalmente as informações desejadas. Mesmo sob intenso suplício, nenhum dos gentios confessou relação alguma com as mortes das últimas semanas. Todos os adultos e adolescentes foram confinados dentro de cercados construídos em uma clareira nas cercanias da vila.

Ao fim de um único dia, as tropas de Gregório haviam matado mais de dez índios e apresado outros cento e cinquenta.

Os homens do Regimento procuravam com especial atenção duas provas incontestáveis da participação dos indígenas nos ataques: mulas, como a descrita pelo quadrilheiro agonizante, e a garrucha pertencente a um deles, desaparecida desde a última sexta-feira. As aldeias abrigavam alguns animais. Não apenas mulas, mas cavalos e

éguas, usadas em trabalhos nas roças de mandioca ou no transporte de produtos até o mercado. Nenhuma delas preta, como a besta dos infernos. No entanto, todas foram sacrificadas a tiro.

Já a outra busca revelou-se totalmente infrutífera. A identificação da arma seria rápida, devido ao nome *Benjamim Gouveia* gravado na chapa de metal ao lado do gatilho. Gregório sabia que a descoberta o levaria, se não ao assassino, ao menos a um cúmplice dos ataques. Certo da importância da pista autorizou seus homens a vasculharem também as choupanas espalhadas pela região à procura da garrucha. Em sua revista os soldados não ignoravam um único alforje cheio de grãos, pote ou cesto de palha.

Ele decidiu que nos dias seguintes estenderia a ação de suas tropas ao norte, até o povoado de Tremembé e a vila de Pindamonhangaba, e ao sul, próximo a Caassapaba. Qualquer índio encontrado entre os rios Buquira e das Almas em condição de oferecer algum risco seria confinado, e suas malocas, queimadas. A ampliação dos apresamentos exigiu um aumento do efetivo envolvido. A ideia de contar com as ordenanças e milícias — em especial as de pardos e pretos — não agradou Gregório, mas somente seus soldados não poderiam rastrear uma extensão tão considerável de terra. Os vereadores e os senhores foram comunicados que a participação da maior parte dos homens em armas de Taubaté era inevitável. Nenhum oficial da Casa de Câmara ou proprietário de terras opôs resistência alguma à palavra do mestre de campo.

Não eram poucos os que começaram a hostilizar os nativos após o início da guerra de Gregório. Índios eram duramente espancados sem motivo, diante da indiferença dos quadrilheiros. O mulato

Pascoal acolheu um pequeno grupo de mulheres — duas delas, pouco mais que crianças — que passaram a deitar-se nas esteiras imundas da casa de alcouce em troca de proteção. Um punhado de moradores optou por oferecer amparo em seus lares, que logo se transformaram em abrigos para gentios apavorados e confusos.

A notícia dos massacres chegou às ruas trazida por uma multidão de índios catequizados. Os quadrilheiros mal haviam sido enterrados e um grupo formado principalmente por anciãs e curumins aguardava padre Gonçalo na escadaria da Igreja de São Francisco das Chagas. Gregório chegou a tempo de ver o vigário ordenar a entrada da torrente de desesperados que relatava detalhes da ação dos soldados. O comandante passou ao largo da construção, acompanhado de seis homens. Trazia um mosquete em uma das mãos e tinha a casaca azul suja de sangue. Diante de tantas tragédias, o sacerdote agradeceu a Deus pelo desprezo do militar. Sentindo-se vulnerável e acovardado, o velho franciscano trancou as portas da igreja e pôs-se a consolar os índios.

O vigário não era o único a temer o mestre de campo. Os irmãos Vidal haviam passado toda a tarde junto dos companheiros de academia, discutindo os acontecimentos dos últimos dias. Os dois convidaram Martim, Tomás e quatro outros para uma reunião no sobrado da família. Trancados na sala de jogos os Brasíliaicos pareciam roedores acuados em uma toca, apavorados com a possibilidade de se expor em campo aberto diante de predadores famintos. Nas horas em que se esconderam no casarão pouco falaram. Alternavam momentos de silêncio constrangido com manifestações de incredulidade pela reação do militar. Nenhum deles revelou o que mais os atormentava: algo impediria Gregório de, uma

vez exterminada a ameaça imediata, voltar-se contra o pequeno grupo e suas impróprias ideias?

Diogo não acompanhou a movimentação na sala de jogos, embora escutasse o vai e vem de botas no assoalho e deduzisse que os irmãos haviam recebido visitas. Julgou ter ouvido também a voz inconfundível de Tião, conversando em francês com seu pupilo — uma breve aula, que a julgar pela duração fora adiada. Mas as preocupações e frivolidades daquelas pessoas não lhe diziam respeito. Ele decidira usufruir o primeiro dia no suntuoso sobrado tentando desfrutar do conforto da vida urbana, esquecido após anos em deslocamentos no sertão ou pensões de qualidade inferior. A última cama em que lembrava ter deitado era a sua própria, de onde saiu para percorrer o canavial naquela trágica madrugada. Desde então, apenas redes, esteiras ou montes de grama. E embora a imagem da mula envolvendo os quadrilheiros em fogo ainda o perseguisse, ele resolveu apenas por um dia esquecer os monstros e demônios que insistiam em acossá-lo e se entregar ao consolo de um colchão.

Ao ser avisado da janta solicitou que a mucama se desculpasse em seu nome por uma indisposição inesperada. Chamou um escravo e pediu que providenciasse um banho em seu quarto. Meia hora depois dois negros trouxeram um imenso tonel de madeira, aos poucos preenchido com água quente vinda de baldes trazidos da cozinha. Diogo mergulhou o corpo, deixando apenas a cabeça de fora. Os músculos e tendões reagiram ao calor reconfortante e relaxaram. Quando a criança dos dentes pretos abriu caminho pelo vapor — como um animal que espreita a presa em meio à cerração — ele já adormecera.

Nas sesmarias e roças ao redor da vila, o medo crescia entre os agricultores. Muitos já abandonavam suas propriedades e intensificavam o êxodo em direção a Taubaté, buscando abrigo em pensões ou casas de amigos. Eles não temiam apenas o ataque da mula dos infernos, como o povo já apelidara, mas também a ação dos homens de Gregório, que invadiam cada choupana, lanço de taipa ou depósito à procura de índios. Os soldados passaram a interrogar até brancos — fossem eles portugueses, mazombos ou paulistas — e com extrema aspereza.

Somente em um lugar não havia inquietação com os ataques da besta. No pequeno casebre de Catarina o dia fora dedicado não a mexericos ou palpites sobre as próximas vítimas, mas sim à recuperação após a madrugada. Ela chegou à sua roça ao nascer do sol e nunca se sentiu tão exausta. Precisou ser socorrida por Rosário antes que desmaiasse. A escrava escorou a patroa em seu corpo e percorreu lentamente a distância entre a trilha de terra e a choupana. Os porcos reagiram à passagem das duas mulheres com a costumeira aversão, guinchando e chocando-se contra as tábuas do chiqueiro.

Rosário percebeu que Catarina trazia muitas manchas na pele branca. Algumas eram apenas vergões, mas outras se sobressaíam no peito ossudo. As marcas tinham uma coloração arroxeadada e, embora superficiais, faziam a viúva contorcer-se de dor ao menor toque. A prostração da patroa, no entanto, não era causada por feridas ou pelo cansaço extremo. Ela assumira mais uma vez sua natureza vulnerável, não apenas a tiros e arranhões, mas principalmente aos apelos, mentiras e dissimulações dos homens. Catarina iniciara um novo período de recolhimento, aguardando com

ansiedade a próxima madrugada de sexta-feira. Um definhar a cada dia, até o almejado renascer.

Quando a escrava deixou a roça em direção ao mercado, a loucura dos olhos da patroa se debatia contra a lembrança do sorriso franco e voluptuoso de João, que certamente a estaria esperando na mesma calçada onde se encontraram pela primeira vez. Rosário penitenciou-se pela euforia demonstrada ao pensar no recém-chegado, enquanto Taubaté enfrentava um vendaval de mortes, suspeição e histeria. Já cogitara por duas vezes abandonar a viúva e deixar a vila. Provavelmente, a apatia e o desvario imobilizariam Catarina e a impediriam de prestar queixa da fuga. Talvez até compreendesse os motivos da escrava, que farejava — quase como os animais da roça — a brutalidade oculta sob uma fragilidade aparente, porém enganosa. No entanto, pena e afeição pela figura solitária de sua patroa a impediram de concretizar o plano.

Em muitos fins de tarde, na ilha de quietude morta em que havia se transformado a roça, Rosário execrou a própria covardia. Com certeza, os mesmos sentimentos que a prendiam àquela terra a matariam. Enquanto amarrava Cigano à carroça, cerrou os olhos com força e tentou repelir os pensamentos funestos. Voltou a lembrar-se de João e excitou-se com a perspectiva de encontrá-lo. Guardou a garrucha do quadrilheiro na cintura, escondida embaixo dos longos panos do vestido surrado, e iniciou a jornada até o mercado.

João a aguardava com o mesmo sorriso afável e lascivo. Mal descera do carro e ele já segurava sua mão, sem preocupação de disfarçar as intenções para aquela manhã. Ela correspondeu a seu modo, deixando de arrumar a gola frouxa do vestido, que desceu e

expôs o ombro e o bico do seio. Após instruir uma sobrinha para vigiar o tabuleiro de doces e encarregar-se das minguadas vendas do dia, seguiu o escravo pelas ruas de Taubaté. Logo chegaram à pensão de Étienne, que orientara a filha a brincar com Inácio na praça ao lado da igreja. Com a cumplicidade e o incentivo do francês, os dois se trancaram no quarto, de onde só saíram no meio da tarde para um almoço tardio.

Rosário não fora a única mulher de João desde o início de sua jornada. Ele aprendera a tirar o máximo proveito dos instantes a sós - em que era mandado pelo senhor para alimentar Brabo, cuidar da tropa de mulas ou comprar mantimentos. Nesses momentos ocorriam os encontros furtivos e apressados com negras encantadas por seu porte e pela risada enfeitada com dentes muito brancos. Nunca em quartos, mas na privacidade devassada das matas ou nos leitos improvisados em depósitos e currais. A escrava de Catarina, no entanto, foi a primeira em anos a entrar e sair de uma casa em sua companhia sem carregar a dissimulação das aventuras proibidas, envergonhar-se de segurar sua mão ou esconder o rosto. Todas as outras, pretas, mulatas ou índias, haviam se deitado não com um homem, mas sim um animal — marcado a ferro, amedrontado e movido apenas pelo cio. Todas, exceto Rosário. Por esse motivo, sem que percebesse, ao fechar a porta de seu quarto João já a amava.

## ***28. Os Vidal***

No domingo, depois de um longo banho no tonel, pouco antes do fim da tarde, uma menina negra bateu à porta de Diogo e pediu permissão para defumar o recinto com um belo fumeiro de prata, espantando os mosquitos que se escondiam sob a cama e nas vigas do teto. A escrava completou a tarefa com dificuldade, pois a peça era demasiadamente pesada para seus braços finos. Ele pediu que Domingos fosse informado de uma nova indisposição a minar seu apetite, impedindo que se juntasse à família para a ceia. Sentia-se bem, mas relutava em deixar o refúgio de seu quarto para enfrentar o fausto dos Vidal. Já era noite quando a mesma menina retornou, trazendo uma caneca de leite e uma bacia de cobre cheia de água para o costumeiro lava-pé. Diogo surpreendeu-se ao reagir com desconforto às muitas comodidades com as quais esteve um dia habituado. Sentou-se e acompanhou com acanhamento a escrava vasculhar entre os dedos à luz de velas em busca de parasitas.

Novamente só, a maciez do colchão o arrastou para um sono que atravessou toda a madrugada. Despertou logo após o nascer do sol, passando horas tomado por pensamentos sobre a mula e a revelação da criança dos dentes pretos. Pouco antes das dez horas, uma mucama de meia idade avisou que dom Antero saíra cedo para tratar de negócios, acompanhado dos filhos. Por isso, o almoço não seria servido na sala de jantar, e o hóspede, se assim desejasse,

deveria fazer sua refeição em uma pequena mesa no próprio quarto. Diogo acatou a determinação do anfitrião — veladamente transmitida na forma de uma mera sugestão na boca de um escravo — e comeu sozinho.

Por volta das duas da tarde, por ordem do Barão de Piraitinga, a mucama mais uma vez bateu à porta do quarto. Ele requeria sua presença para uma merenda na companhia dos filhos. O jovem ainda não se sentia à vontade para desfilar pelos corredores do sobrado e preferia relaxar na cama, mas recusar outro convite seria uma desfeita inaceitável.

Após vestir-se com a única camisa não esburacada por traças e deixar as botas limpas, subiu as escadas e deparou-se com a família reunida em torno da mesa. Ao lado de dom Antero, Domingos bebericava chá em uma xícara de porcelana fina, enquanto Bartolomeu entretinha-se limpando um cachimbo, refestelado em um preguiçeiro. No outro canto da sala, a baronesa bordava com a ajuda de um aparador, sem demonstrar emoção alguma no rosto pintado de sardas. A seu lado, uma jovem a imitava, entediada. Um pequeno mulato de olhos verdes, com traços idênticos aos do barão, estava acocorado ao lado das duas e desenrolava um emaranhado de fios de linha. Todos, exceto o varão da família, ergueram o rosto com distante cordialidade para Diogo, que correspondeu com um discreto movimento de cabeça. Bartolomeu somente deixou o passatempo após o olhar reprovador do pai.

— Perdoe meu filho. Tantos anos em Coimbra a estudar leis, filosofia e nenhuma cátedra sobre hospitalidade.

Bartolomeu cumprimentou o visitante com deboche e voltou à limpeza do cachimbo. Mesmo esmerando-se na escolha da camisa, o

requite da família acanhou o jovem. Os homens, impecavelmente barbeados, com suas casacas, coletes e rabos de cavalo, e as mulheres, em vestidos de seda e renda, ornadas com seus camafeus, broches e tiaras, faziam Diogo questionar se um dia fizera parte daquele mundo. Subitamente, a baronesa, sua filha e o pajem bastardo levantaram-se para deixar a sala. O barão e seus herdeiros ficaram de pé, em sinal de respeito, e voltaram a sentar-se apenas quando se viram sós no aposento. Uma adolescente negra serviu todos com pequenos quitutes caseiros, encheu as xícaras de chá e deixou-os em silêncio.

— Diga, dom Diogo. Em vossas andanças pela colônia, já havia encontrado mistérios como os que cercam nossa vila? Selvagens assassinos protegidos por uma mula dos infernos, que cospe fogo e é imune a tiros? — perguntou Bartolomeu, acendendo o cachimbo.

— Não enfastie nosso hóspede com tolices. Essas mortes nada têm de extraordinárias. São apenas bugres querencosos de terras que não mais lhes pertencem! E decerto receberão de Gregório de Muniz o tratamento devido!

— Apenas questiono dom Diogo sobre os eventos da semana, senhor meu pai. Em Taubaté, esse é o único tema das conversas.

— A pergunta não me aborrece, dom Antero. Apenas creio ser cedo para precisar a autoria dos ataques. E acredito que ao apertar o laço no pescoço dos bugres, queimando aldeias à larga, a Coroa apenas angariará inimigos. Novos inimigos.

— Está familiarizado com silogismos? Gregório não provou serem os gentios culpados. Devemos isso a Aristóteles, embora nosso próprio mestre de campo desconheça. Se não foram os selvagens — que enfrentam os colonos há duzentos anos pela posse desse chão,

mostram habilidade no uso do fogo e são capazes de barbaridades indizíveis — quem mais está a tisonar os infelizes dessa comarca? — insistiu Bartolomeu.

— A quem empenha simpatia? À Coroa ou aos seus inimigos? — incitou o barão, aproximando-se sem levantar o corpo magro da cadeira.

Diogo sentiu-se acuado por pai e filho. Sabia que sua permanência na casa dependeria de respostas certas, mas apenas recuar faria com que perdesse o respeito do poderoso anfitrião. Escolheu as palavras com cuidado enquanto se servia de biscoitos de um pote.

— Não fui agraciado pelo estudo nas Cortes como vosmecê, dom Bartolomeu. Leio, escrevo e uso mui bem os números, graças a meu avô, que após a morte de meu pai me confiou a tutores jesuítas. Minha sapiência é outra, embora não menos valiosa que a vossa. É o conhecimento da terra, do cultivo, da administração do engenho, da condução dos negros para o labor. E quanto à vossa dúvida, dom Antero, não tenho simpatia alguma pelos adversários de El Rei. Em quatro anos sertão adentro, porém, percebi que a Coroa é amada e odiada. Odiada não apenas pelos traidores ou admiradores de monarquias rivais, mas também pelas gentes simples, sufocadas pelo peso dos impostos e tratadas com desconfiança, como se conspirassem dia e noite contra o reino. Um soberano sábio reconhece a importância de conquistar a benquerença de seus súditos. Se isso ainda não ocorreu, decerto a culpa não é do Magnânimo, mas de ministros parvos. Bajuladores ignorantes, que se mijam ao pensar em cruzar o oceano para conhecer o valor de homens da estirpe de vossa senhoria. E de vossos filhos.

O próprio jovem se surpreendeu com a eloquência do discurso improvisado. Embora fosse letrado, como fez questão de deixar claro desde o início para os Vidal, não era afeito a refinamentos no falar. No entanto, os duelos verbais com o inimigo — replicando todo tipo de injúrias e insinuações — serviram para dotá-lo de uma capacidade de argumentação até então desconhecida.

— E de vossa estirpe, dom Diogo. De vossa própria estirpe — arrematou o barão, erguendo a xícara de chá em uma saudação. Bartolomeu não acompanhou o entusiasmo do pai, ao contrário de Domingos, que sorriu pela primeira vez desde a chegada do hóspede.

— É disso que conversamos, senhor meu pai! Da cegueira a assolar Lisboa! Das qualidades desse povo! Da faculdade que essas gentes possuem para julgar suas necessidades! Da ..

Coube a Bartolomeu interromper o imprudente discurso do caçula ao descer com força a xícara sobre o pires, salpicando gotas de chá na toalha de renda. Constrangido, Domingos fixou o olhar aturdido nos biscoitos de nata à frente, fugindo da ira no rosto do irmão.

— Conversamos? De quem vosmecê fala?

— Da voz das ruas, senhor meu pai — intercedeu Bartolomeu, com frieza. — Da voz simplória e estúpida das ruas. Noutra dia, eu, Domingos e os rapazes lamentávamos a insídia de alguns, que parecem desprezar não apenas a benevolência de El Rei, mas também sua pouca tolerância com impulsos impensados. Mentos obtusas e desmemoriadas, a ignorar ser o garrote ou a forca o destino de aleivosos como Felipe dos Santos. — Além de pôr fim à arriscada tagarelice, ele pretendeu que sua intervenção fosse um

alerta definitivo aos arroubos do caçula. Domingos pareceu entender o aviso e levou a mão à boca, como se lutasse para fechar lábios dotados de vontade própria.

O barão ainda encarava os filhos com desconfiança quando, para surpresa dos dois, Diogo perguntou-lhe sobre o preço do açúcar e dos escravos. Em instantes, a conversa mudou de foco, com hóspede e anfitrião discutindo sobre produtividade dos canaviais, juros de empréstimos e os novos rumos que a colônia começava a tomar com a exploração de ouro e pedras preciosas nas Geraes e nos Goiases. Com o canto dos olhos, ele acompanhou a tranquilidade voltar ao rosto dos rapazes, enquanto o pai queixava-se da difícil situação da capitania e dos antigos senhores de terra em tempos de pepitas e diamantes. Por diversas vezes, dom Antero lamentou a falta de vocação dos herdeiros para os negócios da família, para em seguida protestar contra o desperdício em leituras intermináveis e debates diletantes.

— Não creio que a busca da verdade seja infrutífera, senhor meu pai. Ademais, poucas são as obras cuja venda é permitida pelo reino. Que mal pode haver em ler meras poesias ou prosas inspiradoras?

— Mal algum, Domingos, a depender do que inspiram — respondeu o barão, erguendo o corpo esguio da cadeira. — Estarei no escritório. Seja nosso convidado para a próxima refeição, dom Diogo. Como a merenda nos roubou o apetite, hoje não jantaremos. Receberemos alguns amigos às sete, para uma ceia mais lauta do que a de costume. Assim, teremos tempo para uma taça de licor antes do lava-pé.

Os três levantaram-se e cumprimentaram o patriarca com um respeitoso movimento de cabeça. Após certificar-se que o pai já estava no andar inferior, Domingos soltou o peso do corpo sobre o preguiçoso, aliviado.

— Agradeço pela intervenção. Já estava aflito com tantas perguntas.

— Vosmecês não devem se preocupar com o barão. O mestre de campo, este sim, pode trazer problemas — disse Diogo, escolhendo entre biscoitos de vários tipos os que mais lhe agradavam.

— Não há motivo algum para inquietação. Não tememos nosso pai ou Gregório — retrucou Bartolomeu, irritado com a insinuação.

— Então, aceitem minhas sinceras desculpas. Acreditei que vosmecês eram moços bem nascidos, que voltaram da Europa com ideais de orgulho e livre arbítrio para todos. Moços que escondem em leituras ingênuas ambições mui perigosas e contam com o prestígio dos sobrenomes e a opulência da família para afastar o cárcere.

A provocação acertou os irmãos como uma ferroadada. Ele não pretendia envergonhá-los, mas não gostara da reação de Bartolomeu. Ao contrário de Domingos, o primogênito era petulante e agressivo. Depois de alguns instantes de silêncio, Diogo levantou-se e pousou a mão no ombro do irmão mais novo e disse, com um sorriso cordial:

— Também não devem se preocupar comigo. Não tenho interesse algum em vossos assuntos. Apenas recomendo cautela. Essa terra vive tempos difíceis. A menor das ameaças pode levar à força ou ao desterro. Os últimos anos foram de lutas para manter a colônia una e pôr os brasileiros de joelhos. O ouro não atçou

somente a cobiça dos homens comuns. Avivou o medo da Coroa de ver sua maior riqueza mudar de mãos. E isso El Rei jamais permitirá.

Bartolomeu mal ouvira Diogo e já se levantava, descendo as escadas em um galope acelerado. Domingos fez menção de desculpar-se pela explosão de irritação, mas foi contido pelo jovem, que parecia disposto a encerrar o diálogo. Nesse instante, ele estava mais interessado em conversar a sós com quem já considerava um novo amigo. A última provocação da criança dos dentes pretos impregnava sua mente como um fedor que se recusava a desaparecer mesmo após a retirada da carniça. Nos anos de convívio com o Diabo, aprendera que a mentira não era a única arma de seu inimigo. A verdade, quando mais dolorosa que a fraude, transformava-se em uma aliada poderosa. Talvez mais eficiente ainda que o falso testemunho, naquele que é seu maior objetivo: fazer brotar a dúvida e a dor.

— Me fale dos padres de Taubaté. — Diogo encheu uma taça com um fino licor de jabuticaba e entregou-a a Domingos, enquanto sussurrava a pergunta.

— Padres?

— Sim. Padres.

— Temos apenas dois. O vigário é padre Gonçalo, um velho franciscano. Está na vila há décadas. Um homem mui austero, de rígidas tradições. Reza missas em todas as horas canônicas, acredite! Todas as oito! De *matinas* a *completas*. Batizou a maioria dos nascidos aqui e casou metade de Taubaté.

Domingos fez uma breve pausa, bebericou o licor e prosseguiu.

— O outro é um sacerdote, vindo do Porto há quase um ano. Chama-se padre Miguel. É mui novo, mas foi trazido para assumir a

Igreja de Nossa Senhora do Rosário. O vigário, pobre homem, está assoberbado. Além de sua paróquia passou a administrar também o Convento de Santa Clara depois da morte por tifo da madre superiora na última Quaresma. Encontrará os dois na Igreja Matriz. Desde que a história da mula se espalhou, deixaram de visitar os fiéis em suas casas e lá passam todo o tempo. Padre Gonçalo é um ancião. Já padre Miguel é um moço. Alto, olhos azuis, traços finos. Uma eterna provação para as mulheres da vila. Minha avó, que esteve aqui no Natal, disse que nunca viu sacerdote tão belo.

## ***29. A confissão***

Após a conversa com Domingos Diogo desceu para seu quarto e avisou à mucama que sairia para uma caminhada mas voltaria a tempo da ceia. Pelo sol alaranjado, imaginou que anoiteceria em três ou quatro horas. Logo chegou à frente da pensão de Étienne, onde encontrou Inácio. Ele e a filha do francês estavam entretidos com as peripécias de um mico, que reagiu à aproximação de Diogo com um guincho agudo e escalou a cabeça de Rita, abrigando-se atrás dos cabelos presos por um lenço. O animal mostrou as presas pequenas e afiadas, em uma clara demonstração que farejara o negrume na alma do homem.

— Chame vosso pai — ordenou ao menino, que desapareceu pela porta. João surgiu segundos depois, afobado.

— Nhô?

— Preciso de roupas. Novas. Camisa e uma casaca. Cousa boa, para vestir ainda hoje em um jantar.

— Hoje? — perguntou o escravo, imaginando onde poderia encontrar um alfaiate aberto tão próximo do fim do dia.

Diogo assentiu, enquanto retirava da inseparável algibeira um punhado de moedas.

— Isso deve bastar. Vá depressa, que o sino de correr logo há de tocar e não quero tirar vosmecê da cadeia.

O negro hesitou ao segurar as patacas, temeroso de não cumprir a missão confiada. Foi quando Rosário saiu da pensão, descendo as escadas com naturalidade e dirigindo-se a Diogo.

— Já é tarde. Com as mortes, o povo da vila se recolhe mais cedo, mas se nhô permitir levo João a um costureiro. O único que pode servir a essa hora.

O escravo pareceu envergonhado. Mexia nervosamente com as moedas na palma da mão suada, evitando encarar seu senhor. De um breve olhar de esguelha para Rosário ressurgiu a altivez que agora o acompanhava, e ele levantou o rosto para Diogo. Para sua surpresa, as feições do jovem não transmitiam irritação ou deboche diante da constatação do romance. Tudo o que João viu foi indiferença, misturada a uma dose de ironia.

— Corra, homem! E vá com ela. Leve as roupas para a casa de dom Antero e esteja lá antes da igreja chamar para as *vesperas*.

O casal de escravos ganhou as ruas em um passo rápido, porém sem demonstrar açodamento. Étienne surgiu, enxugando as mãos em um pano.

— E vosmecê? Já encontrou alguém que torne vossos dias em Taubaté menos enfadonhos?

— Como está Clara? — perguntou Diogo, ignorando a provocação do francês.

— Mui melhor. A criança também segue sadia, graças a Deus. Entre e fale com ela. Não é mal-vindo em nossa casa.

O jovem balançou a cabeça, recusando o convite. Despediu-se com um aceno e voltou para as ruas de terra, em direção à Igreja Matriz. A oração da *noa* encerrara-se há pouco, e as *vesperas* ainda tardariam a começar. Isso dava a Diogo a esperança que os dois

padres estariam na sacristia com pouca companhia. O que pretendia fazer, no entanto, era um completo mistério mesmo para ele. A fonte de sua suspeita era a menos confiável de todas. Como revelaria a um sacerdote que o Diabo em pessoa dissera ser um deles a origem do mal na vila? Talvez tudo não passasse de mais um embuste do inimigo, mas teria a certeza ao se confrontar com os religiosos. O velho e o belo. Cada um a seu tempo.

Taubaté já estava estranhamente quieta. Apenas poucos agricultores e escravos transitavam na vila. No trajeto, Diogo não viu nenhuma criança ou mulher, mantidas na segurança das casas por mães e maridos aflitos. Acelerou o passo, incomodado pelo vazio das ruas desoladas e logo avistou a construção. Foi quando percebeu que a criança dos dentes pretos emparelhara com ele, tentando acompanhá-lo com o costumeiro mancar. Sem dirigir-lhe a palavra ou o olhar, seguiu o jovem até a escadaria irregularmente talhada, ocupada por grupos de fiéis sentados aguardando a próxima missa.

Diogo imaginou que a falsa criança não ousaria entrar na igreja — um porto seguro para as almas temerosas, livre de todo mal ou tentação — e reclinou-se pela ingenuidade quando ela avançou pelos degraus, invadindo a nave ampla, porém abafada. O jovem hesitou em cruzar o portal, e passaram-se longos instantes até compreender o motivo. Não era a ideia de compartilhar o mesmo espaço sagrado com o Diabo que o desencorajava, mas sim a intimidade perdida com o divino, depois de cinco anos longe de igrejas, missas ou sacerdotes.

O pacto apenas potencializara um sentimento de indiferença em relação aos assuntos de Deus, transformando-o em aversão. Ele se lembrou da sensação de abandono, das súplicas ignoradas e por fim

da zombaria da sombra bruxuleante do crucifixo na noite em que ouviu as instruções de Ailã.

— Lamento a escolha que fiz, mas não me arrependo de ter renunciado a Vosmecê — proclamou entre os dentes, antes de passar pelo portal rústico.

Dentro da igreja grupos de fiéis entoavam ladainhas, rezavam terços e faziam fila diante de dois confessionários acanhados e dispostos em lados opostos da nave. Era impossível precisar qual deles abrigava padre Miguel ou o vigário. O da esquerda atraía um pequeno ajuntamento, que aguardava em silêncio a saída de um confidente para permitir a entrada de outro. Já o situado à direita reunia uma quantidade menor de fiéis, igualmente compenetrados e angustiados. O jovem, no entanto, descobriu que a localização exata dos sacerdotes de nada valeria: ele não apenas desconhecia a quem se dirigir como também o que falaria. Decidiu pelo confessionário da direita, apenas por que a tarde avançava e o tempo tornava-se escasso.

Antes de assumir seu lugar atrás de um caboclo grisalho e descalço avistou a criança dos dentes pretos ao lado do altar, admirando os detalhes rebuscados das estátuas de santos sobre pedestais. A infame proximidade entre os dois dotou Diogo de uma perspicaz intuição sobre as emoções empedradas no fosso escuro que era o coração de seu inimigo. Ao assumir a forma de Tiago o Diabo conseguiu infligir-lhe os sofrimentos mais cruéis, usurpando as feições doces de seu filho. No entanto, a estratégia o deixou vulnerável, pois Diogo podia vislumbrar lampejos de reações puramente humanas — como indignação, raiva, frustração. E foi assim que o jovem reconheceu o despeito e a inveja nos olhos da

falsa criança diante da imponência da Igreja Matriz. Talvez ressentimento pelos templos que nunca veria erguidos em seu nome, pensou Diogo, com satisfação.

Os fiéis não dedicavam mais que quatro ou cinco minutos ao sacramento. Entravam trêmulos e saíam carregando um tênue alívio. Após uma espera de pouco mais de meia hora, a portinhola do confessionário se abriu para Diogo.

A divisória de treliças estreitas não permitiu ao jovem determinar quem estava diante dele. Depois de alguns segundos de silêncio, o confessor do outro lado acomodou-se no banco e tirou o chapéu, incomodado com a demora do fiel em recitar o ato de contrição e reconhecer os pecados cometidos. Diogo cerrou os olhos e lutou para lembrar-se dos encontros com padre Vasco, séculos atrás.

— Jesus crucificado, por minha culpa vos ofendi e estou mui arrependido. Mereço ser castigado neste mundo e no outro. Mas me perdoe, pois não quero mais pecar. Amém — disse o jovem, repetindo as palavras vazias que resgatara da memória.

— Amém — repetiu o homem com a voz encarquilhada, não mais deixando dúvidas sobre sua identidade.

— Padre, dê vossa benção porque pequei — prosseguiu, antes de esmorecer em nova pausa, ainda mais longa e penosa que a primeira. O vulto protestou, produzindo um som seco com a garganta, mas dessa vez não houve resposta.

Diogo fechou os olhos e descobriu ter sido atraído para uma armadilha criada por ele próprio. Ao dirigir-se para a igreja naquele fim de tarde, pretendia apenas dar os primeiros passos na sinuosa trilha que talvez o levasse até a verdade sobre a razão de sua presença naquela vila. Julgava ter o domínio de seu destino e

acreditava manipular as ações de acordo com seu objetivo. Embora não tivesse traçado plano algum, seus pés o levaram até o confessionário e certamente o afastariam de lá quando assim quisesse. Nunca, desde que deixara a propriedade da família, compartilhara seu segredo com outra pessoa. Não devido ao medo da repreensão ou da aversão dos homens, mas por vergonha. Tinha certeza que o peso de seu pecado seria sentido apenas por ele e morreria sem revelar sua história. O maior de todos os crimes da humanidade — sem provas, testemunhas ou confidentes — fadado a ser esquecido.

Entretanto, repetir o ato de contrição causara um efeito inesperado. Como um fio desenrolado do carretel por uma roca, suas palavras foram puxadas da garganta, e ele se viu incapaz de se opor a um ímpeto mais forte que o ultraje de seus atos. Uma nova tosse provocada pelo padre precipitou a revelação com que Diogo jamais sonhara.

— Não me confesso há cinco anos. Me afastei do Senhor. Desonrei minha família. Fui levado pela cobiça a abandonar aqueles que de mim dependiam.

— Cinco anos é muito tempo. Muito tempo para estar longe de Jesus. Mas Ele não abandonou vosmecê. E jamais é tarde para retornar ao conforto de Nosso Pai. Basta cumprir a penitência e respeitar os mandamentos — replicou padre Gonçalo com a voz arrastada, tentando disfarçar a exaustão das noites em claro.

— O Diabo sempre mente, padre? — perguntou Diogo de súbito.

As palavras surpreenderam o velho. Sem dúvida, não era a maneira usual de dar início a uma confissão. Ele também não identificou o estranho pela fala, o que chamou sua atenção.

Conhecia todos os moradores da vila, a maior parte desde o berço. Após quarenta anos era capaz de saber com precisão o nome de cada fiel oculto atrás da treliça, antes sequer que abrisse a boca para desfilar os mesmos pecados de encontros anteriores. O cheiro que o crente exalava muitas vezes denunciava a ocupação. Em outras ocasiões apenas um pigarrear ou um discreto cacoete era suficiente. Mal o sacramento se iniciava já tinha em mente penitências e palavras de reprovação ao término dos poucos minutos em que passavam juntos. De início a habitualidade com que fornicadores, mexeriqueiras e preguiçosos se revezavam em sua igreja o enojou. Com o tempo passou a ver na falibilidade do homem um fato imutável e surpreendeu-se como o conhecimento dos vícios daqueles à sua volta o auxiliava em sua missão. Assim, ordenando Pais-Nossos e Ave-Marias aos milhares, desenvolveu uma intimidade assustadora com os homens e mulheres de Taubaté. Aquele forasteiro, no entanto, escapava de sua percepção. Talvez um mascate ou tropeiro em passagem pela vila, um dos poucos que se aventurava em um lugar condenado. O vigário ergueu a cabeça, até então amparada pela mão magra e enrugada, e voltou o rosto para o vulto ofegante à sua frente.

— A mentira é sua essência, desde o início dos tempos. Adão e Eva foram enganados por falsas promessas do Tentador sobre a imortalidade. Há verdades mui cruas. Jesus disse que quando o Diabo mente fala do que lhe é próprio, pois é mentiroso e pai da mentira. Quando mente — respondeu com vagar. — Quando mente... Mas decerto não veio até mim para receber lições de Teologia. Estou aqui para que vosmecê abra o coração — prosseguiu padre Gonçalo, já impaciente.

De novo, o silêncio. Diogo se contorceu no banco acanhado enquanto sua indecência lutava para chegar à superfície e ser compartilhada. O vigário percebeu que atrás da hesitação do cristão displicente algo mais se escondia. Os dois homens se entreolharam pelas treliças durante um minuto, até o jovem ceder, devastado.

— Matei meu único filho, padre. Conjurei Satanás e, diante dele, troquei minha alma por riquezas.

Diogo sentiu que o coração do velho parara ao ouvir suas palavras. Um descompasso, longo o bastante para se sustentar no ar. Só então notou que o suor o encharcara. Seu rosto também estava molhado, mas por lágrimas que desceram misturadas à transpiração e arderam nos lábios. Em princípio, o vigário recuou, agradecido pela proteção da tela de madeira que o impedia de ver com clareza o rosto sombrio. No segundo seguinte, entretanto, avançou sem aviso até encostar os lábios na treliça.

— Vosmecê sacrificou vosso filho? Para o demônio? — perguntou padre Gonçalo, preenchido por uma fúria que nunca encontraria lugar nos confessores.

— Não! Não! Não foi um sacrifício! Foi uma fatalidade! Eu não quis!

— Não se evoca Satanás sem assim desejar. Tudo que decorre disso é uma consequência de vossas ações. — O velho afundou a cabeça calva entre as mãos e ordenou, sem olhar para o homem: — Nem uma eternidade de orações e suplícios pode trazer perdão. Peço que deixe minha igreja. Vossa presença macula esse recinto. Essa é a casa de Deus e daqueles que Nele acreditam. Vosmecê não é bem-vindo aqui.

Diogo esmaeceu e permaneceu imóvel, escutando apenas a própria respiração. Um estranho abatimento se instalou, e ele sentiu-se exausto, até mesmo para contradizer o franciscano. Padre Gonçalo aguardou por longos instantes até que o forasteiro se colocasse de pé para se manifestar novamente, com uma tosse seca. O jovem já se levantava quando o vigário o interpelou.

— Vossa presença em Taubaté é perniciososa, mas não me espanta. Para uma vila que enfrenta o demônio, a visita de um de seus adoradores é até esperada — disse o velho, com o som da voz abafada pelas mãos que envolviam o rosto franzido por uma vida de privações.

— Assim como vossa senhoria, eu não me surpreendo. Não é a primeira vez que Vosso Deus me dá as costas — retrucou o jovem, voltando a colocar o chapéu na cabeça e escancarando a porta do confessionário. Segundos depois, outro fiel já se acomodava no banco e recitava o ato de contrição, mas padre Gonçalo não o escutou, da mesma forma que ignorou os seguintes. Até as badaladas das *vesperas*, limitou-se a sacudir a cabeça, desalentado, e distribuir penitências mecanicamente.

## ***30. O fedor da culpa***

Gregório deixava o tonel de água já morna quando um soldado veio avisá-lo que o Barão de Piraitinga contava com sua presença para a ceia de domingo. O banho não serviu para recuperar as forças após dois dias à caça de índios. Na verdade, em poucas ocasiões sentira-se tão disposto. Não apresentava sinal algum das noites em claro ou das dezenas de léguas cavalgadas. O suor dos caingangues, no entanto, impregnava suas roupas, pele e até cabelos, e precisava ser lavado.

Dividir a mesma mesa com os irmãos Vidal não estava em seus planos. Pretendia visitar uma das três mulheres — duas delas casadas — com quem se encontrava em Taubaté. A ampliação das incursões, porém, não seria possível sem a contribuição dos maiores senhores de engenho, que colocaram suas milícias à disposição da Coroa. O próprio barão cedeu seis de seus homens — entre eles dois capitães do mato — para auxiliar na captura dos índios. Recusar o convite seria uma desfeita inaceitável, em especial a um aliado. Além disso, o mestre de campo não estava disposto a perder a chance de confrontar-se com os dois rapazolas em sua própria casa. Intimidá-los na segurança de seu lar seria mais saboroso que a requintada cozinha dos Vidal.

O militar sabia que outros moradores proeminentes iriam partilhar da hospitalidade de dom Antero. Como um flerte entre a

elite local, ansiosa em manter os privilégios conquistados, e os representantes das Cortes, interessados em angariar a simpatia dos ricos proprietários, os jantares organizados pelo barão eram um sutil jogo de interesses, bajulação e cinismo. Alguns senhores de engenho, vereadores e até o vigário deveriam ser convidados. Ele duvidava, porém, que o velho franciscano comparecesse, em especial após os eventos dos últimos dias.

Depois de vestir uma farda impecavelmente engomada, deixou o quartel do Regimento. Percorreu a distância até a residência dos Vidal em menos de cinco minutos, embora não estivesse preocupado em chegar no horário estipulado. Com satisfação, descobriu-se atraindo os olhares assustados dos poucos moradores mais humildes que ainda se aventuravam fora de suas casas. Pisava com cuidado, evitando levantar poeira e sujar as botas engraxadas. Ao chegar ao sobrado esmurrou a porta com uma força incomum para um convidado, mas calculada de modo a anunciar sua chegada com o estardalhaço que julgava necessário. Gregório acompanhou com tranquilidade o som dos passos apressados do escravo em direção à porta enquanto admirava o crepúsculo descer sobre as ruas vazias.

Foi conduzido ao andar superior por um negro alto e jovem, que manteve o rosto abaixado ao subir as escadas. Na sala de jantar, deparou-se com todos os convidados acomodados em poltronas ou nos preguiceiros distribuídos pelo aposento, aguardando apenas a sua chegada. O barão foi o primeiro a falar.

— Estávamos preocupados que vossa senhoria não pudesse comparecer após dias a acossar os bugres. Fico feliz que possamos contar com vossa presença.

— Mesmo fatigado não poderia me negar a desfrutar de companhias tão distintas — replicou Gregório, com uma tímida reverência dirigida aos homens reunidos no aposento. Como imaginava, eram os rostos de sempre: os três oficiais da Câmara, o juiz e dois grandes fazendeiros da comarca. Padre Gonçalo não estava entre eles, mas o destino o agraciou com um prêmio de consolação. Além dos dois filhos do barão, deparou-se com três companheiros do grêmio de leitura, que reagiram com nítido desconforto à sua entrada.

Ao lado de Domingos, o único desconhecido do grupo para o mestre de campo. Um homem de cabelos e olhos pretos, expressão grave, barba rala e maltratada, que fitava Gregório fixamente. O caçula dos Vidal levantou de sua poltrona e apressou-se em fazer as apresentações.

— Dom Gregório, esse é dom Diogo Durão de Meneses. Neto do Conde de Santa Isabel. Sua família é proprietária de engenhos na comarca de Itu. Ele será hóspede de meu pai enquanto pousar em Taubaté — disse Domingos, esperando aplacar a desconfiança do militar à medida que discorria sobre as qualidades do forasteiro.

O jovem ficou de pé e, após uma discreta troca de reverências, voltou a sentar-se.

— O que traz alguém como vosmecê a essa vila?

— Estou apenas a conhecer a capitania, dom Gregório. É uma terra mui vasta, e é preciso que homens se dignem a percorrer cada palmo desse chão.

— Em nome de quem, dom Diogo? Ou em glória de quem? — interpelou Armando Quintana, em uma incitação inesperada.

Diogo virou-se e encarou o homem à sua frente, percebendo o ardil que novamente começava a se desenhar. Agora, em vez das insinuações do barão, eram os vereadores que se dispunham a esquadrihá-lo. Como constatara, há muito os oficiais da Câmara deixaram de ser apenas representantes do poder real na administração cotidiana da colônia. Nas últimas décadas, revoltas e motins correram a capitania de Pernambuco e as minas das Geraes, colocando em dúvida a autoridade das Cortes naquelas terras. Diante das ameaças à integridade do reino, era esperado que todo homem-bom, fosse ele autoridade, proprietário ou militar, mantivesse olhos e ouvidos abertos para qualquer contestação — desde provocações jocosas a afrontas declaradas. Naqueles tempos, a suspeição recaía sobre todos os brasileiros, em especial os mais letrados e os forasteiros.

— Em glória de El Rei, e apenas dele — respondeu Diogo, tranquilizando o pequeno grupo dos Brasíliaicos, ansiosos em terminar o jantar sem incidentes.

— Quando pretende deixar Taubaté? — A pergunta de Martim mudou o rumo da conversa. Ele já havia sido informado por Domingos sobre o forasteiro e não via motivo para temê-lo.

— Calcule mui bem vossas palavras, jovem. Nosso hóspede pode acreditar que sua presença não é bem vinda — disse o barão, acendendo um cachimbo.

— Esse não é meu intento, e dom Diogo bem sabe disso. Mas perdemos tanto em viço e importância para outras tantas vilas que sempre me questiono as motivações dos viajantes a passar por aqui.

— Se esquece da nossa Casa de Fundação, e de sermos a segunda sede da Capitania de Itanhaém — refutou Manoel Soares,

olhando em seguida para certificar-se que sua intervenção tinha sido bem recebida por Armando Quintana.

— Nada disso parece nos afastar da modorra que contamina as ruas. Andem no mercado, nas vendas, ouçam o que cochicham no pelourinho. Taubaté parece morrer um bocado a cada dia. Por culpa da mula dos infernos. Ou dos bugres, se assim desejarem.

Dom Armando inclinou o corpo e aproximou o rosto ao mesmo tempo impiedoso e zombeteiro.

— Poético. Pueril, mas ainda assim poético, meu caro Martim. Se não lograr sucesso como advogado uma promissora carreira como trovador o aguarda.

— Aguardaria, se as tipografias não fossem vigiadas como cadeias.

Até Diogo encolheu-se diante da intervenção inoportuna de Domingos. Mais uma vez, o atrevimento do membro mais jovem da pequena confraria expunha de maneira perigosa o pensamento do grupo.

— O que escreveria se assim pudesse? — perguntou o barão, com um sorriso irônico.

— Sim, meu rapaz. Diga. O que estamos a perder? Não outro Boca do Inferno, espero — insistiu dom Armando.

— Do inferno, já nos basta a mula — ironizou um dos fazendeiros.

Os homens rugiram em uma gargalhada ruidosa, exceto pelos Brasíliacos e por Diogo. Os rapazes pareciam mais aborrecidos com o comportamento do caçula dos Vidal do que com o escárnio dos mais velhos. Domingos contorcia-se de irritação em uma cadeira, aguardando com impaciência o fim da troça.

Um feitor embrutecido entrou na sala de jantar e dirigiu-se ao Barão de Piraitinga, sussurrando em seu ouvido. Dom Antero enxugou as lágrimas que acompanharam a explosão de risadas e levantou-se, anunciando aos demais:

— Como alguns sabem padre Gonçalo também deveria estar entre nós nessa noite, mas alegou impossibilidade de se ausentar de sua vigília e declinou do convite. Entretanto, nosso bom vigário fez a mercê de despachar seu protegido para nos fazer companhia.

Diogo virou-se em direção à porta a tempo de ver padre Miguel subir os últimos degraus. Ele retirou o discreto chapéu de palha que encobria a calva cercada de cabelos louros e cumprimentou todos com uma respeitosa reverência. O sacerdote assumiu o lugar à mesa entre um dos fazendeiros e Martim, na extremidade oposta a Diogo. Em minutos, o cheiro de leitões e peixes assados tomou o ambiente, com as mucamas trazendo gamelas e travessas de prata.

Os convidados aguardaram apenas o anfitrião puxar um apetitoso pernil com as mãos para avançarem eles próprios sobre os pratos que decoravam a longa mesa. Diogo manteve-se durante todo o tempo perseguindo os olhos do religioso em busca de algum indício, embora nem ele soubesse o que procurar. Em instantes o ímpeto dos jovens advogados deixou de alimentar o deboche do grupo. Quando o sino de correr tocou, as mortes ocorridas nas últimas semanas já eram o principal assunto. Todos, exceto padre Miguel, discutiam as próximas medidas a serem tomadas e, em especial, a mais gritante das dúvidas: os ataques poderiam ser de fato creditados aos índios que há anos conviviam em relativa harmonia com os colonos ou eram fruto da mula dos infernos, como revelara o quadrilheiro moribundo?

O sacerdote reagia com inquietação à simples referência da origem sobrenatural da ameaça. Sorria nervosamente e anuía diante de qualquer comentário, mesmo que não ouvisse com clareza a opinião do interlocutor. Servia-se com fartas porções, mas deixava intocada a maior parte da comida no prato. Pingava suor, embora uma suave brisa noturna entrasse pela janela. Sua atitude chamou a atenção de Bartolomeu, que demonstrou preocupação com o estado do convidado.

— Não parece estar bem. Está porventura adoentado ou acometido por alguma indisposição?

— Não, não. Apenas um pouco cansado com a faina dos últimos dias, mas não há motivo para desassossego. Prometo não ser estorvo a vossas senhorias — respondeu, sem convencer nenhum dos presentes.

— Quiçá o assunto inquiete nosso bom padre. Quiçá a presença de um demônio entre nós faça aflorar os piores pensamentos. E os mais profundos medos — disse dom Manoel, arrancando com os dedos engordurados um fiapo de carne preso entre os dentes.

— Garanto que quem nos espreita nada tem de diabólico. Podem não ter alma, os tais bugres, mas tombam diante de tiros, como qualquer homem. Dom Gregório dará bastantes provas disso, e mui cedo. — O barão voltou-se para o mestre de campo, que retribuiu a deferência com um sorriso lupino.

Diogo aproveitou a oportunidade — talvez a única que teria — para usar a agonia do sacerdote a seu favor. Ele virou-se e o encarou pela primeira vez.

— Mula dos infernos ou bugres? Apenas quem conhece ambos os lados dessa questão pode nos responder. Vossa missão é pregar o

Evangelho para esses selvagens e enfrentar o mal. Dentre todos nesta sala, vosmecê é o único capaz de resolver esse dilema. Qual a natureza de nosso inimigo? Ou de nossa inimiga, se assim preferir?

A certeza que Diogo conhecia seu segredo — ao menos em parte — o abalou. As imagens vieram à sua mente, cenas de um calvário singular: Catarina, ora bela e irresistível, ora deformada pelo ódio. O corpo nu muito branco, trêmulo e ensopado de suor. O som de seu riso doce, misturado aos gemidos de êxtase, gritos de loucura e relinchos apavorantes. Os restos tismados, contaminando a vila com o cheiro enjoativo da carne queimada. E, por fim, o cadáver coberto por bolhas de padre Gonçalo, em sua última pose suplicante congelada pelo fogo, como uma das figuras de sua amada igreja.

Padre Miguel vomitou antes que sua mão chegasse ao rosto. À exceção de Diogo, ninguém conseguiu disfarçar a repulsa quando os poucos bocados não digeridos pelo sacerdote espalharam-se pela toalha de linho branco sobre a mesa. Ele tentou tampar a boca, mas um acesso de tosse fez salpicar os últimos pedaços de comida. O aposento foi tomado por um forte odor azedo, empestando as narinas e repelindo os convidados. Diogo manteve-se imóvel. Conhecia muito bem o vestígio que se escondia atrás do ranço do vômito. Um aroma que o perseguia havia quatro anos. Indistinto, porém marcante e inconfundível.

Era o fedor da culpa.

Martim e Domingos foram os primeiros a levantar, e por muito tempo Diogo pensou que seriam os únicos. Quando os dois aproximaram-se do religioso, batendo em suas costas com as mãos, o barão deixou a cadeira em um salto e chamou uma das mucamas, dando a medida da urgência com a voz grave. Em segundos, a

escrava trouxe uma bacia com água e toalhas. Sem que fosse ordenada, a mulher acocorou-se junto a padre Miguel, limpando-lhe primeiro o rosto e, em seguida, a mesa.

Ele tentou deixar a cadeira com dificuldade. O silêncio inicial foi substituído pelo burburinho que se segue aos vexames. Vieram então as manifestações de preocupação, ainda misturadas à repugnância diante do mal-estar do religioso.

— Se afastem! Se afastem! Ele precisa de ar!

— É o calor. Taubaté esteve quente como o inferno!

— Deixe o inferno, a mula, o demônio e tudo mais longe desta sala! Não vê que o assunto traz ânsias ao infeliz?

— Decerto não foi a janta. Todos comemos do mesmo leitão e nada sentimos.

Padre Miguel pôs-se de pé subitamente, surpreendendo os homens. Ergueu o rosto pálido, respirando fundo e agarrando-se à borda da mesa.

— Não me tomem por ingrato, mas se vossas senhorias não considerarem desfeita gostaria de ir agora. Não me sinto bem.

— Não pretendemos nos opor à vossa vontade. Se está indisposto acredito que deva se recolher mais cedo. Vossa senhoria encontrará dois soldados parados à porta. Como o sino de correr já tocou, eles o levarão até a igreja. Não faltarão oportunidades para novos jantares — intercedeu Gregório, para alívio dos convidados.

— Gostaria de acompanhar o padre, se vossa senhoria não se opuser. Não como garantia de segurança, o que decerto está a cargo de vossos homens, mas tão somente para respirar ar fresco. Tão logo o deixemos na igreja retorno com os soldados — comunicou Diogo.

A cor que voltava aos poucos ao rosto do sacerdote fugiu diante do pedido. O mestre de campo concordou com um gesto de cabeça, e o jovem colocou o chapéu de couro, dirigindo-se à escada e ignorando a aflição nos olhos de padre Miguel.

Os dois desceram para o piso inferior e passaram pelo negro alto, que abriu a porta e se inclinou em sinal de respeito. Fora do sobrado, os homens de Gregório aguardavam para escoltar os convidados até suas casas ao término no jantar. O pequeno grupo avistou a igreja em apenas alguns minutos. Durante o trajeto, a expectativa oprimiu padre Miguel, que esperava a qualquer momento uma palavra desafiadora do misterioso forasteiro. A proximidade com a escadaria de pedra o deixou aliviado, e ele adiantou o passo em direção ao conforto da sacristia, afastando-se da guarda.

— Não pretendo revelar vosso segredo a ninguém. Não teria ganho algum se abrisse minha boca. Ademais, nenhuma alma dessa vila acreditaria em mim — sussurrou Diogo, aproveitando-se da pequena distância que os separava dos homens do mestre de campo.

O sacerdote não diminuiu o ritmo, embora sentisse o ânimo deixar o corpo, como se o pouco vigor que lhe restara escorresse junto com o suor farto. Imaginou que sua batina era inútil para ocultar o tremor quase convulsivo em suas pernas magras, mas lutou para ignorar o estranho.

— Sabe que não pode fugir. Não vosmecê, que criou essa besta.

Padre Miguel estancou com a provocação. O jovem o encarou, tentando não atrair suspeitas da escolta. Os soldados, acreditando

terem os convidados assuntos particulares a tratar, recuaram alguns passos, dando a Diogo a privacidade que procurava.

— Eu não pretendi! Nunca! Fui fraco, e a sanha era insuportável! Jamais pensei que a punição de Deus fosse tão implacável! — balbuciou padre Miguel, surpreso diante da facilidade com que falou. Arruinado, olhou para Diogo, como se ele pudesse lhe presentear com o perdão tão sonhado.

— Alguém mais sabe de vossa estória? O vigário? Algum fiel ou amigo?

— Não. Ninguém. Tentei contar a padre Gonçalo, mas novamente fui fraco.

— Tenho mister de conhecer tudo o que vosmecê esconde. Eu vi a mula, e ela me escapou. Na sexta-feira enfrentarei mais uma vez esse demônio, mas não sei o que me espera. — Diogo subiu o tom de voz, chamando a atenção dos soldados. Eles recuaram mais alguns metros, talvez acreditando estar interferindo em uma improvisada confissão a céu aberto, no meio da noite de Taubaté.

— Proteja padre Gonçalo! Ele quer vencer a besta e é um homem santo, mas temo por ele! Prometa que o trará com vida! — suplicou o sacerdote quase às lágrimas, segurando Diogo pelos ombros.

— Me conte tudo o que sabe. Nada posso fazer sem...

— Suba agora, meu filho. É hora de se recolher.

Diogo amaldiçoou a interrupção do vigário. De pé, no topo da escadaria, ele assumira uma postura intimidadora, apesar da idade avançada e do corpo franzino. Padre Miguel hesitou, dividido entre a autoridade do superior e a insistência nos olhos do forasteiro, mas por fim afastou-se e correu para a igreja. Ele passou cabisbaixo pelo

velho franciscano e disparou pela porta aberta. Padre Gonçalo e Diogo se enfrentaram em silêncio durante um breve instante. O vigário cogitou ameaçar abertamente o homem diante dos soldados e pedir ao mestre de campo seu envio imediato para os tribunais do Santo Ofício, mas isso afrontaria o segredo da confissão — uma garantia dada até aos praticantes dos piores pecados. Então, virou-se de costas e trancou-se em sua igreja.

A escolta, que se mantinha distante, não percebeu a tensão entre os três homens. No caminho de volta para o sobrado, também ignorou a presença de Catarina, oculta a poucos metros sob um tocheiro apagado pelo vento forte da noite.

## ***31. Um recado para Diogo***

Taubaté amanheceu na segunda-feira lavada por uma chuva forte, que transformou as ruas barrentas em corredeiras de lama. O vento impiedoso e a cortina de água sobre a vila reduziam a visibilidade a poucos metros e maltratavam os telhados, abrindo goteiras em quase todas as casas. Protegida pela varanda da pensão de Étienne, Rosário aguardava que João retornasse do sobrado dos Vidal, onde deveria encontrar-se diariamente com seu patrão para receber ordens. Ela já estava há três dias dormindo em um dos quartos, dividindo a mesma rede com o escravo, sem se preocupar em prestar contas de seu paradeiro a Catarina. Contava com a apatia em que a viúva mergulhara nas últimas semanas para se ausentar. Por isso, espantou-se ao vê-la surgir diante da casa, ensopada pela chuva, arrastando os pés descalços na lama.

— Onde esteve? — A voz era apenas um sussurro, mas o tom de ameaça fez com que as palavras vencessem o tamborilar dos pingos nas telhas.

Rosário manteve-se quieta, não para afrontar a patroa, mas por surpreender-se com a aparição repentina.

— Vosmecê não é forra. É preta de ganho. Passeia pela vila por permissão meu. Me desafie e parto vosso couro — rosnou a viúva.

Ela não precisou repetir a pergunta. Rosário abandonou a proteção da pensão e enfrentou a força da chuva. Embora as duas mulheres tivessem a mesma altura, a escrava parecia encolhida

diante da patroa. Ela abaixou o rosto em sinal de submissão e gaguejou.

— Minha sobrinha, Vitória, filha de minha irmã mais velha, caiu doente. Tem febres e delira. Há três dias que não durmo, em vigília, ao lado da pobre. Pedi que avisassem a vosmecê. Eu não fugi. Se quiser, pergunte a meu cunhado.

— Decerto vossa irmã confirmará mesmo a mentira mais desavergonhada. É isso que vosmecês fazem. Mentem. Mentem e forniziam, com o primeiro preto que encontram.

Sem aviso, a mão de Catarina, oculta até então atrás de seu corpo surgiu empunhando um pequeno chicote de couro cru. A viúva ergueu o bacalhau e desceu com força no braço nu de Rosário, repetindo o movimento três vezes. Os golpes eram distribuídos erraticamente, sem a perícia calculada dos feitores, mas coalharam a pele escura de vergões. Os pés da escrava, afundados na lama, não se moveram, embora ela se encolhesse de dor a cada investida.

Desde que Rosário fora vendida a Catarina e seu marido, há oito anos, era a primeira chibatada destinada a ela. Certa da condição que a prendia àquela colônia, a escrava nunca deu razão para represálias ou castigos. As ordens eram cumpridas sempre à primeira voz, sem margem para qualquer interpretação capaz de ensejar punições. Jamais houve reclamações sobre indisposições ou mesmo doenças que pudessem ser confundidas com demonstrações de preguiça. Até a decisão de delegar à escrava a venda de doces nas ruas de Taubaté, embora expusesse a penúria em que a viúva vivia, não foi motivo para comemorações; Rosário era e sempre seria um bem de Catarina, a ser usado e disposto da maneira que melhor

lhe conviesse. E nessa manhã chuvosa sua senhora parecia disposta a anular os anos de indulgência.

Étienne, que ordenou a entrada da filha à primeira chibatada, observava entristecido a agressão. A viúva olhou para o francês, certificando-se que ele não interferiria em seus atos, e esfregou o chicote no rosto da escrava.

— Se vossa sobrinha está enferma, o que vosmecê faz aqui, em uma pensão? Por que não está a cuidar da menina?

— Minha irmã tem medo que seja bexiga e que os outros peguem. Um escravo hospedado aqui me socorreu. Ele é caprichoso no preparo de drogas do sertão.

— Mentirosa!!

A acusação veio seguida de uma chicotada inesperada no rosto, provocando um ardor que se espalhou pelo corpo de Rosário. O couro do bacalhau, molhado pela chuva, impingiu à escrava uma dor maior ainda.

— Que preto pernoita em uma hospedaria?! Quem é esse samaritano, que vosmecê diz existir?

— João. O nome dele é João. Ele está aqui por que o patrão é recém-chegado na vila e foi acolhido pelo Barão de Piraitinga.

Catarina já se preparava para um novo golpe quando as palavras de Rosário paralisaram o movimento no ar. Lembrou-se da chegada do estranho instantes após o linchamento dos dois caingangues — e do mal-estar que sentiu ao vê-lo pela primeira vez. Também se recordou do segundo encontro com o forasteiro nas matas ao redor de Taubaté — embora nessa ocasião o tenha encarado com seus olhos perfeitos e irreais. Evocou na mente enlouquecida a pestilência que dele emanava, a dor dos tiros a cortar sua carne e

principalmente a frustração diante da fuga do homem. A mais recente das imagens, no entanto, foi a que mais a perturbou. O dono do escravo com quem Rosário se deitava era o ouvinte da inesperada confiança de padre Miguel na noite anterior — um desabafo interrompido pelo vigário e presenciado por ela.

Catarina abaixou o bacalhau e deu alguns passos para trás.

— Esperemos, então, por esse prático, que tanto ajudou vosmecê.

As duas permaneceram na chuva, caladas por quase meia hora, até que o vulto esguio de João cortou a cortina de água, ao final de uma ruela. Rosário percebeu quando o escravo reduziu o passo ao avistá-la imóvel diante da mulher de pele muito branca e cabelos desgrenhados pelo temporal. Catarina não precisou esperar sua aproximação para certificar-se que era o mesmo a acompanhar o forasteiro, montado em uma mula, há apenas quatro dias. Mesmo sem enxergar a letra marcada em seu rosto, o porte era inconfundível.

Ela tomou a iniciativa e disparou em sua direção. Rosário temeu pela hesitação de João em confirmar o embuste, o que seria punido com mais chicotadas, mas a viúva não mais pensava em confrontar as versões dos dois para a ausência injustificada da negra. A descoberta de que estava diante do escravo do forasteiro superou qualquer premência em desmascarar Rosário.

— Vosmecê chegou a Taubaté na tarde da quinta-feira, junto com um branco? — interpelou Catarina. Embora fosse ridiculamente mais baixa que João, a determinação em sua voz o fez encolher. Ele demorou a entender a intenção por trás das palavras da mulher e,

enquanto pensava no significado da pergunta, a viúva lhe desferiu uma chibatada tão forte no pescoço que o desequilibrou.

João levou a mão ao vergão que brotou em sua pele a tempo de evitar o segundo golpe. Catarina desferiu mais duas chicotadas, fazendo-o estremecer sob a dor quente e profunda do couro molhado.

— Responda! Vosmecê chegou junto com um homem? Quem é ele? Responda, preto insolente!! — urrou Catarina, enquanto o escravo tentava cobrir o rosto. Como um domador que acua um animal, ela o obrigou a recuar, até seus calcanhares encontrarem a escada da pensão, e ele caiu. João sabia que qualquer reação, mesmo defensiva, seria considerada um ato de violência contra uma mulher branca e não estava disposto a encarar a ira de uma vila enlouquecida.

Deitado nos degraus enlameados, era uma presa acovardada diante da demência de Catarina. Os pingos de chuva bombardeavam seus olhos e transformavam a viúva em uma imagem distorcida. Ela avançou, com o bacalhau erguido acima da cabeça, em um ângulo calculado para causar a maior dor possível.

A mão de Étienne alcançou o punho de Catarina antes que ela concluísse o movimento. Ele apertou com força, enquanto recebeu o ódio no olhar da viúva. Os dois se desafiaram por longos segundos, até que ela soltou o chicote, que desapareceu em uma poça de água barrenta.

— João tem dono, e ele não se agrada em ver uma peça de sua propriedade apanhar de mão alheia. E Rosário nada fez, mas se quer punir a pobre, faça longe de minha casa. Longe, *compris*? Longe — disse Étienne, sem se intimidar com a loucura da mulher.

— Vosmecê é amante de pretos, Tião. Não me espanta proteger outros escravos, além dos vossos.

— Clara e meus filhos não são escravos, e vosmecê bem sabe disso. Insulte mais uma vez minha família e serei eu a usar esse chicote em vosso rosto. E quanto mais branca a pele, mais viva é a marca — sussurrou o francês, aumentando o aperto em torno do punho da mulher. Ele a repeliu com rispidez e ajudou João a levantar-se. Em seguida, voltou-se para a viúva e respondeu a pergunta dirigida ao negro.

— O nome do homem é Diogo. Se tem negócios a tratar, ele está hospedado na casa de dom Antero.

— Negócios a tratar — repetiu mecanicamente Catarina. — Sim. Nós temos negócios a tratar. Dê um recado a ele. Se quiser saber a verdade sobre a mula dos infernos que vá à minha roça na próxima sexta-feira. Nas primeiras horas da madrugada.

Étienne ainda pensava no significado do aviso quando Catarina deu as costas e seguiu pelas ruas encharcadas. Ela parou ao lado de Rosário e falou, com a cabeça baixa e os olhos fechados.

— Não volte. Se voltar, morrerá.

A viúva desapareceu sob o manto branco do temporal. Étienne, João e Rosário permaneceram imóveis até que ela cedeu a um choro convulsivo. Durante vários minutos soluçou, e o escravo a conduziu com docilidade até a varanda da hospedaria, onde se abraçaram. Étienne os acompanhou, solidarizando em silêncio com a dor do casal. Quando a chuva arrefeceu, ele entrou em casa para ajudar a filha a preparar o almoço.

A trégua no temporal permitiu que Taubaté ensaiasse um retorno à rotina de normalidade. Logo carros de boi tentavam vencer os

atoleiros. Comerciantes dirigiam-se para o mercado, lutando para não se estatelar nas ruas tomadas pela lama. Senhores abriam espaço em suas imponentes montarias, a uma boa distância da sujeira que poluía pés, cascos e patas. Uma longa fila de fiéis se apressava em direção à igreja para uma nova maratona de confissões e penitências. Negros surgiram do nada, e às dezenas, carregando tonéis, cestos e baús.

Às dez horas, um fiapo de sol atravessou as nuvens acinzentadas e alcançou a vila. Absorto no ritmo tedioso e ao mesmo tempo magnetizante das ruas, João não percebeu que Rosário deixara de chorar.

— Apanhar não é a pior das cousas.

João sobressaltou-se com o comentário inesperado. Rosário olhava fixamente para um escravo que equilibrava com dificuldade um barril na cabeça. Parte do conteúdo escorria das frestas na madeira, pintando as costas e o peito magro do homem com trilhas amarronzadas e malcheirosas sobre a pele negra. As pessoas que se aproximavam eram repelidas pelo fedor das fezes recolhidas nas latrinas das casas, como se sentissem a ponta de um açoite.

— Meu pai era tigre. Morreu quando eu era mui nova, mas lembro dele a carregar a merda dos senhores de manhã cedo até a noite. Dizia que ser tigre era melhor que trabalhar no canavial e enfrentar raiva de feitor. Antes de voltar para a roça, se esfregava no rio até deixar o couro vermelho, mas o bodum ainda ficava — prosseguiu, quase apática.

— Quantos filhos ele fez em vossa mãe? — perguntou João, com malícia.

Rosário olhou intrigada para o companheiro, tentando identificar o propósito do questionamento, e respondeu, devolvendo o sorriso:

— Cinco. Por quê?

— Decerto, ela se agradava dele para se deitar tanto com um homem que cheirava a bosta.

Os dois riram timidamente, mas o silêncio envergonhado dos submissos logo voltou. Rosário então o surpreendeu mais uma vez, agora com a incitação que morava na boca de todo escravo.

— Vosmecê sonha em fugir? Levar Inácio e se embrenhar na mata? Correr até encontrar o primeiro quilombo e viver livre?

— Já tentei, quando era moço, e ganhei isso — respondeu João após um breve instante, virando o rosto marcado.

— E não sonha mais? — A exasperação na voz não deixava dúvidas que não se tratava de uma mera pergunta.

— Não. Se me pegam, me matam no tronco, e Inácio não tem mais ninguém. Também não conhece dom Diogo. Se fujo, ele me segue até o inferno.

Rosário calou-se novamente. João segurou sua mão com ternura e afagou-lhe os cabelos ocultos sob o lenço agora úmido.

— Não pode voltar. Vossa patroa ensandeceu.

— Eu não quero voltar, mas nhá não me alforriou. Ela me enxotou. Continuo escrava, mas sem quem me alimente ou onde morar.

— Posso falar com Tião. Vosmecê pode ajudar Rita na cozinha e na lida da pensão. Ele deve se agradar de ter vosmecê por perto. E eu também — concluiu ele, com um sorriso doce.

Rosário tentou retribuir o afeto, mas o desalento voltou a pousar em seus ombros, e ela afundou a cabeça entre as pernas. João

levantou-se e desceu as escadas.

— Aonde vai?

— Dar o recado de vossa patroa. Não acredito que a tal mula dos infernos seja de interesse de dom Diogo, mas ele pode querer saber que uma louca está a seguir seus passos.

## ***32. Ganância***

Dom Armando aguardava com expectativa que o escravo retirasse todos os pratos da mesa e deixasse a sala. Tamborilava os dedos sobre um pesado baú, enfeitado por várias imagens sacras, e arranhava uma das dobradiças. O negro percebia a impaciência no senhor e respondia com movimentos desajeitados. Para seu desespero, por duas vezes as mãos suadas quase derrubaram as pesadas baixelas. Por fim, recolhida a louça, desapareceu pela porta que ligava a sala à cozinha, deixando o vereador sozinho.

Mal a porta se fechara e ele se levantou em um salto da cadeira e caminhou em direção a um pequeno altar, encostado na parede. Olhou para os lados, certificando-se que era a única pessoa no aposento, retirou uma bela e trabalhada Santa Rita do altar e torceu sua base — na verdade, uma rosca, que deu passagem ao interior da imagem. O vereador emborcou a santa com cuidado, despejando na mão vários diamantes. Cerca de vinte, ao todo. A menor das pedras era pouco maior que um grão de feijão. A mais robusta, do tamanho de uma unha.

O tesouro cintilou diante dele, captando e irradiando com esplendor o brilho da vela sobre a mesa. Dom Armando sentiu-se alimentado pela luz que atravessava os cristais e assumia colorações impossíveis, aquecendo-lhe a pele como uma brisa morna. Não importava quanto devorasse na ceia e os copos cheios de vinho

emborcados. Mesmo com a barriga indecentemente estufada e a erupção de arrotos após o jantar, era nesse momento em que ele se saciava. Já dormira inúmeras vezes de estômago vazio, empanturrado apenas com o brilho de suas pedras, e acordara revigorado, como um noivo após um banquete de casamento.

Com o tempo passou a ter dificuldade em controlar o apetite nunca aplacado. A gula o perseguia, obrigando-o a carregar no bolso mais profundo de seu colete um pequeno diamante bruto para ser degustado como um petisco, longe dos olhares dos outros membros da Câmara. Mesmo as visitas noturnas do escravo predileto só o satisfaziam plenamente depois que, deixado a sós, repousava os olhos sobre sua riqueza oculta por horas, até adormecer.

Manter as pedras longe da vista de toda a Taubaté era a maior preocupação de dom Armando, uma vez que a riqueza no interior da Santa Rita escapara da cobrança dos quintos. Atos de um homem previdente diante de um futuro incerto, imaginava. A Coroa, no entanto, não pensaria assim. Caso fosse descoberto perderia a concessão das minas, a vereança e talvez até a condição de homem-bom. Nem seus feitores nas Geraes tinham conhecimento dos acertos secretos entre dom Armando e negros escolhidos a dedo para a tarefa de contrabandear os diamantes — engolidos, escondidos nas narinas ou na carapinha — mediante a promessa de alforria. Os homens de confiança nas jazidas também ignoravam a sentença de morte decretada a cada um desses escravos logo após a entrega do cristal, executada por quadrilheiros ou mesmo outros negros. Apenas uma das pedras na palma de sua mão pagaria os cinco cativos enterrados em covas rasas ao redor da vila.

Um ruído do lado de fora da porta o assustou. Imediatamente, dom Armando despejou seu tesouro no interior da imagem, rosqueou a tampa e recolocou a santa oca no altar, longe dos olhos e mãos de El Rei.

— Quem bate?!

— Dom Gregório, vossa excelência. Ele já está aqui — A voz do escravo — um banto de quase dois metros de altura — era um miado amedrontado.

— Mande entrar.

O vereador havia chamado o mestre de campo para uma conversa reservada, sem a presença dos outros oficiais da Câmara. Esfregou as palmas das mãos para livrar-se de vestígios invisíveis de seu segredo — como farelos de um bolo, que denunciam a gulodice de uma criança — e acomodou-se na cadeira. O negro abriu a porta, dando passagem a Gregório de Muniz, que retirou o chapéu da cabeça e inclinou-se.

— A madrugada de sexta-feira será em três dias. O que preparou para desbaratar os inimigos de Taubaté? — perguntou o anfitrião, antes mesmo que o convidado completasse a saudação.

O mestre de campo interrompeu levemente o movimento, surpreso com o questionamento disparado sem aviso. Então, concluiu o cumprimento e caminhou até a cadeira mais próxima, aguardando um convite para sentar-se. Dom Armando, no entanto, não parecia disposto a tolerar a companhia do militar mais tempo que o necessário e repetiu a pergunta, dessa vez com um arquear das sobranceiras femininas.

— Não acredito que haverá ataque algum. Apresamos quase todos os bugres adultos da comarca. Um punhado deles se

embrenhou na mata, mas são poucos e decerto estão apavorados.

— Algum plano que assegure vossa vitória?

— Antes do nascer do sol na quinta-feira despacharei metade dos homens para acampamentos a cerca de uma légua daqui. Eles aguardarão nesses pousos até a madrugada de sexta-feira, quando seguirão em grupos de cinco ou seis em direção à vila. Ao mesmo tempo, eu e o restante dos soldados estaremos na mata mais próxima a Taubaté, a esperar a aparição de algum bugre, montado ou não em suas mulas do inferno. Os que se atreverem a nos enfrentar, ao reconhecer a inferioridade, serão obrigados a debandar. Então, em sua fuga, encontrarão a tropa recuada que já estará perto. — Nesse instante, o militar descruzou os braços e aproximou um punho do outro, reproduzindo com as mãos o encontro entre as duas forças comandadas por ele. — Quando o primeiro grupamento unir-se ao segundo, nenhum selvagem será capaz de escapar.

— E caso as tropas recuadas sejam justamente as atacadas? Nessa hipótese, não haverá retaguarda a defender vosmecê.

— Nenhuma das mortes ocorreu a mais de uma légua de Taubaté. Não há motivo para crer que os bugres decidam escolher suas vítimas em local tão distante.

Dom Armando pareceu satisfeito com a estratégia de Gregório. Tirou uma goiaba de uma gamela sobre a mesa e devorou quase metade da fruta com apenas uma mordida. Sem desviar os olhos da sobremesa, ele continuou o interrogatório.

— Pretende usar as ordenanças ou as milícias?

— Se houver mister, posso reunir todos os homens em armas da vila. Pardos, pretos e reinóis ineptos serão chamados, se preciso.

O vereador levantou-se e caminhou em direção ao militar, até quase se tocarem. Gregório incomodou-se com o hálito azedo de vinho, carne e fumo que vinha da boca de dentes amarelados, mas não recuou. Apenas prendeu a respiração, enquanto dom Armando o repreendia.

— Não estou certo que os inculcados estejam presos. Nenhum dos bugres confessou as mortes, mesmo sob intenso suplício. E não foram poucos os interrogados por vossos homens. Em verdade, tenho dúvidas que vosmecê seja capaz de pôr fim a essa ameaça.

Em outras circunstâncias, o mestre de campo reagiria com indignação à afronta. No entanto, os dois estavam a sós no aposento, e não havia testemunhas da provocação. O militar circundou o vereador e cruzou os braços, em sinal de enfrentamento.

— Se algum dos selvagens tiver escapado do cerco, tentará vingar os que foram apresados. E eu garanto a vossa excelência que o próximo ataque, se ocorrer, será o último.

— Dom Alfonso tinha a mesma crença na ação dos quadrilheiros.

— Dom Alfonso é um tolo, e vossa excelência bem sabe disso. E os quadrilheiros, ignorantes sem argúcia nenhuma.

Armando Quintana foi surpreendido pela sinceridade do comentário. Esperava que o mestre de campo, mesmo conhecendo a rivalidade entre ele e o juiz, tivesse a franqueza refreada pela rígida hierarquia que reproduzia, na colônia, o intrincado desenho do aparato estatal herdado de Portugal. No entanto, ambos sabiam que compartilhavam a mesma opinião sobre o magistrado, e uma repreensão seria uma atitude hipócrita e desnecessária.

— Novidades a respeito de outros colaboradores?

Nesse momento, o militar soube que a garrucha desaparecida não era mais um segredo guardado apenas pelos homens de seu Regimento. A descoberta não o espantou. Afinal, se ele possuía meios para arrancar confidências sobre cada decisão da Câmara, por que seria ingênuo ao acreditar que o ardiloso oficial não tivesse seus próprios espiões entre a soldadesca?

— Já descobriu com quem está a arma do quadrilheiro? — insistiu dom Armando.

— Ainda não, mas esgaravatei cada oca da comarca.

— Procure entre as gentes mais humildes. É delas também que devemos esperar a sedição.

— Confesso que o pensamento me ocorreu. Em verdade, já...

— E entre os pretos. Não me surpreenderei se escravos e bugres estiverem juntos nessa empresa. Os dois ganham com nossa ruína. Vosmecê, que conhece bem a dificuldade em subjugar os quilombos, deveria reconhecer.

A súbita interrupção irritou o mestre de campo. No entanto, admitir que os argumentos do vereador não poderiam ser desprezados o incomodou mais que sua arrogância ou as tentativas de colocar em dúvida a eficiência de seus comandados. Gregório decidiu abreviar o encontro, recuando discretamente.

— Pretos e paulistas — acatou o militar, reclinando o corpo. — Manterei vossa excelência informado de qualquer novo fato.

— Assim espero. Não há mister de aclarar o que está a ser decidido nessa vila. Não falo do destino dessas gentes. Falo do nosso. Do meu e do vosso. Vosmecê já ocupa o mesmo posto há seis anos. Um fracasso como o que se avizinha decerto afastará qualquer oportunidade de promoção. E eu pleiteio junto ao vice- rei

em São Salvador direito sobre outras lavras. As duas a mim confiadas já parecem se esgotar. Não pretendo que estorvos dessa natureza sejam obstáculo.

— E não serão. Asseguro a vossa excelência

Dom Armando mordeu novamente a goiaba e já havia dispensado o militar com um aceno displicente quando se lembrou de um detalhe importante. Estalou os dedos, chamando a atenção do interlocutor, e perguntou, com a boca ainda cheia da fruta.

— Uma notícia inquietante chegou a mim. Padre Gonçalo pretende enfrentar o que julga ser a mula dos infernos. Pouco me importa se ele decidir encenar a Paixão de Cristo debaixo das copas das árvores, mas o que faremos se aquele velho desvairado queimar pelas mãos dos bugres?

— Acreditei que imputasse os ataques ao demônio, que operava insidioso em nossa vila — retrucou Gregório, em uma discreta provocação.

— Ainda penso dessa maneira, meu caro mestre. Apenas não creio que Satanás deva assumir uma forma medonha para estar entre nós. Ele age pelas mãos dos selvagens dessa terra, animais sem alma. Como vosmecê vê, nossa luta é a mesma de padre Gonçalo. A diferença repousa nas armas. E nos alvos.

— Sendo assim, que o vigário enfrente o Danado em pessoa, e deixe os bugres comigo.

— Não quero o velho morto. A vila aceitou até agora o fim dos outros infelizes, mas ignoro o que pode ocorrer se ele perder a vida em uma batalha forjada apenas para soldados. Escolha um ou dois homens para acompanhar o vigário em sua aventura.

— Não há o que temer. Não acredito que os paulistas possam...

— Eu não temo nada!!! Nada!!!

— Por favor, me perdoe. Não pretendi ser insultuoso. Jamais insinuaria que vossa excelência se acobarda diante dessas gentes — retratou-se Gregório reclinando a cabeça. — Se não houver mais assuntos a tratar, gostaria de transmitir algumas ordens ao Regimento.

O mestre de campo esperou que o vereador rosnasse novas afrontas à sua competência, mas ele nada falou. Apenas virou-se de costas para o militar e retirou outra goiaba da gamela. Gregório caminhou até a porta, ruminando os insultos recebidos. Sua cabeça latejava, e estava disposto a recuperar o orgulho esgarçado, mesmo que sob uma pilha de corpos de índios. Antes de fechar a porta da sala e deixar o anfitrião novamente a sós, vislumbrou-o diante de um altar na extremidade do aposento, envolvendo uma imagem de Santa Rita com as mãos.

Os olhos de dom Armando — escuros, pequenos e furiosos — o impeliram para fora do aposento. Segundos depois já subia a rua de terra em direção ao quartel.

### ***33. A história de Rosário***

— Ela se chama Catarina. É uma viúva que vive da venda de farinha e de porcos. Pouco vem à vila. O marido morreu há alguns anos — disse Étienne, enchendo uma caneca de aguardente e apoiando a garrafa em um dos degraus da pensão. — Cousa mui rara. Jamais se juntou a outro homem. *Personne*. E foram muitos convites, mas ela escolheu morar só, em sua roça.

O francês gesticulava, derrubando a bebida na própria calça. Diogo escutava atentamente alguns passos atrás, longe da escada que conduzia à varanda. Mantinha-se fiel à determinação de não mais colocar os pés na casa, evitando até pisar nos degraus. A chuva cessara havia mais de uma hora, e o ar úmido já trazia os muitos cheiros da vila: a urina e as fezes dos animais que transportavam cargas e pessoas pelas ruas ainda lamacentas, as frutas e os doces expostos em tabuleiros, o aroma do melão carregado em barris.

Diogo olhou para João. As marcas do chicote eram visíveis no rosto, causando no jovem um sentimento de vergonha mais vívido do que em seu escravo. A carne açoitada não fora a dele, mas a desonra ardia em sua pele. Segundo Étienne, ninguém havia presenciado a cena — um consolo para Diogo. Não seria obrigado a encarar os rostos zombeteiros dos moradores a questionar sua autoridade. Disciplinar peças de sua propriedade era tarefa exclusiva

de um senhor, ou de um feitor por ele escolhido. As exceções eram feitas à autoridade local, nos casos de perturbação da ordem e envolvimento em crimes de maior gravidade. Nunca a um estranho — em especial uma mulher, e viúva.

— Onde ela mora?

— A uma légua da vila, pelo norte. Pouco depois de uma pedreira — respondeu Rosário, embora a pergunta fosse dirigida ao francês.

— Ninguém mais vive com ela?

— Ninguém.

— O que a tal Catarina sabe sobre a mula?

Rosário não conseguiu disfarçar a inquietação diante da dúvida de Diogo. Ela buscou conforto em João, em princípio com olhos e, em seguida, segurando-lhe a mão. Muito tempo se passou até que ela voltasse a falar. O jovem aguardava em silêncio, anestesiado por um misto de cansaço e compaixão. Quando a escrava julgou que reunira forças para continuar, um apelo tomou o lugar da resposta que Diogo tanto aguardava.

— Não vá à roça. Não na madrugada de sexta-feira.

— O que sabe sobre a mula? Ou sobre o padre?

Nesse instante, Rosário teve a certeza que aquele homem conhecia como ninguém a ameaça a rondar Taubaté. Subitamente, ela sentiu-se aliviada. Embora não tivesse assistido o ataque aos quadrilheiros — abrigando-se atrás de um tronco durante todo o martírio dos infelizes e limitando-se a ouvir o pandemônio de gritos, relinchos e galopes — ela aproximou-se do moribundo no que julgara serem seus últimos sopros de vida. Enojara-se com a carne queimada ainda fumegante, enquanto toda a vila apavorava-se apenas com o relato ouvido pelo barbeiro.

O que mais a assustou, entretanto, foi a menção a padre Miguel. O romance condenado entre sua patroa e o sacerdote era talvez o segredo mais bem guardado de Taubaté, a despeito da sofreguidão inconsequente com que o jovem era solicitado. Nunca houve testemunhas dos encontros furtivos no casebre de Catarina, na mata ao redor da roça ou mesmo na sacristia. O forasteiro, no entanto, sabia.

— Fale, mulher!

Não foi Diogo a arrancar Rosário do estupor que a prendia. Todos se espantaram quando Étienne decidiu participar do interrogatório que o senhor conduzia com paciência.

Então, Rosário falou. Relatou aos homens a tragédia que acompanhara desde o início. O primeiro encontro entre Catarina e padre Miguel, o começo do assédio, a capitulação do sacerdote, a luxúria das semanas seguintes, a separação dolorosa e, por fim, o aborto. A escrava não ocultou nem a luta entre a viúva e seu amante no caminho que levava à roça ou a confissão forjada na escadaria da igreja, planejada por ela própria e realizada com a ajuda da cunhada. Os detalhes lascivos da artimanha, em especial o sexo com os soldados nos fundos do mercado, foram providencialmente omitidos, em respeito a João.

Foi nesse momento que o jovem avistou a criança dos dentes pretos, desaparecida desde o ataque na pensão de Étienne, dois dias atrás. O Diabo aproximou-se do grupo e sentou-se em um dos degraus em frente à entrada da casa. Parecia interessado nas palavras da escrava, embora Diogo tivesse certeza que nenhuma das revelações de Rosário era, de fato, um segredo para ele. A falsa curiosidade de seu inimigo, reforçada por expressões teatrais de

atenção, o irritou a ponto de crisar as mãos, como se pretendesse esmurrar seu oponente.

Rosário respirou longamente, enquanto buscava as palavras para tentar descrever as madrugadas passadas em claro.

— Nhá... Ela deixa a roça na noite de quinta-feira e volta de manhã cedo, machucada. Sem roupa. Sempre ferida. E fraca. Mui fraca.

— Já viu a mula? — perguntou Diogo.

— Não. Mas ouvi.

— Vosmecê e toda a Taubaté. Os relinchos da última sexta-feira. Um som do inferno. *Effrayant*. Pavoroso.

— Vosmecês não ouviram como eu. A mula ronda a roça toda vez que surge. Nunca tive coragem de deixar a casa, mas ouço. Ouço os relinchos, o galope, os animais loucos. E vejo a luz do fogo.

— Fogo de tochas — A afirmação de Étienne era débil e contaminada pela dúvida.

Rosário discordou, balançando a cabeça. Os olhos arregalados traziam o mesmo terror que Diogo vira no quadrilheiro massacrado na mata.

— Acredita que ela governa a mula? Ou os bugres?

— Não são bugres!!! Sei que não são!!

A explosão de Rosário surpreendeu todos. Ela foi sacudida por uma onda de soluços até ser abraçada pelo companheiro. Diogo esperou que sua respiração se tornasse novamente calma e cadenciada para endossar seus temores.

— Concordo. Não são bugres. Por isso não pode voltar à roça. Fique aqui, com Tião. E João.

— E vosmecê?

— Não há motivo para esperar três dias. Vou encontrar essa viúva agora e ouvir o que ela tem a me dizer.

Diogo chamou por Inácio, entretido em brincadeiras nos fundos da pensão com a filha de Étienne, e ordenou que ele trouxesse Brabo. O menino surgiu minutos depois, conduzindo o cavalo pelo arreio. O jovem montou no animal e acariciou-lhe a cabeça. Em seguida, informou-se com Rosário sobre a exata localização da roça de Catarina e seguiu.

Para evitar a multidão aglomerada próximo ao mercado, Diogo desceu pela rua oposta, que levava aos afastados depósitos de tecidos, farinha e açúcar. Deixou Taubaté por uma das inúmeras picadas que irradiavam da vila em direção às pequenas propriedades nas cercanias. Minutos depois, já penetrara na mata, avançando com cautela. Logo chegou à pedreira onde os dois quadrilheiros foram mortos e reconheceu a árvore usada por um deles como abrigo. O contorno dos cascos em brasa chamava a atenção no tronco e era a única evidência do ataque da besta, juntamente com a marca das chamas no chão no lugar onde os dois homens tombaram.

O casebre surgiu como um escombros diante de seus olhos. Parecia abandonado havia semanas, embora ele acreditasse que Catarina houvesse deixado o local apenas alguns dias atrás. Somente uma das dobradiças mantinha a porta presa ao umbral, e a palha que um dia cobrira a humilde construção havia sido varrida, deixando as ripas do telhado expostas como costelas. Não havia sinal dos animais, que debandaram sem deixar rastro. As raízes de mandioca despontavam do chão, esturricadas. O vistoso milharal agora lembrava a enfeada cabeleira de uma anciã. Até a brisa que soprava naquele pedaço de terra era estéril, trazendo o cheiro de

mofo e desolação. Sentiu um imenso pesar por Rosário, obrigada a compartilhar da ruína em que se tornara a vida da viúva.

Diogo desceu de Brabo sem retirar a garrucha da cintura. A presença difusa da mulher podia ser pressentida por todo o ambiente. Embora morta, a roça estava impregnada da fúria de sua proprietária. O jovem não teve dúvidas de que a viúva o observava.

Caso se voltasse para uma pedra coberta de limo cerca de duzentos metros atrás, veria Catarina a espreitá-lo. Desde que Rosário a deixara, ela abandonara a casa e passara a esconder-se na mata ao redor da roça. As frutas e raízes que mastigava desinteressadamente não poderiam ser consideradas seu verdadeiro alimento. O que a nutria eram as almas de suas presas, devoradas a cada semana. E a certeza de que em breve se encontraria com padre Miguel.

O último ataque a deixara saciada. A fome, todavia, começava a surgir. E lá estava o estranho, a apenas alguns metros, tão longe da sexta-feira. Chegou a cogitar a possibilidade de um ataque frontal, usando as mãos nuas. Afinal, o padre já provara na carne seu ódio. Mas o forasteiro não era um sacerdote amedrontado. À distância, fechou os olhos e lutou para farejar seu fedor. Em sua forma humana, no entanto, não era capaz de enxergá-lo com a visão divina que maravilhosamente a conduzia pelas matas ou mesmo captar o breu de sua alma. Sentia uma estranha intimidade, uma incômoda proximidade. Ela sabia que nunca o havia visto antes. Apenas em três ocasiões deixara a comarca — duas vezes na companhia de seu falecido marido — e em nenhuma delas se deparara com o estranho de barba maltratada e expressão devastada.

Diogo sentou-se em um tronco derrubado ao lado das tábuas soltas que no passado forjaram um chiqueiro e esperou. Não pensou em vasculhar a vegetação ao redor, certo que jamais a encontraria se ela, conhecedora do lugar, se ocultasse com determinação. Apenas esperava que, cedo ou tarde, a viúva se cansasse de observá-lo e deixasse seu esconderijo. Mas Catarina não se moveu. Durante toda a tarde, acompanhou Diogo com o olhar e permaneceu imóvel, como se roubasse a essência da pedra que lhe servia de abrigo. Já anoitecia quando o jovem montou seu cavalo, fatigado, mas não irritado. Embora não tivesse visto a viúva, considerou as horas perdidas como uma vitória. No último confronto entre os dois, na madrugada de sexta-feira, ele buscara a proteção de um tronco podre. Um sapo que foge de uma cobra, bem dissera o Diabo. Hoje, fora ela a se acovardar.

Antes de tomar o rumo da vila, aproveitando a réstia da luz avermelhada que atravessava a copa das árvores, avistou a falsa criança de pé ao lado do moinho de farinha. Nenhuma sombra despontava de seu corpo mirrado, embora o sol pintasse o chão da roça com manchas escuras que brotavam de tudo ao redor. O jovem inquietou-se com a visão, e o inimigo pareceu vasculhar sua mente, pois sorriu, expondo a tenebrosa fila de dentes pretos. Brabo reagiu e ergueu o corpo sobre as patas traseiras.

Diogo controlou o animal com dificuldade e seguiu pelo caminho entre as árvores, sem olhar para trás. Já percorrera mais de cem metros quando a ouviu. As palavras, sussurradas à distância, chegaram a seus ouvidos como o sibilar de uma cobra.

— Sexta-feira — murmurou Catarina.

## ***34. Uma alma dentre tantas***

Padre Gonçalo lamentava ter iniciado o jejum somente na segunda-feira. Decidira enfrentar os dias e as noites seguintes apenas bebendo água. Temeroso de estar debilitado quando o fatídico momento se aproximasse, chegou a cogitar intercalar os poucos goles com módicos pedaços de pão. No entanto, concluiu que isso apenas tornaria o sacrifício menos sincero, espinhoso e eficiente. Na quinta-feira, a fraqueza se abatera sobre ele como um abutre pousado em seu ombro, obrigando-o a passar a maior parte do tempo sentado. Confiara a padre Miguel a incumbência de conduzir todas as missas. Dessa forma, podia concentrar-se somente na preparação de seu espírito para o encontro.

O vigário não podia deixar de considerar a paulatina transferência de responsabilidades como um rito. Uma despedida tímida, porém calculada. Como dissera a seu pupilo dias antes, morrer era o destino que aguardava. Esperava ardentemente que dos eventos a seguir surgisse um novo padre Miguel — altivo, forte e mais maduro. O velho franciscano sorriu e agradeceu a Deus quando o pensamento lhe ocorreu: poucos eram os párocos a quem era dada a oportunidade de interferir no futuro e moldar a figura de seu sucessor.

Padre Miguel, entretanto, também era motivo de preocupação. Não devido à sua pouca idade e ao desafio de guiar o povo de

Taubaté, mas pela constatação de que o jovem sacerdote já se deparara com o misterioso forasteiro. A julgar pela voz, não havia dúvida alguma que se tratava do mesmo homem em busca de conforto no confessionário. O adorador do demônio, que o afligira como poucas pessoas foram capazes. O vigário optara por não questioná-lo sobre os motivos do encontro ou o assunto discutido, embora o subordinado tenha entrado na igreja e se recolhido consternado em seu catre. Todos têm suas cruzes para carregar, pensou o velho, e a de padre Miguel já era bastante pesada.

Pouco depois do almoço da quarta-feira, padre Gonçalo repousava em sua cela quando foi avisado pelo sacristão — um açoriano de meia idade com profundos sulcos nas bochechas causadas pela varíola e o nariz curvado como o bico de uma ave — da presença de um militar na sacristia.

— Quem é? Gregório de Muniz?

— Não, padre. Um sargento. Não sei o nome.

— Obrigado, Caetano. Diga que aguarde apenas um instante.

Antes de deixar o aposento, o sacristão olhou demoradamente para o vigário — enfraquecido pelo peso da idade, das noites mal dormidas, do jejum implacável e dos inúmeros segredos — e teve certeza que Taubaté em breve perderia seu pastor.

O sargento, um homem magro e de aparência doentia, fora enviado para transmitir um apelo pessoal do mestre de campo. Ele pedia que o padre reconsiderasse a decisão de enfrentar a mula na madrugada de sexta-feira.

— Dom Gregório teme por vossa vida. Se os bugres atacarem, as matas ao redor da vila serão o verdadeiro inferno.

— O inferno já cerca Taubaté, filho. Apenas irei combater o inimigo em seu terreno. E não acredito que o mestre de campo pretenda me encarcerar na cadeia da Casa de Câmara por ignorar o sino de correr — retrucou o vigário de maneira cândida, porém resoluta. Constrangido, o sargento capitulou diante da fortaleza do ancião — um homem que, apesar da evidente debilidade física, somava mais decisão em suas palavras do que metade do Regimento.

— Assim sendo, dom Gregório ordenou que vossa senhoria fosse acompanhado por dois soldados. Para vossa segurança.

— Não me oponho à escolta, embora pense que não será de valia alguma. Vosmecê será um dos meus protetores? — perguntou o sacerdote, com um fiapo de ironia que passou despercebida.

O sargento anuiu, provocando uma discreta risada de padre Gonçalo.

— Então, aguardo vosmecê amanhã, nas badaladas do sino de correr.

O vigário estendeu a mão para que o homem a beijasse e despediu-se, voltando à sua cela. Durante o curto trajeto pelos corredores acanhados da sacristia deparou-se com padre Miguel, encolhido nas sombras. O jovem, surpreendido pela chegada sorrateira do superior, por pouco não bateu a cabeça no teto rebaixado. Padre Gonçalo sorriu, incapaz de repreender a indiscrição do pupilo.

— Não sabia que vosmecê se dedicava à arte de escutar conversas alheias. As confissões dos fiéis não bastam?

— Não, padre! Eu não estava a bisbilhotar vossa senhoria. Apenas procurava uma lamparina vazia para repor o óleo. Ontem,

envolvido pela escuridão, tropecei nesse mesmo lugar, e agora ...

Padre Gonçalo não permitiu que a constrangedora farsa prosseguisse. Aproximou-se dele, apoiou as mãos nos seus ombros e confortou-o.

— Nunca pensei que me alegraria em ver vosmecê balbuciar tanto ao mentir, mas isso apenas mostra o quão distante está de poder ludibriar as pessoas humildes. É prova também que eu estava certo ao confiar a vosmecê a sagrada missão de guiar essas gentes após minha partida.

O jovem pensou em rechaçar o comentário, mas cedeu e desabou em um choro sofrido. Dessa vez, no entanto, o vigário reagiu com impaciência.

— Chega de lamúrias!! O que será desse povo se vir em vosmecê a mesma fraqueza que está em seus corações? Nenhum de nós escolheu seu caminho! Nem eu, vosmecê ou nenhuma dessas pessoas! Apenas seguimos pela trilha desenhada por Deus! Mas vosmecê é um pastor! Um pastor!!! Vosso dever é conduzir almas!! E terá de fazer isso quando eu não estiver mais aqui! É a missão mais meritória que vosmecê já recebeu! Diante dela, todas as outras são menores! Diante dela, qualquer falta é perdoada!

Sem ter conhecimento, padre Gonçalo injetou em seu subordinado a nesga de ânimo que o conduziria pelos próximos dias. A chance de encontrar na tarefa confiada a redenção para seus pecados atuou no espírito acovardado como um inesperado tonificante. Envergonhado, ele enxugou as lágrimas e assumiu a postura mais altiva possível.

— Vosmecê é uma rocha, embora não saiba ainda. Vá. Ainda falta um bocado de tempo até a oração das *sextas*, mas decerto

deve ter cousas a fazer.

— A catequese dos gentios me tomará boa parte da manhã, mas vossa senhoria não se preocupe. Posso preparar a missa sozinho. Ademais, conto com a ajuda de Caetano. Ele é mui prestimoso. Por favor, permaneça em vossos aposentos.

Padre Gonçalo fez um pequeno afago nos cabelos da nuca do pupilo e acatou a sugestão. Uma vez só, padre Miguel dirigiu-se a uma das casas contíguas à igreja, onde um pequeno grupo de índios vestidos em túnicas brancas o aguardava.

Nos poucos passos que percorreu ao ar livre não percebeu a presença de Diogo, montado em Brabo a apenas alguns metros do fundo da construção. Ele havia passado as últimas horas aguardando uma oportunidade de dar continuidade à conversa interrompida pelo vigário dois dias antes. Sabia que não podia confrontar o jovem na sacristia, arriscando-se a encontrar o velho. Cogitara inclusive enviar um recado por João ou mesmo um dos pajens do Barão de Piraitinga, marcando um encontro em um lugar afastado e seguro, mas sabia que o convite não seria aceito. Resolvera então esperar uma chance de arrancar do sacerdote mais informações.

Diogo sabia que padre Miguel e Catarina haviam sido amantes. Naquela terra, a descoberta não se revestia de novidade alguma. Já encontrara sacerdotes com mulheres e proles numerosas. Havia notícias de outros que transformavam as capelas instaladas nas fazendas em antros para encontros com fiéis — casadas ou não — ou assediavam donzelas recolhidas e até mesmo freiras. A revelação de Rosário apenas corroborou o que os olhos assustados do jovem religioso gritaram na noite do jantar. Antes disso, a própria criança dos dentes pretos o alertara. As palavras do inimigo, para seu desalento, confirmaram a história contada pela escrava.

A essência da mula dos infernos, entretanto, permanecia um mistério. Hipóteses surgiram, e para um homem atormentado pelo assédio do próprio Diabo nenhuma pareceu absurda. Diogo imaginou que a ameaça a rondar Taubaté fosse fruto de algum ato de bestialismo, uma prática tão grotesca quanto frequente na colônia. Ideia logo abandonada, diante de outras, igualmente improváveis. Talvez o filho enterrado na praia fosse a mula, transmutada e desejosa de vingança. Ou Catarina poderia ser uma bruxa, capaz de invocar seres que vivem apenas em pesadelos e sermões para aplacar sua amargura.

Nenhuma das alternativas, porém, pareceu-lhe digna de mais do que alguns instantes de atenção. Não por soarem fantasiosas para ouvintes comuns, absortos em seus afazeres cotidianos, mas Diogo julgava conhecer o real preço da cobiça. Em nenhum dos cenários desenhados havia a verdadeira purgação. Há quatro anos ele aprendera que o mundo onde os homens e mulheres nascem, crescem e morrem não era o único. Existe outro, em que as consequências dos atos — triviais ou abomináveis — tomam forma, graças à submissão das pessoas à mais comum das substâncias da natureza, em seus diversos nomes: desejo, apetite, ambição. Ele, padre Miguel e Catarina habitavam nesse mundo.

Perto do meio-dia, padre Miguel deixou a catequese e voltou correndo para a igreja, acompanhado por uma revoada de curumins sorridentes em suas túnicas. Sua expressão pesarosa destoava dos gracejos das crianças. Pequenos grupos de moradores se dirigiam à Igreja de São Francisco para as orações das *sextas*, que começariam em minutos. Diogo puxou gentilmente as rédeas e Brabo rumou em um trote tedioso até o casarão dos Vidal. Uma mucama informou

que o barão havia saído para um leilão de escravos, acompanhado por um dos feitores.

Antes mesmo de abrir a porta de seu quarto Diogo captara a presença do inimigo. O ar do pequeno cômodo estava carregado de uma umidade incomum, e se fosse guiado apenas pelo olfato o jovem diria estar pisando em um mausoléu fechado há décadas. Sentada na cama, a criança dos dentes pretos nem sequer levantou o rosto quando a porta se fechou. Parecia entretida com um pequeno objeto. Diogo aproximou-se e constatou aflito que se tratava de um crucifixo. O mesmo que ele derrubara da parede na noite em que recebera instruções de Ailã. Um calafrio partiu da espinha e irradiou para braços e pernas, chegando até as pontas dos dedos com um incômodo formigamento.

— Agora acredita em mim. Sabe do padre e de sua concubina — disse o Diabo, deixando de lado o crucifixo. Como o jovem previra, a provocação com a imagem do Cristo não mereceu comentário algum. Apenas uma zombaria para ocupar o tempo ocioso, pensou.

— Anda acanhado esses dias. Pouco tem falado. Negócios a tratar em outras paragens? — incitou Diogo, em uma atitude inesperada.

A criança dos dentes pretos contorceu os lábios rachados, revelando o abismo em sua boca escurecida.

— Vosmecê é apenas uma de minhas almas. Um, entre tantos danados. Está enganado se acredita ser mais digno de minha consideração do que outros. Vosmecê jamais teve valor. Para mim ou vosso Deus. Jamais.

Diogo pensou em rebater a falsa criança, mas suas palavras soaram perturbadoramente sinceras. A afronta tola e mal calculada

servira apenas para diminuí-lo ainda mais perante seu inimigo. O Diabo, no entanto, não parecia disposto a degustar do momento.

— Ainda crê que a mula é meu fruto? Pudera eu ter a meu lado uma criação como ela. Sim, dom Diogo. Como vosmecês, eu também cobiço. A mula dos infernos é cria de vosso Pai. Cavalga nos céus com o Nazareno em seu lombo.

— Não! Ela é cria dos homens, maldito! E da luxúria que vosmecê lança nos corações dos que cruzam por vosso caminho! Não de Deus!

— Ora, ora. Agora vosmecê fala como um frade. Quiçá possa vestir uma batina e conduzir o rebanho de Taubaté depois que o velho e o amásio da viúva morrerem. O que dirá quando ouvir as confissões dos fiéis de vossa paróquia, padre Diogo?

O Diabo gargalhou, envolvendo o jovem em uma onda de náusea que o obrigou a apoiar-se em uma cadeira para não desmaiar. Ele pensou em avançar em direção à criança dos dentes pretos, mas seu ímpeto durou pouco. A lembrança do último confronto na pensão de Étienne arrebatou o furor de sua indignação, e ele apenas murchou no chão do quarto. Prostrado de joelhos, ouviu quando a voz, agora vibrante e negra, perfurou seus ouvidos.

— Escolha o inimigo com sabedoria. Eu não sou a rocha a impedir vossa passagem. Vosso adversário é o Altíssimo, um pai que abandonou o filho, incapaz de atender às súplicas mais simplórias. É padre Gonçalo, que expulsou vosmecê de sua amada igreja, negando o amor e a compreensão tão pregadas pelo Nazareno. É seu protegido, que emprenhou uma fiel e também é inculpado de cada uma das mortes creditadas à mula dos infernos. Em verdade,

dom Diogo, vosso maior inimigo é vosmecê, assassino de vosso único filho. Jamais esqueça isso.

O jovem ouvia o sermão de cabeça baixa, incapaz de encarar o oponente, certo que ele abandonara momentaneamente sua forma humana. E assim permaneceu, em uma reverência imposta pelo peso da vergonha e por uma súbita debilidade que lhe esgotou as forças, enquanto acreditou dividir o mesmo cômodo com o Diabo. De olhos fechados, tentava sem sucesso escavar na memória a imagem do rosto do filho. Quando o ar voltou a correr pelos pulmões sem carregar o cheiro ofensivo da falsa criança, ele arriscou levantar o rosto.

O quarto estava deserto e sombrio. As nespas de luz alaranjada atravessando as treliças da janela diziam que em poucos minutos escureceria. Relutou em acreditar que passara toda a tarde encolhido diante do inimigo, mas uma câimbra percorreu a musculatura das coxas e não deixou dúvidas sobre as horas roubadas. Tinha fome, embora não se sentisse disposto para deixar o aposento e pedir que uma das mucamas lhe trouxesse um prato com restos da ceia já encerrada, mesmo sabendo que seria atendido de pronto. Decidiu então dormir logo, guardando o máximo de forças para a última noite antes do encontro com Catarina.

Recostou o corpo exaurido na cama, esquecendo-se até de tirar as botas, mas algo envolto nos lençóis feriu-lhe as costas. Diogo procurou às cegas no colchão até suas mãos esbarrarem no pequeno objeto. Antes mesmo de levá-lo aos olhos reconheceu pelo tato o crucifixo entalhado por sua avó, quando ele tinha a idade de Tiago. A madeira parecia quente e agradável ao toque.

Apertou-o com força e dormiu profundamente, sem sonhos ou sobressaltos, certo que ao amanhecer o crucifixo não estaria mais entre suas mãos.

## ***35. Despedidas***

No futuro, talvez os mais atentos se lembrassem que durante o amanhecer daquela quinta-feira, enquanto o sol manchava o céu ainda escuro de Taubaté com suas cores quentes, não se ouviu um único galo cantar. A iminência de mais um ataque e a certeza de uma ação implacável orquestrada pelo mestre de campo empestou o sono da vila, tornando o repouso dos moradores tenso e pouco reconfortante.

Gregório seguia seu plano, iniciado pela marcha dos sessenta soldados que deixaram o Regimento antes do nascer do sol. Os militares haviam sido aquartelados e privados do contato com as famílias nas horas que antecederiam o início da operação. Aqueles despachados para os acampamentos estrategicamente distribuídos no perímetro de uma légua ao redor da mata mais próxima foram instruídos a marchar em silêncio absoluto. Avançaram com os sabres e as lanças envolvidos em panos para evitar o tilintar do metal, contando com a providencial escuridão das ruas, onde os tocheiros haviam sido apagados.

As buscas pela arma desaparecida do quadrilheiro teriam de esperar. Com todo o contingente envolvido na defesa de Taubaté, as revistas seriam retomadas no dia seguinte. Pouco depois do nascer do sol, metade do Regimento já estava instalada em tendas,

aguardando apenas a madrugada para retornar à vila e esmagar o inimigo encurralado.

Sentado em sua cela escura, Padre Gonçalo foi a única testemunha do deslocamento da tropa. A despeito da idade, os ouvidos aguçados identificaram o arrastar de botas na terra, um pigarrear inoportuno, ordens sussurradas, o farfalhar dos uniformes. Pensou poder escutar também o coração dos homens, denunciando o medo asfixiante que sentiam. Após alguns segundos de concentração descobriu que o som vinha de seu próprio peito. A constatação o fez sorrir. Afinal, valeria sacrificar-se pelo povo de Taubaté se lhe faltasse a humanidade que tanto sobrava naquelas pessoas?

Caminhou com dificuldade pela sacristia sombria, tateando as paredes, e chegou ao catre de padre Miguel. O jovem dormia profundamente, esgotado pela intensa rotina dos últimos dias. O vigário considerara a possibilidade de acordá-lo antes de deixar a igreja e embrenhar-se sozinho na mata, mas desistiu quando percebeu como seu pupilo ressonava. Talvez aquela fosse a última noite de repouso verdadeiro que ele experimentaria por muito tempo. Se os eventos daquela madrugada tomassem o rumo previsto, o velho franciscano não gostaria de ocupar sua mente aflita com os choramingos de uma despedida inconveniente.

Ele ajoelhou-se aos pés da cama acanhada e o admirou na escuridão. O breu que preenchia o quarto não impediu que captasse cada detalhe do rosto juvenil. Passou a mão nos cabelos loiros com ternura, até que padre Miguel reagiu ao toque e por pouco não despertou. O vigário recuou, maldizendo o sentimentalismo que o levara até aquele aposento. O jovem, no entanto, não abriu os

olhos. Decidido a não mais abusar da sorte, levantou-se e deixou a cela.

Não pretendia esperar pelos dois homens de Gregório que o acompanhariam nas matas. A escolta era um estorvo não apenas por ser desnecessária, mas por trazer riscos para a vida dos soldados — um peso que não estava disposto a carregar. A ideia de creditar sua segurança ao mestre de campo também o incomodava.

Arrastou os pés até a sacristia. Encostou o ouvido na pesada porta de madeira e lá permaneceu durante vários minutos, até o silêncio pesar na vila. Então, empurrou a trâmela e usou o corpo debilitado para forçar as dobradiças, que guincharam com o esforço. O vigário interrompeu o movimento ao julgar ter captado o eco dos passos de seu protegido, mas era apenas o som da cobertura de pano de um lanço de taipa sacudido pelo vento.

Abriu a porta apenas o suficiente para esgueirar-se para fora da sacristia. O cheiro da madrugada refrescou-lhe o rosto. Padre Gonçalo vislumbrou a torre branca do sino, que se espichava até furar o céu escuro de Taubaté. Ele desceu a pequena escada e venceu a distância até a proteção das sombras do beco mais próximo. Voltou-se mais uma vez para sua igreja — uma construção mal acabada, mas grandiosa e radiante a seus olhos como nenhuma outra obra erguida na Terra — e seguiu pela rua, oprimido pelas fachadas de casas que pareciam prestes a crescer e esmagá-lo.

Os homens de Gregório e o vigário, entretanto, não foram os únicos a buscar as matas. A quinta-feira mal havia nascido quando Diogo surgiu diante da varanda da pensão de Étienne, que despejava em frente à sua casa a água usada para a lavagem dos pratos e por pouco não acertou o jovem. Encabulado, praguejou

algo em francês e ofereceu uma caneca de aguardente, recusada com um aceno de mão.

— Chame João.

Étienne entrou na pensão e retornou em instantes, seguindo pelo escravo. Rosário e Inácio vinham alguns passos atrás, embora não houvessem sido convidados.

— Não pretendo deixar a vila ao escurecer. Posso encontrar um quadrilheiro e passar a noite na cadeia. Parto assim que vosmecê aprontar Brabo e monto guarda perto da roça da tal Catarina. Gregório e seus homens também planejam alguma coisa. Quero vagar pela mata sem soldados por perto.

— O que pode acontecer?

— Os cães de Gregório matarão cada bugre, preto e branco que virem. E outros tantos, até acreditarem ter vencido. A mula também matará, pois é isso que ela faz. E eu pretendo escutar da viúva o que ela tem a dizer.

— Ela vai matar vosmecê.

A intervenção de Rosário surpreendeu João, ele próprio pouco habituado a se dirigir ao patrão sem ser solicitado. A voz da escrava, porém, trazia autêntica preocupação com o destino do jovem, o que o sensibilizou. Diogo pensou em dizer que não poderia morrer, mas apenas sorriu. Não morreria nessa noite, enquanto sua alma ainda pertencesse a seu inimigo. Lembrou-se que o Diabo o privara do rosto do filho até nos poucos sonhos, sombrios e inquietantes, e apenas descansaria no dia em que o visse novamente — não a máscara medonha da criança dos dentes pretos, mas o verdadeiro Tiago.

— Se sabe de alguma coisa de valia, deve me revelar agora — disse Diogo.

— O que sei, falei para nhô. Não sei de tudo. Nas sextas-feiras de manhã, era eu que acolhia a patroa, limpava a lama do corpo, ajudava a sarar as feridas, mas ela não me dizia nada.

— Não é dela que deveria ter medo — ponderou, encerrando a conversa com Rosário.

Diogo transmitiu ordens para João e sentou-se com Étienne em um pequeno tronco enquanto esperava o escravo preparar o animal.

— Ela está certa. Deve ter cuidado com a viúva.

— Não há mister de falar mais nessa Catarina, Tião. Temos outros assuntos a tratar.

— *Avec moi?*

— Sim. Com vosmecê.

Diogo olhou ao redor para certificar-se que estavam sozinhos, retirou a algibeira do ombro e a entregou ao francês.

— Dentro, vosmecê encontrará algum ouro. E uns bons dobrões. É tudo o que tenho. Se eu não voltar das matas amanhã, faça deles o uso que melhor lhe aprouver. Mande João e Inácio de volta para a fazenda de meu avô. Pague alguém para levar os dois. Eles sabem onde fica o engenho. — As instruções saíram cadenciadas, sem emoção na voz. O mapa maldito já fora retirado da algibeira e enfiado em uma das botas.

— Que história contou para pernoitar fora do sobrado do barão?

— Uma pequenina mentira, sobre um jantar em vossa pensão, para comemorar a recuperação de Clara.

— Espero que isso não seja uma despedida — disse Étienne, pesaroso.

— Não. Somente arranjos de um homem previdente.

Diogo levantou-se a tempo de ver João trazendo Brabo pelo arreio. Ele subiu no animal e disparou em direção às matas. Étienne enxugou as mãos em um pano preso à cintura e sentiu o peso da algibeira antes de entrar na pensão, deixando o casal sentado nos degraus da escada. Durante longos minutos, os dois permaneceram calados, acompanhando com desinteresse o movimento de comerciantes, escravos e animais que, aos poucos, tomavam as ruas de terra. Foi Rosário quem primeiro falou.

— Vosso patrão pode morrer. Não quer ver o que ele enfrentará?

— Não posso ajudar nhô. Vosmecê bem sabe — reagiu João, contrariado.

— E se pudesse, ajudava?

O escravo virou-se para Rosário, mas descobriu que não tinha resposta. Durante os últimos quatro anos, desejou tantas vezes o fim de Diogo que as imagens de sua morte deixaram o terreno dos sonhos. Revisitava em pensamento afogamentos, diarréias, emboscadas e picadas de cobra que nunca ocorreram, com riqueza de detalhes. As infinitas mortes do patrão, sempre requintadas e cruéis, alegravam em segredo a vida de João, e com o tempo assistir às cenas desse calvário imaginário passou a ser a única alegria do negro.

Até o ataque dos guaianás, dias atrás. Ao ver o senhor mergulhar na letargia comatosa após ser alvejado pela flecha envenenada, João demorou a reagir. Levou minutos para certificar-se que o sono febril a envolver Diogo não era uma mera pintura em sua mente, uma brincadeira de um espírito deformado pelo rancor. Depois, veio a vergonha diante da constatação que Inácio devia a vida àquele

homem — o neto do mesmo que lhe marcou o rosto com ferro em brasa e o castrou. Por fim, a gratidão, ao ver o filho sair ileso da emboscada. João amaldiçoou a si próprio enquanto carregava o corpo inerte e trêmulo do patrão, preparava-lhe unguentos e, ainda pior, ansiava por sua recuperação.

Agora, mais uma vez, Diogo resolvera açoitá-lo com um chicote curto demais. A mula dos infernos já colecionava dez vítimas, e embora o escravo reconhecesse mais bravura no jovem do que em todos os infelizes mortos nada impediria que ele se juntasse aos outros no cemitério nos fundos da igreja.

A vida sem Diogo também se mostrava incerta e, por vezes, intimidadora. Caso ele morresse, pai e filho continuariam a ser propriedade da família Durão de Meneses. Isso significava que deixar Taubaté equivaleria a uma fuga. Sem dono, dinheiro ou papéis que comprovassem uma alforria, o destino de escravos abordados por um soldado ou quadrilheiro, em qualquer das vilas da colônia, era a cadeia. Depois de meses sem a manifestação dos herdeiros do patrão, seriam leiloados, sem garantia que ele e Inácio iriam para a mesma fazenda.

— Ajudava — disse João, abominando mais uma vez a própria fraqueza. — Se pudesse, ajudava.

— Então, vosmecê e eu vamos para a mata hoje à noite. Antes do sino de correr, vamos deixar a pensão e conhecer a mula dos infernos — replicou Rosário, com um sorriso infantil no belo rosto.

— E ajudar nhô.

A negra anuiu, sem conseguir convencer a si própria. Embora João fosse arrastado para a aventura daquela madrugada por uma mistura de reconhecimento e covardia, era a curiosidade que

motivava Rosário. Cega diante dos riscos da emboscada, excitava-se com a possibilidade de ver o que ninguém vira, e escapar com vida. Um instinto imprevidente e tolo, que cobraria seu preço antes do amanhecer de sexta-feira.

— Ele levou todas as armas, mas Tião tem um mosquete. Fica escondido no fundo do depósito.

— Eu também tenho uma garrucha.

— Vosmecê sabe usar?

— Pode apostar que sim.

Os dois riram, embalados por cenas de fantasias grandiosas. Inácio acompanhava a conversa a apenas alguns metros, fingindo estar absorto com os pequenos animais entalhados em madeira. Para seu infortúnio, fora contaminado pelos mesmos sentimentos que enfeitiçaram o pai e sua companheira. A mente infantil foi seduzida pela visão da mula dos infernos e sua língua de fogo. Logo, viu-se repetindo a odisseia para uma plateia de rostos jovens e atentos.

Foi com a certeza de seguir João na maior jornada de sua vida que se recolheu naquele fim de tarde, enquanto o pai e Rosário discutiam os detalhes de uma aventura de consequências trágicas.

## ***36. A maior obra de Deus***

Diogo aguardou pacientemente as horas se arrastarem. Amarrou Brabo em um tronco e sentou-se. Por vezes, levantou-se para movimentar as pernas entorpecidas ou vasculhar os arredores após algum ruído que significasse a aproximação das tropas de Gregório. A mata, no entanto, estava deserta. Acreditava estar seguro até anoitecer, quando os soldados caçariam os índios remanescentes. Também confiava no seu cavalo, cujos sinais de inquietação sempre denunciavam a chegada furtiva de um inimigo traiçoeiro.

A noite veio, e Diogo não acendeu nenhuma fogueira, apesar do vento frio que zunia entre as árvores. Qualquer luminosidade seria avistada por um soldado nas redondezas, pondo fim a seus planos. Pensou em dirigir-se logo ao casebre da viúva, mas desistiu ao lembrar-se do encontro frustrado na sua primeira visita à roça. Conferiu inúmeras vezes o municiamento das duas garruchas que trazia no cinto e do mosquete, apoiado no tronco. Uma terceira arma estava enfiada na sela, ao lado de um punhal e um antigo sabre, deixado para ele por seu pai. Não sabia o que o esperava. A aflição nos olhos de Rosário plantara em seu coração até então confiante a necessidade de precauções adicionais.

Já era madrugada quando retomou a marcha, dessa vez com os próprios pés e puxando a montaria pela rédea. As nuvens pesadas que se formavam desde o fim da tarde tomaram parte do céu,

preludiando uma chuva iminente. À medida que se aproximava da roça arrasada, o peso do breu tornou a caminhada lenta e hesitante. Os únicos sons eram seus passos no chão coalhado de folhas secas e o trotar dos cascos de Brabo. Não ouviu um único animal oculto nos arbustos ou nos galhos. A lua cheia subiu imensa e radiante por trás das árvores, zombando da covardia que fazia murchar a mata. Seu brilho intenso pintou as folhagens e troncos de um prata vivo, e Diogo lembrou-se da noite do pacto, quando o dourado do ouro maldito revestiu cada palmo do canavial.

A luz da lua revelou detalhes do cenário e permitiu que ele se movesse com mais facilidade na trilha. No entanto, não contava com a ajuda da claridade para enxergar a mula. Quando a besta se aproximasse, sua chama a tornaria visível a dezenas de metros. Avistá-la não seria um problema, mas sim escapar com vida. O que a Catarina pretendia ao arrastá-lo ao lugar onde correram os ataques ainda era um mistério. Uma certeza lhe trazia alento: o inimigo que em breve o ameaçaria também estaria no encalço da viúva. Se ela, como Rosário dissera, escapara milagrosamente quando outros tantos morreram, Diogo poderia fazer o mesmo. Bastava apenas arrancar da mulher o que ela sabia sobre a mula. A escrava e o jovem padre não lhe trouxeram informações úteis. Com certeza, a viúva as traria.

Seguiu pelo caminho, ouvidos e olhos alertas. Após meia hora de caminhada julgou ter visto algo. Reconheceu o trecho final da trilha que conduzia ao casebre e acelerou o passo.

Diante dele estava Catarina, nua. A brancura de sua pele, acentuada pelo brilho intenso da lua, a transformava em uma estátua de mármore. Era a primeira vez em cinco anos que Diogo se

deparava com uma mulher despida. O Diabo, no entanto, não lhe roubara apenas o único filho. Todo seu desejo havia abandonado o corpo juntamente com sua alma, tornando-o indiferente mesmo à mais excitante das imagens.

Brabo recusou-se a continuar, obrigando-o a parar a alguns metros da viúva. Diogo tentou puxá-lo, mas os cascos firmaram-se no chão, tornando impossível a tarefa. Ele sorriu ao pensar na ingenuidade do gesto. Se a intenção da mulher era enganá-lo com a promessa de prazeres fáceis, em breve descobriria que a artimanha se revelaria inútil. Catarina retribuiu o sorriso, tomada por uma exultação delirante. Brabo reagiu, recuando ainda mais pela trilha e fazendo com que seu dono vasculhasse com os olhos a mata ao redor, em busca de atacantes escondidos.

— Vosmecê veio.

— Se tem algo a dizer sobre a mula, fale logo. Não pode me seduzir. Não a mim.

— Não quero mais seduzir ninguém, dom Diogo. Se crê estar morto para o prazer, eu também estou. O único homem que pretendi amar depois do luto foi meu amado padre, e vosmecê bem sabe disso.

— Então, o que quer?

— Matar vosmecê.

O primeiro pensamento de Diogo foi sacar a garrucha e alvejar Catarina no peito. Ele demorou alguns instantes para controlar o instinto e convencer-se que a mulher magra e debilitada à sua frente não representava verdadeira ameaça, embora a provocação o tivesse enfurecido. Com o canto dos olhos, percebeu a aproximação da criança dos dentes pretos, que surgiu por trás de Catarina e

passou a acompanhar o diálogo com vívido interesse. A lembrança da aparição do inimigo durante o último ataque da mula, instantes antes que ela se revelasse e matasse os quadrilheiros, o inquietou. Um pressentimento sombrio instalou-se em seu espírito.

— Por quê? — perguntou Diogo, tentando disfarçar a apreensão que crescia.

— Vosmecê disparou contra mim.

— Nunca a vi antes de chegar a Taubaté.

— Dom Diogo se engana. Já me viu e tentou me matar. Apenas não me reconhece.

— Vosmecê é louca. Apenas uma mulher desprezada e louca. E me fez perder meu tempo. Nunca feri uma mulher, mesmo insana.

— Se engana mais uma vez. Não sou uma mulher. Sou a maior obra de Deus.

Subitamente Catarina retesou o corpo, mantendo-se na ponta dos pés como se atingida por uma descarga elétrica. Tendões e veias estiraram-se, saltando à vista na pele branca, enquanto as mãos crispadas cravavam as unhas nas coxas magras até o sangue trilhar as pernas. O pescoço dobrou-se para trás, alcançando um ângulo impossível. Da boca aberta saíam lufadas de ar, que se condensavam na noite fria. A respiração acelerou-se, fazendo com que o peito se movesse em uma velocidade impensável. Diogo lembrou-se do esforço feito pelas negras da senzala durante os partos e por um instante pensou que a viúva tombaria morta de exaustão. Lágrimas desceram pelos olhos arregalados, revelando a dor que parecia castigá-la. Catarina começou a gritar e esticou o tronco ainda mais. Aturdido, o jovem aproximou-se, disposto a ampará-la.

Foi quando uma longa e fina labareda subiu pelas narinas.

Diogo recuou, a tempo de evitar que Catarina caísse sobre ele. Ela tombou como uma pesada tora, levantando uma nuvem de poeira. A viúva arranhou o chão, buscando apoio para se reerguer sobre os joelhos flexionados, mas apenas conseguiu deitar-se, emborcando o corpo em posição fetal. As chamas agora saíam da boca escancarada junto com urros. Arqueada sobre um emaranhado de gravetos e folhas secas, Catarina voltou o rosto em direção a Diogo e estendeu-lhe a mão, como se pretendesse agarrá-lo.

Enlouquecido, Brabo ergueu as patas dianteiras, por pouco não derrubando o dono. Diogo sacou a garrucha e a apontou para a viúva, mas o pavor paralisou-lhe as mãos. Ele viu quando pelos pretos e grossos começaram a tomar toda a extensão de seu corpo, transformando a pele pálida em uma manta áspera. Tronco, pernas e braços ganharam volume, expandindo-se em espasmos violentos. Ela apertou os punhos, de onde as unhas, comprimidas em uma única massa, cresceram e assumiram a aparência de cascos.

Os cabelos loiros escureceram como palha queimada e avançaram até alcançar as sobrancelhas, cobrindo a testa por completo. Os olhos foram engolidos pela crina, que agora escorria no pescoço musculoso. Os maxilares escancararam-se ainda mais, e Diogo enxergou com clareza a garganta pavorosa, de onde um jorro de fogo foi vomitado. A carne ao redor da bocarra rompeu-se e o sangue — escuro e borbulhante — fluiu, consumindo as folhas no chão.

O Diabo assistia à mudança, maravilhado. Os dentes pretos tomaram toda a boca em um sorriso lascivo. Diogo voltou-se para

ele e percebeu, intrigado, que o inimigo, por um breve instante, fixara a atenção em um ponto atrás do jovem.

Inácio estava petrificado diante da besta. O rosto magro e molhado por lágrimas era sacudido por um medo maior do que sua mente infantil podia absorver. Uma mancha de urina correu pela calça, e as pálpebras tremeram, dando ao jovem a certeza que o menino desfaleceria em segundos.

Diogo agiu rápido. Colocou a garrucha no cinto e disparou em direção a Inácio, agarrando-o com os dois braços.

— Desmaie e morremos os dois!

Desperto pela aspereza das palavras, Inácio balançou a cabeça. O jovem não se virou para trás, pois sabia ter apenas poucos instantes antes que a transformação se consumasse. Brabo havia recuado cerca de trinta metros e exibia os dentes. Se não chegasse ao cavalo antes que a mula o alcançasse, seria massacrado, juntamente com o filho de João. Correu em direção à montaria e subiu na sela em um pulo. Inácio agarrou-se à crina de Brabo, e Diogo açoitou com força a barriga do animal. O cavalo arrancou em um galope desesperado, ao mesmo tempo em que ouviam o relincho infernal. Brabo tentava manter a distância entre ele e a mula, embora estivesse mais pesado que o oponente. O som dos cascos deixou claro que ser interceptado era uma questão de minutos.

Diogo virou o rosto para trás, e não pôde impedir que Inácio fizesse o mesmo. A mula estava a poucos metros. Em breve, seria capaz de calcinar Brabo com fogo, se assim quisesse. Ele sacou uma das garruchas e atirou, sem tempo de disparar com precisão, e errou. A velocidade da aberração não era fenomenal. O cavalo,

entretanto, galopava em nítida desvantagem por carregar duas pessoas. De súbito, Diogo puxou as rédeas e deixou a trilha, penetrando na mata fechada. Com a manobra, ficaram por alguns segundos perigosamente perto da mula, que não desperdiçou a oportunidade de tentar acertá-los com um jorro de fogo. As chamas chamuscaram o dorso de Brabo e os cabelos de Diogo, mas nenhum deles pareceu sentir.

Já cercados por árvores, o jovem conduziu o cavalo com habilidade entre os troncos, evitando os galhos que poderiam derrubá-lo. Não havia sinal da mula, mas isso apenas significava que ela poderia usar, assim como eles, a mata para se ocultar e desferir um ataque inesperado, tirando proveito do conhecimento do terreno.

Foi isso que a besta fez, ao surgir diante de Brabo, com as patas erguidas. Diogo nunca soube se o animal tentou se defender ou apenas surpreendeu-se com a investida e foi incapaz de frear o próprio avanço, e viu com desesperada satisfação quando Brabo acertou a barriga da mula com os cascos dianteiros. O impacto a derrubou, mas o cavalo também se desequilibrou e caiu, levando com ele sua carga.

Ele não perdeu um único segundo. Agarrou o menino pelas roupas e o jogou na sela, enquanto Brabo reerguia-se com uma agilidade que desconhecia. Antes de subir na montaria, Diogo viu que a mula ainda lutava para se colocar sobre as quatro patas. Novamente, agiu por puro instinto. Desembainhou o sabre preso próximo ao estribo e o enterrou na barriga da besta.

A mula urrou — aos seus ouvidos, um som humano, quase um choro — e uma coluna de fogo subiu, queimando as folhas das copas das árvores acima. Ele tentou puxar o sabre, que parecia

preso na carne. Repetiu o movimento, dessa vez com mais força, arrancando a arma. Para seu espanto, a lâmina começara a derreter. Além da empunhadura, pouco restara. Respingos de sangue ardente atingiram sua mão, e Diogo gritou ao sentir a pele queimar. Ele deixou cair o que sobrara da herança do pai e montou em Brabo, disposto a usar sua vantagem.

Voltaram a toda velocidade para a trilha em direção a Taubaté. Embora soubesse que a besta não estava morta e retomaria em breve a perseguição, acreditava ter uma pequena dianteira. No entanto, relinchos cada vez mais próximos lhe deram a certeza que a mula estava em seu encalço. Inácio apertou os dedos no emaranhado de pelos da crina e olhou para trás. A visão o fez gritar, e Diogo estocou a barriga de Brabo com mais vigor, levando-o ao limite de suas forças. O jovem pensou em tentar despistar a ameaça novamente usando a mata, mas mudou a estratégia ao avistar uma jabuticabeira à sua esquerda. Conduziu Brabo até próximo ao tronco e, sem descer da sela, ergueu o corpo franzino de Inácio. O menino agarrou um galho e escalou os demais com desenvoltura, seguido de Diogo. O cavalo desapareceu antes que fosse enxotado.

Ele já testemunhara a morte do quadrilheiro que se refugiara em uma árvore. Por isso, orientou Inácio a subir até o galho mais alto e agarrar-se com força. Estavam a cerca de oito metros do chão quando a mula fez a primeira investida, acertando a jabuticabeira com uma sucessão de coices. A cada golpe, uma nuvem de faíscas saía dos cascos em brasa. O tronco, no entanto, era muito grosso e jamais cederia. A besta sabia disso e partiu para uma nova estratégia. Ela ergueu-se sobre as patas traseiras e lançou um jorro de fogo nos galhos. As chamas iluminavam a mata com um brilho

amedrontador, mas não representavam ameaça séria para Diogo e Inácio, que se abrigavam a uma altura segura. Quando a mula repetiu o movimento pela quarta vez, eles entenderam o que pretendia.

Saturados pelo calor, os galhos mais baixos agora eram uma brasa viva, de onde brotavam línguas de fogo que consumiam a árvore em direção à copa. A jabuticabeira havia se transformado em uma armadilha. Os dois tentaram distanciar-se ainda mais das chamas, mas o peso de Diogo tornava a subida arriscada.

— Mais para o alto! Vosmecê é leve, e os galhos hão de aguentar!!

— Mas, e nhô?!

— Vá, moleque dos infernos! Ou levará uma surra!!

Inácio escalou cerca de um metro e voltou-se para o senhor, estendendo a mão pequena. Ele respondeu ao gesto, mas não para buscar um novo ponto de apoio. Entregou ao menino a última garrucha e o grosso cinto de couro usado prender as armas na cintura.

— Se amarre no galho mais firme que encontrar! Ela pode tentar nos derrubar!

A ordem foi cumprida sem hesitação. Abaixo, a mula aguardava pacientemente as chamas se arrastarem pelo tronco. A fumaça invadiu a jabuticabeira, penetrando nos pulmões e olhos de Diogo. Antes que a nuvem sufocante atingisse o menino, ele esticou a mão de novo. Dessa vez, deu a Inácio o chapéu de longas abas.

— Abane! Não deixe a fumaça chegar a vosmecê!!

Diogo era agora apenas uma voz na névoa que tomava a árvore. Ele cerrou os olhos para fugir do ardor e foi sacudido por um acesso

de tosse que o desequilibrou. A cada tentativa de respirar puxava para dentro de si apenas corrosão. Ouviu o crepitar misturado à voz de Inácio — difusa e distante — em meio ao véu cinza. Os troncos onde seus pés se escoravam já eram um braseiro, e o calor queimava-lhe a pele através das grossas solas das botas. A mula relinchou de alegria. Seu regozijo ecoou na mata, como uma gargalhada longa e debochada. Algo, no entanto, conteve seu júbilo, e ela se calou. Um ruído abafado varreu a mata, levado por uma brisa.

Diogo ouviu o chiado da brasa morta pela chuva antes de sentir as primeiras gotas. Os pingos sacudiram as folhas da jabuticabeira e escorreram pelo seu rosto, lavando a fuligem. A fumaça dispersou, arrastada pelo vento, e ele pôde ver o quão perto o fogo esteve de atingi-lo.

— Nhô! Nhô! A chuva!! A chuva!!

O jovem teve de respirar profundamente e limpar os pulmões antes de responder a Inácio. Esfregou os olhos com força e levantou o rosto para os galhos acima de sua cabeça.

— Não se mexa! Ela é ladina e pode querer nos derrubar. E os troncos estão escorregadiços. Não se mexa!

Possuída pela frustração, a aberração passou a escoicear com violência a árvore. A chuva aumentou de intensidade. Preso ao cinto de couro, Inácio estava exultante. Começou a cuspir na mula, que respondia com relinchos e mais coices.

Sem aviso, a besta empertigou-se. Assumiu uma postura altiva, ignorando até mesmo as provocações do menino. O fogo brotava de seu pescoço como uma tocha viva e iluminava a mata, enquanto ela

vasculhava os arredores. Sua atenção foi atraída para a trilha que conduzia à vila, e a mula disparou em direção a Taubaté.

— Não se mexa! Já a vi fazer isso antes! Pode ser uma artimanha!

O galope enlouquecido, entretanto, não parecia um ardil. Ela foi envolvida pelas sombras das árvores, sem sequer olhar pela última vez para suas presas.

— Aonde ela vai, nhô?

— Não sei, mas continue preso. Ela escutou alguma coisa.

O menino ouviu a resposta e seu rosto abandonou a zombaria com a qual insultara a mula minutos atrás. Então, arregalou os olhos e gritou:

— Pai!! Pai!!!

— João? Ele não está na pensão?

— Não! Ele deixou a vila de noite para encontrar nhô! Queria ajudar...

— Preto insolente!! Por que não me obedeceu?!

— Foi Rosário quem chamou. Ela queria ver a mula dos infernos. E eu também — revelou o menino, envergonhado com a própria curiosidade.

— Por isso me seguiu?

— Eu não segui nhô. Segui meu pai e Rosário. Mas me perdi na mata e encontrei nhô ... E a mula.

Mais uma vez, Diogo amaldiçoou o escravo pela imprevidência. Iria castigá-lo com rigor quando o encontrasse, embora no momento estivesse decidido a permanecer na árvore até o sol nascer.

— Se ela farejou vosso pai, ninguém pode fazer nada. Se acomode e tente descansar, que só vamos descer com dia claro.

Inácio chorou, e as lágrimas desceram por seu rosto, misturadas às gotas de chuva. E lá, juntos, aguardaram os raios alaranjados surgirem, como se emergissem de uma noite que durara anos.

## ***37. O sacrifício***

A mula não farejara João, como supunha Diogo, mas padre Gonçalo. O vigário passara toda a quinta-feira recolhido em uma roça abandonada a meia légua da vila. O proprietário deixara o casebre — na verdade, pouco mais que um escombro — há um ano para arriscar a vida nas minas. Com certeza, não se incomodaria em ver seu lar ocupado sem permissão, sobretudo nas atuais circunstâncias. Seria apenas uma transgressão tolerável, em tempos de extremo desespero. O mais importante era garantir um refúgio durante as horas que antecediam a madrugada de sexta-feira, longe de distrações, da hesitação do pupilo e, principalmente, dos homens de Gregório e sua escolta inútil.

Ao anoitecer, o vento frio açoitou o casebre, penetrando nas frestas e castigando o sacerdote. Tentou dormir em uma esteira, mas a excitação e o desconforto o mantiveram desperto. Passou as horas seguintes meditando em silêncio, sentado. A lua estava alta quando julgou ser madrugada e deixou a roça. A mata, visitada inúmeras vezes em passeios ou nas catequeses na companhia dos índios, nunca parecera tão hostil. O silêncio e as sombras — cúmplices de um inimigo que aguardava apenas um deslize para atacar — oprimiram padre Gonçalo. Pela primeira vez desde que chegara à colônia, há mais de quarenta anos, sentiu medo.

Ele não sabia qual rumo tomar. Então, caminhou a esmo durante alguns minutos e sentou-se em um tronco coberto por uma grossa camada de limo, no centro de uma pequena clareira. Abriu a Bíblia, esperando contar com a generosidade da lua cheia, que inundava a mata com seu brilho prateado. Os olhos cansados e as letras pequenas impediram que lesse o livro, mas ele lembrou-se que há décadas memorizara cada versículo das Escrituras e sorriu. Desejou ter se despedido de padre Miguel, dito o quanto o amava e reiterado a confiança na sua fé.

Começou a recitar um Salmo. Elevou a voz até ele próprio se espantar com a vibração que o som produzia na clareira. Seu empenho para manter-se oculto dos soldados agora perdera o sentido. O vigário já se encontrava onde queria. Restava apenas atrair seu inimigo para perto.

O primeiro relincho — um som distante, porém aterrador — o emudeceu. O sacerdote prosseguiu, balbuciando uma prece que aos poucos ganhava mais vida. Instantes depois, um novo rinar, dessa vez estrondoso, correu toda a mata. Padre Gonçalo começou a colocar em dúvida não sua morte, que considerava um sacrifício pequeno diante da missão, mas se conseguiria levar seu adversário consigo.

A chuva que desabou em seguida, súbita e inclemente, apenas serviu para deteriorar ainda mais sua confiança. As gotas atingiam com força as folhas das árvores e as poças de lama que logo surgiram no chão, obrigando-o a bradar para vencer o tamborilar dos pingos. O Salmo agora era quase um grito. O último sermão, feito para alcançar não o mais distante dos fiéis, mas o mais blasfemo dos inimigos, pensou.

Como pretendia, padre Gonçalo fez sua prece chegar à mula. Embora incompreensíveis, as palavras trouxeram lembranças de prazer, esperança e carinho, logo sufocadas por imagens de desprezo, raiva e dissimulação. Um rosto surgiu em sua mente destruída. Jovem, cabelos loiros, olhos azuis. Ela esqueceu-se do forasteiro e do menino empoleirados nos galhos da árvore — salvos por um temporal tão milagroso quanto inoportuno — e disparou em direção à ladainha que a afrontava.

O encontro com o estranho deixou marcas. Ela foi surpreendida pela audácia do oponente e ainda sentia as dores do sabre enterrado em sua barriga. Por alguns segundos, durante o confronto, acreditou que iria morrer. A possibilidade de ser vencida a feriu mais que a lâmina cravada na carne. A aflição a aticou, e a mula investiu contra o homem e o menino com um apetite ainda maior. Estava disposta a rachar o tronco da jabuticabeira com mil coices quando ouviu a pregação na mata. O forasteiro escapara mais uma vez, e após infligir-lhe um sofrimento inesquecível. No entanto, a frustração, mesmo imensa, ainda era menor que o desejo de vingança contra quem tinha a ousadia de provocá-la.

A mata ao redor da vila estava apinhada de homens, quase todos fedendo a ódio e pólvora. Alguns tão distantes que mal eram pressentidos. Outros, próximos o suficiente para serem alcançados em alguns minutos a galope. Nenhum deles, porém, inspirava-lhe tanta ira como o forasteiro. Até ouvir a cantilena. Guiada pela voz hesitante, a aberração avançou, com a energia de uma manada.

Padre Gonçalo prosseguiu com o sermão solitário. Um farfalhar nas folhagens à frente indicou que não estava mais sozinho. O inconfundível ruído de cascos vindo da escuridão que envolvia as

árvores o deixou alerta. Sentiu o ânimo deixar o corpo, lavado pela chuva. Trêmulo, levantou a Bíblia acima da cabeça, como um escudo.

— Deixe vosso esconderijo, demônio!!

A mula irrompeu diante dele, imensa e irredutível. O sacerdote levou a mão ossuda à boca para conter um grito. O pavor embotou seus sentidos, e ele demorou alguns segundos para perceber que o animal a poucos metros era marrom, e não preto. Em sua sela, um homem fardado, em nada parecido com a montaria demoníaca relatada pelo quadrilheiro agonizante.

— Encontrei! Encontrei o vigário!!

Um segundo cavalo surgiu, conduzido por outro militar. O sacerdote reconheceu o sargento que o visitara no dia anterior na sacristia. Sob a chuva agora torrencial, com o uniforme ensopado colado ao corpo a evidenciar a magreza, parecia ainda mais macilento. Assim como seu colega de Regimento, trazia um tocheiro, cuja chama esperneava sob a fúria do temporal.

— Não deveria ter vindo às matas sozinho, padre Gonçalo. Em breve, mais de cem soldados estarão em nossos calcanhares, a lutar contra os bugres.

O alívio na voz do sargento era indisfarçável. Sem dúvida, uma semana de cadeia o aguardava se o mestre de campo descobrisse que falhara tão vergonhosamente na simples tarefa de vigiar um velho.

— Vosmecês não são de valia. Ficando ao meu lado, apenas serão um estorvo. Ou pior, mais almas levadas para o inferno.

— Dom Gregório não pensa como vossa senhoria. Ele deu ordens para o conduzirmos de volta à vila.

— Eu não serei arrastado na ponta de um laço, como um gentil apresado.

— Temos nossas ordens — retrucou o sargento, estendendo a mão em direção ao vigário.

— Me toque e será excomungado.

Padre Gonçalo descartou a cordialidade rapidamente, fazendo o militar encolher-se em sua sela. Voltou-se para o outro soldado — um cabo, de cabelos ruivos e sem parte dos dentes da frente — e sentenciou:

— Se assim desejarem, podem apear das montarias e fazer companhia. Em silêncio.

Os dois se entreolharam, intimidados com a determinação daquele homem magro e envelhecido que enfrentava com dificuldade a ventania. Desceram de seus cavalos e, empunhando os tocheiros, passaram a esquadrinhar a escuridão ao redor. Ambos protegiam os mosquetes com mantas de couro para impedir que a água da chuva molhasse a pederneira e frustrasse os disparos. Padre Gonçalo retomou a pregação, espalhando na mata palavras de fé raivosas contra a besta. Menos de cinco minutos haviam se passado quando ouviram o rinchar longo e pavoroso reverberar em algum ponto do breu. O relincho se repetiu, dessa vez mais próximo. O sacerdote se engasgou com o próprio sermão e sentiu as milhares de palavras da Bíblia, repetidas de cor incontáveis vezes nas missas, desbotarem em sua memória.

Inquietos, os cavalos tentaram escapar dos soldados, como se reconhecessem uma corrupção da natureza em quem produzira aquele lamento.

— Quem vem lá?! — gaguejou o sargento, enquanto equilibrava a arma com uma das mãos e, com a outra, tentava aumentar em alguns passos sua visibilidade estendendo o tocheiro.

— Bem pode ser alguém do Regimento.

— Então, por que não responde? Quem vem lá?!

Padre Gonçalo foi o primeiro a avistar o brilho das chamas entre as árvores. Os militares não demoraram a enxergar a luz — ora azul, ora alaranjada — que ganhava vida e aumentava de intensidade, oculta por galhos e folhas, a menos de cinquenta metros de onde o grupo se encontrava.

— Vá até lá e prenda quem estiver no lombo do cavalo. Parece estar sozinho, o bugre. Não vejo ou ouço outros.

— Podem estar escondidos atrás de troncos, a aguardar apenas um de nós se aproximar.

— Vá, cobarde de bosta!! Vá ou amargará um mês de cadeia, sem soldo!!

O cabo respirou fundo e começou a avançar passo a passo, na ponta dos pés. Depois de alguns metros, a chama desapareceu, engolfada novamente pela escuridão. Ele encarou o superior — um olhar de fraqueza e piedade — mas um muxoxo o fez continuar. Penetrou na mata fechada e prosseguiu até que as folhas o engoliram. Sem o brilho do tocheiro e da misteriosa chama, as sombras desceram. Apenas o assovio do vento e o tamborilar dos pingos eram ouvidos.

Então, veio o grito. Um som alucinado, que parecia ter ferido a garganta ao sair. O sargento enfiou o tocheiro na terra, liberando as mãos para empunhar o mosquete, e ajoelhou-se. Antes que ele engatilhasse a arma, escutaram preces desesperadas e o estampido

seco de um tiro, seguidas por um rinchar. A chama reapareceu, dessa vez em movimento, precipitando-se em direção ao centro da clareira. O sobe e desce das labaredas não deixou no sargento dúvidas sobre que decisão tomar. Ele fechou um dos olhos para apurar a pontaria e atirou. O fogo mergulhou no chão, traçando no breu um rastro irregular e alaranjado, e apagou-se. No instante seguinte já havia se livrado do mosquete descarregado e empunhava uma garrucha. Levantou-se e, segurando a tocha, caminhou lentamente até o ponto onde o inimigo tombara.

Quem jazia no emaranhado de folhas molhadas era o cabo, atingido por um disparo certo no pescoço. A seu lado, o tocheiro apagado.

Padre Gonçalo teria feito uma prece se o medo não o esganasse, negando até mesmo uma simples lamúria. Os dedos deixaram cair a Bíblia, que afundou em uma poça a seus pés. Trêmulo, acocorou-se com a intenção de pegar o livro. Foi quando percebeu sua sombra se projetando no chão, embora não houvesse nenhuma fonte de luz além da lua e da única tocha remanescente. O sargento virou-se, e seus olhos refletiram o brilho da chama.

A mula estava a alguns metros atrás do vigário — uma majestosa e irreal imagem, esculpida por mãos geniais e dementes. Do pescoço emergiam ondas de fogo, arrastadas pelo vento como uma cabeleira ruiva e revolta, iluminando toda a clareira. Os cascos em brasa ardiam contra o chão encharcado, de onde subiam pequenas nuvens de vapor. Grossas gotas de um sangue escuro escorriam de um ferimento na barriga.

O velho franciscano permaneceu ajoelhado, em uma reverência acidental, mas apropriada como nenhuma outra já feita, diante da

criatura mais aterradora e magnífica com que se deparara. Os cavalos dos soldados desembestaram, em uma fuga alucinada. Aturdida, a besta encarava o homem. Não se tratava do mesmo de seus sonhos. Somente uma versão enfeada e decrépita daquele que se recusava a abandonar seus pensamentos. No entanto, as palavras, cantadas e incompreensíveis, eram idênticas, assim como as roupas. E, soterrada sob montanhas de covardia, a pretensão de salvá-la.

A mula o teria matado naquele instante se o sargento não decidisse fugir, tentando se embrenhar na mata fechada. Ela pressentiu o movimento e, antes do militar iniciar a debandada, disparou, interceptando-o a metros da cortina de folhas que seria usada como esconderijo. Um jorro de fogo o atingiu pelas costas, escalando o pescoço e escorrendo para as pernas. O homem gritou e passou a correr como uma mariposa ao redor de um fecho de luz, enquanto lutava para apagar as chamas em suas roupas. As labaredas tomaram a peruca branca — que se transformou em um emaranhado de fios pretos, agora grudados ao couro cabeludo — e invadiram seu rosto. Com os olhos carcomidos, o sargento não notou que a mula se posicionara à sua frente. Então, ela virou as ancas em sua direção e o atingiu na testa com um coice devastador.

Padre Gonçalo assistia a tudo imóvel, sem forças para deixar a posição de veneração em que fora petrificado. A prostração ao encontrar o inimigo o surpreendeu. Esperava ser um adversário digno do confronto, naquele que era o embate mais importante de sua vida. Entretanto, nos últimos momentos revelou-se não o pastor que julgava ser, mas sim a ovelha: fraca, temerosa e ajoelhada antes do abate.

A investida final mostrou-se rápida e calculada. O vigário foi pisoteado antes que pudesse emitir qualquer som. Os cascos em brasa quebraram os ossos dos braços, pernas e costelas, e ele tombou, o rosto mergulhado em uma poça, sem forças para virar-se. A mula aproximou-se para um novo ataque, mas ao vê-lo de bruços, tomado por espasmos, interrompeu o galope. E lá ficou, imóvel, enquanto o sacerdote se afogava na água barrenta.

## ***38. Destino***

Para Rosário, a mata nunca pareceu tão escura. Acostumada a percorrer durante a noite a distância entre a roça e a vila — muitas vezes para atender mulheres de Taubaté, ansiosas por recorrer ao calundu da escrava a fim de solucionar problemas amorosos ou de saúde — ela espantou-se com a dificuldade em se orientar naquela madrugada. Ao seu lado, João empunhava o mosquete, retirado com cautela do depósito da pensão enquanto seu proprietário dormia embriagado.

Haviam deixado a casa de Étienne depois da meia-noite. Taubaté perdera três de seus quadrilheiros, tornando ainda mais fácil a tarefa de se esgueirar pelas ruas desertas sem ser visto. Uma vez fora da vila, preferiram avançar entre as árvores, pois sabiam que escolher a trilha ao longo da mata os exporia desnecessariamente. Embora não tivessem detalhes da operação conduzida em sigilo por Gregório, a notícia do aquartelamento dos soldados na noite anterior espalhou-se, trazendo suspeitas. Do mais humilde agricultor aos abastados senhores de engenho, todos davam como certo um confronto iminente entre os homens do mestre de campo e os inimigos de Taubaté — fossem eles índios ou mulas demoníacas.

Nenhum dos dois percebeu a figura mirrada de Inácio em seu enalço. O menino passara a noite acordado e, ao contrário de Étienne, vencido pela bebida e prostrado em uma rede, estava

desperto quando ouviu os pés de João e Rosário se arrastando no piso de terra. Segundos após escutar a porta fechar, deixou o próprio quarto a tempo de ver os dois vultos deslizarem pelas ruas sombrias.

Acompanhar o pai não era uma tarefa muito difícil. Embora Inácio mantivesse uma distância segura, a silhueta esguia do escravo e a luz intensa da lua cheia impediram que ele perdesse o rastro, mesmo na mata fechada.

Até avistarem três soldados em patrulha. O grupo fazia parte do contingente avançado, que montara seus acampamentos a uma légua dali, e movia-se com cautela empunhando os mosquetes. João e Rosário mergulharam no chão, tentando se misturar à vegetação rasteira. Inácio se escondeu atrás de um tronco e lá ficou, contendo a respiração. No entanto, seu pai e Rosário, julgando-se protegidos pelos arbustos, passaram a rastejar lentamente — como se não fossem soldados, mas sim onças adormecidas a seu lado, sua verdadeira preocupação. Minutos depois, quando por fim emergiu de seu esconderijo, o menino não viu sinal de ninguém. Nem dos homens de Gregório, do pai ou de sua companheira.

Inácio pensou em retornar para a pensão. Estava andando havia pouco mais de meia hora e conseguiria encontrar o caminho de volta com facilidade. Lembrou-se do recente ataque dos guaianás em que fora salvo por Diogo e sentiu medo do que as árvores poderiam esconder. Seu pai não devia estar longe. Uma mata escura e coalhada de soldados ou índios hostis não era lugar para deslocamentos apressados e imprevidentes. Foi com a intenção de localizar o rastro de João e Rosário que o menino prosseguiu. A cada

passo se afastava da direção tomada pelo escravo e aproximava-se de Diogo e da mula.

Do chão, João via as botas pretas de cano alto e sujas de barro dos soldados. Os homens cochichavam e pareciam estar tão apavorados quanto ele, temendo uma chuva de flechas disparadas sem aviso ou a chegada de guerreiros brandindo tochas. Rosário estava paralisada ao seu lado. O rosto coberto de suor refletia a luz da lua.

Um relincho surpreendeu a todos — militares e escravos. João fez um movimento com a cabeça, indicando que deveriam seguir, contando com o medo que minaria a atenção dos homens de Gregório. Por vezes, tiveram de parar, acreditando ter a patrulha escutado o ruído de seus corpos sobre as folhas secas, mas em minutos já tinham se afastado do grupo e do tronco onde Inácio se escondia. Aliviados, embrenharam-se ainda mais na mata até se sentirem seguros para prosseguir a marcha de pé.

A escrava sacou a garrucha retirada do quadrilheiro morto do emaranhado de panos ao redor da cintura. João olhou para ela com apreensão, pois sabia o destino reservado a cativos presos com armas que não lhe pertenciam, mas também sentiu orgulho da coragem da companheira. Trocaram sorrisos amorosos e se abraçaram. Outro relincho feriu-lhes os ouvidos. Dessa vez, era um grito de sofrimento — meio humano, meio bestial. Permaneceram estáticos por um longo instante, até que decidiram continuar.

A presença de soldados nas imediações da roça de Catarina os obrigou a um longo desvio. Uma caminhada de uma hora agora poderia consumir boa parte da madrugada. A chance de se deparar com outras patrulhas também fez com que avançassem

timidamente, colocando em dúvida o sucesso da empreitada. Outro fato revelou a desventura que pesava sobre a malfadada missão: Rosário estava perdida. A escuridão nunca fora um problema antes, desde que seguisse a trilha com a qual se acostumara. No entanto, fora de sua rota habitual e agachada a maior parte do tempo, sem pontos de referência ou tochas para iluminar o caminho, jamais se orientaria. Podiam estar andando em círculos e nem sequer saberiam.

A pesada chuva que desabou em seguida foi, aos olhos de ambos, o prenúncio da ruína. A visibilidade, já limitada, foi comprometida ainda mais pela cortina branca e espessa do temporal.

— Vamos voltar! Não vejo nada e não consigo encontrar o caminho da roça! — sussurrou Rosário.

— A mata está cheia de soldados! Vamos esperar até amanhecer!

— E o relincho?! Ouviu o relincho?! Vosmecê quer esperar pela mula?

— O que quer fazer? Voltar e ser presa?

Rosário refletiu sobre as opções. Não havia garantias que seriam avistados na volta para a vila. A chuva que impedia a visão do casal, cegando-os até que estivessem a poucos passos dos homens de Gregório, também camuflava suas silhuetas. Por outro lado, se outros militares seguissem os passos da patrulha avançada, ela e João poderiam se ver cercados de dezenas de soldados, mesmo que permanecessem agachados no mesmo local por horas. A escrava tinha ainda outro motivo para deixar o esconderijo improvisado. Embora tivesse sido levada pela curiosidade àquela aventura impensada, os rinchos — idênticos aos das sextas-feiras anteriores

— minguaram sua coragem. Diferentemente das outras vezes, hoje a encontraria a céu aberto, longe da proteção do casebre.

— Voltar. Vamos voltar — respondeu Rosário.

João anuiu. Estava preso a ela, e descobriu não ser capaz de deixá-la sozinha, por mais arriscada que fosse a empreitada.

O retorno se mostrou penoso e lento. O escravo parava constantemente e permanecia imóvel, com o mosquete engatilhado. Avançava apenas ao constatar que as sombras à sua frente não pertenciam a homens, mas sim às árvores — uma floresta de falsos inimigos, prontos para saltar sobre ele sem aviso. Ambos tremiam, fustigados pelo vento gelado e por uma chuva que parecia arrefecer por alguns minutos para, em seguida e como que por escárnio, voltar com intensidade redobrada. As pernas e braços estavam arranhados pelos gravetos, e os pés sofriam ao pisar os pedregulhos que brotavam do chão.

Duas horas se passaram sem que Rosário encontrasse o caminho para a vila. Em certo momento julgaram ouvir um tiro e até gritos — empurrados para longe pela ventania — mas não tiveram certeza da direção dos sons.

Foi quando veio a ordem, de algum lugar no breu:

— Largue o mosquete, negro maldito!!!

As palavras paralisaram todos os músculos do corpo de João, que ousou mover apenas os olhos, em uma busca desesperada pelos oponentes.

— Largue o mosquete ou mato vosmecê e a preta!! — berrou outra voz, mais grave que a primeira. Certo que pelo menos dois homens o encurralavam, ele segurou o longo cano da arma e a

deitou com suavidade no chão. Agachado, viu quando Rosário trocou a garrucha de mão, tentando escondê-la sob o vestido largo.

Uma explosão iluminou a mata, seguida pelo cheiro de pólvora. Respingos de sangue atingiram o rosto do escravo antes mesmo que Rosário gritasse de dor. Ela dobrou o tronco, pressionando as mãos sobre a virilha. João estendeu os braços em sua direção, antevendo um desmaio, mas uma coronhada na nuca o fez cambalear e embotou-lhe a visão. Uma segunda pancada partiu uma costela, e ele caiu de bruços na lama. Prostrado, recebeu uma saraivada de chutes e golpes, que abriram cortes no rosto. Sentiu quando Rosário foi jogada a seu lado. A água da chuva lavava o sangue que escorria dos talhos, e não conseguiu assegurar se a companheira estava ferida de morte.

As agressões pararam subitamente, e ele teve certeza que seria executado. Ergueu a cabeça, determinado a encarar o rosto do seu carrasco, mas apenas divisou os contornos de uma sombra, em meio à profusão de tochas que agora o cercavam.

— A garrucha em poder da negra, dom Gregório! Olhe a inscrição! Pertence ao quadrilheiro!

O homem aproximou-se, apertando a garganta de João com a força de uma garra, e o içou com brutalidade. O escravo identificou imediatamente o mestre de campo e lembrou-se da espalhafatosa e doentia demonstração de fúria diante do cadáver do capitão Ataíde. Ele tentou virar o rosto para ver Rosário, mas a pressão no pescoço aumentou, fazendo-o tossir.

— Dom Armando estava certo. Pretos e bugres, juntos na mesma empresa — regozijou-se Gregório, com um sorriso canino.

O mestre de campo soltou o escravo, que por fim avistou sua companheira. Ela fora cercada por soldados e já tinha os punhos presos por grilhões. As tiras de pano em torno da cintura estavam sujas de sangue. O tiro atravessara uma das mãos e acertara a parte superior da coxa, perto do quadril. Dois soldados acorrentaram João e amarraram seu pescoço com uma corda, fazendo o mesmo com Rosário.

Gregório acenou para seus homens, pondo a tropa em movimento. Os escravos seguiram, arrastados como bois indóceis. O ferimento forçava Rosário a mancar. Em duas ocasiões ela tropeçou e foi levantada com rispidez pelos cabelos. Na segunda vez, João tentou ajudá-la e recebeu uma nova coronhada na boca, que abriu um corte em seus lábios. Caminharam durante meia hora, até alcançarem uma pequena clareira. Cerca de dez soldados já estavam no local, agrupados em torno de três cadáveres. O primeiro, inteiramente queimado, era de um militar, assim como o segundo, atingido por um tiro na garganta. O último corpo pertencia a um sacerdote de idade avançada. Rosário identificou o rosto de padre Gonçalo e começou a chorar.

— Guarde as lágrimas para o Diabo, mulher. É para ele que vosmecê há de se lamentar — disse Gregório, impassível. Ele virou-se para João e perguntou, segurando-lhe o queixo com a mão.

— Onde estão os bugres?

O escravo devolveu ao mestre de campo um olhar de perplexidade. Gregório não pareceu convencido e golpeou João no nariz com a empunhadura do seu sabre.

— Onde?! Não hão de estar longe daqui!

— Não sei de bugres... Não vi nenhum...

Uma forte pancada, desferida por algum soldado em suas costas, o fez arquear de dor e esgotar o ar dos pulmões. Ele se encolheu, a tempo de levar um chute onde Gregório acertara instantes atrás, e o sangue desceu pelo rosto.

— A garrucha que a preta usou para matar o cabo é a mesma roubada do quadrilheiro. Vosmecês são os únicos em toda a mata. Meus homens correram cada palmo de terra e não encontraram sinal dos vossos amigos. Apenas ouvimos relinchos. E os gritos. Se não revelar agora onde estão os bugres, decerto revelará mais tarde, na cadeia da Casa de Câmara, sob suplício.

— Eu não matei ninguém! Encontrei a arma ao lado do quadrilheiro ferido, semana passada, mas não...

O mestre de campo acertou Rosário com a empunhadura do sabre, quebrando dois dentes. Antes que a escrava gritasse, ele tampou-lhe a boca com a mão e sussurrou, próximo o bastante para nauseá-la com o hálito rançoso.

— Taubaté já perdeu treze dos seus! Treze!! E vosmecês têm parte em cada uma das mortes! O que ofereço é um fim rápido e sem sofrimento, se mostrarem onde os bugres se acoitam!

A escrava o encarava com os olhos arregalados e balançava desesperadamente a cabeça, emudecida. Gregório a empurrou com violência, e ela estatelou-se no chão enlameado, levando consigo João, preso pela mesma corda que a conduzia. O mestre de campo arrumou a casaca encharcada e caminhou até seu cavalo, amarrado em uma árvore próxima.

— Vamos voltar. Amanhecerá em breve e os selvagens há muito se foram. Trancafiem os dois na cadeia e informem dom Armando a

respeito das prisões. Nada falem do vigário. Cabe apenas a mim reportar sobre sua morte.

O Regimento começou a marcha em direção a Taubaté, derrotado na única missão de valor a ele confiada. Alguns homens foram deixados para trás, na inglória e sinistra tarefa de carregar os corpos dos companheiros e de padre Gonçalo. O temporal diminuiu e transformou-se em um chuvisco grosso.

Nenhum dos soldados percebeu as chamas bruxuleantes dos tocheiros ignorarem o vento e erguerem-se imóveis, enquanto a criança dos dentes pretos acompanhava a partida da tropa.

## ***39. Uma ajuda inesperada***

Ao descerem da copa da jabuticabeira, após horas sentados em galhos e sob um temporal inclemente, Diogo e Inácio estavam exauridos. O menino deu alguns poucos passos e logo se acorou, com o corpo tomado por dores. Um esgar correu seu rosto e ele se rendeu às câimbras, flexionando as pernas em busca de conforto. Ainda lutava contra as fisgadas quando Diogo o acomodou nos braços. A mão queimada pelo sangue fervente ardia, mas o desconforto era menor. Em segundos, embalado pela caminhada, Inácio dormiu.

Sem perceber, Diogo impôs à marcha um ritmo lento e cadenciado para evitar acordar o menino. As imagens de Catarina transformando-se na mula eram mais fortes que o brilho dolorido dos primeiros minutos do dia. Subitamente, sentiu-se aventureiro. Seu destino não se comparava à maldição que perseguia a viúva. Corromper a própria carne a cada sete dias e matar sem capacidade de governar os próprios atos — essa era a verdadeira danação.

Eram oito da manhã quando se aproximaram da vila e para surpresa do senhor depararam-se com Brabo, que vagava pela trilha e ergueu as orelhas ao ver o dono. Os pelos das ancas e do rabo estavam chamuscados. Diogo acariciou o animal com carinho e viu nos olhos vestígios de um sentimento que se pudesse ser traduzido em emoções humanas, refletiria a mais pura desonra — vergonha

por tê-lo abandonado em um momento de aflição. O jovem devolveu com afagos, um agradecimento sincero e o reconhecimento que nenhum animal poderia fazer frente ao inimigo da última madrugada. Ele se lembrou do comportamento de Brabo ao deparar-se pela primeira vez com Catarina, quando disparou para se afastar do que considerava uma ameaça, e censurou-se por não interpretar a reação como um aviso.

Inácio foi acordado com cuidado e colocado sobre a sela. O menino esfregou os olhos e demorou alguns instantes para reconhecer onde estavam. Ao avistar as casas mais próximas à mata, despertou com um pulo e por pouco não se jogou no chão. O jovem tentou contê-lo com um movimento sereno, porém firme, mas Inácio se desvencilhou e no instante seguinte já corria em direção à vila.

Diogo acelerou o passo e o seguiu, praguejando pela desobediência. Poucos segundos foram necessários para que ele pressentisse o pesar que emudecia toda Taubaté. As ruas mais afastadas estavam desertas. No entanto, à medida que se aproximava do pelourinho a vila tremia sob uma vibração surda até que desembocou na praça em frente à Igreja Matriz.

Centenas de pessoas se acotovelavam em volta da construção. Muitos choravam compulsivamente. Outros, quase catatônicos, fitavam o vazio com um semblante de estupefação. Lutando para abrir espaço na multidão estava Inácio. Diogo o segurou com força pelo braço mirrado e o arrastou para longe da praça. Ao avistarem Étienne, que acompanhava a cena, correram até ele. O francês arregalou os olhos, trocando a tristeza por alívio ao encontrar os dois e abraçou o menino.

— Pensamos que vosmecê estivesse ferido. Vosmecês, em verdade.

Étienne voltou-se para Diogo e apertou-lhe a mão, como se reencontrasse um bom amigo após uma jornada longa e perigosa. O jovem retribuiu com um abraço, logo interrompido por Inácio.

— Onde está meu pai?

— Não sei. Não o vi pela manhã ao acordar. Nem Rosário.

— O que houve, Tião? Por que essas gentes estão a se lamuriar?

O francês cruzou os braços, respirou fundo e umedeceu os lábios antes de falar.

— *Le père est mort. Mort.* Foi a mula dos infernos.

Mesmo não dominando a língua, Diogo não teve dúvida do que as palavras significavam. Partiu em direção à igreja, empurrando as pessoas com rispidez até a escadaria. A construção, comprimida por uma massa de mãos erguidas e rostos suplicantes, parecia prestes a ruir. Agora ele sabia o que havia atraído a besta e de certo modo salvo sua vida. Restava apenas conhecer a identidade da vítima. Dentro dos portões, mais homens e mulheres aos prantos, alguns deles histéricos. Levou minutos para percorrer uma distância que geralmente consumiria poucos segundos. Próximo ao altar, o único pedaço de chão em toda a nave poupado pelos crentes. Deitado sobre o piso de pedra estava o corpo de um sacerdote. Ao seu lado, havia outro, sentado.

Padre Miguel parecia reunir em si toda a desolação da vila. Os olhos secos e imóveis encaravam o rosto lívido do vigário. O corpo do velho franciscano fora envolto por uma mortalha, deixando somente a cabeça exposta. Embora Diogo agora soubesse quem fora

de fato morto pela mula, era difícil detectar no jovem religioso mais vida do que no cadáver à sua frente.

Os dois se encararam por um breve instante. Padre Miguel lembrou-se do pedido feito após o jantar na casa dos Vidal e da esperança que o forasteiro protegesse a vida de seu superior. Esboçou uma careta de indignação, até ler nas roupas rasgadas, nos arranhões do rosto sujo e nos olhos de Diogo a história daquela madrugada e admitir a superioridade do inimigo invencível. O aperto firme de Étienne em seu ombro chamou sua atenção e ele se virou. A gravidade na expressão o fez imaginar que a morte do vigário não era a única má notícia da manhã.

— Tenho mister de ter com vosmecê. Longe de Inácio.

Venceram a multidão, lutando contra a corrente de beatos que os impulsionava na direção oposta. Fora da igreja, andaram a passos rápidos até o cemitério acanhado nos fundos da construção, onde o francês segurou o jovem nos ombros e relatou sobre a prisão de João e Rosário.

— É só do que a vila fala. Não sei até quando poderemos enganar o menino. Ele já perguntou sobre o pai, que está prestes a ser executado. Os dois estão na cadeia da Casa de Câmara, e desde que chegaram são interrogados por Gregório e pelo juiz.

— Mas João de nada sabe! Nem municiar uma garrucha ele é capaz, de tortos que são os dedos!!

— Ele e Rosário estavam na mata no momento errado, a portar o que não deviam. A arma do quadrilheiro é a maior prova contra os dois.

— João estava na mata por que foi ao meu encontro!

— Não acredito que o mestre de campo aceite vossa palavra. Ele quer um culpado, e logrou prender um. Dois, em verdade.

— Ele não matou ninguém!!

— Quem matou, então? Traga a mula e libertará vosso escravo!

Diogo disparou pela rua, sem responder à sugestão descabida de Étienne.

— Aonde vosmecê vai?

— Leve Inácio para a pensão. Não deixe que saia ou ouça os mexericos sobre João.

Antes de ser engolfado pela multidão, ouviu novamente a voz severa do amigo.

— Dom Diogo! O que houve na mata?

O jovem se virou apenas para dirigir-lhe um último olhar e desapareceu. Ele não pretendia dar ouvidos à provocação de Étienne. Mesmo que encontrasse Catarina e a trouxesse amarrada no lombo de Brabo, jamais convenceria Gregório ou os oficiais da Câmara a esperar uma semana até a próxima madrugada de sexta-feira. Se acusasse a viúva de transmutar-se na mula dos infernos, seria encarcerado com seu escravo e tratado como louco, ou pior, cúmplice.

Não precisou alcançar o sobrado do Barão de Piraitinga. Encontrou Domingos ao lado de colegas, admirando Taubaté ser tomada pelo choro louco dos fiéis.

— Venha. Preciso de vossos préstimos — disse Diogo, recuperando o fôlego.

— Meus préstimos? De que natureza? — perguntou o caçula dos Vidal enquanto se afastava do pequeno grupo.

— Como advogado.

— Advogado? Em favor de quem?

— Meu escravo. É ele quem está a aguardar a forca sob acusação de ter matado o vigário.

Domingos parou de caminhar e olhou para Diogo, atônito. Os dois distanciaram-se alguns metros, deixando para trás a torrente de pessoas que buscavam a igreja.

— Vosso escravo? Ele matou padre Gonçalo?

— Não! Acusam o infeliz, mas João não matou ninguém. É um parvo. Como pode ser cúmplice de bugres que matam há um mês e meio se aqui chegou comigo na última quinta-feira?

— O que ele fez, então?

— Se enrabichou por uma preta de ganho e se embrenhou na mata, decerto para procurar um lugar onde deitar com ela.

— É da escrava presa com a garrucha do quadrilheiro que vosmecê fala?

Diogo anuiu. Domingos sentou-se em uma escada, como se fosse vencido por uma súbita fadiga, e refletiu demoradamente.

— Não sei o que posso fazer. Não é apenas Gregório e dom Armando que acusam os dois. É toda a vila. Há seis semanas Taubaté sofre com os ataques. Foram treze mortes, entre elas a do vigário. E as provas são mui fortes. Eles foram apresados perto do local onde o padre e os soldados morreram.

— Mas João e Rosário são inocentes!

— Isso não importa, meu amigo. Não para eles. E não hoje.

— Vosmecê pode me ajudar? Ajudar João?

Domingos voltou a olhar com pesar para Diogo e balançou a cabeça.

— Posso ir à Casa de Câmara, se assim desejar. Tentar recorrer a dom Alfonso de Lisboa, nosso juiz. Vosmecê o conheceu. Ele estava no jantar e é amigo do barão. Mas não acredito que dom Armando ou o mestre de campo sejam benevolentes. Ademais, benevolência também não é o que as Ordenações Filipinas reservam para negros que matam brancos.

— Nenhum dos dois é assassino. Fazem jus a uma boa surra no pelourinho, uma que nunca esquecerão, por desrespeitar o sino de correr. Apenas apele em nome da razão.

— O que vosmecê me pede, dom Diogo, é impossível. Olhe ao redor. Mulas que cospem fogo. E ainda sem cabeça! Índios apesados e torturados às dezenas, sem nada que pese contra eles, apenas suspeitas vagas e um ódio secular. Um mártir, morto em nome da salvação de seu povo. Se existe alguma razão nessa vila, está mui bem escondida. Tanto quanto os verdadeiros assassinos do vigário.

As palavras de Domingos esvaíram toda a esperança do jovem. Os efeitos das horas passadas sobre galhos de uma árvore, debaixo de um temporal impiedoso, em nada se aproximavam do desalento que sentiu após ouvir o advogado. O caçula dos Vidal apoiou a mão no ombro de Diogo e disse com um sorriso afável:

— Venha comigo. João se agrada de ver vosmecê.

Os dois se levantaram e atravessaram uma alameda estreita para fugir da multidão que ainda buscava a praça. A Casa de Câmara ficava apenas a alguns metros da Igreja Matriz. Domingos sugeriu que entrassem por uma pequena porta gradeada nos fundos, usada pelos vereadores para se esquivar dos moradores, quando necessário. Vários soldados mantinham guarda ao redor da

construção. Domingos abaixou o rosto ao passar pelos homens de Gregório, incomodado com a proximidade dos militares. Ele bateu à porta e esperou até que um homem surgiu. Após uma breve conversa, voltou-se para Diogo, desolado.

— Não me deixam entrar. O mestre de campo não quer ser interrompido.

— Me leve até vosso pai. Tenho mister de falar com ele.

— Sobre vosso escravo? Ele não intercederá. Vosmecê não conhece o barão.

— Me leve até ele — insistiu, arrastando o rapaz pelo braço. Ao chegar ao sobrado, o senhor aguardou em frente ao pátio interno enquanto Domingos conversava com o pai, a portas fechadas. Minutos depois, foi convidado a entrar no escritório.

O Barão de Piraitinga fazia anotações em um pequeno caderno, sentado diante de um contador de madeira ricamente trabalhado. Bartolomeu estava de pé ao seu lado, com a costumeira expressão de desdém.

— Domingos disse que vosso escravo está preso sob acusação de cumplicidade com os selvagens. E que minha intervenção é necessária. Mas também sabe que nada faria para livrar um cativo assassino da justiça. Por que me procura, então?

A severidade na voz de dom Antero desconcertou Diogo, que se viu intimidado.

— João é culpado. Não de matar a mando de bugres, mas sim de seguir uma negra no cio, como o animal que é. Ele chegou a Taubaté há uma semana e disso tenho bastantes testemunhas. É um lorpa, que não sabe disparar ou manejar uma arma. Já o coloquei à prova em combate e por pouco não perdi minha vida. Se ele for

enforcado, perco duzentos mil réis e terei de pajear um gibi, indolente e arisco, que me será de pouca valia.

— Eu compro o menino. Cinquenta mil réis. Agora. A preguiça do moleque não será problema. Quando voltar a Taubaté e se hospedar em minha casa, nem o reconhecerá.

— Vossa oferta, embora generosa, não pagará minha perda. Ademais...

— Ademais... — repetiu o barão.

— A punição para a desobediência do escravo deve vir de minhas mãos, e na medida certa. Não a mais, o que apenas me daria um prejuízo mui grande. E não a menos, que não deixe marcas. Prometo a vossa senhoria que João carregará na pele para sempre a lembrança de sua rebeldia — ponderou Diogo, punhos apoiados na mesa.

— E a negra?

— Não ousaria pedir por ela. Só a vi uma ou duas vezes. O destino dela não está em minhas mãos. Nem creio que deva estar nas vossas.

Dom Antero baixou os olhos para o caderno onde registrava a movimentação dos negócios da família. Assim permaneceu por quase um minuto, ponderando sobre as consequências de intrometer-se em assuntos oficiais, e em nome de alguém que carregava apenas a história de uma família em decadência. Estava prestes a negar ajuda quando fitou o caçula e foi arrebatado por um sorriso discreto, porém comovente. Pôs-se de pé, tão rapidamente que surpreendeu os filhos.

— Vossos argumentos são sólidos, devo reconhecer. Não dou garantia alguma. Ainda assim, tratarei com dom Alfonso. Antes,

esperarei que se traje a contento.

Encabulado, Diogo evitou sorrir, limitando-se a inclinar o tronco em uma reverência. No íntimo, sentia-se aliviado e exultante.

— Posso acompanhar vosmecês, senhor meu pai?

— Não há motivo para isso.

— Sou advogado. Creio que posso auxiliar nosso hóspede.

— Venha, se assim desejar. Mas vossos conhecimentos sobre as leis não serão relevantes. Aquele em nome de quem ele irá apelar não possui direito algum — retrucou o barão de Piraitinga, dirigindo-se à porta.

## ***40. O retorno***

Catarina demorou horas para reunir forças e levantar-se da margem do riacho. Mesmo após o raiar do dia, permaneceu prostrada no banco de areia, com as pernas imersas na correnteza. O corpo ainda conservava o calor da madrugada e recusava-se a ser refrescado pela água gelada que alisava sua pele.

Nunca o retorno fora tão penoso quanto naquela manhã. A dor aguda e latente rasgava a carne a cada tentativa de erguer o tronco. Do ferimento — um corte com apenas alguns centímetros logo abaixo das costelas — descia uma trilha de sangue grosso que escorria pela barriga, quadris e coxas até alcançar o riacho e se misturar à correnteza. Catarina não se desesperou. Confiava na sua capacidade de recuperação. Tinha certeza que a lâmina de Diogo não a mataria. Precisava apenas de tempo. Tempo para que a ferida profunda cicatrizasse e suas entranhas se recompusessem. E para pensar no próximo encontro com o forasteiro.

Pela segunda vez o homem escapara, e não sem antes surpreendê-la com um sabre que atravessara seus músculos com desconcertante facilidade. Já fora atingida antes por tiros — inclusive do próprio Diogo — e o queimar das balas não se revelou mais que um desconforto passageiro. Mesmo as últimas sequelas da madrugada em pouco tempo desapareceriam. A pior constatação, no entanto, não vinha dos ferimentos. Ela perdera a chance de

enfrentar o forasteiro sem que estivesse preparado — e ele já demonstrara por duas vezes ser o mais astuto e obstinado de seus adversários.

Ele e o negrinho haviam presenciado a mudança. Os únicos até então. Catarina tentou imaginar o pavor irracional que se apoderou dos dois enquanto viam o verdadeiro milagre ser operado diante de seus olhos, e gargalhou prazerosamente sacolejando o corpo. A ferida que começava a fechar esgarçou-se, fazendo-a gemer, mas ela não conseguiu parar de rir. Continuou a sacudir-se em um cacarejo insano até que veio o choro.

Lembrou-se dos outros rostos da madrugada. Primeiro, o homem armado, talvez um soldado, que demorou uma eternidade para constatar que a criatura à sua frente não era uma aberração criada por sua mente antes de desembestar pela mata e ser alvejado. Seu companheiro de farda, imobilizado diante dela, tomado pelo fogo sem que oferecesse resistência alguma.

E o padre. Não aquele que esperava — jovem e belo. Recordava-se da frustração, logo substituída pelo ódio, quando se sentiu enganada pelo velho. Catarina logo o reconheceu. Era o vigário, o mesmo que celebrara seu casamento oito anos antes, em um passado desbotado. Não nutria raiva pelo franciscano. Ao contrário, sentia uma sincera afeição por ele. Em qualquer outra circunstância, seria incapaz de um gesto agressivo contra padre Gonçalo — um homem amado e respeitado por todos em Taubaté. Alguém que, em mais de quarenta anos, consolara todas as almas aflitas que o procuraram, sem se importar se eram brancos, escravos, nativos ou estrangeiros.

A mula, no entanto, era o mais livre dos seres. Não estava presa ao afeto, à piedade ou ao remorso.

Padre Miguel também havia sido avisado. O destino do vigário, caso ele decidisse enfrentá-la, era esperado — o que tornava o jovem sacerdote tão culpado quanto ela. Não fora sua fúria que fizera vítimas naquela madrugada, mas sim a covardia de seu amante.

Catarina olhou ao redor e reconheceu a prainha como um dos lugares preferidos para os encontros amorosos. Ela o esperava deitada na areia, nua como naquele momento, e depois se lavavam no rio, antes de voltarem para a monotonia do moinho e das confissões. Enxugou as lágrimas e apalpou o ferimento. A cicatrização completa talvez levasse quase uma semana. A debilidade que a castigava após dias refugiada nas matas, comendo apenas raízes e frutas, tornaria a recuperação ainda mais difícil.

Finalmente pôde levantar-se, urrando de dor ao estirar as costas na mata silenciosa. Deu-se conta que estava nua. O vestido fora escondido dentro de um tronco oco próximo ao moinho em sua roça. No momento, sua prioridade era vestir-se antes que fosse avistada por um agricultor ou tropeiro. Optou por seguir a margem do riacho, pois a água poderia servir-lhe de esconderijo no caso de se deparar com alguém. Depois de quase duas horas de caminhada, chegou à roça. A propriedade não estava deserta como esperava. Dois soldados vasculhavam o lugar, enquanto um terceiro acompanhava a revista montado em uma égua. Os militares entraram no lanço de taipa usado para armazenar a farinha moída no engenho e saíram, incomodados com o fedor de carniça de algum animal morto.

Catarina intrigou-se com a visita dos homens de Gregório. Nunca tivera problema algum com a lei ou os representantes da Coroa. Por que sua roça seria revistada? O primeiro pensamento que lhe ocorreu levava até Diogo: ele alertara as autoridades sobre seu segredo, e o mestre de campo enviara um contingente para prendê-la. A hipótese não resistiu a segundos de reflexão. As chances de que alguém em Taubaté, em especial os oficiais da Casa de Câmara ou Gregório, acreditasse nas invencionices absurdas de um forasteiro eram nulas. Se insistisse em espalhar a história de uma mulher que se transforma em uma mula seria encarcerado e tratado como um louco. O segredo de Catarina estaria sempre a salvo.

Talvez os soldados procurassem índios escondidos nas roças abandonadas, fugindo das torturas e do confinamento imposto pelo comandante do Regimento. Ou cúmplices dos ataques entre os lavradores espalhados pelas roças. Ela não acreditava que pudesse ser considerada suspeita de crime algum. Era reconhecidamente sozinha, contando apenas com o apoio de sua escrava. Ao pensar em Rosário, uma certeza surgiu. Algo havia acontecido. Não seria esperado que a própria negra acompanhasse os soldados em uma incursão dessa natureza? Quem melhor para informar aos homens de Gregório detalhes sobre a presença de índios nas redondezas do que uma moradora da roça?

Os soldados a pé conversaram com o colega montado durante um minuto. À distância, Catarina não podia compreender o que diziam. Em seguida os três deixaram a propriedade e desapareceram pela trilha. Ela esperou por quase meia hora outro militar surgir. Quando teve certeza que não voltariam, abandonou o esconderijo e aproximou-se da clareira em volta do casebre. A muda de roupa

estava onde fora deixada. Catarina vestiu-se sem pressa. Uma pequena mancha de sangue formou-se onde o tecido encardido encostou no ferimento que começava a cicatrizar. Caminhou até um tonel ao lado do moinho e bebeu alguns goles de água, usando as mãos como uma concha. O gosto era azedo e o cheiro, repulsivo, mas molhar a garganta seca trouxe conforto. Mergulhou a cabeça, encharcando a cabeleira loira e desgrenhada, e olhou ao redor.

Embora o destino de sua escrava não mais lhe importasse, a curiosidade a levou a seguir a trilha em direção a Taubaté. Não pretendia entrar nos limites da vila, apenas encontrar alguém que pudesse dar-lhe qualquer informação. Andava com cautela, tentando avistar outras patrulhas. Repentinamente, outra suspeita a inquietou. O próprio Diogo poderia estar nesse momento percorrendo a mata em seu cavalo, disposto a tirar-lhe a vida. Uma vez que presenciara a mudança, jamais se arriscaria a lutar contra a mula. Catarina, em sua forma decadente, era um alvo vulnerável. Apenas um tiro, uma adaga cravada no peito ou mesmo o aperto de mãos enfurecidas em seu pescoço decretaria o fim do milagre que operava em seu corpo. E isso ela jamais permitiria.

Redobrou o cuidado, atenta para relinchos ou o som de cascos. O ferimento também impunha um ritmo lento à sua caminhada. Por diversas vezes foi obrigada a parar e reunir forças antes de prosseguir. A garganta voltou a secar e ela arrependeu-se de não ter trazido água. O sol estava quase a pino quando viu um rapaz sentado em um carro puxado por dois bois. Ele se assustou com sua aproximação súbita e chegou a sacar um mosquete, mas o recolheu ao perceber que se tratava de uma mulher desacompanhada.

— Me perdoe. Com tantos bugres soltos a matar, meu pai ordenou que eu trouxesse uma arma.

Ela correspondeu com um sorriso amigável, deixando claro que não se importava com a reação. De imediato, não o reconheceu. Havia dezenas de pequenas roças nos arredores — algumas delas bastante isoladas — e muitos de seus moradores visitavam Taubaté apenas eventualmente para trocar o produto de seu trabalho em pólvora, sal, tecidos e alimentos que não produziam. Os bois responderam à chegada da viúva, mugindo na tentativa inútil de alertar o dono sobre a verdadeira natureza da mulher. O rapaz, irritado com a reação das bestas, açoitou-as com violência.

— Vosmecê vem da vila?

— Venho. Fui levar esses porcos para o mercado, mas hoje não se compra ou vende nada. Não com o enterro do vigário.

Ela conferiu à expressão um autêntico ar de incredulidade, mascarando o rosto com falsa surpresa após a revelação.

— Padre Gonçalo? Ele morreu?

— Nessa madrugada. Pelas mãos dos bugres. Ou da mula dos infernos. Minha mãe acredita que ela veio purgar nossos pecados. Meu pai crê que as mortes são obra dos selvagens. Vosmecê não deveria vagar sozinha. E sem ao menos uma garrucha. Onde mora?

— Em uma roça, duas léguas ao sul, com meu marido e três filhos.

— Não é assunto meu, mas ele deveria estar com vosmecê.

— Ele viajou para levar os meninos a São José. As notícias sobre os bugres nos inquietaram e concordamos em deixar os três em segurança na casa de uma tia pelas próximas semanas. Não retornará antes de quarta-feira.

— Fez bem. Meu pai pensa em deixar a comarca. Tem medo dos bugres. Vosmecê veio de sua casa a pé? — perguntou o rapaz, intrigado.

— Não, não! Ia à vila a cavalo, mas o maldito me derrubou e desembestou.

— Por isso se feriu?

Catarina olhou para a mancha de sangue no vestido e sorriu, aliviada.

— Sim. Caí em cima de uma raiz. Mas é pouco mais que um arranhão. Estou bem. Me fale mais sobre o vigário.

— Ele morreu junto com dois soldados. Não estava tisonado como os outros. Tinha bastantes ossos quebrados. Toda a vila está de luto. O enterro será hoje mesmo, na Igreja Matriz. Ah, por pouco me esquecia de contar! Os escravos! Prenderam dois escravos! — revelou, tomado por euforia juvenil. O coração de Catarina acelerou-se.

— Escravos?

— Sim. Dois. Todos estão a dizer que ajudavam os bugres nas emboscadas. Serão enforcados, decerto.

— Quem são?

— Não sei os nomes. Uma preta que vende doces no mercado. O outro é novo na vila.

— Por que são acusados?

O rapaz desceu do carro de boi e explicou as circunstâncias das prisões, que nessa altura do dia corriam todas as bocas e ouvidos de Taubaté. Quando, por fim, ele terminou, Catarina esperou que algum sentimento despontasse. Um vestígio de pesar ou solidariedade.

— Que morram.— disse a viúva.

— Pendurados no galho mais alto.

Os dois ficaram calados por um breve instante. O sol oculto por um manto de nuvens espalhava um mormaço impiedoso. O rapaz ofereceu água de uma bolsa feita de pele de boi curtida. Catarina saciou a sede e a devolveu com um sorriso. Ele tentou corresponder, mas o acanhamento o apalermou. A viúva riu, feliz por ainda despertar a atenção de algum homem — mesmo que apenas um adolescente.

— Vossas terras estão mui longe. Posso levar vosmecê a Taubaté ou para a roça de meu pai. Pretendemos voltar à vila somente em uma semana. Será bem-vinda. Podemos acolher um hóspede. E minha mãe se agradará. Ela passa um bocado de tempo sem companhia.

Catarina refletiu sobre a oferta do rapaz. A dieta de raízes e frutas a desnutrira e sentia tonturas frequentes. A possibilidade de passar alguns dias com boa alimentação e uma rede confortável a seduziu. Ela também tinha outro forte motivo para procurar um refúgio. Vasculhar cada palmo daquelas terras seria uma obsessão para o forasteiro, que não esperaria até a próxima madrugada de sexta-feira. Permanecer vagando pela mata tornaria um encontro entre os dois tão previsível quanto desfavorável. Enquanto estivesse recolhida a léguas do lugar onde ele imaginava poder encurralá-la, tinha nas mãos uma vantagem. Taubaté também não parecia um pouso seguro. Diogo estava hospedado no sobrado dos Vidal e poderia avistá-la, ainda que acidentalmente.

A ideia de ver padre Miguel, no entanto, a atraía. Por um instante, pensou em confrontá-lo durante o enterro do vigário e vê-lo conduzir o rebanho deixado pelo velho franciscano, enlameado

pela culpa por tantas mortes — em especial a de seu mentor. Presenciar a covardia, o medo, o arrependimento. Mas existiam riscos. No último encontro entre os dois, houve um momento de hesitação, quando quase se tocaram novamente. Porém, a fortaleza da mula que dormia em seu interior a impediu de ceder.

— As ruas devem estar cheias de carpideiras. Meu intento era buscar umas patacas por uma carga de peixes salgados entregues semana passada. Hoje, não lograrei receber dinheiro algum. Não tenho tamanha pressa — mentiu a viúva.

O rapaz fez um sinal e ela se acomodou entre carcaças de porcos ainda frescas, provocando nova inquietação nos bois. Uma chicotada os pôs em marcha. Catarina fechou os olhos e permitiu-se embalar pelo molejo do carro, afastando-se a cada passo e para sempre da vida que um dia fora sua.

## ***41. Retribuição***

Gago Pereira batia a ponta da pena na folha com uma cadência inquietante. Em oito anos à frente do cargo de escrivão, nunca se sentira tão incomodado como naquela manhã. A ira de Gregório, a sordidez que irradiava de Armando Quintana e o desespero dos escravos transformavam a cadeia da Casa de Câmara em um lugar de sombras.

O grupo se reunira no piso inferior, abaixo da sala onde os vereadores se encontravam durante as deliberações. Rosário estava sozinha na cela da esquerda, reservada para as mulheres. Os lábios e o nariz terrivelmente inchados conferiam-lhe uma expressão caricatural. João usava uma pesada gargalheira no pescoço e dividia o cárcere da direita com um contrabandista e um mestiço embriagado. A cada respiração sentia agulhas costurando a carne onde a costela fora quebrada. Desconfiava ter outros ossos fraturados, espalhados pelo corpo tomado por hematomas e cortes. Não conseguia ouvir nada por um dos ouvidos desde a surra de horas atrás.

Sentados diante de uma grande mesa, Tomé Barroso e Manoel Soares vasculhavam um imenso volume e cochichavam com Alfonso de Lisboa, enquanto dom Armando lia parte das anotações do escrivão. Gregório de Muniz era o único a acompanhar o

interrogatório de pé, escorando o corpo em uma parede e acoçando os prisioneiros com os olhos escuros e furiosos.

— Se vosmecê apenas recolheu a arma do quadrilheiro, como alega, por que não socorreu o infeliz? Ao se aproximar, verificou que o homem estava vivo. Por que não o acudiu? Ou correu à vila, em busca de ajuda? — perguntou o juiz, inclinando o corpo sobre os livros espalhados.

— Tive medo... Medo da mula. Os relinchos... Os relinchos... Mui perto — respondeu Rosário. A voz, hesitante e quase inaudível, lembrava um miado, mas não era apenas o medo que mascarava suas palavras. O corpo tremia, sovado pela febre, resultado de uma infecção no ferimento no quadril. Ela perdera muito sangue e apoiava o corpo debilitado nas grades. Os olhos semicerrados mal divisavam os inquisidores.

— Mentira. Ela roubou um moribundo. Um homem que ela viu ser atacado, enquanto gargalhava, ao lado dos bugres.

Rosário teve dificuldades para identificar a origem do rosnado e correu o aposento com os olhos inchados, mas não percebeu que Gregório avançava em sua direção. Ele bateu com o sabre nas grades, arrancando faíscas das barras de ferro com a lâmina. O movimento pegou todos de surpresa, exceto Gago, que antecipara o ataque.

— Negue que tramou com os selvagens todas as emboscadas e prometo que arrancarei vossa confissão como um correeiro despela um porco!!!

— Vamos prosseguir com o interrogatório, dom Gregório. Cedo ou tarde, ela falará — intercedeu Manoel Soares, coçando as axilas

violentamente na tentativa inútil de aliviar a comichão de uma sarna mal curada.

— Se for mui tarde de nada servirá! Os bugres que escaparam do cerco já devem estar próximos a Caassapaba!!

Sem aviso, o mestre de campo invadiu a cela e encurralou Rosário em um dos cantos, esganando-a.

— A resistência de feiticeiras como vosmecê é lendária, mas hei de dobrar vossa vontade! Ou acreditava que as histórias de vossas mandingas me eram desconhecidas? Há muito observo em silêncio os calundus macularem a juventude dessa colônia com promessas ridículas de amores e curas. Desde que cheguei a Taubaté ouço os batuques infernais nas matas, mas a defesa da vila se impunha a outras cousas. Até hoje. Nada me fará mais feliz do que pendurar vosmecês pelo pescoço, até serem devorados pelas aves.

— Ela não está a ser julgada por feitiçaria, dom Gregório, mas por socorrer os bugres nos ataques e, mormente, matar um de vossos homens — interveio o juiz.

— Ela está a ser julgada por tudo!!! Tudo!! — berrou Gregório. A vermelhidão de seu rosto e as veias saltadas, pulsando na testa e no pescoço, conferiam-lhe uma aparência intimidadora. — Tudo!!

Dom Alfonso, no entanto, não recuou. Afastou os livros com dificuldade e se levantou. Em seguida, apoiou o corpo nos braços finos e proclamou com inquestionável autoridade.

— Não em minha corte. Aqui, ela será julgada pelo crime que cometeu, não pelos delitos ignorados por vossa senhoria nos últimos anos. E ela será condenada. E enforcada. E ninguém poderá questionar a correção de meu julgamento.

— Assim esperamos — manifestou-se Armando Quintana, até então calado.

— Não guiarei minhas ações de acordo com vossas expectativas, esteja certo disso. Não de vossa senhoria, que há apenas duas semanas questionava minha atuação como magistrado.

— Não falo de mim. Falo do povo de Taubaté. Das três mil e tantas almas que esperam ver esses escravos na ponta de uma corda.

João acompanhava a cena com apenas uma certeza: naquela sala ninguém os defenderia. Voltou a pensar em Inácio e em sua vida somente ao lado de Diogo. Seria ele um patrão compreensivo ou o trataria com a mesma dureza usada para disciplinar homens feitos? O escravo flagrou-se imaginando a cena de seu enforcamento, vasculhando a multidão furiosa em busca do rosto do filho e foi possuído por um medo arrebatador. Sua cabeça pendeu sob o peso da exaustão, mas as pontas afiadas da gargalheira espetaram-lhe o peito, obrigando-o a erguer o pescoço.

— Decerto, o povo de Taubaté nada tem a temer. A justiça será feita, e a paz voltará à vila — ponderou Manoel Soares.

— Todavia, dom Alfonso haverá de admitir que esse será um julgamento peculiar. Não há mister de aguardar vinte dias entre a sentença e a condenação, como determinam as Ordenações. Taubaté não suportaria tamanha demora. Ademais, os corpos dos criminosos devem ser pendurados na árvore mais alta da mata o mais tardar amanhã. Os bugres que ainda se ocultam saberão o que os aguarda.

— Bugres. Sim, os bugres. Mas, quando os veremos? Quando teremos o prazer de apresar os reais responsáveis pelo pandemônio

que aqui se instala toda sexta-feira? Quando, dom Gregório? — perguntou Armando Quintana, mudando calculadamente o foco das provocações.

Sem afrouxar o aperto no pescoço de Rosário, o militar voltou-se para o oficial da Câmara. Horas antes, Gregório havia comunicado a morte do vigário e espantou-se com a aparente resignação do vereador diante da má notícia. Somente agora ficava claro que a intenção era poupá-lo de repreensões a portas fechadas para desacreditá-lo em público. Sem conter o tremor no rosto, ele respondeu:

— Vossa excelência deve reconhecer que a isso tenho me dedicado com o maior desvelo.

— Nesse instante, vejo vosmecê dedicado apenas a esganar uma negra moribunda e a perder vossos homens à larga. E nos dias anteriores, a caçar velhos e curumins.

— Tenho basculhado cada palmo dessas brenhas.

— Não posso dizer a vosmecê onde os bugres estão, mormente por que essa tarefa é vossa, não minha. Mas posso dizer onde *não* estão. E eles não estão aqui, neste recinto. Sugiro que prossiga de imediato com as buscas, mesmo que tenha de arrombar as portas do Inferno e arrancar os malditos selvagens do colo de Satanás. Apenas encontre os verdadeiros assassinos. E deixe a inquirição e o julgamento com a Casa de Câmara.

Gregório afrouxou a mão em torno da garganta de Rosário, permitindo que a escrava voltasse a respirar. Ele saíra da cela e caminhava em direção à porta quando um soldado aproximou-se de dom Tomé e cochichou em seu ouvido.

— O Barão de Piraitinga está aqui. Deseja falar conosco. É algo sobre o negro.

João retesou o corpo machucado no banco de madeira. Os vereadores se olharam e anuíram. Jamais negariam um favor a um amigo e colaborador, por mais incomum que fosse o pedido. O guarda logo voltou, acompanhado de dom Antero, seu filho mais novo e o mesmo forasteiro que haviam conhecido durante o jantar no sobrado dos Vidal, cinco dias atrás.

Após breves reverências de ambos os lados, o barão dirigiu-se aos oficiais da Câmara.

— Sou grato pela deferência. Não pretendo interromper o interrogatório mais do que o tempo necessário. Em verdade, falo em nome de dom Diogo, proprietário de engenhos em Itu e que se hospeda em minha casa. É ele quem deseja vossa atenção.

Diogo surpreendeu-se pela brevíssima preleção. Esperava que o barão usasse sua influência em mais do que uma mera apresentação, mas já estava agradecido o bastante por ter acesso à cadeia e aos vereadores. Ele ajustou a casaca, desalinhada e apertada demais, e postou-se diante da mesa.

— Não quero ser um estorvo a vossas excelências, mas devo informar que o negro chegou comigo a Taubaté há uma semana. Não estive na vila aqui nos dias dos ataques anteriores, salvo o da semana passada, quando pernitoou na pensão de Étienne. E disso tenho bastantes testemunhas. Se embrenhou na mata na companhia da negra, não posso nem desejo negar isso, mas agiu governado por ela.

— Estava armado de um mosquete, retirado sem o permissão do dono e ao lado de uma escrava que portava uma garrucha

pertencente a um quadrilheiro tisonado pelos bugres. A mesma arma usada para matar o cabo do Regimento. Ele foi apresado a menos de meia légua do lugar onde padre Gonçalo e sua escolta foram mortos — retrucou dom Alfonso, suavizando a severidade da voz com movimentos delicados das mãos.

— Ele ameaçou algum dos soldados? Disparou o mosquete? — perguntou Domingos, recebendo um olhar cáustico do pai.

— Não teve tempo. Antes que empunhasse a arma meus homens o dominaram — respondeu Gregório.

— Vejam suas mãos. Além de lento e estúpido, os dedos são tortos. Não podem sequer engatilhar uma arma.

— O que falta em destreza, sobra em raiva. Basta olhar para seu rosto. Onde vosmecê vê lassidão, eu vejo revolta. Dê as costas para ele e aprenderá do que é capaz.

— Em quatro anos a viajar pelo sertão ele já teve mais de uma chance de me matar, e nada fez. Ao contrário, há pouco menos de duas semanas salvou minha vida após uma emboscada de um grupo de guerreiros guaianás. Extirpou o veneno de meu corpo e cuidou de mim até que me recuperasse. Trago o ferimento ainda fresco para provar.

— Então, acredita que vosso escravo é dócil e merecedor de confiança? — questionou dom Tomé.

— Sim, ele é dócil. Mas tudo o que merece é uma surra. A maior que Taubaté já presenciou. Não menos de cinquenta chibatadas. E um longo banho salgado de vinagre e pimenta — disse Diogo.

João, a quem não dirigira um único olhar desde que entrara na Casa de Câmara, percebeu uma pequena vibração na voz do patrão.

Um leve tremor — que após uma vida inteira em sua companhia o escravo passara a associar ao ódio extremo ou ao medo.

— Vossa presença não foi permitida para que fizesse o trabalho dessa corte, dom Diogo. Julgar é meu ofício. Nessa vila as punições saem de minha pena, e somente dela.

— Não pretendi ser insultuoso, dom Alfonso. Quero apenas colaborar com a Casa de Câmara. Sequer levanto meus privilégios como proprietário.

— Que direitos assume diante desse vereamento? Permite que vosso negro corra pelas matas, a emboscar soldados e padres, e acredita poder falar em direitos? — a intervenção de Armando Quintana foi ríspida e desconcertante. — Vosmecê não é português, decerto. Vosso pai e vossa mãe, ao menos o são?

O vereador não conteve o regozijo diante da humilhante mudez de Diogo.

— Nem mazombo é. Reflita antes de falar em direitos.

— Vossas excelências me perdoem. Apenas acredito que esse escravo deve ser ensinado a não desrespeitar o sino de correr ou se deixar enfeitiçar por barrigãs.

— Então crê que o negro estava cego pelos encantos diabólicos da escrava? — interveio dom Manoel.

Pela primeira vez desde que entrara na Casa de Câmara, Diogo encarou Rosário. Ela correspondeu, vencendo por um breve instante a febre e a exaustão que a castigavam e assumindo uma postura altiva. Não era a empáfia, no entanto, o que temperava o rosto da escrava. Era renúncia.

— Não tenho dúvidas. Ele segue pretas como um cachorro louco, mas não tinha ordens para não deixar a pensão onde pernoitava. Se

fugiu, foi por fraqueza d'alma diante do maldito calundu. E quiçá de outros sortilégios.

Dom Manoel levantou-se da cadeira e caminhou até a cela. Dois soldados empunharam seus mosquetes, prontos para uma improvável agressão do escravo ao vereador, mesmo que por entre as grades.

— Vosmecê confirma que agiu sob influência dos feitiços dessa mulher? — perguntou o oficial, estendendo o dedo rechonchudo em direção a Rosário.

Ela segurou as grades de ferro com dedos manchados de sangue vivo que minava da ferida ainda aberta no quadril. Um discreto sorriso — distorcido pela boca inchada — foi percebido apenas pelo escravo. O mais belo sorriso que ele já vira, gravado em um rosto horrendamente machucado. E João teve a certeza que se Rosário de fato dominava poderes mágicos os usou naquele momento, pois suas palavras saíram ditadas pelos lábios da companheira à distância:

— Sim. Ela me enfeitiçou. Não quis deixar a pensão, mas as mandingas eram mui fortes.

Devastado, João abaixou o rosto, ignorando as pontas da gargalheira a furar-lhe o peito e chorou. Diogo voltou-se para os vereadores, aguardando alguma manifestação favorável, mas o trio permaneceu em silêncio. O juiz estirou-se na cadeira, como se desejasse se espreguiçar, embora estivesse na realidade procurando o escrivão.

— A quem pertence a escrava?

— À viúva Catarina. Ela mora em uma roça nas cercanias. Há dias ninguém vê a mulher na vila — respondeu Gago.

O velho virou-se para o mestre de campo, esperando alguma explicação adicional.

— Já despachei três homens para a casa da tal Catarina, mas a propriedade está abandonada. Não a encontraram. Deve ter sido morta pelos bugres — concluiu Gregório.

— Vossa presença não é mais necessária, dom Diogo. A sentença será proferida por mim em dois dias.

O senhor deu as costas para os escravos e caminhou em direção à porta sem olhar para trás, seguido pelo barão e seu filho. O grupo aguardou os visitantes deixarem a Casa de Câmara antes de retomar o interrogatório.

— O escravo já falou, mulher. Chegou a hora de vosmecê fazer o mesmo — ponderou o magistrado, subitamente transformado na imagem enrugada e distorcida do mestre de campo.

— Eu confesso. Arrastei João para a emboscada armada para padre Gonçalo e sua escolta. Ele de nada sabia. — A névoa que agora envolvia Rosário era um manto tranquilizante.

— E os ataques?

— Pretos e bugres, juntos na mesma empresa — provocou a escrava, repetindo as palavras de Armando Quintana e Gregório. — Desde o primeiro infeliz tisonado.

João levantou a cabeça e encarou Rosário. Foi a última vez que a viu sorrir.

## ***42. Tijolos de fé***

Padre Miguel olhou para a cova ao lado do altar e pensou como o buraco parecia estranhamente acolhedor. Escuro, cavado em terra fresca e cheirosa, longe das lamúrias, do odor enjoativo de incenso, do suor rançoso dos fiéis chorosos. Voltou-se para o corpo do vigário, envolto na mortalha preta dos pés à cabeça e imaginou ser ele o defunto prestes a descer ao túmulo aberto no chão da Igreja Matriz de São Francisco das Chagas. A ideia o fez sorrir — por sorte, um repuxar quase imperceptível dos lábios, ignorado por todos os moradores que se acotovelavam para acompanhar o sepultamento. Um choro feminino esganiçado a alguns metros o arrancou de seu transe, trazendo-o de volta ao inferno de Taubaté.

Ele não se apercebera, mas passara quase cinco minutos em silêncio total, admirando a cova aberta. Passou os olhos pela multidão, evitando fitar os rostos por mais de alguns segundos e invejou cada um dos moradores de Taubaté. Sonhou ardentemente estar no lugar daqueles homens e mulheres que correram à igreja apenas para ouvir.

Os fiéis começaram a chegar logo após o amanhecer, quando a notícia da morte do vigário foi trazida pelos soldados. Por ironia, e justamente naquela madrugada padre Miguel fora vencido por uma fadiga que o ensurdeceu ao chamado do sacristão para uma caneca de suco e uma broa de milho, preparadas como de hábito pouco

antes do raiar do sol. Em algum lugar de seu sono profundo ele ouviu as batidas na porta e a voz distante de Caetano, mas o abraço quente de Catarina era mais sedutor e ele não despertou.

Há meses não sonhava com a viúva. Nessa noite, no entanto, ela se apossou de sua juventude e extraiu dele um desejo preso desde a última vez que se deitaram na prainha. Por horas os dois ficaram juntos, abraçados, sem que o sacerdote pudesse encará-la. Apenas a cabeleira loira estava ao alcance de suas mãos e ele se distraía desembaraçando os fios quebradiços. Sua pele branca ardia como um braseiro, mas o calor era aconchegante. Em nenhum momento tentou beijá-la, pois teria de afastar seu corpo do dela e constataria que os olhos azuis, as bochechas coalhadas de sardas, os lábios rachados, porém delicados não adornavam mais seu rosto. Em sonho, sabia que os traços tristes e belos haviam sido engolidos pela boca fumegante da mula.

E assim permaneceu, acovardado e agasalhado. Até as pancadas na porta.

Desta vez, não eram mais os nós dos dedos de Caetano que pediam sua atenção. Os punhos esmurravam a madeira. O sacerdote pulou da cama acanhada sentindo um gosto metálico na língua ressecada. As mãos já haviam alcançado a tramela quando ele percebeu a mancha no camisolão. Não houve tempo para constrangimento ou para elaborar explicações caso fosse flagrado por um sacristão inconvenientemente atento. Mas Caetano sequer olhou para a roupa do jovem. Desfigurado pelo desespero, ele irrompeu no quarto. Nesse instante, padre Miguel teve certeza que seu mentor morrera.

Isso fora três horas antes. Agora, ele estava diante do cadáver do vigário. Embora o corpo não estivesse carbonizado como outros tantos, o rosto fora coberto. Mais de seiscentas pessoas dividiam a nave, espremidas entre a escadaria e o altar. Sem que a ordem fosse dada, todos os bancos haviam sido retirados, abrindo espaço para os fiéis. Misturados aos rostos humildes havia também militares, senhores de engenho, proprietários de minas, funcionários da Câmara e comerciantes. Padre Miguel não viu os três vereadores e o juiz e acreditou que estivessem interrogando os escravos. Os detalhes da captura foram transmitidos pelo sacristão enquanto abria a cova com a ajuda de dois soldados do Regimento.

Em qualquer outra circunstância o jovem imploraria por privacidade — alguns minutos a sós com padre Gonçalo. No entanto, a vergonha e a infâmia impediram que ele sequer ajudasse a carregar o corpo para a sacristia, onde permaneceu enquanto o piso da igreja era retirado. Ele acompanhou os preparativos calado, ouvindo Caetano tagarelar a respeito das prisões, do estado em que o sargento fora encontrado, da expectativa da população para as execuções dadas como certas e dos moradores ilustres esperados para o enterro. Nem uma única palavra sobre o rebanho que a partir daquele momento seria conduzido por um sacerdote inexperiente, amedrontado e, sobretudo, corrompido.

Foi nesse estado de estupor e enfrentando a frieza de um sacristão alheio à sua indisfarçável apreensão que padre Miguel se deparou com o mosaico de expressões de tristeza no interior da igreja. As mãos suadas deslizavam na capa de couro da pequena Bíblia, pesada como uma rocha. O jovem cerrou as pálpebras na tentativa de se convencer que o delírio diante dele era real e de

encontrar inspiração para o sermão. Atônito, descobriu que cada trecho das Escrituras — palavras que se habituara a ler desde que fora aceito para o seminário aos nove anos — fugira de sua mente. Forçou a memória, mas vieram apenas os sons dos gemidos de Catarina e os relinchos infernais. Então algo despontou no vazio de sua mente, visível como a trilha de fumaça do incensório que corria a nave da igreja. Ainda tinha os olhos fechados quando se dirigiu à audiência.

— Padre Gonçalo era um irmão, como todos vosmecês. Mas também era um pai. E um mestre, que enfrentou uma a uma as missões confiadas e venceu todas as tentações em uma terra repleta delas.

As últimas palavras o fizeram estancar, aguardando alguma manifestação. Ouviu apenas murmúrios sufocados.

— Mas não hei de falar em missões, pois decepcionei os que acreditaram em mim. Nem de tentações, por ter sucumbido à mais daninha delas. Como posso lembrar da castidade de padre Gonçalo, se fiz uma de vosmecês minha concubina e a deixei prenhe? E da verdade em suas preces, se enganei todos nessa vila? Como enaltecer sua vida, se permiti que seguisse para a morte sem alertar sobre a real face da besta?!

Não houve resposta, apenas o coaxar dos soluços. Mas nenhum dos moradores de Taubaté ouvira o jovem sacerdote. O sermão de sua vergonha, gritado pela mente atormentada, não chegou aos ouvidos de nenhum dos presentes. Eles ainda aguardavam que o religioso falasse quando Caetano pigarreou com impaciência, impelindo-o.

— A presença de cada um de nós nessa vila não foi fortuita. Deus traça planos. O desenhado para vosmecês exige que estejam aqui, agora, comigo. É o que nosso Senhor espera. Padre Gonçalo morreu como um mártir. Porém, uma vitória sem sacrifícios não é uma vitória, mas uma mera licença de um inimigo indulgente — disse o jovem, agarrando-se em desespero a cada palavra do último sermão de seu superior, proferido à sombra da jabuticabeira.

— Haverá medo. Mas que atire a primeira pedra quem nunca tremeu diante de um inimigo que julgava mais forte. Nos dias que se seguem, preciso de vosmecês a meu lado. Cada um nesta igreja, nesta vila, é um esteio para a fé do irmão a seu lado. O povo de Taubaté não pode esmorecer, pois minha força depende da crença do meu rebanho — prosseguiu o sacerdote. Ele vagueava o olhar pela audiência, sem, contudo, encarar nenhum dos fiéis, certo que seria desmascarado a qualquer instante.

No entanto, ninguém o interrompeu. A multidão acompanhava o sermão roubado com olhar esgazeado, magnetizada pelas palavras do vigário que deixavam a boca do jovem sacerdote. Mesmo morto, o mentor era capaz de orientá-lo, guiando-lhe com segurança em um terreno desconhecido.

Nesse instante, apercebeu-se que todos os rostos estavam voltados para ele, não para o corpo encoberto por uma mortalha a seus pés. O povo não correrá à igreja para o enterro do antigo vigário, mas para recepcionar aquele que o substituiria. A constatação fez padre Miguel estremecer. Ele, um desviante da fé, traidor da confiança de toda uma vila, alçado ao comando da freguesia de Taubaté. Por pouco não gargalhou diante da ironia e suspeitou estar perdendo o juízo.

De súbito, o sacristão tocou as vinte e uma badaladas no sino da igreja. A interferência livrou padre Miguel de persistir em uma preleção para a qual não estava e nunca estaria preparado. Voltou-se para agradecer, mas Caetano apenas olhava o alto da torre, como se a imensa peça de ferro fundido exigisse sua atenção para reverberar.

Mal soltara a corda do sino, o açoriano já agarrava o vigário pelos pés e ordenava que um dos aranãs vestidos em túnicas brancas o ajudasse. O índio segurou os ombros e juntos o ergueram com extremo cuidado. Não puderam impedir que o cadáver alquebrado protestasse, como um saco de ossos ao ser arrastado. Os fiéis se encolheram incomodados com os ruídos que vinham da mortalha. Caetano não esperou instruções do padre e assim que acomodou o franciscano na cova começou a cobri-lo com uma pá. A terra logo tragou o corpo, e o aranã assentou novamente o piso da igreja.

Quando o último bloco de pedra foi colocado, padre Miguel recebeu com gratidão e alívio o silêncio na nave abafada. Ao contrário do que temia, o vigário não deixara seu túmulo, decidido a expor a todos a farsa em que sua missão naquelas terras se transformara. A hipótese, embora pudesse soar absurda a qualquer outro, perseguia o sacerdote desde que a breve cerimônia fúnebre havia começado. Em uma colônia onde a ira de Deus transmuta mulheres em bestas, nada impediria um morto de levantar de sua cova, pensou.

Ele aguardava ainda a entrada do forasteiro na missa — o único que parecia conhecer sua maldição. Nos dias que se seguiram ao jantar na casa de dom Antero, padre Miguel evitou deixar a igreja,

ao menos desacompanhado. Receava encontrá-lo, embora soubesse que Diogo não representava perigo algum. Mesmo que conhecesse todos os detalhes de seu romance, pouco poderia fazer. O vigário não estaria mais entre eles para evitar um confronto, mas a reputação inabalável de sua família em Lisboa retiraria qualquer crédito de uma história de amor fantasiosa e denunciada por um paulista.

De certa maneira, também ansiava a chegada de Catarina. Uma estranha amálgama de excitação e medo o acompanhou durante o sermão. O encontro entre os dois à sombra da jabuticabeira não fora o último. Tinha tanta certeza disso como do fim que se avizinhava para ambos. Ela alertara para os riscos da empreitada do vigário. Seguramente, sentiria o impulso incontrolável de confrontá-lo para regozijar-se ou mesmo culpá-lo pela morte trágica. A viúva, entretanto, não apareceu. Talvez tivesse providências mais importantes que comemorar a maior de suas vitórias até então.

Catarina também o advertira de como a tragédia sobre Taubaté terminaria. A proximidade da morte — dele e de sua amada — trouxe conforto em vez de temor. Enquanto as pedras ao lado do altar eram cimentadas com bolos de argila por Caetano e dois índios, padre Miguel sentiu que mergulhava em um lago de tranquilidade. Águas calmas e frescas, revigorando um corpo esmaecido, fatigado e sujo. Naquele momento, nada — nem o peso da responsabilidade diante da tarefa de conduzir as almas do povo da vila, a vergonha corrosiva, o assédio de Diogo ou o encontro inevitável com a viúva — parecia oprimi-lo.

— Agora, vão para vossas casas. Temos trabalho a fazer. Padre Gonçalo foi o arquiteto de uma fortaleza em Taubaté. Um castelo de

fé, que pode ser visto e habitado apenas por aqueles que compartilhavam de seu amor pelo Nosso Senhor. Mas essa obra — levantada por ele e por cada homem e mulher desta vila — tremeu. Vejo rachaduras nas colunas. Buracos nas muralhas. Fendas em vossa crença. E é de vosmecês a tarefa de reparar nossa fortaleza. Vão para vossas casas, orem e tragam tijolos. Tijolos de fé. Espero todos para a oração das sextas. Sigam com Deus.

As palavras do jovem sacerdote foram a senha para que todos dispersassem. Em segundos a nave da igreja estava vazia, embora o ranço de centenas ainda impregnasse o ambiente. Ele virou-se apenas para constatar que Caetano também desaparecera. Antes de se dirigir à sacristia, ajoelhou-se, colocando a palma das mãos sobre a pedra fria ao lado do altar. Durante longos minutos assim permaneceu, em uma postura de oração, embora não estivesse rezando. Com os sentidos alertas como um animal, tentava captar algum som ou leve tremor vindo da cova que agora abrigava o vigário. Levantou-se somente após certificar-se que a tumba estava muda, como seu próprio espírito.

## ***43. Atos de contrição***

Como Catarina imaginara, Diogo dedicou boa parte do dia a procurá-la na mata. Ele deixou a Casa de Câmara cabisbaixo, acompanhado do barão e de Domingos e decidido a vasculhar os arredores da vila. Uma multidão começava a se aglomerar diante do prédio. Os três puderam perceber a divisão entre o grupo que lotava a nave da Igreja Matriz para vislumbrar o rosto do vigário morto — em sua maioria mulheres e índios catequizados — e a turba de homens feitos, prestes a arrombar a entrada principal e arrancar os escravos à força. O caçula dos Vidal o convenceu que dom Alfonso não permitiria a invasão da cadeia. Como o próprio juiz manifestara, em Taubaté, as sentenças saíam apenas de sua pena.

Passavam das dez horas quando chegaram ao sobrado. Diogo pensou em recusar o convite para o almoço, mas seria uma descortesia com o barão, principalmente após seu gesto de desprendimento. Bolhas já brotavam da pele avermelhada entre o punho e os dedos, e a lembrança do confronto com a mula provocava profundas agulhadas na mão. Com o pretexto de aliviar as dores de um pequeno acidente doméstico no manuseio da lamparina, pediu a uma escrava que trouxesse um pouco de banha de porco para o ardor da queimadura. Enquanto as mucamas colocavam os pratos sobre a mesa, Domingos o chamou para uma dose de licor na varanda, longe do resto da família.

— Não estou habituado a fazer apostas com a vida alheia, mas acredito que vosso escravo escapará da forca. Da forca, mas não de um castigo exemplar.

— Por que pensa dessa maneira?

O rapaz olhou para a bebida na taça antes de entornar o conteúdo em um único gole.

— Vossos argumentos são fortes. Dom Alfonso é um magistrado duro. Mais implacável que muitos das Cortes, pois a colônia espera que ele assim seja. Entretanto, também é um homem justo. Ademais, não duvido que a antipatia mútua entre ele e dom Armando seja de valia para vosmecê. Os dois são inimigos. Mais que inimigos, se existir algo assim. Só uma coisa os une: a defesa da Coroa e de El Rei. Mas um acredita que a letra da lei manterá fortes o reino e as terras d'além mar. Outro confia apenas no medo. Dom Armando quer sangue. Sangue para punir os ataques contra Taubaté. E para manter os paulistas pávidos. Se a vida dos escravos repousasse em sua mão, ambos estariam agora balançando em um galho. Por sorte, não repousa.

O rapaz fitou com desconfiança o pai, que discutia acaloradamente com Bartolomeu algum assunto relacionado aos negócios da família, e voltou-se para Diogo. Os olhos do advogado radiavam um entusiasmo juvenil.

— Vosmecê já jogou uma pedra em um lago? Uma pequena pedra. Pois bem. Um pedregulho pouco agita a água. Então, jogue dois. Um e em seguida, o outro. O lago já ondeia. Agora, arremesse mil pedras. Ou uma grande rocha. Teremos uma onda. Uma onda que agitará a água. E esta colônia é um lago — proclamou

Domingos, agitando as mãos apaixonadamente como um maestro, indiferente à apatia de uma plateia de surdos.

— E vosmecê, quem é? Um pedregulho? — perguntou Diogo, esforçando-se para não conferir às palavras um ar jocoso.

— Nós dois somos. Vosmecê apenas não mergulhou na água. Ainda... Mas pedras e lagos serão, quiçá, tema de outras conversas. Hoje, tratamos de João e...

— Rosário.

— Rosário...

Domingos voltou a olhar a taça, agora vazia, e prosseguiu, agora com uma expressão grave no rosto.

— Diante do juiz, vosmecê em nenhum momento chamou os dois pelo nome. Um bom ardil. Não sei se deliberado, mas ainda assim um bom ardil. Escravos são cousas. Animais. É a lógica dessa colônia, se podemos usar essa palavra. Não se deve demonstrar por eles mais afeição do que a reservada a um arado. Ou um boi. Faça isso e contrariará a lógica da terra, o que vosmecê, para sorte de João, não fez. Como disse, um bom ardil. Se um dia se cansar de percorrer o sertão, considere a advocacia como uma alternativa — disse Domingos, trocando a seriedade por um sorriso afável.

— E ela? Que chances tem?

O caçula dos Vidal balançou a cabeça, em desalento. Instantes depois eram chamados à mesa. Os pratos eram fartos e bem preparados como todas as refeições no sobrado dos Vidal. Para o jovem, apenas um banquete de cortiça e palha mastigado com indiferença. Após o almoço ele dirigiu-se reservadamente ao barão.

— Agradeço vossa senhoria. Não sei qual será o veredicto de dom Alfonso, mas reconheço vossos préstimos. Se algum dia puder

retribuir o gesto, ficaria mui feliz.

Dom Vidal coçou as costeletas e olhou para o caçula com ternura antes se responder.

— O que gostaria de pedir não está a vosso alcance, creio eu. Mas, se a ocasião surgir, afaste Domingos do caminho que está a trilhar. É uma estrada perigosa. Mesmo para alguém com o sobrenome Vidal.

— Não sei do que vossa...

— Sim. Sabe bem, dom Diogo. Apenas se constrange, como eu — interrompeu o barão, embora sem demonstrar rispidez. — Os dois escolheram a mesma aventura, mas não me preocupo com Bartolomeu. Seus ideais são outros, menos daninhos. Para ele, essa empresa é apenas o modo que encontrou para saborear a liderança que corre nas veias. Um dia será um grande homem, não duvide. Já Domingos... Ele é jovem. E tolo. Atravessa uma floresta de olhos vendados, montado em um cavalo cego. Com sorte, há de acertar somente um tronco e voltar com um corte na cabeça. Mas também pode cair e quebrar o pescoço.

— Conheço vosso filho há pouco mais de uma semana. Se sobre ele tivesse alguma influência, decerto tentaria convencer o rapaz, mas receio não ser a melhor escolha — replicou Diogo, ao perceber a presença da criança dos dentes pretos na sala. Olhava com curiosidade para a opulência dos pratos — dois leitões assados e uma ave de tamanho pequeno — que abandonados pelos familiares, já atraíam moscas.

— Pode um filho ser livre de um pai, dom Diogo? — perguntou o barão, aparentemente ignorando as palavras de seu interlocutor.

— Depois de atingida a idade adulta, quiçá. Mas, nesse dia, cessam as obrigações para com o pai? Ou, morto este de velhice, com a família e tudo que ela representa? Eu mesmo respondo. Não! Um filho será sempre um filho! E essa colônia, meu caro, tem seus próprios pais. Pais generosos, mas também por vezes impacientes e inclementes. Mais do que eu, receio.

— Não tome vosso filho por um rapazelho ingênuo. Ele é sagaz, mais do que parece. E talvez a melhor alma que encontrei nessa vila.

— Eu sei disso, dom Diogo. E por essa razão temo tanto. — Nesse instante o patriarca abandonara a imponência e tornara-se um velho assustado.

Os dois se despediram com um aceno de cabeça e o jovem seguiu para seu quarto. A casaca apertada, antes somente um incômodo, agora o sufocava. A criança sumira da sala, mas tinha certeza que seu inimigo estaria no aposento antes mesmo de abrir a porta.

— Aquilo foi uma chuva, nada mais. Uma chuva apenas — rosnou o Diabo.

Diogo demorou longos segundos para perceber a que o inimigo se referia. Embora poucas horas tivessem se passado desde o ataque da mula, anos o separavam daquela madrugada. A fúria nas ruas da vila, o encontro com o juiz e os vereadores, o almoço com os Vidal — tudo parecia parte de uma realidade distorcida pelo tempo.

— Não sei do que vosmecê fala — rebateu o jovem, arrancando a casaca e colocando uma das garruchas no fundo da algibeira. Os

dedos roçaram no mapa, arrancando um calafrio que correu todo o corpo.

— Pensa que vosso Deus mandou um temporal para salvar vosmecê e o gibi. Mas o céu estava coalhado de nuvens desde o início da noite. Onde vosmecê pode ver um milagre, eu vejo uma obra da natureza.

— Jamais esperei por milagres. Tenho outras razões para desassossego além de Deus ou de vosmecê. Há poucos dias disse que eu era apenas uma de vossas almas. Uma entre tantas. Hoje, vosmecê é apenas uma das minhas inquietações. A menor delas.

— Crê que os pingos mijados por vosso Deus podem lavar o sangue de Tiago? Ou limpar a nódoa do abandono e do desdém?

— Como disse, foi apenas uma chuva. Não hei de me inquietar com isso. Nem vosmecê deveria.

— O que o inquieta então, dom Diogo? Catarina, solta pelas matas a aguardar a próxima sexta-feira, ou vosmecê ser incapaz de provar a inocência de vosso escravo? Pior, estar obrigado a criar Inácio depois que o preto for enforcado?

As três coisas, pensou. Colocou a algibeira no ombro e marchou em direção à porta, enquanto a criança dos dentes pretos dissipava-se, dando passagem. Ao deixar o sobrado, todavia, a provocação inicial do Diabo se instalara, e graças à insistência do inimigo em importuná-lo. Um pensamento que passara despercebido até o momento, mas agora, durante a caminhada até a pensão de Étienne, arranhava sua mente como um cachorro pedindo atenção.

Debruçada na janela, a mulher do francês o avistou à distância e desapareceu. Étienne surgiu na porta da frente, uma caneca de aguardente nas mãos como de costume. Inácio vinha logo atrás com

os olhos arregalados, e Diogo soube que a notícia da prisão de João chegara a seus ouvidos.

— Nada pude fazer. Um dos hóspedes, coscuvilheiro de *mérde*, entrou em casa aos gritos, a noticiar a prisão.

— Traga Brabo, Tião.

— Onde esteve? Na cadeia? Que novidade traz sobre João?

— Sim, estive lá, acompanhado do Barão de Piraitinga e de Domingos. Pedi por ele, mas não sei o que o juiz decidirá — respondeu Diogo, fugindo do olhar de Inácio.

— Aonde vai?

— Para as matas. Volto antes do anoitecer.

Étienne desceu as escadas e contornou a pensão até os fundos, onde o cavalo estava preso. Inácio apenas esperou o francês sair de vista para interpelar Diogo, com uma determinação que o espantou.

— Nhô sabe que meu pai é inocente.

O jovem o encarou durante alguns segundos, pensando na resposta mais adequada, até concluir que não sabia o que dizer.

— Nhô sabe que meu pai é inocente!!

— Cale a boca, moleque! Fale comigo dessa forma de novo e ensino respeito a vosmecê!!

— Mas nhô sabe! Nhô viu!! Eu vi!!

— E o que quer fazer, moleque? Ir ao juiz e acusar uma mulher, que muda para mula por deitar com um padre?

Inácio calou-se, refletindo sobre o fracasso de qualquer atitude que pretendesse tomar. Desviou os olhos e seguiu sem rumo pela rua de terra batida. Diogo o agarrou, puxando-o até seus rostos quase se tocarem.

— Não me dê as costas!!

O menino puxou o braço com força demais e estatelou-se no chão. Envergonhado mas sem renunciar à empáfia, trincou os dentes e deixou uma lágrima correr pela face suja de poeira. Diogo não hesitou mais que um segundo. Em apenas poucas horas, fora confrontado com várias situações para as quais nunca estaria pronto. Não imaginou deparar-se com uma criatura tão aterradora quanto a criança dos dentes pretos. Ou frustrar-se diante dos esforços que julgava inúteis para libertar João. Jamais acreditou que um dia lutaria contra o ímpeto de se aproximar de Inácio com contrição. Mas o fez, estendendo a mão para levantá-lo do chão.

Inácio reagiu, encolhendo-se. Diogo apertou então o braço magro com autoridade e o invadiu com os olhos, até que a raiva esmaeceu no corpo do menino deixando apenas um rastro de resignação. Ele o içou com facilidade e retirou desajeitadamente o pé de suas roupas com a palma da mão.

— Entre. Vá para vosso quarto.

Inácio voltou a encará-lo, e o jovem viu o desprezo crescer.

— Vosmecê pensa que não sou vosso pai e não me deve obediência. Está certo. Não sou vosso pai. Sou vosso dono! E é como dono que ordeno! Entre! Agora!!

— Inácio! Venha. Vá brincar com Rita.

A intervenção de Étienne foi precisa e arrefeceu o espírito de ambos. O menino virou-se de costas e entrou na pensão, arrastando os pés empoeirados enquanto o francês trazia Brabo pelas rédeas.

— Lembre do que eu disse sobre maltratar qualquer escravo em minha casa.

— Me ponha fora de vossa pensão, se assim desejar — respondeu Diogo, montando no cavalo com agilidade. Étienne ainda

praguejava quando o jovem disparou em direção às cercanias da vila.

Ele percorreu os casebres ao redor de Taubaté, a começar pela propriedade de Catarina. Levou Brabo à exaustão, cavalgando ininterruptamente durante horas. Por vezes, desmontou e entrou a pé de arma em punho, onde a mata impedia que seguisse a cavalo. Interrogou todos os roceiros que avistou. Muitos sequer conheciam a viúva ou não a viam há semanas. Outros a davam como morta, endossando a versão de Gregório.

Antes de interromper as buscas, perto do anoitecer, soube que não a acharia. A certeza não veio da total falta de rastros ou de informações dos agricultores, mas da cantoria da mata. Ao contrário da outra incursão malfadada ao casebre da viúva na semana anterior, pássaros, sapos, capivaras e macacos celebravam aliviados a ausência de Catarina. Esgotado, decidiu retornar ao sobrado do barão. A escuridão tornaria a missão despropositada. Além disso, não gostaria de retornar à casa do anfitrião quando os moradores tivessem se recolhido. Continuaría a caçada no dia seguinte, e nos demais, até quinta-feira, embora pressentisse que o próximo e último encontro entre os dois já estivesse marcado.

## ***44. Uma noite em claro***

O som dos martelos e serrotes contaminou o sono de toda a vila. A ordem para que os homens trabalhassem noite adentro partiu de Gregório de Muniz, que acompanhou pessoalmente a execução da obra. A presença do mestre de campo intimidou os carpinteiros, que em outras circunstâncias tagarelariam para disfarçar a monotonia e o cansaço.

Apenas os cachorros pareciam protestar contra a perturbação do precioso descanso de Taubaté. Vários deles cercaram os trabalhadores a uma distância segura — onde julgavam estar a salvo de chutes — e passaram a latir e rosnar, mostrando os dentes para o grupo. A alguns passos dos animais, Gregório nada fez, embora pudesse dispersar a matilha com um simples pontapé. Enxotar os cães era a última coisa que pretendia. De braços cruzados em frente ao amontoado de madeira serrada, encontrara tranquilidade na algazarra de latidos e marteladas. Um conforto que não sentia desde o tempo anterior ao primeiro ataque dos bugres há quase dois meses.

O resultado final dos carpinteiros agradou ao militar. Antes de o dia amanhecer, o patíbulo estava erguido ao lado do pelourinho. A tradição determinava que os enforcamentos fossem realizados fora dos limites das vilas, mas essa não era uma execução como as outras já ocorridas na capitania. A autorização para construir o

cadafalso a poucos passos da Casa de Câmara e da igreja foi dada por dom Armando sem que o juiz a questionasse. Pela urgência da empreitada, era uma construção bastante simples. Apenas uma escada com meia dúzia de degraus que conduziam à plataforma e a um poste de três metros de altura onde a corda seria amarrada. Gregório caminhou até o patíbulo e ajoelhou-se embaixo do piso para verificar a altura até o chão.

Satisfeito, levantou-se e deixou a praça em silêncio. Sabia que a busca pelos selvagens persistia, mas a captura dos escravos tinha seu valor. O enforcamento dos cúmplices dos bugres, embora não pusesse fim à ousadia dos inimigos da vila, ao menos seria um alerta incontestável para os moradores de Taubaté sobre a disposição da Coroa em pacificar a comarca. Antes de acelerar o passo em direção ao quartel, aproximou-se de uma cadela maltratada — pouco mais que uma carcaça, com o pelo carcomido e tetas murchas — e estalou os dedos, buscando sua atenção. Imobilizado pela desconfiança, o animal não correspondeu. Gregório então tirou do bolso da casaca um pão de milho enrolado em um lenço e o jogou no chão. Os cachorros avançaram ao mesmo tempo, levantando uma nuvem de poeira que os envolveu. Enquanto disputavam a comida o mestre de campo se afastou sem pressa, deixando os trabalhadores a sós, entregues aos últimos retoques da obra.

Inácio ouviu os ruídos dos martelos com assustadora clareza, embora a casa de Étienne ficasse a minutos de caminhada do centro da vila. A cada pancada na madeira, o garoto se encolhia na rede do cômodo escuro. Deitada em uma esteira estava Rita, dividindo o quarto — um pedido do próprio francês para aliviar a aflição que pesaria após todos se recolherem. A amiga de brincadeiras, no

entanto, não poderia ser considerada uma verdadeira companhia; enquanto ela roncava ruidosamente, ele amargava os tormentos de uma noite insone, pensando no destino reservado a João.

O menino não sabia com exatidão o que aguardava o pai. O escravo sempre procurou poupá-lo de detalhes sobre a cruel administração da justiça na colônia. Três anos atrás, chegou a dar-lhe uma surra pela insistência em acompanhar a execução de um mulato acusado de estuprar e degolar uma adolescente. Tudo que Inácio ouviu foi uma palavra — “garrote” — sem imaginar seu real significado. No mesmo ano, a tropa passou por uma vila em que os corpos de dois bandidos jaziam pendurados em árvores, em um inequívoco alerta sobre os riscos de emboscadas seguidas de morte. Mais uma vez, apenas lhe fora permitido imaginar a cena, pois o pai o retirou do lombo da mula tapando seus olhos com as mãos.

A intervenção de João impediu que ele visse o que acontecia aos ladrões, mas o fedor dos cadáveres se decompondo ardeu em suas narinas. Um ranço salgado e envolvente, impossível de ser ignorado por uma criança de sete anos. Em sua mente infantil aquele passou a ser o cheiro do temido garrote — uma ameaça sem forma, porém concreta e, agora, mais próxima que nunca. Ele ouvia os carpinteiros trabalharem sem descanso, imaginando as feições de um monstro de madeira construído com o único objetivo de transformar o pai em um corpo apodrecido.

E havia a mula dos infernos.

Étienne o inquiriu várias vezes sobre o que de fato acontecera durante as horas passadas na mata ao lado de Diogo, mas Inácio nada falara. Ao longo do dia, os temores sobre o julgamento de João foram maiores do que as lembranças da madrugada de sexta-feira.

Então, quando todos se recolheram na pensão, as imagens da transformação borbulharam. Ela era, afinal, a origem das mortes na vila. Já ouvira histórias contadas pelos índios sobre monstros que corriam as matas, mas nem no pesadelo mais absurdo seria capaz de imaginar uma criatura como a que os perseguira.

Porém, ao recordar a imagem de Catarina assumindo a forma da mula — negra, ameaçadora e invencível — o sentimento que surgia com mais força não era o medo, mas indignação. Revolta diante da injustiça que tiraria a vida de seu pai e de Rosário, acusados sem culpa alguma de uma dúzia de assassinatos. A ira de Inácio tinha dois alvos certos: Diogo — que como ele conhecia a verdade, embora se recusasse a revelá-la — e a própria viúva.

É verdade que o jovem o salvara. Sem sua intervenção, sem dúvida estaria enterrado, ao lado dos infelizes quadrilheiros. Em um momento, ao escalarem a árvore em busca de abrigo, Inácio julgou que Diogo estaria disposto a se sacrificar por ele — e sentiu-se protegido em sua companhia, embora preferisse morrer a admitir o fato. O pensamento seguinte o envergonhou ainda mais: não apenas devia a vida a seu patrão como seria mais um dos defuntos de Taubaté caso tivesse enfrentado a mula ao lado do pai. Detestava reconhecer também que Diogo fora sincero ao admitir estar de mãos atadas. Havia presenciado o mais terrível espetáculo da natureza. No entanto, eram testemunhas solitárias. Todos os que compartilharam com eles a verdadeira essência de Catarina morreram. Ninguém acreditaria em uma única palavra sobre aquela madrugada. Talvez nem João. E certamente nem os homens que o queriam executado.

Os cochichos entre Étienne, Clara e os outros hóspedes também revelaram que o patrão esforçara-se para libertar seu pai da cadeia. Seus novos amigos na vila eram influentes, e ele tentou valer-se disso para inocentar o escravo, mas até Inácio era capaz de intuir que as acusações eram graves demais.

O menino se perguntava se a mula poderia ser vencida. Tinha dúvidas se o tiro disparado por Diogo a acertara, mas vira com clareza no momento em que ele enterrara o sabre na barriga da coisa, que apenas gritou à sua maneira bestial, e voltou ao seu encalço segundos depois. Também sabia que seu senhor lutaria contra o animal na próxima sexta-feira. E, assim como ocorria em relação aos sentimentos que nutria por Diogo — ódio e gratidão, repulsa e segurança — estava confuso em relação ao próximo encontro entre os dois. Um Inácio amargurado demais para a idade — que carregava todas as dores de seus antepassados, embora nunca tivesse enfrentando o chicote, a fome e as mutilações — sonhava em vê-lo morto, queimado e irreconhecível. Mas um outro torcia em segredo para a derrota da mula, que o encurralara, disposta a tisaná-lo sem piedade e causara as mortes pelas quais o pai era culpado. Um monstro, que se deleitaria com seu sofrimento e vivia apenas para colecionar vítimas.

Rita se moveu. Virou-se, talvez atormentada em sonho por terrores que para Inácio eram inquietantemente reais. Ela balbuciou algo e voltou a ressonar. Fora do quarto, o ronco de Étienne disputava sua atenção com o distante som dos martelos. Como em todas as noites, o francês dormia acalentado pela aguardente, incapaz de resistir aos efeitos do álcool. Ele era um bom homem, concluiu Inácio. Justo, amoroso com a família. O menino olhou para

Rita e a invejou. Embora carregassem a mesma cor, seu futuro seria muito diferente do reservado aos filhos de escravos. Talvez até aprendesse a ler com os anos.

Sem saber o motivo, pensou em sua mãe, afogada na travessia de um rio. Tentou escavar a memória em busca de suas feições, mas frustrou-se. Todos os rostos de negras lembravam-lhe o dela. O sorriso de Rosário — que dera ao pai raros momentos de alegria nos últimos dias — surgiu em sua mente. Uma presença palpável, não uma lembrança opaca. Descobriu nutrir uma afeição inconfessável pela escrava, que trouxera a João uma vivacidade perdida. No entanto, ela aguardava a morte, como seu pai. Mais uma vítima da mula, embora não carbonizada como as demais.

Na penumbra do quarto abafado, lembrou-se até das inúmeras horas passadas ao lado de Tiago. Lutas com espadas de madeira, brincadeiras com as miniaturas de animais talhados à mão, visitas aos currais para afagos nos bezerros e potros recém-nascidos. O filho de Diogo era um amigo real e sincero — o único que ele teve durante os anos em que morou na casa grande. Não só os demais escravos sonhavam com o dia em que o herdeiro cresceria e passaria a administrar o engenho. Inácio ouvira do próprio Tiago que os negros seriam libertos no exato momento em que ele recebesse o comando das terras. Embora distante no tempo, não era uma promessa vazia. Era uma certeza, enterrada junto com ele em algum lugar nas cercanias da fazenda.

Inácio sempre creditou a Diogo alguma participação na morte de Tiago. Na noite em que emergira do canavial trazendo no colo seu corpo, não houve uma única pessoa — parente ou cativo — que não o julgasse envolvido de alguma forma. Os detalhes daquela estória

nunca seriam conhecidos, e isso inquietava o menino ainda mais. Embora o amor entre pai e filho fosse tema de conversas frequentes na casa grande, seu alheamento causou estranheza a todos após a tragédia — como o estupor que acompanha os loucos — e o fato de nenhuma pergunta a respeito do ocorrido ter sido respondida.

A figura do patrão — com seu semblante soturno, que reunia o desdém absoluto e a supremacia dos predadores — sempre exerceu sobre ele um temor paralisante. Após aquela noite, Inácio se julgou o mais desafortunado dos seres, condenado a envelhecer sob a vigilância do próprio Satanás. Para ele, os olhos de Diogo eram frestas de onde o negrume do inferno transbordava. Encará-lo significava entrever mesmo que de relance, a danação da qual os padres falavam nas missas. Talvez por isso somente ele pudesse vencer a mula. Um duelo de malditos, pensou o menino.

Inácio tinha sede, mas a moringa colocada aos pés da porta estava vazia e ele não pretendia ir até a cozinha enchê-la. Sabia que era inútil tentar adormecer. Ainda assim, fechou as pálpebras com força, estancando as lágrimas que surgiram sem aviso. Os martelos ainda ribombavam na madrugada. Tampou os ouvidos. As pancadas estrondavam dentro de sua cabeça. Lembrou-se da cena que seu pai sabiamente privou-lhe de assistir. O cheiro dos bandoleiros mortos tomou todo o quarto, arrancando do estômago de Inácio a janta daquela noite. Ele desceu da rede em silêncio para tentar limpar o chão do quarto, mas encolheu-se, tomado pelo choro.

## ***45. O sangue do justo***

Dom Alfonso arrancou a confissão de Rosário sem sequer tocá-la. As palavras deixavam a boca ferida e pousavam na pena do escrivo em um ritmo vertiginoso e constante. Ao final do segundo dia de interrogatório, o juiz tinha um relato tão preciso quanto possível da participação da escrava em todas as mortes que Taubaté assistira, em especial do cabo, que ela admitiu ter alvejado com a garrucha. A escrava não forneceu minúcias, apenas as que andavam nas bocas da vila. Alegou esquecer-se da ordem dos ataques e não foi capaz de indicar a localização dos cúmplices ou mesmo a tribo a que pertenciam. Limitou-se a revelações vagas, como o desejo de ajudar os índios a vingar os martírios sofridos e expulsar os invasores daquelas terras.

O magistrado não estava sozinho durante o interrogatório. Ao contrário dos dois outros oficiais, que se retiraram tão logo Rosário assumiu a autoria dos crimes, dom Armando permaneceu na Casa de Câmara. Como um espectro, postou-se de pé na sala iluminada por um candeeiro e fixou os olhos empapuçados e escuros na escrava, sem pronunciar uma única palavra. Sua mudez intimidadora causava mais apreensão que a obsessão de dom Alfonso pelos pormenores dos ataques. Sem que percebesse, Rosário sentiu-se estranhamente confortada pela voz que em breve a estaria conduzindo para o patíbulo.

Os companheiros de cárcere de João foram soltos, deixando-o só na cela. Ele ouvia Rosário, aturdido. A sinceridade que ela impunha às palavras quase o fez duvidar de sua inocência. Em alguns momentos, levantou a cabeça — enterrada entre as pernas desde o início da inquirição — e procurou o rosto da mulher, mas ela se postara de costas para sua cela frustrando qualquer contato. O gesto de Rosário, diferentemente do que João poderia pensar, não foi acidental. Ela prometera a si mesma que durante o interrogatório não se voltaria uma única vez para o escravo. Não estava preocupada com a dor que sentiria ao encará-lo ou em deixar como última imagem as feições deformadas pela surra dos homens de Gregório, mas com a incômoda vigília do vereador. Nada a apavorava mais que a possibilidade de Armando Quintana desmascarar o embuste e condenar ambos à morte.

A mão de Rosário parara de doer, passando a latejar continuamente. A coxa atingida pela bala ainda respondia com um queimar intenso ao menor movimento, mas ela pouco se mexia no banco de madeira do cárcere. No final do interrogatório, ao perceber que o juiz preparava-se para guardar as anotações do escrivão, arriscou virar-se para João. Dom Armando interceptou a troca de olhares. Ela sentiu-se violada pelo negrume do vereador e recuou, incapaz de controlar a bexiga.

— E o negro? Ouça também o negro!

Dom Armando deixou a pose calculada com que atormentou Rosário e avançou em direção ao juiz como se pretendesse surrá-lo. Alfonso de Lisboa, no entanto, conhecia o adversário suficientemente bem para diferenciar o espalhafato teatral de alguma real intenção e nem sequer levantou o rosto da mesa.

— Não há mister de ouvir ninguém mais.

— Se esses dois malditos não apodrecerem na força, prometo ir a Portugal para alertar El Rei da mansidão com que trata assassinos!!! — urrou o vereador, já consciente da decisão de poupar a vida de João.

O magistrado empilhou com vagar vários volumes que abarrotavam a mesa, degustando a impaciência do rival. Então, encarou dom Armando e estirou o dedo ossudo em direção a João.

— Este homem não estava em Taubaté quando metade das mortes ocorreu. A própria escrava atestou sua inocência. Sem nos esquecermos do proprietário.

— Mentiras!! E vosmecê acoberta a fraude como se cúmplice fosse!!

— Eu não disse que o escravo será liberto sem castigo algum. Asseguro a vossa senhoria que a justiça será cumprida. Ele pagará, mas não com a vida.

— O que o aguarda, então? Apenas tenazes?

— Ninguém sofrerá suplício algum.

— Mas vosmecê bem sabe o que as Ordenações Filipinas determinam!! Eles devem ser atenazados! E pagar com a perda das mãos!!

— Ninguém sofrerá suplício algum. Nem a negra, que já assumiu a culpa. E mormente ele, que apenas buscou as brenhas para ter com uma mulher — disse o juiz, acenando para que um dos soldados abrisse a porta. Armando Quintana acompanhou dom Alfonso, ignorando sua decisão em dar a conversa por encerrada.

— Mas por quê?

O velho parou alguns metros antes de alcançar a saída e olhou para Rosário. Com o rosto inchado pela surra, o vestido sujo de sangue seco e o corpo sacudido pelo tremor da febre, ela era a imagem da degradação.

— De minha pena não nascerão mártires. Não concederei essa mercê aos inimigos da Coroa — respondeu dom Alfonso, traduzindo apenas parte da verdade. — E vossa senhoria, se sensato fosse, faria o mesmo.

O vereador esbravejou e seguiu o juiz pela porta. Rosário e João foram deixados sob a vigilância dos homens de Gregório. Sabiam que não era permitido conversar e não estavam dispostos a contrariar os guardas. O mais novo deles os examinava ora com desprezo, ora com ódio indisfarçável, enquanto o colega alisava o cano do mosquete, com um semblante vazio. Permaneceram calados, enquanto seus olhos trocavam mensagens de revolta, covardia e ternura. Recostados nas barras de ferro, mantiveram-se despertos noite adentro graças ao desconforto e à expectativa sufocante.

A certeza que escaparia da força afligiu João, diante da constatação da morte anunciada da escrava. Sentiu um alívio corrompido pela vergonha. No entanto, a lembrança de Inácio o fez novamente querer estar longe daquela cela. O que mais o constrangia era dever a vida não só às mentiras de Rosário, mas também à interferência de Diogo, que o reduzira a um animal desajeitado, dócil e estúpido.

Ele desconhecia todas as motivações da companheira para sacrificar-se pelos dois. Havia afeto e gratidão, assim como um senso de responsabilidade capaz de usar a própria morte para

impedir que um pai e seu filho se separassem para sempre. O mais forte, porém, era o cansaço. Uma capitulação perante um mundo feito para oprimi-la de todas as maneiras. Ela nascera cativa. Os anos como preta de ganho de Catarina não anularam o fato que ela, assim como seus pais e avós, era pouco mais que um instrumento de trabalho — uma faina paga com minguados bocados de comida e ameaças de castigos. A cor de sua pele a carregou para uma vida de medo, intolerância, violência e humilhações. Agora, a mesma cor a salvaria — uma pequena graça. A última, pensava ela. Mais do que libertar João, era a própria liberdade que buscava.

O destino da negra não angustiava apenas seu companheiro. A conversa com Domingos deixara Diogo confiante sobre as chances de João, mas sentia uma inesperada impotência ao constatar que nada pôde fazer por ela. Após a costumeira taça de licor na companhia do barão e de seus filhos ao fim da ceia pediu para recolher-se. Entrou no quarto, seguido pela menina negra que todas as noites espantava os mosquitos com o fumeiro, e deparou-se com a criança dos dentes pretos de pé ao lado da cama, sem expressão alguma no rosto iluminado pela chama estática da vela. Compartilhar o mesmo cômodo com a fonte de todo mal esmaeceu a pequena escrava, que foi obrigada a apoiar a pesada peça de prata na cabeceira da cama. Diogo percebeu a aflição que começou a fustigá-la e ordenou que saísse, embora ela insistisse em percorrer todo o quarto em busca de insetos escondidos.

— Vá. Já encerrou o que veio fazer — disse Diogo, em tom paternal.

A menina deixou o aposento, sentindo-se aliviada a cada passo longe do forasteiro. Ele fechou a porta e sentou-se na cama. O

Diabo o encarava a apenas alguns passos, calado. Assim permaneceu por muito tempo, até alfinetá-lo com a voz inquietantemente infantil.

— Então Pilatos, vendo que o tumulto crescia, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: estou inocente do sangue deste justo.

Diogo manteve-se imóvel, sem responder a afronta.

— Os retos pasmarão, e o inocente se levantará contra o hipócrita.

O novo insulto também não foi capaz de fazê-lo reagir. O inimigo já preparava a próxima provocação quando o jovem ergueu a cabeça.

— O que pretende recitando as Escrituras como um beato?

— Provar que vosmecê sempre me pertenceu, embora não soubesse. Não foi o pacto ou a morte de vosso filho que o trouxe até mim. Vosmecê fede. Fede a menoscabo, a cobardia, a desprezo. Como cada uma de minhas incontáveis almas.

— Bem sabe que nada posso fazer. Seria tomado por louco e encarcerado se contasse o que vi. Ninguém acreditaria.

—Tente, então. Vosmecês acreditam em tantas maravilhas! Creem no caminhar sobre as águas, na ressurreição e na subida aos céus do Nazareno. Na pureza de Maria, nos milagres de uma legião de santos e na proteção dos anjos. Na cura de doenças, na vida eterna, em trombetas que derrubam muralhas. Creem na multiplicação de alimentos, nas sete pragas que libertaram os oprimidos no Egito. Em carruagens de fogo a voar, em mares que se abrem. Em Adão, criado do barro, e Eva, feita de sua carne. No dedo de Deus, que escava a pedra e escreve Seus mandamentos. Por que

não hão de crer em uma mulher que muda para mula por deitar com um padre?

Diogo ouviu a falsa criança com a atenção que um discípulo reserva ao mestre. Para sua desolação, a argumentação era tão carregada de escárnio quanto de lógica.

— Isso apenas me serviria para amargar uma noite na cadeia. Não faria diferença alguma para João ou Rosário.

— Para eles? Não.

— Essa é vossa receita para livrar minha alma?! Boas ações e renúncia?! O que há de ofertar agora?! Me levará ao alto de uma montanha, onde oferecerá reinos e riquezas?! — perguntou o jovem, sem atentar para o som de sua voz, que ribombava pelo quarto.

— Não preciso de montanhas. Um canavial me bastou.

Diogo murchou diante da verdade. O Diabo circundou-o com o habitual mancar e parou em frente à vela.

— O que vosmecês me pedem é mui pouco. Uma única vez busquei o topo de um morro. E na companhia de um real adversário, não de bestas gulosas e ignorantes.

— E de lá voltou sem o que buscava.

A falsa criança voltou-se para ele, e seus dentes escuros refletiam a luz amarelada da vela.

— Como disse, uma única vez — emendou sorrindo.

A batida na porta surpreendeu Diogo, que se voltou assustado. Antes de girar a maçaneta a dança das sombras nas paredes lhe deu a certeza de estar só. O rosto de Domingos surgiu na fresta escura, e ele trazia um candeeiro.

— Perdão, mas ouvi gritos. Algum problema?

— Não há motivo para inquietação. Apenas caí no sono e tive pesadelos. Estava mui cansado. Sequer tirei as botas.

— Se já está desperto, deve me ajudar a defraudar a adega da família. É um bom vinho. Eu trouxe dois barris a pedido do barão, quando retornei da última viagem a Portugal. — O rapaz balançava um garrafão fechado, como um troféu.

Diogo não estava disposto conversar com ninguém, nem mesmo alguém afável e cordial como o caçula dos Vidal. A cabeça começara a doer e os olhos ardiam. No entanto, parte dele desejava apenas uma companhia agradável e uma boa justificativa para embebedar-se. Ele sorriu e abriu a porta, dando passagem ao anfitrião que se apressou em esclarecer.

— Antes de iniciarmos devo lembrar que tinha outros planos para esta noite, mas fui forçado a uma mudança súbita.

— Um marido que retorna antes do esperado.

— Marido, não. Pai. E irmãos. Muitos irmãos. Um bando deles. Adiantados em dois dias, vindos de São Paulo de Piratininga — respondeu Domingos, tirando a rolha do garrafão com os dentes.

Ele tagarelou sem descanso por horas, revelando detalhes sobre sua vida amorosa, os filhos bastardos do barão, a tristeza que seguia os dias e noites da mãe, as frustrações da advocacia e a inconformidade com o injusto morgadio imposto por Portugal, que alçava o primogênito Bartolomeu à condição de único herdeiro. Até os perigosos ideais professados pela Academia dos Brasílicos expostos, sem vergonha ou receio. Diogo era um bom ouvinte, correspondendo com risadas autênticas a cada troça do jovem. No entanto, apenas metade de sua atenção estava voltada para Domingos. Com o canto dos olhos, acompanhava com apreensão a

chama da vela, desejando desesperadamente que seu bailado incansável varasse a madrugada.

## ***46. Ao encontro do carrasco***

Ninguém merecia ser enforcado em uma manhã tão deslumbrante como aquela, pensou dom Alfonso, ao descer a escadaria da Casa de Câmara. Padre Miguel o aguardava em frente à construção e parecia estranhamente acanhado, encolhido sob o peso de um sentimento que o magistrado interpretou como pesar pela morte recente do mentor. O sacerdote mal levantou a cabeça ao avistar os escravos. Rosário já trazia a corda em volta do pescoço. Nos punhos, assim como João, tinha pesados grilhões enferrujados. O vestido sujo e ensanguentado fora trocado por um camisolão branco que se arrastava pelo chão.

Armando Quintana também esperava na rua de pedras. O traje engomado e o lustro dos sapatos não deixavam dúvidas sobre a importância da ocasião. O vereador expunha os dentes amarelados e tortos em um sorriso depravado. Dom Alfonso percebeu que uma das suas mãos acarinhava o fundo do bolso da jaqueta, e por um instante acreditou que ele fosse sacar algo — talvez uma pequena garrucha, escondida até precioso momento em que seria usada contra o maior rival. O objeto de tanta atenção, no entanto, permaneceu oculto, para serventia apenas de seu senhor.

O mestre de campo estava a seu lado, mas não desfrutava da excitação doentia do vereador. O semblante era de júbilo, trazido pela certeza do dever cumprido. A execução de Rosário mostraria a

Taubaté que a Coroa mantinha-se vigilante e disposta a recuperar a autoridade contestada. Após a empreitada fracassada de Ataíde, as virtudes do Regimento foram colocadas à prova. Outros enforcamentos viriam, e em uma ou duas semanas a vila seria pacificada. Com o tempo novas revoltas eclodiriam, mas as demais capitânicas usariam Taubaté como exemplo.

Em silêncio o cortejo partiu pouco antes das nove horas. Dom Armando e Gregório iam à frente, ao lado de seis soldados com os mosquetes aprumados nos ombros. Logo atrás, padre Miguel, o escrivão, um oficial de justiça e dom Alfonso. Rosário e João eram conduzidos pelo carrasco — um homem atarracado e barrigudo, com braços fortes e pernas ridiculamente finas. Um segundo destacamento do Regimento fechava a fila. Os pés se arrastavam lentamente, tornando possível à escrava acompanhar o deslocamento.

A tradição concedia a Rosário direito a uma breve parada na Igreja, onde assistiria aos primeiros minutos de uma missa antes da elevação da hóstia, mas por ordem do juiz a formalidade foi negada, assim como o recolhimento ao lado de um confessor enviado para assumir seus pecados perante Deus. Ele sabia que não poderia justificar deferência alguma, em especial em solo sagrado, para a assassina de um vigário. Dom Armando era um homem irracionalmente perverso, embora Alfonso de Lisboa fosse obrigado a endossar sua opinião: Taubaté queria ver os cúmplices dos bugres pendurados em uma corda. A decisão de livrar João da forca fora tomada à revelia dos oficiais da Câmara. O mesmo poderia ser dito da determinação de abrandar o suplício de Rosário, poupada de ter as mãos decepadas e a carne mastigada por tenazes em brasa.

Porém, esse era o limite que ele, como representante da lei, impôs a si próprio.

Apenas quinhentos metros separavam a Casa de Câmara da praça onde fora erguido o patíbulo. O cortejo, no entanto, levou quase meia hora para chegar a seu destino. Rosário enfrentava a muralha de rostos enfurecidos não com coragem, mas com alheamento. Não registrou nenhuma das feições distorcidas. Apenas desfilava no corredor formado pelos homens e mulheres de Taubaté, ansiosos por justiça e vingança após semanas perseguidos, calcinados e pisoteados por um inimigo cuja face somente agora era revelada.

Ao chegar à praça, João avistou Diogo e Étienne. Não havia sinal de Inácio o que o serenou. O francês transpirava copiosamente, embora a manhã não estivesse tão quente, e parecia desolado. O escravo acreditou que o amigo choraria a qualquer instante, mas ele se manteve impassível. Já seu senhor era um homem envelhecido e envergonhado, que evitava encará-lo e buscava conforto no contato com os próprios braços cruzados sobre o peito. Em meio aos poucos moradores conhecidos, uma multidão de cativos se destacava, levada até o pelourinho pelos proprietários para presenciar o castigo. Uma infinidade de rostos suados, amedrontados e agradecidos por não serem eles os réus daquele processo.

O pigarrear do oficial de justiça interrompeu o silêncio. Ele repetiu a operação duas outras vezes até limpar a garganta e considerar-se pronto para iniciar a leitura da sentença.

— *Vistos estes autos, mostra-se que na Capitania de Itanhaém, Comarca de Taubaté, a escrava de nome Rosário associou-se a*

*bugres com o fim de perpetrar ações atrozes contra o povo desta vila, vassallos leais e autoridades escolhidas por El Rei para conduzir o destino dessas gentes. Em sua missão a ré cometeu crimes bárbaros dos quais pouco se tem notícia nessa colônia. Não apenas se furtou de poupar a vida de pessoas velhas ou indefesas e se aproximou de moribundos para os desarmar, como disparou com as próprias mãos a arma que vitimou um soldado do Regimento. Tomada pela perfídia e por uma crueldade vista somente nos selvagens que antes governavam essas matas, ela alcançou o mais abominável dos atos: o conluio na morte do vigário de Taubaté.*

*Mostra-se que a escrava Rosário, mesmo sabedora da pena reservada aos assassinos e inimigos da Coroa, não refreou seu intento. A cada morte crescia a audácia dos bugres a ela aliados. Sobre o meio usado para a maior parte das mortes — o fogo — pouco se tem a dizer, salvo lamentar o martírio vivido por cada uma de suas vítimas. E lembrar que a escolha das chamas como instrumento de suas torpezas apenas agrava a perfídia com que se lançou contra essa vila.*

*Mostra-se que a escrava Rosário ignorou todas as chances de informar ao tribunal o paradeiro dos bugres que tanto medo trouxeram a essa comarca. Seu silêncio conspira contra essas gentes e afasta dessas terras a tranquilidade roubada há meses.*

*Mostra-se que a escrava, com sua lascívia e astúcia, tentou ainda ludibriar outro negro, de nome João, para tê-lo como ajudador em sua horrenda tarefa. Em verdade, a tal escravo não podem ser imputados quaisquer atos pavorosos, pois, como atestaram testemunhas dignas e de fé, quando a essa vila chegou seis já haviam sido mortos. Todavia, sua rebeldia não poderá ser tolerada,*

*pois o negro, evadido da pousada onde pernoitava a mando de seu proprietário, foi ter com a ré nas matas, em clara desobediência. Portanto, condeno o escravo João a duzentas chibatadas.*

*Mostra-se que à escrava Rosário faltou piedade diante de vítimas inermes, como padre Gonçalo, que adentrou nas brenhas para combater o mal e recebeu como paga a mais terrível das mortes, pisado pelos cascos de bestas comandadas por seus cúmplices. O número de vítimas pode ser ainda maior, pois até o momento ninguém logrou sucesso em descobrir onde está a dona da escrava, desaparecida há dias.*

*Este tribunal considera vosmecê, Rosário, culpada, como assassina ou ajudadora, das mortes de Luiz Oliveira, Estevão de Castro, Gaspar Belmonte, do escravo Feliciano, de uma bugra ananã de nome não conhecido, de Pedro de Albernaz e Silva, do capitão Ataíde Melchior, de Benjamim Gouveia, Félix Aleixo, Luiz de Avelar, do sargento Xavier Rolim, do cabo Afonso Leite e do padre Gonçalo do Vidigal, vigário de Taubaté. Portanto, condeno a ré à sentença de morte natural na forca para sempre. Taubaté, 25 de maio de 1734.*

O oficial de Justiça terminou a leitura e manteve-se imóvel, segurando nas mãos o pedaço de papel com a sentença. Certamente, alguém na multidão — amigo ou aparentado de uma das vítimas — gritaria uma ofensa destinada aos prisioneiros. Ele conseguia ouvir com clareza o bater de corações apimentados pela ira e pelo desejo de vingança. Um som que crescia e ameaçava vencer o silêncio da praça. Em algum momento, pensou, essa torrente represada explodiria e a turba urraria, como um monstro com centenas de bocas e milhares de dedos acusatórios. No

entanto, a expectativa era uma força mais potente que o ódio e Taubaté permaneceu muda. Resignado, o homem dobrou a folha e a depositou em uma pasta de couro.

A sentença confirmou a previsão de Domingos. A força para Rosário e o pelourinho para João. O que espantou a todos, porém, foi o rigor reservado pelo magistrado ao escravo. Duzentas chibatadas — apenas cem a menos do destinado a líderes de quilombos, que sucumbiam de hemorragia antes de completado o castigo. Uma pena que sem dúvida mataria um cativo mais fraco. Diogo conhecia bem João e sabia que ele resistiria à surra, mas o deixaria às portas da morte.

Como juiz, dom Alfonso tinha uma percepção diferente da questão. Rosário estava condenada desde o momento em que fora capturada pelos homens do Regimento trazendo consigo uma arma pertencente a uma vítima dos bugres. Mais do que merecer a força, no entanto, ela a desejava. Ao ser arrastada pelo carrasco naquela manhã Rosário já estava morta. Um cadáver, que insistia em andar por pura teimosia, a caminho do descanso almejado.

Em relação a João, as duzentas chicotadas — um suplício que o negro enfrentaria com altivez até o primeiro terço e agraciado pela inconsciência dali em diante — eram a única sentença que poderia proferir. Uma punição excessiva por apenas desobedecer ao senhor e abandonar o pernoite, porém mais branda que a força, cobrada por toda a vila. Para os moradores de Taubaté, acuados em suas casas há dois meses, enterrando a cada sexta-feira os restos carbonizados de amigos, vizinhos, pais e irmãos, João era tão culpado quanto Rosário. Talvez o escravo não resistisse à surra e tivesse o mesmo destino da companheira. Assim, não haveria

questionamentos sobre seu julgamento ou acusações de benemerência injustificável. Dom Alfonso foi tomado pela vergonha ao descobrir-se desejando secretamente a morte do prisioneiro. Parte dele, porém, estava certa da sua inocência e rezava para que os músculos vigorosos aguentassem a chibata.

Com um aceno de cabeça o magistrado ordenou que Rosário fosse levada ao patíbulo. O carrasco já a conduzia quando dom Armando abaixou a vara e interrompeu a marcha.

— Não. Que ele seja punido primeiro. E que a última lembrança em vida dessa miserável seja o som do couro do chicote na carne do negro.

O vereador encarou dom Alfonso com os olhos empapuçados — um assédio que o juiz não pôde resistir. Dom Armando voltou-se para o carrasco e ergueu a vara, dando passagem. Rosário presenciou João ser levado até o pelourinho e amarrado pelas mãos acima da cabeça. Ela lutou para desenhar um sorriso na boca inchada — o último gesto de ternura de um romance tão curto quanto arrebatador - mas os lábios feridos pouco se moveram.

O carrasco rasgou a camisa encardida do escravo como se arrancasse o couro de um animal, deixando à mostra cicatrizes de castigos anteriores, e já tomava distância quando Armando Quintana voltou a falar.

— Quem ensinará ao negro o valor da obediência não será vosmecê, mas sim seu proprietário, que mostrou aos oficiais da Casa de Câmara toda a indignação de um senhor traído. Decerto, ele o punirá com um rigor maior do que um verdugo, que açoita apenas para cumprir o dever recebido. E saiba ele que todos aqui,

mormente eu, saberão diferenciar um carinho feito com o couro de uma chibata da punição merecida.

Diogo demorou a perceber a quem o vereador se dirigia. Todos os olhos da vila se voltaram para o forasteiro, exceto os de Étienne, fixos em João desde o momento em que fora amarrado à coluna de pedra. O jovem hesitou apenas por alguns segundos — certo que uma indecisão maior envenenaria todos os homens e mulheres da vila contra ele próprio e João — e caminhou em direção ao escravo.

Por um instante os dois se fitaram, e Diogo espantou-se ao ver indulgência no rosto do negro. Ele se colocou a alguns passos do pelourinho e recebeu das mãos do carrasco o longo chicote, de onde várias tiras de couro arrastavam no chão. Não era a primeira ocasião que ele castigava João. Por seis ou sete vezes o disciplinara por pequenos erros cometidos no canavial. A falta mais grave — a fracassada tentativa de fuga, antes mesmo do nascimento de Inácio — fora punida pelo seu avô com uma marca em brasa no rosto. Desde que sua jornada pelo sertão adentro começara, havia recorrido ao açoite apenas no dia em que o escravo feriu a boca de Brabo ao retirar o freio com rispidez. Nunca, no entanto, João recebera mais que vinte ou trinta chibatadas. Tinha dúvidas até se seu próprio braço suportaria o esforço de repetir o movimento duzentas vezes, sob os olhares de toda a vila.

O jovem aprendera como disciplinar os negros assistindo feitores e capitães do mato, que o ensinaram as peculiaridades e fraquezas do corpo dos homens. Se o objetivo era matar, cada chibatada deveria ser aplicada sobre o vergão deixado pela anterior, até a pele se romper, expondo a carne. Os próximos golpes abririam caminho pelos músculos lacerados e alcançariam veias menores ou artérias,

causando a hemorragia que levaria à morte. Ele já presenciara imolações que duraram dias, embora após algumas horas muitos desmaiassem ou fossem tomados, já sem consciência, por convulsões.

Por isso, decidira coalhar as costas de João sem a cruel precisão dos capatazes, mas com um ímpeto maior que o usado em todos os castigos anteriores. Muito maior.

Foi nesse instante que a criança dos dentes pretos surgiu diante dele, equilibrada de cócoras no topo do pelourinho, indiferente à sua aflição e ao destino de João. A apatia nas feições do inimigo inquietou Diogo, que esperava ver júbilo e euforia.

A primeira chibatada veio sem aviso e deixou uma marca vermelha do ombro à cintura do escravo. João trincou os dentes, erguendo-se na ponta dos pés a tempo de receber o segundo golpe. Com os olhos cerrados, lutava contra as brasas que cavavam sulcos a cada movimento de Diogo. Antes da décima chicotada a pele se rompeu e liberou o sangue, que serpenteou por uma trilha grossa, ensopando em segundos a calça. Ele expulsou o ar dos pulmões em um grito que correu as ruas da vila e chegou a todas as casas de Taubaté. E aos ouvidos de Inácio, que se refugiou no chão da cozinha de Étienne.

Mesmo evitando concentrar o açoite em um só local, o efeito da surra foi devastador. Em minutos, as costas ganharam uma textura áspera e viva. O sangue que salpicava dos cortes espalhados do pescoço à cintura untava o couro do chicote, tornando o suplício ainda mais doloroso. Antes da metade do castigo, o escravo perdeu as forças, e seu corpo pendeu, preso apenas pelas algemas. João deixara de gritar, embora o patrão não demonstrasse cansaço em

momento algum. Ao contrário, a violência das chicotadas crescia golpe após golpe, surpreendendo a plateia que assistia fascinada ao martírio, e até Armando Quintana.

Diogo também estava magnetizado, mas pela imagem do Diabo, empoleirado sobre o pelourinho. Ele obedecia à cadência cantada pelo inimigo sem oferecer resistência. A cada número, seguia-se uma explosão de fúria. O destino de sua raiva, no entanto, era a criança dos dentes pretos. Tão próximo e tão inalcançável. Foi assim que João, durante quase duas horas, recebeu um castigo destinado não a ele, mas ao maior inimigo da humanidade. Uma punição aplicada pelo mais amargurado dos homens e carregada de toda raiva, ressentimento e vergonha que cresceram na alma de seu patrão.

Quando a última chibatada por fim desceu sobre as costas devastadas do escravo, Diogo estava respingado do sangue trazido a cada recuo do açoite. Lembrou-se da reação da índia velha ao vê-lo retornar do resgate das filhas de Pero, com as roupas tingidas de vermelho. A mesma inquietação que paralisou o rosto da uainuy pesava agora em cada morador da vila. Taubaté ficou imóvel, aguardando alguma ordem do juiz, que testemunhara com pesar a selvageria. Dom Alfonso fez um gesto com a cabeça para o carrasco. O homem trotou desengonçadamente até a coluna de pedra e soltou as algemas do prisioneiro inerte.

Étienne não esperou a anuência das autoridades, e antes que João desabasse sem forças no piso de pedra amparou o amigo. O francês se surpreendeu com o peso e desequilibrou-se. Um súbito alívio nos ombros chamou sua atenção. Domingos o seguira e ajudava a erguer o escravo, dividindo a carga. As pálpebras do

negro estavam entreabertas e em seu tremor revelavam o branco fantasmagórico dos olhos. Saliva seca polvilhava a barba, e ele gemia a cada movimento. O suor se misturava ao sangue que gotejava das costas, manchando as roupas de ambos. Étienne e Domingos já se preparavam para deixar a praça quando dom Armando proclamou.

— O julgamento ainda não se encerrou.

Sob o comando do vereador, um dos soldados do Regimento conduziu Rosário até a pequena escada que levava ao patíbulo. Ela permanecera alheia durante o castigo de João, acompanhando os movimentos do chicote com os mesmos olhos opacos com que fitara a multidão. Tudo ao redor — os rostos raivosos, a sanha de Armando Quintana por vingança, a silhueta do cadafalso agigantada à sua frente — parecia distante e difuso. Uma realidade que não mais a amedrontava. Um sonho, chegou a pensar. Um sonho que chegaria ao fim quando o aperto da corda em seu pescoço a fizesse acordar em outro lugar.

Nenhum alimento foi oferecido por padre Miguel, como determinava o sombrio rito dos enforcamentos. Cabisbaixo, o religioso se limitou a aproximar um pequeno crucifixo de madeira da boca ferida para um beijo que não se concretizou. Os olhos desinteressados de Rosário procuraram os dele em um último eco de emoção e se despediram, com inesperada compaixão.

As farpas da madeira dos degraus alfinetavam os pés descalços, e o ferimento no quadril voltara a pulsar, mas Rosário chegou à plataforma sem ser conduzida pelo soldado. Sentiu-se estranhamente confortada no alto do patíbulo, como um naufrago que desafia o mar agressivo da segurança de sua jangada. Os rostos

pareciam agora pequenos e pouco ameaçadores. Apenas o de João se destacava. Apoiado por Étienne e Domingos, ele lutava para abrir os olhos. A escrava moveu os lábios sem saber o que iria balbuciar, mas foi empurrada pelo carrasco até a borda do cadafalso. O homem se preparava para cobrir-lhe o rosto quando uma voz masculina atravessou a praça.

— Sem o capuz!!

Ele correu a turba em busca da origem do grito.

— Sem o capuz!!!

— Sem o capuz!!

Mais vozes — entre elas, uma feminina. O carrasco voltou a procurar na multidão, desorientado. Mais do que pedidos, eram uma exigência. Uma ordem, da criatura sem forma definida que assumia naquele momento a condução dos destinos da vila. Os gritos se multiplicavam. Apalermado, ele se dirigiu ao vereador, que sorriu e também sussurrou as palavras berradas pela plateia. Seus lábios se moveram em perfeita sincronia com o clamor dos moradores. Naquele momento, Dom Armando encarnava a própria Taubaté.

— Sem o capuz... — repetiu docilmente, voltando-se para um juiz impotente e constrangido diante da fúria.

O carrasco obedeceu e passou a corda em torno do pescoço de Rosário. Ela se virou uma última vez para João, mas um empurrão inesperado a jogou fora do cadafalso. Suspenso no ar, seu corpo seguiu uma bizarra trajetória pendular. A escrava estirou a ponta dos pés, como uma bailarina que luta para sustentar-se no vazio, e engasgou sob o aperto do laço. Rosário, no entanto, era uma mulher pequena, quase franzina. Sua espinha não se partiu, ao contrário do que ocorria com condenados corpulentos. A asfixia tampouco viria

rapidamente, tornando necessária uma medida extrema, tomada apenas nos casos em que a execução se prolongava por um tempo longo.

Com uma agilidade que surpreendeu a todos, o carrasco jogou-se da plataforma e agarrou a escrava pelo pescoço. A corda retesou-se, rangendo sob o peso dos dois corpos e freando o movimento oscilante. A mulher emitiu um gemido esganiçado, enquanto os olhos ameaçavam saltar do rosto arroxeadado e uma mancha de urina avançava pelo vestido. Em segundos Rosário estava morta.

Antes que o carrasco se soltasse e atingisse o chão com a desenvoltura de um macaco, as primeiras mulheres já desmaiavam. Duas delas vomitaram nos espectadores mais próximos. Diogo aproximou-se de Étienne. Ele ainda segurava o chicote ensanguentado e percebeu que João emergira do estado de estupor. O olhar esgazeado agora mirava em Armando Quintana, entretido em uma conversa com o mestre de campo sobre as providências em relação ao corpo.

— Levem ele daqui. E tragam ajuda. Um prático. O melhor que houverem de encontrar — pediu Diogo em meio à balbúrdia que se instalou na praça.

Étienne trincou os dentes e o encarou, enfurecido.

— Um prático pode se recusar a atender um negro. Melhor entregar João aos cuidados de outros cativos. Eles estão habituados a tratar de feridas feitas por açoites — retrucou o francês, arfando sob o peso do escravo.

— Faça o que considerar mais apropriado, mas levem ele! Agora!! — insistiu o jovem. Diogo enfiou a mão no bolso da casaca do advogado. O gesto intrigou o caçula dos Vidal, até que ele ouviu

o inconfundível tilintar de moedas. Uma quantia desconhecida, embora suficiente para remunerar até um bom cirurgião.

Os três se afastaram, unidos e cambaleantes, como parceiros de bebedeira que lutam para carregar um companheiro ainda mais embriagado. João virou-se a tempo de ver dom Armando cutucar o cadáver de Rosário com a ponta de sua vara, sem disfarçar a repulsa diante da pequena poça malcheirosa que se formava aos seus pés.

## ***47. A roça dos Meira***

Catarina foi um dos poucos moradores da comarca que não acompanhou a execução de Rosário. Ela chegou à roça dos Meira na tarde daquela sexta-feira e logo foi apresentada aos pais por Emílio, o filho mais velho. Matias, um homem atarracado e desconfiado, e Francisca, uma senhora com um cansaço eterno no rosto enrugado e desesperança nos olhos opacos, receberam-na com frieza. A viúva, no entanto, sabia cultivar simpatias. Ao fim do primeiro dia o sorriso espontâneo e a constante disposição para ajudar nos pesados serviços domésticos já tinham reduzido a resistência de todos, exceto do arredio chefe da família.

Os Meira eram colonos paulistas e tinham outros quatro filhos além de Emílio, que corriam pela propriedade como filhotes barulhentos. Três meninas — duas delas gêmeas — e um garoto, alegres e alheios à crueza da terra. Até a adolescência seriam poupados de envelhecer anos em semanas, como o varão, já alçado involuntariamente ao posto de miliciano pela Coroa e de trabalhador pelo pai.

Francisca deu a Catarina a extenuante missão de preparar sabão para a família, misturando cinzas à gordura dos porcos em um tonel. A tarefa esgotaria uma mulher comum, mas o vigor da mula contaminava a viúva, que passou o fim da tarde batendo a pasta grossa com a energia de um homem. Após duas horas de trabalho

contínuo não dava sinal algum de cansaço. A dor que irradiava de onde o sabre de Diogo penetrara também não mais perturbava. O ferimento era profundo e ainda levaria dias para cicatrizar, mas o incômodo desaparecera quase por completo.

O movimento hipnótico da colher de pau no tonel e as gargalhadas das crianças a magnetizaram, e por instantes ela esqueceu-se do infortúnio que teimava em chamar de vida. Catarina olhava os filhos dos Meira com carinho — lembrando-se com desolação das próprias crias, mortas ainda no ventre — quando foi abordada por Francisca.

— Vosmecê não tem marido. Ou filhos. O que faz em minha casa?

A viúva demorou alguns segundos até descobrir que não conseguira mentir convincentemente e despencou em um choro doído. Francisca surpreendeu-se com a reação e ajoelhou-se para consolá-la, arrependida. Catarina permaneceu prostrada ainda por muito tempo, enquanto a mulher a segurava pelos ombros.

— Sou só. Há anos. Meu marido morreu. E meus filhos. Todos eles. Mortos, levados ao paraíso. E eu fui deixada aqui, nesse inferno. Só — respondeu, disputando ar com os soluços.

Francisca refletiu e decidiu não perguntar as circunstâncias das tragédias que cercavam a recém-chegada. Toda a indiferença inicial se foi, vencida por uma solidariedade reservada apenas a mulheres sofridas.

— Por que mentiu, então?

— Não sei. Vergonha... Medo de ser enxotada. Não sei...

— Vosmecê mora sozinha?

— Uma escrava. Eu tinha uma escrava de ganho. Ela fugiu...

— Está fraca. Precisa repousar. E não se inquiete. Não direi nada a ninguém. Mormente a Matias. Fique conosco enquanto houver mister.

— Serei grata. Para sempre... Mas posso perguntar como soube? Que eu era sozinha?

— Vosso olhar. Olha meus filhos como quem perdeu os próprios. Não com cobiça, mas tristeza. E vosmecê é mulher formosa. Não creio que um homem a deixasse para trás. Por razão alguma. Para muitos, uma bela rapariga é o maior tesouro dessa colônia. Não a cana ou o ouro. Uma bela rapariga. Assim é meu Matias. Eu já fui bonita, como vosmecê é hoje. E ele nunca me abandonaria. Nem por nossos filhos — respondeu Francisca, com um sorriso amigável. As rugas no rosto queimado de sol — crônicas de uma vida inteira de trabalho sem propósito ou recompensas — não mais intimidavam a visitante. Catarina envaideceu-se e correspondeu à afabilidade da anfitriã. Mantiveram-se agachadas durante um longo instante como confidentes, até que Francisca levantou-se, limpando o barro da saia encardida.

— Venha. Me ajude com as roupas. Por vezes, preferia ser uma bugra. Elas não lavam panos sujos dia após dia.

A viúva enxugou as lágrimas com a manga do vestido e correu em direção ao varal. Em minutos, o céu enrubesceu. Enquanto Matias e Emílio caminhavam pela propriedade com tochas em uma das mãos e mosquetes na outra, as crianças eram tangidas para dentro do casebre pelas mulheres. Já era noite quando pai e filho terminaram a ronda e atestaram a segurança da roça. A modesta janta — um punhado de beijos sobre um gamela, farinha de peixe e uma carne de caça que Catarina não conseguiu identificar — foi

posta em silêncio. Matias murmurou uma rápida oração antes que a família começasse a ceia

Um candeeiro iluminava a sala acanhada. Todos comeram sem dar uma única palavra. A viúva estava faminta e apreciou a primeira refeição dos últimos dias. Francisca a acomodou em um quarto com as filhas, enquanto Emílio e o irmão ocuparam o cômodo contíguo.

— O óleo está no fim e não há por que deixar a chama acesa. Amanhã, pode catar algumas mamonas e ajudar a fazer mais um bocado. Nossa roça é mui distante, mais do que a vossa, mas está segura aqui. Há um bom tempo os bugres não nos molestam. Vosmecê pode até ouvir barulhos na mata, mas dormirá bem.

Catarina assentiu e se acomodou na rede. Naquela noite ela realmente teve um sono tranquilo e sonhou com seu marido e os filhos. Todos trabalhavam no moinho, céu claro, banhado pelo sol. O fabrico da farinha não parecia fatigar nenhum deles, e a família ria sem motivo, embalada pela alegria nos olhos dos outros. O esposo se aproximou e a beijou na boca com paixão, sem se importar com a presença dos filhos. Seu rosto másculo — uma imagem apagada desde a morte pelo tifo — era agora uma pintura, com contornos e cores marcantes. Catarina pôde novamente embebedar-se com a barba ruiva, os olhos castanhos e as feições angulosas que a atraíram no primeiro encontro.

Antes que percebesse era carregada pelos braços magros de força incomum para a penumbra do casebre, de onde só emergiu horas depois — saciada e feliz. Os filhos entretinham-se puxando Cigano pelas rédeas. Ela aproximou-se do animal e acariciou o rosto, descendo pela crina de pelos enrolados e detendo-se no dorso

brilhoso. O cavalo retribuiu o afago com um movimento gracioso do rabo, e Catarina acomodou com cuidado as crianças na sela.

Foi desse estado de graça que Francisca a tirou antes que o sol raiasse, para mais um dia de trabalho penoso. A primeira tarefa da manhã, no entanto, transformou-se em uma experiência constrangedora e apavorante para a viúva e os Meira. Assim que se aproximou dos porcos para alimentá-los, os animais reagiram ensandecidos, atraindo a atenção de todos com guinchos agudos. Catarina ainda tentou jogar o milho à distância, mas eles evitaram o alimento como se as espigas estivessem impregnadas por um veneno farejado apenas por seu olfato poderoso.

Uma leitoa imensa, a maior do chiqueiro, surpreendeu com uma investida direta, irrompendo a cerca frágil. Catarina tentou recuar, mas desequilibrou-se e caiu. Os filhotes valeram-se da brecha na cerca para debandar. No chão, a viúva hesitou entre levantar-se e proteger o corpo e a agressora aproveitou-se para atacá-la, buscando sua carne com as presas. A bainha do vestido foi deixada em tiras. Os dentes — tortos e sujos, como lascas de madeira envelhecida — cresceram diante de seu rosto, enquanto os bois e o cachorro se juntaram ao pandemônio de sons animais. Outros gritos, estes talvez humanos, surgiram. Porém, não soube precisar de onde partiam.

Catarina viu quando um pé acertou a leitoa. O chute de Matias foi poderoso e espantaria qualquer animal, mas não aquele. Enlouquecida, a porca voltou-se novamente contra a mulher. Um novo golpe — dessa vez com um pedaço de tronco — a fez rolar no chão, levantando uma nuvem de terra, de onde ela disparou mais uma vez contra o alvo. Os guinchos se misturaram ao choro das

crianças. A leitoa subiu na viúva, imobilizando-a com o peso do corpo. Seus braços e pernas sentiram os cascos pequenos levarem as presas até seu pescoço. O sangue desceu em jorros, leitoso e quente, ensopando-a. O guinchar tornou-se mais agudo para, em seguida, minguar. Catarina levou a mão à garganta, à procura do ferimento aberto, mas não encontrou um arranhão sequer.

A fera estava morta.

Matias ergueu o animal com ajuda de Emílio. Do facão em uma de suas mãos ainda escorria sangue, salpicando a terra com pingos grossos. A leitoa foi sacudida por espasmos durante alguns segundos, até seu corpo tornar-se inerte. Ao sentar-se Catarina viu que o vestido perdera o branco encardido, tomado por um vermelho escuro que a corria do peito às pernas. Francisca abraçava as gêmeas, que choravam descontroladamente. O filho mais novo se abrigara dentro do casebre, de onde ousava apenas expor os olhos.

— Vosmecê está ferida? — perguntou Matias.

Catarina respondeu com um aceno de cabeça e usou a mão estendida para ficar de pé. As crianças reagiram por instinto, recuando diante da figura ensanguentada.

— Entre. Vista um de meus vestidos. Emílio mostrará onde guardo as roupas — disse Francisca. Mal dera o primeiro passo quando a mulher a segurou pelo ombro. — Melhor! Se lave. Encha o tonel e tome um banho.

A viúva olhou para a família reunida a seu redor. Pareciam mais assustados com sua aparência do que com o ataque de fúria presenciado há instantes. Matias estava desolado por ter sido obrigado a matar a porca. Sem seu leite, os filhotes também pereceriam — um custo incalculável para uma família de colonos

pobres. O embaraço do homem, no entanto, foi mais forte que a tristeza com a perda do precioso animal. Se não tivessem agido a tempo, a visitante poderia estar gravemente ferida — ou morta. Catarina, todavia, não sentira medo ou raiva diante da reação da leitoa, mas uma vergonha inconfessável. Apenas presenciara uma mãe defendendo as crias de uma ameaça que os olhos humanos não podiam pressentir.

Emílio a levou até o quarto da mãe, onde mudas de roupa amassadas a aguardavam dentro de um baú rústicamente talhado. Ela pegou um dos vestidos sem se preocupar em escolher uma peça que lhe servisse bem e dirigiu-se até os fundos do casebre. Lá, o rapaz encheu um tonel com água trazida de um córrego próximo. O vai e vem dos baldes levou mais de meia hora, mas Emílio não protestou pelo rigor da tarefa. Estava tão encabulado quanto seu pai e não conseguiu encarar a viúva nas inúmeras viagens entre o riacho e os arredores da choupana.

Tão logo se encontrou sozinha, mergulhou no tonel até o pescoço, hipnotizada pela trilha que o sangue fazia ao se diluir na água. O banho estava gelado, mas Catarina não tremia. Cinco dias antes da próxima mudança, seu corpo já irradiava calor, antecipando o inferno que a aguardava na sexta-feira. Em outras circunstâncias, o ataque a deixaria enfurecida ou ao menos aturdida. A viúva, no entanto, assistiu o assalto da fera entorpecida por uma apatia sufocante. Sabia não estar fadada a morrer nas presas de uma leitoa ensandecida, da mesma forma que tinha certeza do desfecho do confronto seguinte com Diogo.

Assim como na véspera de uma tormenta — quando a umidade soprada pelas nuvens e a eletricidade no ar alertam sobre a

iminência da chuva — seu espírito conseguia traduzir os sinais inequívocos de seu fim. Outra pessoa os ignoraria. A mula, porém, a tornara especial. Agora, as cores do mundo chegavam desbotadas a seus olhos, e ela não percebia cheiro algum transportado pelo vento. Mas os indícios mais inquietantes vinham da mata. Era das sombras abaixo das árvores, dos ocos nos troncos e dos arbustos que partiam os cochichos dos animais e plantas, ansiosos por decretar a colônia livre da invasora.

## ***48. Seu Cura***

Carregar João até a pensão revelou-se uma missão mais penosa que Domingos imaginara. O escravo estava exausto e mal podia firmar os pés no chão, deixando a tarefa totalmente a cargo dos amigos.

— Maldito. Maldito seja Diogo e todos os outros inquisidores dessa vila dos infernos — praguejou Étienne em francês.

— Não censure o homem. Ele fez o que devia.

João levantou o rosto ao ouvir a menção ao nome do patrão, mas a escolha do idioma não fora acidental.

— E o que ele devia fazer? Açoitar um inocente até quase a morte?

— Quanto acredita que vale a vida de um negro enrabichado por uma assassina confessa, acusada de tramar a morte de um vigário? Ou crê que um julgamento se finda com a leitura da sentença? Vosmecê se engana ao pensar que em Taubaté existe apenas um juiz. São mais de três mil deles. E três mil carrascos. Agora, aos olhos dessas gentes João pagou pelo seu crime. Ele próprio bem sabe disso. De certo modo, deve estar grato a Diogo. E a dom Alfonso de Lisboa. Sem os dois, cedo ou tarde enfrentaria outro tipo de tribunal, em um dos tantos becos da vila.

Étienne pareceu aceitar o ponto de vista do amigo, pois permaneceu calado até aproximar-se da pensão. Rita os aguardava

na escada. Ora saltitando, ora na ponta dos pés, a menina lutava para avistar um rosto familiar em meio à multidão. Ao vê-los correu até o pai, que a repeliu com a mão ensanguentada.

— Diga a Clara para preparar uma esteira, com lençóis limpos. E água. E leve Inácio até vosso quarto. Não saiam até mandarmos.

Ela voltou para a pensão aos pulos. Em segundos, os três atravessavam a sala e se trancavam em um dos quartos, onde a mulher de Étienne os aguardava. A reação de Clara ao deparar-se com João surpreendeu a todos. Em princípio, deve ter pensado que o negro sucumbira ao castigo, pois levou as mãos ao rosto para um grito agudo, logo substituído por um choro sofrido ao perceber a respiração inconstante e o tremor no corpo suado.

O escravo foi deitado de bruços sobre a esteira. Os ferimentos tomavam inteiramente as costas — nenhum deles profundo o bastante para dilacerar os músculos, mas com certeza se transformariam em cicatrizes horrendas e eternas. A plena recuperação poderia levar semanas. Étienne olhou com preocupação para a mulher e pediu que deixasse o quarto. Clara, no entanto, parecia disposta a ajudar. Não seria a primeira vez que ela tratava de marcas de açoite. Antes de João, já cuidara de irmãos, tios e do próprio avô, que não resistira a três dias no tronco por matar um novilho para alimentar cativos em fuga.

Após limpar os cortes — primeiro com um pedaço de pano molhado e depois com a água de uma moringa — ela lavou o sangue que começava a secar. Em seguida, rasgou um lençol e o umedeceu, cobrindo as costas com o tecido refrescante. O escravo apenas gemia, fraco até para protestar quando as mãos delicadas corriam sobre as marcas.

— Ele está mui machucado. Quem o castigou? O mestre de campo em pessoa? — perguntou Clara, acocorada junto à esteira.

Os homens permaneceram em um longo e constrangido silêncio. Ela exigiu a resposta, dessa vez com as sobancelhas erguidas.

— Foi dom Diogo — disse Domingos, enfiando as mãos no bolso e tirando um punhado de patacas. — Mas ele pediu que encontrássemos um bom prático. O melhor. Ele quer que João seja...

A mulher de Étienne levantou-se com uma agilidade incomum para as grávidas e arremessou as moedas para longe com um tapa. Suas narinas inflaram e as mãos se crisparam, fazendo o rapaz crer que receberia a ira destinada ao forasteiro. No entanto, ela recuou, voltando a ajoelhar-se.

— Nem mesmo o melhor físico do reino pode fazer bem algum a João. Ele deve ser cuidado por gente de senzala, que conhece ferida de açoite — retrucou a escrava, sem o ódio de instantes atrás. Clara ergueu-se com dificuldade, segurando a barriga com ambas as mãos, e abriu uma fresta da porta. Rita e Inácio aguardavam fora do quarto e tentaram enfiar a cabeça pela brecha estreita. Foram contidos com candura pela mulher, que acarinhou o rosto do menino antes de pedir com a voz pausada.

— Logo. Vosmecê verá vosso pai logo. Agora, quero que me ajudem. Corram até a roça de Maria Pena. Um preto velho mora em uma das casas. É um benzedor. Digam que um escravo precisa de socorro.

O menino ainda hesitou, mas Rita o puxou pela camisa. Os dois desapareceram pelo corredor sombrio e Clara voltou a fechar a porta.

Diogo já esperava fora da pensão, sentado em um barril. A camisa salpicada de sangue fora trocada por outra limpa, instantes antes, em uma rápida passagem pelo sobrado dos Vidal. Inácio ganhava a rua quando ele o chamou.

— Aonde vosmecê vai?

— Buscar um benzedor.

— Um benzedor? Étienne perdeu o juízo! Eu ordenei que trouxessem um cirurgião! De outra vila, se preciso!

— Foi exigência de Clara. Ela não quer ninguém mais. E imagino que não esteja de todo equivocada — interrompeu Domingos, descendo a escada.

Diogo permaneceu cabisbaixo por alguns instantes. Em seguida, voltou-se para Inácio e disse, encarando-o com determinação.

— Preciso de vosmecê para uma tarefa. Hoje à noite. Depois do sino de correr.

— Depois do sino? Não, nhô! Depois, não! — retorquiu o menino, assustado.

— Não conto com ninguém mais. E não é trabalho para moleques. Se peço a vosmecê é por que o tenho como homem.

Os olhos de Diogo não mais amedrontavam Inácio. Ele anuiu e disparou pela rua, ao lado de Rita.

— O que pretende fazer? — perguntou o advogado, sem obter resposta alguma. — Espero que não ponha a vida de uma criança em risco. Ninguém perdoaria. Ninguém.

A gravidade na voz do amigo não o intimidou. Ele se sentou novamente no barril, abriu uma pequenina lata com rapé e começou a dar longas e prazerosas fungadas. Irritado, Domingos voltou para a pensão. A indiferença de Diogo, porém, era apenas aparente. Cada

palavra do que dissera exprimia a mais profunda verdade. Suas intenções eram tão meritórias quanto urgentes. Em outras circunstâncias, o escravo seria a primeira e única opção para qualquer missão. Entretanto, João, que estivera preso nos últimos dias e passaria os próximos incapacitado, deixara de ser uma alternativa. Tampouco poderia envolver Domingos e Étienne — as duas únicas pessoas em Taubaté nas quais confiava. O primeiro certamente não fora talhado para o que a noite exigiria. A participação do francês era ainda menos provável. Estrangeiro, pobre e casado com uma negra, nunca receberia a condescendência das autoridades caso a empreitada fosse mal sucedida.

A escolha, então, recaía sobre Inácio. Além de ser sua propriedade — o que dispensava qualquer forma de convencimento ou negociação — já tinha maturidade para ser confrontado com as cruzeiras da vida. O motivo mais importante, no entanto, era outro. O menino testemunhara a transformação de Catarina, e a despeito de um momento inicial de fraqueza se comportara com destemor e altivez — certamente em dose maior que Diogo esperaria encontrar. Os dois compartilhavam agora de um segredo, um mistério que os tornava únicos. Únicos, semelhantes e presos por um laço destinado a crescer.

Meia hora depois, Inácio e Rita retornaram. Seguravam as mãos de um negro curvado que os acompanhava com dificuldade. O saco encardido nas costas tornava a caminhada ainda mais penosa. O velho colocou o pé trêmulo no primeiro degrau e já subia a escada da pensão quando avistou Diogo. Suas feições mudaram, passando da lassidão ao temor em uma fração de segundo. Ele se aproximou

até o hálito de fumo e cana mascada entranhar nas narinas do jovem.

Era talvez o escravo mais idoso que conhecera. Um dos olhos tornara-se opaco pela catarata. Rugas tomavam-lhe todo o rosto. A cabeça larga estava coberta por carapinhas brancas como flocos de algodão, e ele perdera a maioria dos dentes. Os dedos — muitos deles sem unhas — lembravam galhos longos e frágeis. O benzedor levantou o indicador e começou a murmurar o que soava como uma repreensão. Uma lamúria indecifrável, carregada de indignação e repulsa. O velho ainda balbuciava quando Clara apareceu na porta da pensão. Ele atendeu ao seu chamado e subiu as escadas com as pernas trôpegas, amparado por Inácio. Antes de bater a porta, a mulher do francês encarou o forasteiro com virulência e cuspiu no chão.

O benzedor respondia pelo sugestivo nome de Seu Cura e foi levado até o quarto onde João estava acomodado. Com um aceno indicou que Étienne e Domingos deviam deixar o aposento. Apenas Clara estava autorizada a acompanhá-lo. Tão logo ficaram a sós, ele retirou do saco um emaranhado de folhas. A mulher do francês reconheceu de imediato a planta como pau d'alho — um poderoso cicatrizante, usado com frequência nas senzalas. Seu Cura espalhou as folhas em uma gamela e as cobriu com um pouco de água. A negra começou a macerar os ramos enquanto o velho friccionava dois pedaços de madeira com um vigor surpreendente para um homem de sua idade. Em instantes, uma nesga branca subiu de um latão de cobre, onde um monte de tabaco ressecado aguardava o fogo.

Respirar no quarto acanhado tornou-se um sacrifício para Clara, que reagiu com um violento acesso de tosse quando o cômodo foi tomado pela fumaça. Seu Cura iniciou então uma cantilena incompreensível, um lamento arrastado que, aos olhos da escrava, serpenteava no ar como a própria trilha deixada pelo fumo. Ela não viu quando o benzedor retirou da gamela as folhas prensadas e umedecidas e as colocou sobre os ferimentos de João. O escravo gritou e contraiu o corpo, retesando o dorso durante todo o tempo em que o emplastro era aplicado. Por fim, desmaiou de exaustão.

Clara sabia que a pasta deveria ser trocada todos os dias. A recuperação também dependia de uma defumação constante e eficiente do quarto, capaz de afastar moscas que semeariam as costas do escravo de larvas. A febre chegaria naquela tarde — mansa em princípio e inclemente antes da madrugada — e o acompanharia durante a semana, mas o pau d’alho era conhecido por abrandar até os mais fortes tremores. Mais do que nas propriedades curativas das ervas, no entanto, ela depositava fé na pureza da alma do benzedor e na sua capacidade de manipular o poder do divino. Segura que Seu Cura trazia no próprio nome esperança para aflitos como João, Clara despediu-se do velho com um afetuoso abraço.

Inácio assistiu quando ele deixou o quarto. O velho acariciou seus cabelos e cruzou o corredor com passos hesitantes, até ser amparado por Rita, que o ajudou a descer as escadas. Clara surgiu na fresta enevoadada da porta e chamou o menino. O ambiente estava abafado, mas a fumaça exercia um efeito reconfortante. Inácio teve dificuldade para divisar os contornos de João, deitado no chão de terra batida. Movido pela curiosidade, tentou tocar o emplastro

espalhado pelas costas. A textura pastosa das folhas maceradas o fez recuar. O pai não parecia duramente castigado. Ressonava como um homem embriagado. O menino sabia que ele não enfrentara o temível garrote, pois continuava vivo. Talvez, tivesse recebido apenas chicotadas — embora em uma quantidade muito maior do que em ocasiões anteriores.

— Quero falar com ele. — A voz de Inácio era quase inaudível.

— Mais tarde. Vosso pai deve descansar.

— Quem o açoitou?

— Um dos soldados do Regimento — mentiu Clara, sem entender o motivo que a levava a poupar Diogo. — Mas ele há de ficar bem. É mui forte. E Seu Cura é um santo homem.

Inácio aceitou os argumentos simples, porém convincentes da mulher do francês. Ele já se levantara para deixar o quarto quando se voltou para ela e permaneceu imóvel, mordendo os lábios à procura das palavras que usaria a seguir.

— E Rosário?

Clara engasgou diante da pergunta. Pensou em mentir, como fizera instantes atrás, mas apenas balançou a cabeça com pesar.

O menino depreendeu o significado do gesto. Para seu espanto, descobriu que não se lembrava dos detalhes do rosto da escrava — o tamanho dos cabelos, o formato dos olhos ou o sorriso. Somente conhecia os sentimentos que o pai nutria por Rosário. E foi por ele que lamentou quando deixou o aposento enevoado.

## ***49. O teatro dos mortos***

A procissão de almas esperava padre Miguel em frente à Igreja Matriz. Ele deixara o patíbulo evitando os olhos das centenas de homens e mulheres que lotavam a praça em volta do pelourinho. Arrastava as sandálias na terra das ruas, ansioso por refugiar-se na brancura do templo. Apenas a cal das paredes poderia lavar a nódoa da indecência e da covardia, pensou. Ao chegar aos pés da construção, no entanto, deparou-se com a figura frágil de padre Gonçalo ao lado de Rosário. Os outros mortos de Taubaté ocupavam os degraus da escadaria, como em um perturbador tabuleiro de xadrez. Estavam todos lá: os quadrilheiros, a índia sem nome, os soldados, até o capitão Ataíde.

No momento em que se deparou com os rostos opacos, o sacerdote teve a certeza de ter enlouquecido. Ou então vislumbrava uma amostra cruel de um Deus indiferente ao seu sofrimento — um relance do inferno que em breve o tragara. Nenhum dos cadáveres trazia manchas de sangue, marcas do fogo ou dos cascos em brasa. As feições conservavam traços da humanidade que a mula dilacerou. Os militares ostentavam os paramentos e o garbo dos uniformes, embora o tecido parecesse desbotado. Até as perucas estavam cuidadosamente penteadas.

Também não havia acusação, afronta ou rancor naqueles olhos. Apenas o vácuo de sentimentos, o que o inquietava ainda mais.

Padre Miguel poderia suportar a repreensão pelos pecados, que eram tantos e não mereciam ser perdoados. Ou a hostilidade dos dentes trincados e dos dedos denunciante. O silêncio era pior. Pensou no Juízo Final, na ressurreição dos mortos, no último e implacável julgamento. Sem demonstrar pudor, rezou com fervor para que aquele dia — o dia em que um justo se recusou a beijar a imagem de Cristo, como diria seu mentor — fosse o último do homem na Terra. Vasculhou ao redor, nos semblantes dos moradores, alguma indicação que Taubaté se transformara em um purgatório para todos, e não somente para ele. Porém, as pessoas circulavam, alheias ao seu desespero, ainda abaladas pelo espetáculo da imolação dos escravos.

Padre Miguel cerrou as pálpebras com força, e assim permaneceu por um minuto ou mais, embora soubesse que quando voltasse a abri-las as almas ainda o assombrariam. A Igreja Matriz — outrora o único asilo que lhe restava — agora era o refúgio dos inocentes mortos não por Catarina, mas pelo fruto de uma união condenada. Ele voltou a caminhar com lentidão, agradecendo por vestir uma batina que ocultasse suas pernas trêmulas. Passou pelo desfile de mortos, detendo-se por um segundo no rosto do vigário, esmaecido como um busto de pedra abandonado em um quarto durante anos. Os olhos de padre Gonçalo buscaram os dele, sem transmitir emoção alguma. As outras estátuas seguiram o velho franciscano e fisgaram o jovem, que se viu imobilizado por alguns instantes antes de poder entrar na igreja.

O sacristão o aguardava na porta do templo. Um pedido de batismo era o assunto da abordagem, mas o jovem não absorveu o conteúdo das palavras. Respondeu sem se recordar do que

prometia, e atravessou a nave em direção à sacristia. As almas já lotavam a igreja, como estátuas de mármore dispostas em um imenso mausoléu, embora apenas segundos atrás guardassem a entrada da construção. Padre Miguel passou por Rosário. Morbidamente bela, tinha o rosto de traços harmoniosos livre das cicatrizes de uma surra que a deformara.

Ainda faltavam quase duas horas para as orações das *sextas*. A igreja estava deserta, a não ser por ele próprio e por Caetano. E pelos treze mortos de Taubaté. Sem dúvida a missa do meio-dia seria concorrida, após o enforcamento de Rosário. Dezenas correriam para rezar pela alma da escrava, não admitindo em público a disposição de pedir aos céus em nome da assassina de um vigário. Então, no silêncio ruidoso de suas consciências perturbadas, dedicariam com fervor alguns minutos à mulher. Até lá padre Miguel pretendia esconder-se em seu quarto, deitado no catre.

Dois dias sem alimento o debilitaram, mas não tinha apetite algum. As refeições preparadas pelo zeloso sacristão eram abandonadas intactas, embora padre Gonçalo sempre insistisse em ver os pratos raspados. A lembrança do cuidado paternal reservado pelo vigário surtiu um efeito que a imagem acinzentada em seus calcanhares não conseguiu, e ele chorou. O acanhamento do quarto manteria fora do cômodo a multidão de espíritos que tanto o perturbavam, pensava ele. Para seu alívio, nenhum deles o seguiu quando se trancou.

Poucos minutos se passaram quando Caetano bateu na porta.

— Os vereadores estão aqui, padre. Desejam falar com vossa senhoria.

— Diga que não tardo a sair — respondeu, esgotado.

Ele não demorou mais que alguns minutos para juntar-se aos oficiais. Os três estavam sentados nos bancos da madeira, aproveitando a nave ainda deserta. Em pé, alguns passos atrás, dom Alfonso conversava com o sacristão em voz baixa. Todos se voltaram para o jovem religioso em perfeita sincronia quando ele deixou o quarto. Dom Tomé foi o primeiro a falar, antes mesmo que o sacerdote perguntasse o motivo da visita.

— Nosso intento com essa reunião um tanto súbita é trazer a vossa senhoria palavras de apoio. Os últimos acontecimentos pesaram como cruces nos ombros de todos nós. Todavia, reconhecemos que vosso fardo é imenso — quiçá o maior de todos. Taubaté perdeu um vigário. Vossa senhoria, um pai. E ainda recebeu a tarefa de conduzir um rebanho que por mais de quarenta anos pertenceu a outro. Não há missão que não possa ser cumprida por um servo de Deus, com amor e dedicação. Se padre Gonçalo vivo estivesse, decerto diria isso a seu pupilo. Não somos vosso mentor, mas estamos juntos, nós e ele, na mesma certeza. Vossa senhoria é agora vigário de Taubaté. E a Casa de Câmara será vossa aliada. Em tudo que houver mister.

— Porém, deve estar preparado para um encargo duro. Duro e perenal — intercedeu dom Armando. — Vossa ordem será cientificada o quanto antes da morte do pobre padre Gonçalo, mas não imagino que possam ou pretendam trazer um substituto. Ao menos não tão cedo. A notícia dessa tragédia não chegará a Lisboa antes de junho. Ou julho. E creio que um sacerdote já conhecedor das cruces da colônia e dos pecados e aflições dessas gentes seja a melhor escolha. E tal sacerdote, padre Miguel, é vossa senhoria.

O jovem ouvia os oficiais da Câmara solidarizarem-se, embora não conseguisse se agarrar ao significado das palavras. Os espectros desbotados, que aparentemente haviam escolhido a nave da igreja como morada, atraíam sua atenção. Teria ele enlouquecido ou recebera o dom de vislumbrar mortos onde outros apenas enxergavam o vazio? Fosse aquela uma dádiva, era um presente que ele, se pudesse, gostaria de recusar. Mas as incumbências divinas não podem ser repelidas. Assim como a missão que acabara de receber.

Padre Miguel libertara-se do estado de inconsciência em que se escondera a tempo de ouvir Manoel Soares falar.

— ... vossa maturidade. Decerto, será difícil se dividir entre a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e esta. Por esse motivo, cremos que toda primazia deve ser dada à Matriz. Não apenas por ser a casa de padre Gonçalo, mas pela importância. Sem apoucar o mérito dos outros templos da vila — disse o vereador, enquanto fustigava sobre a roupa a sarna que insistia em infernizá-lo.

— Existe algo que a Casa de Câmara pode fazer por vossa senhoria? — perguntou Tomé Barroso, entrelaçando os dedos em uma pose teatral.

— Suspendam a perseguição aos gentios. E contenham dom Gregório. Sua sanha por punir os culpados causa dor a todos, não somente aos aranãs e caingangues — respondeu, surpreso com próprio ímpeto.

Os vereadores estancaram, esperando maiores explicações a respeito do pedido. Padre Miguel, no entanto, apenas encarou os visitantes um a um, com os olhos azuis e infantis.

— Compartilho da preocupação de nosso vigário. — O juiz interveio pela primeira vez, esforçando-se para conferir ao título a maior deferência possível. — Taubaté já passou por bastantes dissabores na última semana. Novas agruras apenas trariam mais sofrimento para um povo mui aflito.

— O mestre de campo não é um cão que se aprisiona com uma corda. É um servidor leal de El Rei. Um soldado, encarregado de livrar Taubaté de uma ameaça que já levou treze. Não vejo sanha em seus atos, mas sim o desejo sincero de trazer a paz à colônia — rebateu dom Armando, envenenando o magistrado com os olhos empapuçados.

— Concordo com vossa senhoria. Um cão ele seria se não pudesse ser impedido pelos oficiais da Casa de Câmara de sangrar cada bugre daqui até o mar. As manobras do Regimento já atingiram seu propósito. Uma ajudadora foi enforcada. As aldeias ao nosso redor são pouco mais que montes de cinzas. E o povo volta a reconhecer a capitania como jurisdição da Coroa, embora eu duvide que um dia os paulistas tenham pensado de modo diverso.

Tomé Barroso e Manoel Soares abaixaram a cabeça, esperando que dom Armando falasse em nome do grupo. Embora pequenas divergências fossem aceitas entre os três, cabia ao oficial mais influente e poderoso resumir a posição da vereança em assuntos controversos. Ambos também sabiam que seria dele a incumbência de comunicar ao mestre de campo a suspensão das operações na comarca, a contragosto do militar.

— Mas bugre algum foi apresado. Ao menos, nenhum que tenha confessado a autoria de uma morte sequer.

— A perseguição dos soldados também afugenta os gentios da catequese, dom Armando. Quando vêm a nós, o fazem mormente para abraçar, de corpo e alma, a fé em Cristo e a coroa de El Rei. Como revelar a eles que, mesmo convertidos, seguem sob suspeição? — perguntou padre Miguel, mirando o interlocutor nos olhos. A reação surpreendeu dom Armando, que não esperava ver no sacerdote tamanha paixão na defesa de seu ponto de vista. O novo vigário, no entanto, apenas tentava desviar a visão das almas atormentadas ao seu redor.

Tomé Barroso aproximou-se do colega reticente a ponto de encostar os lábios em sua orelha, como se pretendesse confidenciar o maior dos pecados — um apelo que, mesmo sussurrado, foi ouvido por todos.

— As palavras do vigário devem ser acatadas. O que fazemos aqui, nessa terra crua, além de conquistar vassalos fiéis e crentes sinceros? Cruz e espada, dom Armando — disse, imitando com as mãos os pratos de uma balança. — Cruz e espada.

O vereador ainda levou alguns instantes para levantar-se e pronunciar sua decisão, embora o sorriso discreto tenha levado a pequena plateia a crer que atenderia o pedido. Padre Miguel percebeu que ele colocara uma das mãos no bolso da casaca e lá a manteve, enquanto meditava, como se acariciasse um talismã escondido dos olhares curiosos. Por fim, para conferir ao anúncio a pompa que julgava merecer, pôs-se de pé com o auxílio da vara e pigarreou para limpar a garganta.

— Determinarei a suspensão dos apresamentos até sexta-feira. Todavia, se outros tismados surgirem, hei de conduzir em pessoa a próxima campanha. E garanto a vossas senhorias que não terei a

condescendência do mestre de campo. Não sou um homem de armas, mas saberei vencer nossos inimigos. Mesmo que tenha mister de queimar cada aldeia da capitania e invadir cada morada da comarca onde algum ajudador puder se homiziar. Dentro e fora desta vila.

Dom Alfonso engoliu em seco. A ideia de ter um lunático como Armando Quintana empenhado em trazer a guerra para as ruas e casas de Taubaté o inquietava. Por outro lado havia pouco que podia fazer. A ingenuidade de sua estratégia na semana anterior havia custado a vida de três quadrilheiros — e legitimado a crueldade das ações do Regimento nos dias seguintes. O julgamento tampouco serviu para que cessassem os questionamentos sobre sua atuação como magistrado. Livrar João da forca, embora fosse a medida mais justa, por pouco não o colocara contra toda a vila. Agora, premido entre a inclemência de Gregório de Muniz e a loucura do rival, contava apenas com o apoio hesitante e velado de Tomé Barroso.

— Bom. Bom. Chegamos a um acordo, então. Informe o quanto antes a dom Gregório a suspensão dos apresamentos — comemorou Manoel Soares, esfregando as mãos. Os homens trocaram tímidos sorrisos de alívio, certos que a trégua traria conforto aos moradores após tantos acontecimentos terríveis. Padre Miguel, no entanto, não acompanhava a esperança dos oficiais da Casa de Câmara. Sob a batina, rastilhos de suor frio corriam pelo corpo trêmulo. A transpiração também empapava os cabelos loiros e deixava o rosto lustroso e macilento. Os vereadores, alheios ao teatro de mortos encenado na Igreja Matriz, perceberam uma apreensão crescente no sacerdote.

— Espero que o vigário se agrade da decisão — emendou dom Tomé, lembrando-se da repulsiva reação do jovem durante o jantar no sobrado dos Vidal e caminhando até uma distância segura, onde estaria a salvo de um vômito inesperado.

Padre Miguel balançou a cabeça sem entusiasmo. Foi a senha para que todos se levantassem e procurassem a saída, escoltados por Caetano. Alfonso de Lisboa deixou o grupo que já alcançava a pesada porta e voltou. Não sabia ao certo o que pretendia. Talvez confortar o religioso, longe da curiosidade inquietante dos membros da vereança, em particular de dom Armando. Ou mesmo colocar-se à disposição para confidências em relação ao novo posto. Um receio compreensível, embora julgasse pouco provável que pudesse assumir o papel de guardião dos segredos de um religioso. Aproximou-se sem ser notado, mas o que viu — ou ouviu — o fez recuar.

O jovem corria os olhos erraticamente pela sacristia, choramingando em voz baixa a mesma palavra - uma, duas, três vezes.

— Perdão — repetia padre Miguel. — Perdão. Perdão.

## ***50. Reparação***

Inácio passara as últimas horas antes do anoitecer sentado na escada da pensão. As nuvens de mosquitos que se banquetevavam com seu sangue não o incomodavam. A expectativa era mais forte e o entorpeceu enquanto o sol imenso e avermelhado se escondia atrás da copa das árvores. Faltavam minutos para o toque do sino quando viu ao longe a inconfundível silhueta do patrão — com seu chapéu de abas largas, as botas altas e a inseparável algibeira. Seu coração se acelerou quando enxergou também o mosquete, pendurado no ombro. Ele pôs-se de pé e caminhou até Diogo, sentindo um gosto amargo na boca.

Sem trocar palavra alguma, os dois seguiram pelas ruas já quase desertas, afastando-se das casas e becos, até avistarem a mata que cercava Taubaté. Embrenharam-se entre as árvores e caminharam durante alguns minutos, em uma trajetória que logo Inácio descobriu ser levemente circular. A distância purgava a feiura das casas pálidas e acanhadas. O toque do sino de correr não o assustou. Embora soubesse que afrontavam as leis da colônia, o menino não se sentia intimidado. Diogo seguia adiante, evitando as trilhas abertas e atento para os sons da mata. Por vezes parou, como se procurasse algo escondido no breu, para prosseguir com cautela redobrada.

O jovem estancou sem aviso. Entre as folhas e troncos viram o caminho que levava à vila. Haviam contornado Taubaté e se encontravam ocultos, a poucos metros de seu acesso principal. Foi quando ele retirou o mosquete e o engatilhou.

— Sabe usar isso? — sussurrou Diogo.

Inácio respondeu com um rápido movimento de cabeça.

— Esteja alerta. Volto logo. Não saia daqui, mesmo que ouça tiros ou gritos. Não faça barulhos. E não se cague de medo. Se alguém se aproximar muito perto, atire e corra. Vosmecê tem apenas uma bala.

O menino demorou alguns instantes até perceber a missão que lhe fora confiada. Diogo percebeu sua hesitação e pousou a mão no ombro magro.

— O que estamos a procurar?

— Homens de Gregório. Não todo o Regimento, decerto. Apenas alguns. Em uma emboscada ridícula.

O coração de Inácio voltou a acelerar, socando as costelas. Aos dez anos estava próximo de um confronto direto com as tropas da Coroa, armado somente com um mosquete que apenas vira o patrão disparar e municar algumas vezes. Mas, ao contrário do que poderia imaginar, descobriu-se seguro ao sentir a suavidade do cano longo e envernizado e captar o cheiro aliciante da pólvora. O peso da arma, que o oprimia momentos atrás, desaparecera.

— Nhô disse emboscada? O que estão a guardar?

— O corpo de Rosário. Naquela árvore. A maior delas, logo à sua frente — respondeu Diogo, com inquietante naturalidade.

Foi então que Inácio viu o cadáver da escrava. Misturado à penumbra, os contornos humanos mal se destacavam. Ela estava

pendurada em uma corda, que rangia com o leve balançar do corpo, e mesmo à distância causava calafrios no menino.

— Volto logo.

— Aonde nhô vai? — perguntou Inácio, aterrorizado. Seus olhos arregalados pareciam ainda mais brancos no breu na noite.

Diogo não respondeu. Apenas limitou-se a afagar o ombro do menino, em um gesto acanhado e desajeitado, mas que surtiu um inesperado efeito, tranquilizando-o. Em seguida, levantou-se e foi engolido pela mata.

Os minutos seguintes foram irrealmente longos para Inácio. Ele rastreava a clareira adiante em busca dos soldados escondidos, mas sua visão era sempre atraída para Rosário e seu embalo monótono e hipnotizante. Não saberia precisar quanto tempo se passou até que a mão de Diogo tocou seu ombro, por pouco arrancando um grito da garganta ressequida.

— Agora, fique alerta, que a correria não tarda a começar.

O menino não imaginava a que o patrão se referia, embora nem sequer pensasse em questioná-lo. Mais uma eternidade se arrastou até que ouviu sons vindos da vila. Em princípio, apenas um burburinho. Vozes distantes e difusas, que cresciam gradualmente, sem no entanto, permitir decifrar seu significado. Uma palavra venceu o murmúrio indistinto e chegou aos seus ouvidos:

— Fogo!! Fogo!!

Outros homens se juntaram ao que soou o alerta. Inácio olhou sobre o ombro e avistou um brilho alaranjado e pulsante, que irradiava de algum ponto do centro de Taubaté. Diogo o cutucou e chamou sua atenção para a movimentação que já surgia adiante, apenas a alguns metros da árvore onde o cadáver de Rosário fora

pendurado. Subitamente, seis homens deixaram seus esconderijos na mata e dispararam em direção à vila. Eram soldados, ocultos entre arbustos e troncos. Inácio notou que o jovem sorria, contagiado por um entusiasmo juvenil — como uma criança que se diverte ao pregar uma peça nos mais velhos.

— Pretendiam emboscar os bugres que, no juízo de Gregório de Muniz, decerto se arriscariam para levar a fiel ajudadora — disse Diogo, antecipando-se a uma provável pergunta do menino.

— Por que ela ainda não foi enterrada?

— A pena para assassinos não termina na forca. Eles são deixados para apodrecer no alto de uma árvore até o 1º de novembro.

— E o que acontece no 1º de novembro?

— A Casa de Câmara permite que a Confraria da Misericórdia retire o que sobrou do infeliz e dê a ele um sepultamento cristão.

Inácio calou-se, digerindo as informações. Voltou-se para o patrão, que percebeu ainda fiapos da curiosidade infantil nos olhos arregalados.

— O que ainda quer saber? — perguntou Diogo, sem a costumeira impaciência.

— O que nhô quer fazer?

— Nós. Vosmecê e eu. Vamos tirar Rosário daquele galho. E enterrar o corpo longe dessa vila maldita. Tão logo esses lorpas desembestem para apagar o incêndio.

Inácio cresceu dentro de si. Agachado de mosquete em mão, o menino esqueceu-se de todas as lembranças perniciosas trazidas pela imagem de Diogo. A frieza do olhar, a rispidez nos gestos, o desdém diante do sofrimento, a acidez nas ordens sussurradas entre

os dentes — tudo foi soterrado por um sentimento que, se pudesse, Inácio despreveria como orgulho. Um sentimento que esconderia para sempre.

Diogo se valeu de uma artimanha tão simples quanto eficiente para desviar a atenção dos soldados do Regimento, que sabia estarem guardando o cadáver. Após deixar Inácio, esgueirou-se de volta pelos becos, usando as sombras para aproximar-se de um depósito de tecidos no centro da vila. A construção era a última de uma rua íngreme, onde dois quadrilheiros montavam guarda. O jovem aguardou pacientemente até que um deles se retirou para esvaziar a bexiga, enquanto o outro deixou o posto e prosseguiu com a ronda. Diogo contava tanto com a sorte quanto com a escassa vigilância de Taubaté para cumprir sua tarefa. Dos doze quadrilheiros nomeados pela Casa de Câmara, três morreram enfrentando a mula, tornando a tarefa de manter os moradores em suas casas ainda mais difícil.

Nesse momento, ele correu até o depósito. A rua ficaria deserta por pouco tempo — talvez apenas segundos — e Diogo agiu rapidamente. Das quatro janelas, duas eram pouco mais que tábuas encostadas e não resistiram ao serem forçadas. O jovem deslizou para o interior da casa e logo avistou a tênue chama de uma lamparina a iluminar o ambiente. Colocada sobre uma mesa em um dos cantos, mantida a fogo baixo e distante dos sacos de algodão, não parecia ser uma ameaça.

Diogo atirou a lamparina sobre os tecidos empilhados. Uma labareda subiu quando o óleo escorreu pelos sacos. O jovem voltou a abrir a janela, olhando para a rua deserta antes de abandonar o depósito. Toda a operação não levou mais que um minuto. Ao

retornar até o esconderijo onde Inácio o esperava, a construção já ardia e o fogo consumira todas as mercadorias estocadas. Os soldados escondidos na mata correram esbaforidos em direção ao incêndio que ameaçava queimar várias casas, abandonando a malfadada emboscada. Diogo e Inácio ainda permaneceram imóveis por alguns minutos até se assegurarem que todos os homens de Gregório tentavam agora evitar que o fogo reduzisse parte da vila a cinzas.

Caminharam com cautela. Antes mesmo de alcançar a árvore sentiram o cheiro nauseante de fezes e urina, liberadas em um último e involuntário movimento da escrava ao ser asfixiada pelo peso do carrasco. Na escuridão o rosto da negra ainda não estava visível, poupando-os de uma cena inquietante. Diogo retirou no bolso da camisa um lenço e o entregou a Inácio. O menino amarrou o pedaço de pano ao redor da cabeça, improvisando uma proteção contra o fedor. Permaneceram imóveis embaixo do corpo, olhando para o alto até que Diogo puxou uma faca e ordenou:

— Suba e corte a corda. Seja rápido.

Inácio respondeu prontamente. Acomodou a lâmina na cintura e em segundos escalou o tronco escorregadio, com a desenvoltura e a imprudência das crianças. A copa da árvore possibilitava um ângulo privilegiado da vila, e ele pôde ver que o brilho amarelado de instantes atrás se transformara em uma coluna de fogo despontando em meio ao casario. A posição elevada também propiciava outra imagem — uma visão que ele, se pudesse, evitaria.

Rosário o encarava com um olhar apalermado e medonho. O pescoço torcido em um ângulo excessivamente aberto pendia para o lado, e a garganta dilatada parecia estar a ponto de romper-se. O

rosto inchado trazia marcas de pancadas. Antes que se deixasse magnetizar, o menino puxou a faca e, com um único movimento, cortou a corda. O corpo despencou e surpreendeu Diogo, que não estendeu os braços a tempo de segurá-lo. Ele acomodou Rosário no colo, ignorando o mau cheiro, e esperou Inácio descer da árvore antes de iniciar a caminhada mata adentro.

Os dois seguiam calados a passos rápidos. O menino tinha dificuldades para acompanhar o ritmo do senhor, e vez por outra dava breves corridas, carregando o mosquete como um devotado escudeiro. Não parecia apavorado. Pelo contrário, a presença de Diogo transmitia-lhe segurança. Os sons da mata não o assustavam, e soldados do Regimento há muito tinham deixado de ser uma ameaça. Meia hora depois chegaram a um ponto na vegetação fechada, previamente escolhido pelo jovem. Apoiadas em um tronco, duas pás, ocultadas durante a tarde. Mal Rosário fora deixada sobre as folhas, Inácio e seu patrão já cavavam a terra úmida. A escolha não fora aleatória, como pensou o menino em princípio. Longe das clareiras e das trilhas, espremida entre duas árvores, a sepultura nunca seria encontrada.

Inácio não reclamou durante as horas seguintes, apesar do esforço exigido para o trabalho. Por precaução Diogo decidira enterrar o corpo no buraco mais fundo que seus braços pudessem abrir. Passava das duas da manhã quando o jovem deu-se por satisfeito. A cova tinha mais de um metro e meio de profundidade, e os dois tiveram de entrar para acomodar Rosário, embora apenas jogá-la parecesse a alternativa mais fácil. Sem dizer palavra alguma começaram cobrir a escrava. As primeiras porções de terra polvilharam o rosto, que desapareceu em segundos. Minutos depois

o buraco estava tapado. Diogo espalhou ainda um punhado de folhas secas e bateu a sola das botas com força sobre o solo, comprimindo o terreno ainda mais.

— O que nhô pode fazer contra a mula?

A pergunta de Inácio o pegou de surpresa. Os dois se encararam por alguns segundos, até que Diogo balançou a cabeça, deixando clara toda sua impotência.

— O sabre feriu a bicha. Nhô por pouco não matou, não foi?

O jovem continuou a pisar na terra, não para terminar de ocultar a sepultura, mas apenas por não saber o que dizer.

— O sabre feriu a mula, Inácio. Nada mais que isso. E vosmecê viu o que restou da lâmina.

— Nhô sabe o que pode fazer? — O menino agora acompanhava o patrão no pisotear desinteressado, olhando para o chão no escuro.

— Não. Não sei. Tiros, ela já recebeu à larga. Quiçá ninguém tenha a resposta para essa pergunta.

— Seu Cura há de ter — respondeu Inácio, sem muito entusiasmo.

— Quem?

— Seu Cura. O preto velho que tratou meu pai. Clara disse que ele é um homem santo.

Diogo lembrou-se da ladainha incompreensível do benzedor e da mistura de medo e repulsa em seus olhos ao se deparar com o forasteiro diante da pensão de Étienne. Pudera ele, a exemplo da uainuy, ver a sombra do Jurupari ao seu lado, como falara Amélia? A ideia que um escravo centenário fosse capaz de ajudá-lo a enfrentar uma besta como a mula era absurda. Seu Cura podia se revelar uma

aposta descabida. Um gesto de desespero, em tempos de desesperança.

— Onde mora esse velho?

— Na roça de uma tal Maria Pena — respondeu o menino, ditando em seguida as instruções para se chegar ao lugar.

O jovem anuiu e acariciou as carapinhas sujas de poeira. Um gesto que Diogo até o dia da sua morte não se recordaria de ter feito, e que Inácio jamais se lembraria de ter recebido.

## ***51. O último refúgio***

Depois de quatro dias na roça dos Meira, Catarina decidiu que chegara a hora de deixar a propriedade. Já se sentia recuperada. A ferida deixada pelo sabre do forasteiro fechara — embora suas entranhas ainda protestassem nos movimentos mais bruscos — e as refeições de Francisca a tinham reabilitado. Esse, no entanto, não era o principal motivo. Os olhares assustados das crianças a perseguiram por onde quer que fosse, e os animais debandavam ao menor sinal da viúva. O cachorro rondava a roça à distância, acuado, sem coragem sequer para rosar ao avistá-la.

Ela procurou Francisca nos fundos do casebre e revelou a intenção de ir embora antes mesmo do almoço.

— Mas como pretende seguir adiante sozinha? E ao anoitecer, como pensa em atravessar uma mata escura, e empestada de bugres e feras? Vosmecê sabe que é bem-vinda. As crianças são ariscas, como qualquer uma da idade. E os animais... Os animais não se aprazem com estranhos perto — suplicou a mulher, deixando claro que conhecia as razões da inquietação de Catarina.

A preocupação de Francisca era autêntica e comovente, mas a cada dia a propriedade dos Meira parecia-se mais e mais com a própria roça da viúva — estéril e desolada. Ela sentia que a maldição corrompia seu corpo e também cada palmo de terra onde insistisse em pisar. E isso ela não poderia permitir. A hospitalidade daqueles estanhos nunca poderia ser paga com desgraça.

Além disso, a madrugada da sexta-feira seria em dois dias e Catarina se deixava enraivecer por pouco ou quase nada. A mudança já operava dentro dela, a princípio discreta e difusa. Mas a ira cresceria até se tornar incontrolável. Desde sua chegada evitava encarar qualquer um dos moradores, em especial as crianças. Temia que elas, em sua sensibilidade incomum, captassem a bestialidade que borbulhava sob uma aparência de cordialidade e timidez. Podia inclusive jurar que uma das gêmeas, à sua maneira, conhecia seu segredo e seria a primeira a alertar Matias tão logo a viúva se tornasse uma ameaça ainda maior à família. No momento em que se viu esganando a menina em um devaneio insano não teve dúvidas da urgência de sua partida.

— Não tenha receio. Conheço essas paragens como meu próprio quintal. Já desfruto de vossa mercê há dias. Acredite em mim. Devo ir. Agora.

Francisca sentia-se dividida. Concordar com a decisão traria de volta a serenidade a seu lar. Por outro lado, era impossível ignorar que se afeiçoara àquela mulher — solitária, entristecida e frágil. As gêmeas acompanhavam o diálogo escondidas atrás de uma pilha de lenha, esgueirando entre as frestas das toras. Catarina pressentiu a desconfiança de uma delas e cravou as unhas nas coxas magras, sobre o tecido encardido do vestido.

— E quero que saiba da minha gratidão. Havia perdido a esperança de encontrar calor nos atos do povo dessa terra.

Elas se abraçaram, e Francisca teve a certeza que nunca mais a veria viva.

— Por favor, reflita — pediu, entristecida.

— Não posso.

— Mas sabe o que está a aguardar vosmecê.

— Sei, e há muito espero por isso.

— Vosmecê disse que não tinha mais ninguém. Esposo. Filhos. Amigos. Onde terá acolhida?

— Não tenho esposo. Ou filhos. Mas tenho alguém. Tive, em verdade...

— E é esse homem que quer procurar?

Catarina anuiu. Francisca manteve-se cabisbaixa por um longo instante, então fez um gesto para que a viúva a esperasse e correu até o casebre. Pouco mais de um minuto depois surgiu trazendo um saco em uma das mãos. Olhou para os lados antes de conduzir a viúva até o lanço de taipa, longe da curiosidade das filhas.

— Aqui tem um vestido, um bocado de farinha de peixe e toucinho. Leve também essa garrucha. Está carregada.

— Não há mister. Eu posso...

Francisca tampou a boca da hóspede com rispidez, como uma mãe que repreende duramente a filha. A gravidade em seu olhar não permitia recusa. Ela entrou no minúsculo depósito e o deixou com uma bolsa feita de pele de boi curtida, logo enchida com a água de um tonel.

— Peça perdão por mim a seu esposo. Diga que não pude esperar — rogou Catarina, acomodando o cantil em volta do peito.

— Direi. Direi. Tão logo volte da caçada com Emílio.

As duas se abraçaram apressadamente. A viúva tomou o rumo da picada que atravessava a ampla clareira diante da casa. Já se distanciara quando voltou, a passos rápidos, erguendo a barra do vestido ao passar por uma poça de lama. Francisca imaginou ter ela mudado de ideia ou retornado para despedir-se das gêmeas. No entanto, Catarina estancou a alguns passos da mulher e disse, em tom de súplica:

— Prometa que nunca buscará o que for tirado de vosmecê. Ou o que acreditava merecer. E que aceitará vosso destino.

— É tudo que tenho feito — respondeu Francisca, pesarosa.

Catarina deu de costas e seguiu pela trilha carregando o saco sobre os ombros. Em minutos a mata engoliu a picada, e a viúva deixou a vida dos Meira para sempre. A copa das árvores providenciou a sombra que tornou a caminhada menos extenuante. Após meia hora sentou-se em um tronco e matou a sede. A garrucha pesava no fundo do saco e ela a atirou para longe. Ao ouvir o objeto ser engolido pela vegetação rasteira lamentou ter aceito a oferta de Francisca. O gesto apenas serviu para privar os Meira da única arma que era mantida em casa durante as longas caçadas de Matias. Comeu um punhado da farinha de peixe e retomou a marcha. Não traçara plano algum. Pretendia passar os próximos dois dias escondida, longe dos roceiros que transitavam entre as dezenas de pequenas propriedades, mas perto o suficiente da vila. Com sorte e cautela poderia evitar ser vista até a noite da quinta-feira. Então, nada mais faria diferença.

Não se esquecera de Diogo, embora achasse que o fracasso das buscas tivesse arrefecido a determinação do forasteiro em achá-la. Provavelmente ele percorrera as cercanias de Taubaté durante os primeiros dias, até constatar que não poderia antecipar o último encontro entre os dois. Ainda divagava quando percebeu que tudo ao seu redor estava silencioso. Nem um único piar, coaxar ou guincho. Os pássaros, entocados em buracos com seus filhotes, e os macacos, refugiados nas copas das árvores, aguardavam a passagem da intrusa. Mesmo os animais peçonhentos pareciam evitá-la. Em uma terra onde cobras e aranhas matavam mais que

muitas doenças e desafiavam os moradores ao usar cada fresta ou canto sombrio como esconderijo, era um raro prazer poder percorrer a mata sem preocupação alguma. Ela sorriu, orgulhosa do privilégio concedido e prosseguiu a caminhada afastando-se da trilha.

Depois de duas horas um barulho adiante atraiu sua atenção. Catarina e uma jovem arañã nua se avistaram ao mesmo tempo. A mulher trazia um bebê no colo, agarrado ao peito murcho, enquanto três crianças a acompanhavam. A mais velha — um menino de cerca de dez anos — estava ferido na perna e abraçava um punhado de mangas. A índia subitamente empunhou um facão, sem convencer-se que a branca esmaecida à sua frente não representava uma ameaça. A arañã não emitiu som algum, mas os olhos arregalados deram à viúva a certeza que os homens adultos daquela família — fossem eles maridos, pais ou irmãos — haviam morrido ou sido capturados na cruzada insana de dom Gregório.

O menino agiu rápido, surpreendendo até a mãe. Largou as frutas e apanhou uma afiada lasca de rocha do tamanho de seu punho, arremessando-a em Catarina. A viúva também não esperava o ataque, mas a apenas dois dias da mudança seus sentidos e reflexos aos poucos já se corrompiam. Ela desviou a cabeça e a pedra passou a poucos centímetros de sua testa. As crianças buscaram abrigo atrás da mãe, acreditando que a reação seria implacável.

Aturdida e apiedada, Catarina encarou a arañã. Pressentiu que outro ataque era iminente e antes resolveu tomar a iniciativa. Levantou uma das mãos em sinal de placidez enquanto a outra estendia o saco e espalhava parte do conteúdo sobre as folhas. Em seguida deu alguns passos para trás, deixando claro que não

pretendia ferir ninguém daquela família. Eles permaneceram imóveis e a viúva viu-se obrigada a recuar ainda mais. O menino foi o único a aventurar-se. Sem desviar a atenção, agachou-se e recolheu no saco as tiras de toucinho e as mangas espalhadas no chão, retornando para perto da mãe. Olhou com cobiça para a bolsa que Catarina trazia no peito. Ela imaginou que cruzassem a mata sem nada para beber e pensou em dividir a água. Antes, porém, levantou o rosto para o alto. As nuvens eram pouco mais que tiras brancas desfiadas no céu muito azul, mas a viúva farejou chuva no dia seguinte. Haveria onde saciar a sede, pensou, guiada pelos instintos da mula. Então retirou a bolsa de couro e entregou para a aranha, que se desvencilhou por um instante dos filhos para receber o cantil.

O grupo começou a retirar-se de costas, desajeitado como uma criatura de oito pés. Haviam caminhado apenas alguns passos quando Catarina falou.

— Não tenho culpa. Não tenho culpa pelo que os soldados fizeram a vosmecês.

Os índios olharam confusos para a viúva. Ela tentou repetir as palavras em uma língua que os aranhas compreendessem, mas seu nheengatu era deficiente e eles continuaram recuando, temerosos.

— Eu não tenho culpa!!! Não quis esse destino!!! Não tenho culpa!!! — berrou Catarina, provocando a debandada da família.

Ela caiu de joelhos, alquebrada. O ódio secou as lágrimas antes que descessem pelo rosto sardento, impedindo-a de chorar. Lembrou-se de padre Miguel e das promessas vendidas pelos seus gestos carinhosos. Durante o curto romance ela considerara a possibilidade de propor uma louca fuga de Taubaté em busca de outra vila onde recomeçariam suas vidas. Tinha poucos bens de

valor — Cigano, a vaca permanentemente presa ao moinho e Rosário — e estava disposta a deixá-los para trás. Mas veio a covardia, o arrependimento. E a maldição.

Depois de um longo tempo Catarina levantou-se e passou a vagar na mata sem rumo. Já escurecia quando se deparou com um grupo de ocas abandonadas em meio a uma pequena clareira. Apenas uma delas ainda conservava parte da cobertura. As outras eram esqueletos esturricados pelo fogo, onde fiapos de palha teimavam em unir-se às frágeis ripas de madeira. Ela não pôde precisar quando ocorrera o ataque, mas uma pilha de toras enegrecidas e frias deu-lhe a certeza que aqueles índios haviam sido emboscados há pelo menos uma semana. Não havia corpos, embora respingos escuros salpicados na terra lembrassem sangue. Os pilões derrubados e as sementes espalhadas pelo terreno denunciavam o pandemônio vivido nos primeiros instantes da ação, certamente conduzida pelos homens de Gregório. Talvez a família com que se deparara buscasse refúgio após o massacre. Cacos de cerâmica e cestos esgarçados completavam o cenário de ruína na taba esquecida.

A viúva entrou na maloca. Preservado pelo ambiente abafado, o inconfundível cheiro de fumaça impregnava o interior. Demorou alguns segundos para os olhos se acostumarem às sombras, e então pôde caminhar sem tropeçar nos pequenos potes e peneiras deixados às pressas no chão. Logo encontrou uma gamela, que acomodou em um buraco na cobertura de palha. Quando a chuva chegasse no dia seguinte, poderia facilmente coletar água. No canto mais escuro da oca, distante da luz propiciada pela única abertura, Catarina encontrou uma esteira. Ao suspendê-la para retirar o pó

que se acumulava após dias sem uso viu uma grande e amarronzada mancha de sangue.

Encontrara seu refúgio. Não haveria o que comer, mas não tinha fome e não teria durante os próximos dias. Também não pretendia deixar a proteção da maloca semidestruída. Passaria ali as últimas horas antes da mudança. Como a aldeia provara a fúria do Regimento, certamente os soldados ignorariam um alvo já devastado em incursões anteriores. Nem mesmo Diogo a preocupava. Duvidava que o forasteiro ainda percorresse a mata à sua procura, embora faltasse pouco para a madrugada de sexta-feira.

Apenas padre Miguel ocupava seus pensamentos. Assim como era capaz de pressentir a chuva próxima, captava a presença do sacerdote a algumas léguas. Escutava o batimento do coração, alto e descompassado. Farejava o suor trilhando a pele e ensopando o hábito encardido. Catarina sentiu-se exausta. A fadiga se espalhou por braços e pernas, e a esteira pareceu convidativa. Depois de deitar, não deixaria a penumbra acolhedora até a madrugada de sexta-feira.

Antes de se recolher, caminhou lentamente até a abertura da oca para admirar o mundo com olhos humanos pela última vez. Maravilhada, viu a mata surgir avermelhada e ser sacudida por uma torrente de chamas que subia em colunas até o céu, tingindo o fim de tarde.

## ***52. Em busca de um alvo***

Os vereadores olhavam a corda cortada pendurada na copa da árvore com uma expressão abobalhada. Ao lado do grupo Gregório de Muniz buscava nas dezenas de rostos amedrontados ao redor um cúmplice oculto na multidão, que se comprazeria com o demérito do Regimento após o resgate do corpo de Rosário. As chamas chegaram às casas vizinhas, mas foram apagadas sem se alastrar pela vila. Ao amanhecer o incêndio havia sido vencido, ao custo de toda a produção de tecidos estocada no depósito. No entanto, nada pagaria a humilhação que ardia em cada soldado do destacamento e em especial no mestre de campo.

— Como pode estar certo que o negro não está implicado no ardil? Ele estava amancebado com a escrava!! — Dom Gregório não olhou para Armando Quintana ao perguntar, deixando clara a falta de convicção nas próprias palavras.

— Nenhum homem pode receber duzentas chibatadas e horas depois escalar uma árvore como um macaco. Se duvida mande alguém à pensão do francês. Decerto, encontrará o tal preto ainda a delirar.

— Foram os bugres! Os malditos bugres! Roubaram o corpo para prestar as últimas homenagens à negra, que há de ser mais que uma simples ajudadora. Quiçá até a líder desse bando de assassinos!

Dom Armando não escondeu o deboche na risada, encabulando o militar e fazendo com que por um breve instante ele se sentisse como o próprio capitão Ataíde, constantemente repreendido pelos excessos ou por comentários descabidos. O vereador caminhou até os outros membros da Casa de Câmara, enquanto Alfonso de Lisboa se aproximava do grupo. O juiz arfava quando se juntou aos oficiais, praguejando contra as dores nos ossos. Dom Tomé o recebeu e se encarregou de pô-lo a par dos eventos das últimas horas.

— E pensar que imaginei ser o incêndio a única surpresa na noite. Algum vestígio do cadáver?

— Um cabo do Regimento, bom conhecedor de rastros, disse que há algumas pegadas. Poucas, em verdade. E que se perdem alguns metros adiante. Se foram os bugres, apenas um punhado participou do resgate — respondeu dom Manoel.

— Se foram? Se foram?! Quem mais crê que pode ter ateado fogo ao depósito e roubado o corpo da maldita? — reagiu o mestre de campo.

— A autoria do incêndio não está sendo questionada, mas sim a aptidão de vossos homens. Desde que assumiram a responsabilidade pela defesa de Taubaté fracassaram em todas as missões confiadas. Foram incapazes de capturar um único bugre que confessasse os crimes. Assistiram apalermados ao fim do vigário. São tomados por parvos e ludibriados como crianças, no mais prenunciado dos embustes. E sequer conseguem pajear um defunto. Melhor seria ter deixado a vigilância das cercanias a porcos do mato — rosnou dom Armando.

— O que vossa excelência pretende? — perguntou dom Manoel, enquanto Gregório se encolhia. — Quiçá suspender a trégua

acordada com padre Miguel. Se os bugres insistem em nos acosar não há motivo para que a Coroa poupe os selvagens de serem caçados.

— A trégua será mantida.

— Mantida? — O mestre de campo voltou-se para o vereador. — Mas como, se nos humilham debaixo de nossas ventas e não...

— Vossas ventas, dom Gregório. Debaixo de vossas ventas. Desonrados foram vossos homens, não esta Casa de Câmara. A trégua será mantida e se na manhã de sexta-feira enterrarmos mais algum corpo eu assumirei pessoalmente os apresamentos e a caçada aos bugres. E a paz voltará a esta vila.

Nesse instante, o mestre de campo percebeu a intenção de Armando Quintana. Um visitante recém-chegado poderia julgar que presenciava um mero espetáculo de vaidades onde os oponentes, como pavões cortejando a mesma fêmea, assustavam rivais com a beleza intimidadora de suas penas coloridas. Entretanto, o vereador estava prestes a concentrar um poder com o qual jamais sonhara. A oposição do magistrado não mais o importunava. Alfonso Lisboa era um adversário desmoralizado. Sua impotência diante da turba durante o julgamento apenas evidenciara um processo contínuo de desgaste, iniciado com o malfadado plano de defesa de Taubaté há duas semanas. Da inépcia de Gregório de Muniz, se manipulada com habilidade, também viriam bons frutos. O Regimento tinha seu comandante e dom Armando não desejava assumir seu lugar. O que pretendia era despontar aos olhos do vice-rei em São Salvador como o mais confiável dos representantes da Coroa. Do reconhecimento certamente viriam novas concessões de minas, em substituição às lavras que já davam sinais de esgotamento.

Para tanto, porém, a trégua acordada entre os vereadores e padre Miguel não poderia ser levantada. Ao interceder em favor dos índios, o sacerdote imaginava apenas estar assegurando aos fiéis catequizados de sua freguesia momentos de paz no pandemônio promovido pelos soldados do Regimento. O mestre de campo deveria passar as horas entre a noite de quinta-feira e a madrugada seguinte longe das matas, na companhia de seus homens. A inaptidão do militar em capturar os inimigos da vila até então o tranquilizava. Mas a sorte de ambos poderia mudar sem aviso. As tropas não poderiam ter sucesso no que haviam falhado até então.

— E o que devo fazer? — perguntou Gregório.

— Nada. Ou, se assim desejar, pernoitar aquartelado com vossos homens sem ousar pôr os pés nas ruas. Taubaté já tem seus quadrilheiros — respondeu o vereador, apontando a vara para Lourenço. — O compromisso com o vigário será mantido. Caso ignore, não é a minha palavra. É a palavra de El Rei.

— O vigário está morto! Morto pelas mãos dos mesmos bugres que vossa excelência me proíbe de caçar!

— O vigário está na Igreja de São Francisco das Chagas a aguardar os fiéis para a próxima missa. Na manhã da sexta-feira irei encontrar vosmecê no quartel. Sairemos juntos em ronda, os dois, à busca de infelizes queimados. E se encontrarmos alguém — seja branco, preto ou bugre — assumirei o comando das próximas ações.

Os olhos empapuçados cresceram, e mais uma vez o mestre de campo murchou.

Dom Armando deixou a sombra da árvore e marchou em direção à vila, seguido de perto por Manoel Soares e pelo cortejo de soldados. O juiz e Tomé Barroso afastaram-se em busca de

privacidade, enquanto um sargento dispersava a multidão ao redor. Gregório de Muniz trincou os dentes e montou no cavalo, partindo pela trilha que levava à Taubaté. A galope, percorreu a distância até a pensão de Étienne em segundos. Desceu da montaria e subiu a escada, encontrando a porta aberta, como de costume.

O francês surpreendeu-se com a entrada abrupta do militar e por pouco não derrubou uma moringa cheia de água. Inácio e Rita, que descascavam uma pilha de mandioca sentados no chão de terra batida da casa, reagiram à maneira das crianças, prendendo a respiração e arrastando-se timidamente até encontrarem a parede. Para o menino, a visita inesperada significava que a aventura da noite anterior chegara aos ouvidos do mestre de campo. Visto de baixo, ele não era apenas um homem com quase dois metros de altura, mas sim um verdadeiro gigante, que correu o aposento com os olhos avermelhados. Enquanto imaginava a si próprio levado até a cadeia, Inácio agarrou com força a pequena faca usada para preparar as raízes. Gregório, no entanto, não destinou a ele mais atenção do que a dispensada ao mico que devorava um mamão sobre a mesa.

— Posso ajudar vossa excelência em alguma coisa? — Étienne curvava-se discretamente, conferindo à pergunta uma carga ainda maior de submissão.

— Onde está o negro?

Por uma fração de segundo, o francês cogitou inquirir o mestre de campo sobre as razões que o levavam a procurar João, mas a notícia sobre o desaparecimento do corpo de Rosário já se espalhara. A aparição do militar era, de certa forma, esperada.

— No quarto. Venha.

Os dois seguiram pelo corredor estreito, onde esbarraram em Clara. Intimidada, ela colocou as mãos sobre a barriga volumosa, como se pretendesse proteger o filho de uma ameaça, e deu passagem. Étienne abriu a porta e eles foram envolvidos pelo cheiro de fumo queimado, conforme ordenara Seu Cura. Gregório não escondeu o desconforto, tirando o chapéu tricórnio da cabeça e abanando o rosto para afastar a fumaça.

João estava deitado sobre a esteira, encolhido e sacudido por um tremor intenso. As pálpebras cerradas vibravam em uma velocidade espantosa, permitindo entrever lampejos dos olhos esbranquiçados. O militar caminhou até o escravo e inclinou o corpo, aproximando o rosto. Assim permaneceu por um instante, até convencer-se que seu sofrimento era autêntico.

— Ele deixou essa pensão em algum momento desde ontem?

— Não. Ele mal se move. Nem à secreta consegue ir, mesmo carregado.

O mestre de campo pareceu acreditar em Étienne. Antes de deixar o aposento acocorou-se próximo à esteira e conferiu com uma olhadela as costas marcadas pelo açoite.

— Quando despertar, diga que tenho mister de falar com ele. Não vejo motivo para mandar meus homens montarem guarda em frente a vossa pensão, mas ele não pode deixar essa casa sem que eu o interrogue. Nem a pretexto de recolher água do chafariz, está claro?

Sem hesitar, o francês assentiu e abriu caminho para Gregório, que voltou a respirar fundo ao encontrar-se novamente na sala.

— E vosmecê, Tião? Ouviu algo que possa ser de meu interesse?  
— perguntou o militar, colocando as duas mãos na cintura em uma

postura teatral e intimidadora.

— Sou um simples estalajadeiro, vossa excelência. Acolho apenas viajantes e tropeiros de passagem por Taubaté, que pouco sabem sobre nossa vila. E mesmo eles minguaram nesses tempos. Além de João e dois mascates, há dias ninguém procura minha hospedagem.

— E o paulista?

— Como?

— O paulista. O dono do negro.

— Ah! Dom Diogo.

— Ele se hospedou aqui, certo?

— Sim, sim. Mas apenas por um dia. Está na casa dos Vidal, como vossa excelência deve saber. Há alguma queixa contra ele? Dom Diogo me parece ser um homem digno.

— Vou até a residência do barão procurar o paulista. De todo modo, diga que desejo falar com ele — retrucou Gregório ao deixar a pensão, para alívio de Inácio.

O mestre de campo aprumou a peruca antes de montar no cavalo e rumar em direção ao sobrado. Felizmente dom Antero e seus filhos haviam saído, poupando Diogo de explicações sobre os motivos da visita de uma autoridade em sua casa. Um escravo levou o militar até o quarto do hóspede, que tentava cochilar para compensar a madrugada passada em claro. Ele abriu a porta tão logo o nome foi anunciado, mas Gregório irrompeu no aposento, sem dar-lhe tempo sequer de cumprimentá-lo com a costumeira reverência.

— Não saia de Taubaté sem meu permissão. Não há restrição alguma a vosso deslocamento dentro da vila, e até nas cercanias das

roças mais próximas, mas está proibido de partir — comunicou Gregório, com o olhar severo.

— E qual a razão da minha detenção?

— Se quisesse vosmecê preso, estaria na cadeia da Casa de Câmara.

— Então, por que não posso ir embora quando pretender?

— A amásia de vosso escravo foi levada pelos bugres, e não sou ingênuo como dom Alfonso. O preto ainda guarda segredos. Quiçá vosmecê também.

Diogo considerou a possibilidade de rebater as insinuações. Poderia lembrar que pisara na vila há duas semanas e sequer presenciara metade dos enterros, ou então apelar para o sangue português em suas veias, herdado dos avós. No entanto, qualquer argumentação prolongaria perigosamente a conversa, uma vez que o barão voltaria em minutos. Além disso, estava diante de um homem pronto a considerar como afrontas não apenas provocações — explícitas ou não — mas também qualquer discordância. O sumiço do cadáver de Rosário fora um golpe duro para o Regimento e em especial, para o mestre de campo. Humilhado e furioso, ele procurava um alvo em Taubaté, e encolher-se era a melhor maneira de dificultar-lhe a pontaria. Havia mais um motivo para a aparente pusilanimidade. Em três dias encontraria Catarina e desejava evitar a todo custo despertar a desconfiança das autoridades. Gregório não tomaria atitudes drásticas como mandar pô-lo a ferros baseado apenas em seu instinto, mas poderia colocar sentinelas na porta do sobrado, arruinando seus planos para a madrugada de sexta-feira.

— Vossa senhoria verá não ter razão para suspeição, e aguardarei em Taubaté que faça novo juízo de mim.

O mestre de campo vasculhou os olhos de Diogo antes de abrir a porta e deixar o sobrado. Novamente só, deitou-se na cama e voltou a considerar a sugestão de Inácio. No dia seguinte pretendia procurar o benzedeiro, embora não soubesse o quealaria diante de Seu Cura. Enquanto pensava no encontro, rendeu-se à fadiga e dormiu profundamente.

## ***53. A língua dos anjos***

Não foi difícil para Diogo encontrar a roça de Maria Pena, onde Seu Cura passava os dias mastigando fumo e entalhando flautas em pequenos pedaços de madeira. Endividada, a dona da propriedade alforriara a maior parte dos escravos. Não liberto e sem condições de desempenhar tarefa alguma o velho permaneceu, contando com a benevolência da família para as refeições diárias. Frequentemente era chamado para cuidar de enfermos — quase sempre negros ou mulatos, embora brancos mais pobres também recorressem a ele. Além dos costumeiros ferimentos de castigos, Seu Cura também socorria disenterias, febres, queimaduras e picadas de cobras, com a ajuda de um arsenal de ervas, folhas e raízes guardadas em um baú no casebre onde morava com duas netas.

Os escravos reagiram à chegada do forasteiro com inquietação. Haviam presenciado o enforcamento de Rosário e a imolação de João e se esconderam quando ele surgiu montado em Brabo, entre a fileira de casas acanhadas e irregularmente erguidas com suas paredes tortas afrontando o prumo e as janelas de tábuas talhadas sem capricho algum. Seu Cura dava os últimos retoques em uma flauta aguardada com ansiedade por um grupo de crianças negras e brancas. Tão logo receberam o presente, debandaram entre gritos agudos e risadas, deixando-o a sós com o estranho.

— Vim ver vosmecê. Tenho mister de conversar — disse Diogo, antes mesmo de desmontar. Ele preferiu segurar o cavalo pelas rédeas a amarrá-lo a uma árvore próxima, deixando claro que pretendia abreviar ao máximo a conversa. Ainda não acreditava que o velho pudesse ser de alguma valia, mas a sexta-feira se aproximava e em breve encontraria Catarina mais uma vez, sem que nenhuma fraqueza da mula se tornasse evidente.

Seu Cura olhou para cima com dificuldade. Sentado na soleira da porta de sua casa, encarava diretamente o sol que despontava atrás dos ombros de Diogo. O jovem deu um passo para o lado, produzindo uma sombra providencial e bloqueando o brilho incômodo.

— Por que vosmecê acredita que posso ajudar? — murmurou o velho, umedecendo os lábios rachados.

Diogo abaixou a cabeça por um instante, desolado.

— Tem razão. Não pode me ajudar. Não sem saber o que enfrento.

— Vosmecê se engana. Conheço vossos inimigos. O novo e o antigo.

O jovem recuou, atordoado com as palavras do escravo. Viu que ele olhava fixamente para um ponto alguns metros atrás. Diogo virou-se e descobriu a criança dos dentes pretos parada entre a fileira de casebres. O Diabo parecia intrigado e a desconfiança envelheceu seu semblante infantil. Brabo reagiu, recuando com violência e desequilibrando o dono, que ainda segurava as rédeas.

— Ele é uma sombra. Sempre a vosso lado.

— Vosmecê vê o mesmo que eu?

— Não. Cada um vê o que suporta.

— O que vosmecê vê, então?

— Cada um vê o que suporta — repetiu Seu Cura, sem entusiasmo. — Mas não veio até minha casa para tratar dele.

— Não.

O velho tossiu e deu uma cusparada escura no chão. O Diabo mancou até eles e o jovem sentiu um calafrio quando percebeu Seu Cura acompanhar com os olhos o movimento.

— A mula é impura, como vosmecê. Corrompida. Uma coisa imunda, em uma terra de imundiças. Ainda acredita que pode matar algo assim?

— Ela mal sentiu os tiros, mas o sabre a fez gritar.

— Quantos foram mortos pela mesma lâmina? Bugres. Pretos. Brancos? Quanto sangue fez verter? Quantas esposas, mães e filhos fez chorar? É com essa arma que quer vencer uma coisa nascida dos vícios dos homens? Logo vosmecê, o mais sujo de todos?

Ele cuspiu de novo — dessa vez, um escarro ruidoso — e voltou a encarar Diogo, que ouvia tudo, constrangido.

— O que falta em vosmecê e em vosso sabre também falta na besta. Pureza. E pureza não pode ser forjada.

— Não em uma pessoa — retorquiou o jovem, subitamente iluminado pelas palavras de Seu Cura.

O escravo foi sacudido por um novo acesso de tosse. Diogo julgava ter compreendido a mensagem. Ainda teria de tomar as providências necessárias, mas um lampejo de ânimo cresceu, após dias de desalento. Não havia garantia alguma que a estratégia teria sucesso. Tudo poderia ser apenas um estratagema para levar à morte o carrasco de João e de tantos outros negros, cujos castigos perdiam-se na memória de quem segurava o chicote após alguns

copos de aguardente ou uma boa noite de sono. Diogo, no entanto, confiava no velho, talvez por ser ele, nas palavras de Clara, um homem santo, a quem não era sequer permitido mentir. Além disso, o plano tinha uma lógica assustadoramente simples.

Diogo estava prestes a se despedir com um aceno de cabeça quando captou a inquietante imagem da criança dos dentes pretos, dessa vez com o canto dos olhos. Ela havia caminhado até a soleira da porta, a poucos passos de Seu Cura, e o fitava com curiosidade e indisfarçável ira. O escravo percebeu a aproximação do Diabo, mas não pareceu incomodar-se. Os dedos longos e trêmulos agarraram um pedaço de bambu e começaram a escavar displicentemente a madeira com uma pequena faca.

— Ele pode ser vencido? — perguntou Diogo, surpreendendo o inimigo.

— Ele é como a sarna. Tem mister de um couro sujo para brotar — respondeu o negro, com nítido desdém. — É em almas como a vossa, cheias de nódoa, que ele vive.

— Ele pode ser vencido?

Antes de Seu Cura erguer o rosto enrugado da flauta que começava a tomar forma o Diabo já sorria, desavergonhadamente.

— Não.

— Então, ele está em todos os lugares. E tudo pode. Como vosso Deus. — A desolação fez as palavras de Diogo saírem arrastadas.

— Ele habita em um lugar, e somente um. No vício dos homens. E pode apenas o que vosmecês podem, pois opera por vossas mãos.

— Se o que diz é verdade, isso é prova de fraqueza, não de fortaleza. E sou tão escravo dele quanto ele é meu. E ele pode ser vencido.

— Não. Não enquanto o homem tiver vícios. E mãos.

O inimigo encarou sua presa com arrogância e júbilo. Seu Cura levantou-se com dificuldade, dando as costas para o forasteiro, que interpretou o gesto como uma despedida. Diogo subiu em Brabo e disparou em direção à pensão. Encontrou Étienne sentado na escada da casa. O francês depenava uma galinha acomodada em uma gamela entre as pernas. Ao avistá-lo no cavalo, interrompeu o trabalho e deu um demorado gole em uma caneca de aguardente.

— Como está João?

— Melhor. Teve febre mui alta até ontem à noite, mas ele é forte. Em um dia ou dois já deve estar de pé.

— Que esteja são até a noite de quinta-feira.

— Por quê? Tem mister de ajuda para mais uma de vossas missões madrugada adentro? — A irritação na voz de Étienne era nítida.

— Em verdade, Tião, a missão é dele, não minha. Chame Inácio.

O francês atirou a gamela à distância antes de se levantar. A galinha rolou pelos degraus enquanto ele entrava na pensão. Segundos depois, o menino surgia.

— Corra até o ferreiro mais perto daqui e pergunte se ele pode fabricar um sabre até a tarde de quinta-feira. Uma peça simples, sem requinte algum. Apenas um sabre.

Inácio assentiu e desapareceu pelas ruas, levantando poeira com as sandálias. Diogo sentou-se em um tronco e aceitou uma caneca de bebida oferecida pelo francês. Antes das dez horas, a vila já fervia com o peso do sol. O jovem tirou o chapéu e se abanou, saboreando a brisa com os olhos cerrados. Étienne caminhou até a

galinha depenada, jogou-a na gamela e acocorou-se ao lado do forasteiro.

— Já deve saber que o corpo de Rosário sumiu.

— Toda Taubaté sabe, Tião.

— E quem acredita que possa ser inculpado? — perguntou, deixando a malícia escorrer pelo queixo barbado junto com a aguardente.

— Os bugres. Os mesmos que queimaram o depósito e por pouco não destruíram a vila inteira. Mas por sorte temos soldados da estirpe de dom Gregório para nos proteger. E sacerdotes castos e dignos como padre Miguel a velar por nossa alma imortal — respondeu Diogo, antes de entornar a bebida de uma só vez e servir-se de outra dose.

Ele enfiou então os dedos no bolso da camisa e tirou um punhado de moedas, empilhando-as em um dos degraus da escada.

— Vosmecê bebe como meu convidado. Não quero receber nenhuma pataca.

— Essa é a paga pela hospedagem. João e Inácio estão aqui há quase uma semana, e não me apraz ter dívidas.

Os dois se calaram. O jovem deliciava-se com o gosto forte da cachaça quando Étienne o alertou.

— O mestre de campo procurou por vosmecê.

— Já falei com Gregório, ontem pela manhã.

— E hoje, por onde andou?

— Ao encontro do tal Seu Cura. Inácio mostrou onde ele mora.

O dono da pensão virou-se lentamente, sem ocultar a incredulidade. Diogo percebeu estranheza no rosto suado do francês e adiantou-se em desfazer qualquer mal-entendido.

— Se acalme. Nem tratei de João. Tenho outras preocupações, que importam apenas a mim.

— Então vosmecê conversou com Seu Cura. E o que ouviu dele?

— O tom da voz agora era de deboche, o que inquietou o jovem.

— Como disse, assuntos que preocupam apenas a mim. Por quê?

— Porque, meu caro, vosmecê é um louco. Ou um mentiroso.

Diogo já se preparava para reagir à ofensa quando o francês levantou-se.

— Seu Cura não fala. Ao menos, não uma língua que vosmecê possa entender. Ele veio de Angola, e sempre usou o banto. Uma insolência que custou muitas e muitas chibatadas. Compreendia cada palavra do português, mas não se rendeu ao idioma. Também nunca se recusou a tratar doente algum. Pretos, brancos ou gentios. Um dia, há quarenta anos ou mais, foi surpreendido por um senhor de engenho ensinando banto a um de seus filhos. Ele ordenou que um feitor o fizesse morder um bocado de carvão em brasa. E desde esse dia Seu Cura fala a língua dos anjos, como as gentes daqui dizem. Então, dom Diogo. Vosmecê é louco ou mentiroso?

O jovem pasmou-se, incapaz de responder. Não havia testemunhas da conversa travada com o escravo. Além de Brabo — e da criança dos dentes pretos — ninguém estivera a seu lado durante o encontro. Ele, no entanto, tinha certeza que não delirara. Recordava-se de cada palavra pronunciada pelo velho. Aturdido, chegou a cogitar que o diálogo fora uma artimanha do inimigo, mas a lembrança da risada obscena do Diabo o demoveu da ideia. Antes de entrar na pensão, Étienne prosseguiu, sem olhar para trás.

— Meses depois Seu Cura acudiu uma mulher prenhe. A pobre fora picada na perna por uma cobra e desenganada pelo prático. Era

a esposa do feitor. Ele chupou cada gota do veneno e fez o parto. Colocou a criança no colo do pai e voltou para a senzala. O feitor se enforcou na mesma noite.

— Étienne... Não...

— Se quiser, espere aqui por Inácio. A oficina de Simão não é longe e ele não tarda a voltar.

A menção ao nome fez o último gole de aguardente descer amargo pela garganta. Ele lembrou-se do rol de malditos cantado pelo inimigo no dia seguinte à chegada da tropa à pensão.

*Já o ferreiro Simão, um tal Antônio Pacheco, que compra mandioca dos roceiros, e tantos outros usam negrinhos. E curumins — meninos ou meninas.*

Diogo levantou-se em um salto. Desceu a escada atordoado e ia seguir pela rua, até perceber que não sabia como chegar à oficina.

— Onde trabalha esse tal Simão?!

— O quê ?

— O ferreiro, Tião!! Onde ele trabalha?!

Étienne estava prestes a insistir no motivo da inusitada pergunta, mas a urgência nos olhos do forasteiro o fez desistir. Seja qual fosse a razão de tamanha pressa, ele teria de descobrir em outro momento.

— Siga adiante. Após uma estrebaria, vire à esquerda. É a última casa antes do beco.

O jovem atravessou as ruas em uma disparada enlouquecida, embora se questionasse sobre o porquê de deixar-se guiar por uma revelação do próprio Diabo. A criança dos dentes pretos já provara que sabia usar com maestria não apenas as mentiras, mas também as verdades, quando perturbadoras.

Chegou ofegante ao destino. Apenas um casebre com paredes caiadas sem esmero e um punhado de ferramentas apoiadas em um balcão acanhado. Pás, enxadas, facões e dezenas de ferraduras penduradas enfeitavam a fachada. Não havia ninguém na sacada e a rua estava praticamente deserta. Ele subiu os poucos degraus em silêncio, imaginando que gritar o nome de Inácio pudesse alertá-lo. A porta fechada não cedeu ao ser forçada. Diogo circundou a casa, atento para sons vindos do interior, mas não escutou ruído algum. Nos fundos ficava um pequeno quintal com fileiras de cenouras e batatas despontando da terra úmida. Lá havia outra porta, entreaberta. Já dentro da oficina, Diogo viu-se em uma cozinha sombria fedendo a peixe e frutas estragadas. Um som adiante chamou sua atenção. Um sussurro, produzido no cômodo à frente. Ele segurou a arma presa no cinto e entrou.

Inácio estava de pé, estático, diante de alguém ajoelhado. Simão era um homem calvo e magro, com uma barba farta e desgrenhada que se unia aos pelos do peito. A pele branca, após décadas exposta ao sol inclemente da colônia, talvez nunca votasse à cor original. Estava sem camisa, e segurava docilmente o braço do menino com uma das mãos. A outra desaparecera dentro da própria calça.

Diogo acertou um chute em suas costas, desequilibrando-o. Simão voltou-se para o agressor, a tempo de ser golpeado com violência pela garrucha no rosto. Uma segunda pancada quebrou-lhe o nariz e o homem desmaiou, enquanto o sangue correu pelas narinas.

— Vosmecê está bem? — perguntou a Inácio, que despertara do estado de estupor que o congelara.

— Vosmecê está bem?! Ele tocou em vosmecê? Em alguma parte de vosso corpo? — insistiu, diante da mudez apavorada do menino.

Inácio balançou a cabeça, apontando para o braço.

— Vigie a porta dos fundos. Deve ouvir gritos, mas não entre aqui.

O menino obedeceu e o deixou a sós com o ferreiro. Simão começou a balbuciar, dando sinais que em breve despertaria. Diogo agiu sem hesitar. Arrastou-o até um grosso tronco que sustentava a estrutura do teto e vasculhou a penumbra em busca de uma corda. Em segundos as mãos do homem estavam amarradas para trás ao redor da viga, em um aperto tão forte que deixava marcas na pele. Um tapa no rosto ajudou Simão a recobrar a consciência. Ele olhou para o estranho à sua frente e pela expressão apalermada, deixou claro que o desconhecia.

— Não sabe quem sou eu, mas eu sei que é vosmecê — disse Diogo, pressionando ainda mais os nós nos punhos e arrancando um grito do ferreiro.

— O que faz na minha casa?! Se quer roubar alguma coisa saiba que o juiz não é tolerante com ladrões! — gritou, sem esconder o desespero na voz. Sozinho em sua oficina e temeroso que os vizinhos não o escutassem, via na intimidação a única chance de expulsar o agressor.

— E como ele trata devassos? O que reserva a quem deita com crianças?

A acusação o petrificou. Diogo levantou-se e arrancou de um varal um pano ainda úmido.

— O que pretende fazer? — perguntou, enquanto via o estranho enrolar o pedaço de tecido.

A resposta veio quando o jovem ajoelhou-se e puxou as calças do ferreiro até os tornozelos. Suas intenções se tornavam assustadoramente claras, mas Simão não conseguiu gritar por socorro. A mordaca improvisada foi enfiada na boca, obrigando-o a respirar pelo nariz ensanguentado. Ele começou a espernear descontroladamente, e Diogo respondeu com outro golpe no nariz.

— Se procura por piedade, implora para o homem errado.

Diogo agarrou o punhal, lutando contra o asco que ameaçava minar seu ímpeto. No entanto, o sofrimento de incontáveis vítimas, tão claro em sua mente graças à iluminação do Diabo, sufocou a tênue hesitação. Em sua fúria não viu a criança dos dentes pretos brotando de um canto sombrio, deliciada com a barbárie iminente.

A perícia adquirida no auxílio a inúmeras castrações de porcos deu precisão a seus movimentos. Apenas dois talhos foram suficientes para arrancar um dos testículos de Simão, ensopando o chão de terra batida com o sangue que minava do corte. O homem urrava e chorava, enquanto escoiceava o vazio com as pernas já trêmulas. Estava próximo a perder a consciência, mas arregalou os olhos ao sentir o toque frio da lâmina no rosto.

— Escolha outra vida. Meu escravo já emprenhou três com um só grão. Quando encontrar uma criança, seja ela branca, preta ou bugra, fuja como se visse o próprio Satanás. Não moro nesta vila e devo partir logo, mas meus amigos hão de me informar sobre cada passo que der em Taubaté. Ignore esse aviso e volto para terminar o serviço.

Já de pé, o jovem contornou a viga e cortou a corda que mantinha Simão imobilizado. Livres, as mãos procuraram a virilha, pressionando o ferimento para conter a hemorragia. O ferreiro

estava lívido, rosto macilento banhado de suor. O choro desesperado agora era um longo soluço, e as pernas foram tomadas por espasmos.

— Não se levante agora ou sangrará até morrer e se o quisesse morto cortaria vossa garganta. Irá viver e há de se lembrar para sempre do dia de hoje. Não quero vosmecê de volta às ruas até a manhã de sexta-feira. E se eu for abordado por Gregório ou um de seus homens, furo vossos olhos.

O jovem limpou a lâmina na calça do ferreiro, lavou o sangue das mãos na água de um barril e deixou o cômodo, certo que Simão acreditara em cada uma de suas palavras. Inácio aguardava perto do fogão, ao lado da porta, e o seguiu para fora do casebre.

— Existe outra oficina nessa vila? — perguntou Diogo, segurando com firmeza o braço mirrado pelo cotovelo.

O menino anuiu e foi puxado com rispidez pela rua, por pouco não tropeçando nos próprios pés. Quando chegaram ao destino, Diogo já apertava com força a mão de Inácio.

## ***54. A semente e o joio***

Caetano encontrou padre Miguel sentado em sua cama no catre acanhado. Com a nave da igreja tomada por almas, o aposento havia se tornado seu único refúgio. A certeza que seria seguido o mantinha afastado da sombra da jabuticabeira, e mesmo os costumeiros passeios nas ruas de Taubaté, em que levava conforto aos fiéis com meros sorrisos ou acenos, foram abandonados. Desde o enforcamento de Rosário a rotina do sacerdote limitava-se a rezar missas com mecânico desinteresse, repetindo aleatoriamente parábolas bíblicas ou versículos. Durante os sermões vazios nunca levantava o rosto, evitando o confronto com os mortos que o acoassavam.

À medida que a madrugada da sexta-feira se aproximava o fluxo de crentes aumentava, roubando do sacerdote preciosos momentos de descanso. O ritmo das confissões não diminuía, a despeito de a vila contar agora apenas com um confessor. Os casamentos foram suspensos por iniciativa dos moradores, que pareciam ver como fadada ao infortúnio qualquer união celebrada naqueles dias. O mesmo acontecera com os batizados. Até as extremas unções minguaram. Como se a própria Morte poupasse esforços e ímpeto para os dias seguintes, pensou padre Miguel.

— Vossa senhoria deve comer algo. Não o vejo mastigar nada há dias.

— Não posso comer sem fome.

— Vossa senhoria não percebe, mas o vigor já deixou vosso corpo. Se insistir nesse jejum pode desfalecer durante uma missa.

— Serei sempre grato pelos cuidados que vosmecê dispensa a mim — disse padre Miguel, com um sorriso débil.

— Não dispenso cuidados a vossa senhoria, mas aos sacerdotes da freguesia. Trarei vosso almoço em breve. A oração das *sextas* começa em menos de uma hora — retrucou Caetano ao fechar a porta.

A aspereza do sacristão não o intrigava mais. Imaginava o conflito que se apoderava daquele homem, obrigado a servir um vigário vacilante e inexperiente. Poderia Caetano suspeitar do romance com Catarina? Embora a dúvida fosse assustadora ele concluiu que se o açoriano soubesse de algo não hesitaria em reportar o caso a padre Gonçalo. O sacerdote pendeu a cabeça, fatigado pela falta de comida e por dias sem sono, e cochilou durante alguns minutos. O barulho do trinco o despertou, e ele levantou-se para receber a refeição preparada pelo sacristão. Mas quem se esgueirou pela porta entreaberta foi Diogo, trancando-a em seguida.

Padre Miguel projetou o corpo, como se pretendesse abrir caminho. A fúria no rosto do jovem o fez desistir.

— Sente. Temos assuntos a tratar.

— Não posso ajudar vosmecê! Não sei como derrotar a mula!

— Deveria saber, pois criou essa besta dos infernos.

— Ela é invencível!

— Não creio nisso, mormente depois que enfiei um sabre na sua carne — refutou Diogo, mostrando a queimadura na mão. — Se ela grita, sente dor. E se sente dor, pode ser morta. Mas isso não me inquieta mais. Não vim aqui para pedir orientação alguma.

— O que quer, então?

— Amanhã à noite entraremos na mata. Nós dois.

Os olhos de padre Miguel marejaram com as palavras. Ele relutou em balbucios, mas Diogo permaneceu impassível. A ideia de deparar-se com a mesma ameaça que tirara a vida de seu mentor o petrificou e se perguntou o temia mais: Catarina em sua forma humana ou transmutada em mula.

— Mas por quê?

— Isso começou com vosmecê, e há de terminar com vosmecê. Não há outro modo, e bem sabe disso. Ela é cria de vosso desejo.

— Pode matar a mula?

— Tenho esperança que sim.

— Então por que tem mister de minha ajuda?

— Ela espera por isso, desde a madrugada da primeira sexta-feira. Vossa concubina não corre as matas em busca de redenção. Ela procura pelo amado, que insiste em se esconder nos fundos de uma igreja enquanto inocentes morrem à larga. Esse é o preço de vosso maldito arbítrio.

— É o que vosmecê é!! Um maldito!! Eu nunca seguirei vosmecê em aventura alguma!! Tente fazer mal a mim e haverá de enfrentar a Casa de Câmara!! — reagiu o sacerdote, com falsa altivez.

— Se diz isso é por que crê que qualquer testemunho de vosso romance morreu com Rosário.

— Sim! É verdade!! A escrava está morta, e apenas ela presenciou minha fraqueza!

— Étienne conhece toda a história. E João.

— Os vereadores nunca acreditarão em um francês, bêbado e adulator de negros! Ou em um escravo, que escapou da forca por misericórdia de um juiz irresoluto! Ou mesmo em vosmecê, um paulista que cruza a capitania sem rumo ou posses!

Padre Miguel transpirava quando terminou seu manifesto. Sentia-se sujo, violentado e invadido por uma vergonha que o emudeceu, incapaz de se sobrepor a vícios dos quais julgava estar a salvo. Percebeu que em algum momento entre sua chegada à colônia e o presente perdera a vocação e a fé. Além de palavras da Bíblia memorizadas e repetidas sem paixão, nada restara. A culpa talvez não fosse sua, ou mesmo de Catarina — uma alma atormentada como ele. Era daquela terra, um purgatório em vida.

— Não hei de espalhar segredo algum. Ou mesmo julgar vosmecê pelas falhas que cometeu. Isso é tarefa para vosso Deus. O que pretendo fazer é arrastar vosmecê na noite de quinta-feira. Pelos cabelos, se houver mister.

— Vosmecê quer que eu enfrente essa besta, mas não fui talhado para lutar. Sou apenas um padre...

— Então aja como um. É uma fiel esquecida que o espera nas matas.

Diogo puxou o trinco e não manifestou surpresa com a presença de Caetano, que parecia acompanhar o desenlace da conversa do outro lado da porta. Pelo volume dos gritos, ele provavelmente escutara o diálogo com clareza. Padre Miguel encolheu-se ao constatar que o açoriano poderia agora dividir com o forasteiro a

explicação para o infortúnio dos moradores da vila. Caetano encostou o corpo na parede, abrindo caminho para o visitante atravessar o corredor estreito, e colocou o almoço de padre Miguel sobre uma cadeira. Sem dirigir-lhe o olhar fechou a porta.

Ao entrar na nave da igreja, Diogo deparou-se com a criança dos dentes pretos, ao lado do altar. Algo atraía sua atenção, fazendo com que percorresse o ambiente com o olhar intrigado. O jovem, que com os anos descobrira raramente ser possível decifrar todas as intenções escondidas no semblante corrompido de seu filho, seguiu em direção à pesada porta principal, desviando de grupos de fiéis acomodados para as orações das sextas. Ao pisar na escadaria o Diabo já o esperava na rua.

Taubaté tentava vencer as horas que a separavam da madrugada de sexta-feira com naturalidade, embora a expectativa amordaçasse os homens e mulheres que transitavam encolhidos. A notícia da trégua concedida por dom Armando aos índios se espalhara, e alguns deles já deixavam as casas onde se abrigavam e aventuravam-se no mercado. Diogo aproveitou para vistoriar pessoalmente o serviço encomendado no dia anterior. O ferreiro era uma silhueta na oficina enevoada pela fumaça, vestindo apenas uma calça curta para suportar o calor do forno. Ele castigava uma lâmina avermelhada sobre uma bigorna com um pequeno martelo a intervalos regulares, em uma cadência monótona e capaz de enlouquecer um visitante não habituado ao trabalho nas cutelarias.

— Tenho mister de mais dois ou três dias. Vosso prazo é mui curto. Não terei tempo de recozer o aço ou sequer polir a lâmina. Nem uma boa empunhadura poderei fazer. — Os músculos do homem, talhados após anos de infinitos golpes no ferro, pareciam

pulsar de exaustão. Ele estava encharcado de suor e respirava com dificuldade.

— Não disponho de mais tempo. Voltarei amanhã à tarde.

— Na terça-feira prometo entregar a vosmecê a arma mais bela que essa colônia já viu. O sabre de um nobre — insistiu, com indisfarçável orgulho pela tradição de sua oficina.

— Não posso esperar tanto. Sei de vossa perícia e tenho certeza de que é capaz de produzir uma peça mais digna, mas na terça-feira deverei estar a léguas daqui.

O ferreiro olhou com desalento para a lâmina incandescente que começava a tomar forma. Lamentando a imperfeição que contaminaria sua obra, balançou a cabeça e continuou a martelar o metal. Imprimia aos golpes a frustração dos artistas inconformados com os caprichos dos ignorantes.

— Também não entendo por que me impede de atestar o fio da lâmina. Tenho por hábito enfiar todos os sabres que saem do forno em uma carcaça de porco pendurada nos fundos. Apenas para certificar a qualidade do corte. Se o motivo de tanta inquietação é a limpeza da peça, garanto que minhas armas deixam a forja brilhantes como um espelho de prata.

— Não se trata disso. A lâmina deve estar virgem.

— Pois virgem estará. Mas tenho um pedido. Não revele a ninguém que sou eu o responsável pelo fabrico do sabre. Não desejo ver meu nome escrito nessa cousa.

— Como queira.

Diogo deixou o ferreiro e dirigiu-se ao sobrado dos Vidal. O almoço já havia terminado, mas uma mucama se encarregou de providenciar um prato em seu quarto. Ele desculpou-se com o barão

de Piraitinga pelo atraso e recolheu-se para uma refeição tardia e solitária. A presença da criança dos dentes pretos não o incomodou. As postas de peixe e as porções de feijão e farinha foram devoradas com gula. Ainda mastigava quando ouviu a provocação do inimigo:

— Depois de castrar o ferreiro, invade uma igreja e ameaça o padre. É assim que quer resgatar vossa alma?

Diogo terminou a refeição sem pressa e somente respondeu após engolir os últimos bocados.

— Onde alguns veem um ferreiro e um padre, eu vejo dois homens corrompidos pela tentação.

— E acredita que pode punir os fracos, os que foram tentados e não resistiram? Vosmecê, que renegou o Altíssimo, desonrou a família e matou um filho em nome de riquezas? Um maldito entre tantos outros?

— Eu sei o que sou.

— O que semeia a boa semente é o filho do Homem. O joio são os filhos do maligno. De que lado vosmecê repousa?

— Minha missão não é semear o bem. Sacerdotes, essa terra já tem bastantes. Nem todos de valor, decerto — prosseguiu o jovem, dando a pergunta por respondida e bebendo de um só gole uma caneca de suco.

— E pretende usar o padre como chamariz para a mula.

Diogo calou-se. Sua cabeça começou a doer, reagindo ao debate indesejável. Deitou na cama sem tirar as botas e cerrou os olhos, buscando nos pensamentos lembranças capazes de aliviar o assédio do inimigo. Os rostos da família de Pero surgiram, e o jovem perguntou-se se suas filhas já estariam a caminho de Portugal, rumo à segurança de parentes ou amigos.

— E ainda busca na lâmina de um sabre a pureza d'alma que nunca carregou.

A odiosa insistência da criança dos dentes pretos fez as têmporas latejarem com mais vigor e ele se sentou no colchão, convencido que não conseguiria repousar.

— O benzedor convenceu vosmecê que pode vencer a mula com o corte de um sabre virgem. Se isso é verdade, livre a viúva da maldição. Apenas arranque um bocado de sangue e purgue a ira de vosso Deus. Faça dela humana para sempre, sem tirar sua vida — prosseguiu o Diabo, com enganosa solidariedade.

— Não.

— Por quê?

— Porque morrer é o que todo maldito quer.

Antes que a falsa criança retrucasse Diogo levantou-se de súbito e enxugou os lábios na manga da camisa, marchando em direção à porta. Encontrou Domingos e dois colegas da Academia na sala de estar. Juntou-se ao grupo para várias partidas de damas, ganhas sem entusiasmo ou perdidas por puro desleixo. O tema de todos os comentários era, como esperado, a madrugada de sexta-feira e seus desdobramentos imprevisíveis. Embora não se encontrassem entre os moradores dos desprotegidos casebres nos arredores da vila, os Brasíliaicos deixavam evidente a apreensão. Diogo não estava disposto a ouvir especulações sobre a origem dos ataques — uma afronta à verdade que lhe fora revelada — e desculpou-se por abandonar o grupo, alegando compromissos importantes.

O sino de correr somente seria ouvido em seis ou sete horas, e ainda havia preparativos para o encontro com a mula. Caminhou até a pensão de Étienne e buscou Brabo, que ergueu as orelhas em sinal

de contentamento ao ver o dono. A reação do animal o comoveu, e ele acariciou a crina macia com carinho. Em seguida, montou no cavalo e penetrou na mata.

## ***55. Dor***

Uma chuva torrencial caiu sobre Taubaté ao amanhecer da quinta-feira. Pesadas nuvens acinzentadas cobriram todo o céu, tornando a vila uma pintura opaca e de traços indistintos. Qualquer outro consideraria um temporal um mau presságio. Diogo, no entanto, que fora salvo por uma tempestade há exatos sete dias, sorriu ao ouvir os primeiros pingos bombardeando as telhas do sobrado dos Vidal. Não haveria muito que fazer nas próximas horas. Ele procurou manter-se ocupado em discussões com o barão de Piraitinga sobre a falência dos proprietários de engenhos — um tema que conhecia como poucos. Domingos e Bartolomeu juntaram-se aos dois na sala de jantar em uma acalorada conversa que invadiria a tarde. A baronesa e a única filha do casal, banidas do aposento pelo olhar grave do patriarca, deslizaram emudecidas como fantasmas em seus vestidos longos até a porta, deixando os homens a sós.

Apenas eles dividiram a mesa durante o almoço e as taças de licor que se seguiram. Escravos cabisbaixos recolheram os pratos, daquela que foi provavelmente a mais lauta refeição desde a chegada de Diogo ao sobrado. Para ele, a fartura do almoço — com leitões, patos e até um imenso pernil de carneiro enfileirados à sua frente — prenunciava a despedida da residência dos Vidal. No dia seguinte àquela mesma hora estaria morto ou a caminho de outra vila esquecida na capitania, com tropas em seu encalço. A certeza

de desfrutar pela última vez o fausto da família não foi o suficiente para que se empanturrasse. A noite em breve chegaria e com ela o desfecho de sua passagem por Taubaté.

Antes que o barão se levantasse da mesa, o jovem o convidou para uma última dose de licor na sacada do sobrado.

— Logo deixarei a companhia de vossa senhoria. Quiçá minha partida será súbita. Tenho assuntos a tratar fora da vila.

— Quando pretende ir? — O anúncio o deixara visivelmente intrigado.

— Em breve. Mui breve.guardo apenas a melhora de meu escravo. Mas não sei se terei outra oportunidade de expressar a contento todo meu agradecimento por vossa hospitalidade. Ou por vossos préstimos junto ao magistrado e à Casa de Câmara em nome de João.

— João?

— Meu escravo.

— Claro. Claro... — Dom Antero estava absorto em hipóteses para a decisão, mas não pretendia invadir a privacidade de um homem de poucas palavras como o forasteiro.

Diogo se inclinou discretamente e foi correspondido de pronto. Ele mal havia se afastado quando Domingos o interpelou.

— Não me tome por um mexeriqueiro, mas ouvi o que disse ao barão. Quando irá?

— Em breve.

— Não sou o tolo que meu pai acredita — disse o advogado, ressentido. — E vosmecê sabe que pode confiar em mim.

O jovem sorriu e aproximou-se da borda da sacada, até sentir os pingos de chuva nas mãos.

- Esta será minha última noite aqui. Parto amanhã cedo.
- Não há negócio algum a esperar vosmecê em outra vila.
- Amanhã não terei mais nada a fazer em Taubaté.
- Então, se a obrigação não chama, fique mais um ou dois dias.

Em nome de nossa amizade. E pelo calor da acolhida.

— É por nossa amizade que não posso ficar. Decerto vosmecê ouvirá cousas sobre mim.

— Devo acreditar que serão verdadeiras?

— Cada uma delas. Mas não me julgue. No futuro, nos encontraremos. Eu e vosmecê, em outro lugar. E quiçá, nesse dia, entenda meus motivos.

Domingos o fitou, desconfiado e temeroso. O jovem sorriu e apertou-lhe os ombros calorosamente. Os dois ignoraram a formalidade que mascarava as intenções dos bem criados e se abraçaram. Já a sós, Diogo sentou-se em uma cadeira na sacada, admirando o céu acinzentado. O temporal diminuía sua fúria, mas ainda descia sobre Taubaté.

Passava das cinco horas quando buscou em seu quarto duas garruchas e as guardou na algibeira, onde estariam escondidas dos olhares curiosos dos anfitriões e da água da chuva. O punhal foi acomodado no cinto, às suas costas. Indiferente aos pingos carregados pelo vento gelado rumou em direção à casa do ferreiro, enquanto suas botas chapinhavam na lama da rua deserta. Durante o trajeto não se deparou com mais de três ou quatro pessoas, apressadas em buscar um abrigo. Por pouco não trombou em um escravo que carregava seu senhor nas costas e lutava para manter equilibrado um guarda-chuva. Mesmo a salvo do rio de água barrenta que corria abaixo, o velho repreendeu o negro com um

ruidoso tabefe no rosto. O sino de correr demoraria a soar. Os moradores, no entanto, se escondiam em suas casas, de onde a luz das velas escapava pelas brechas das janelas de treliça. A madrugada de sexta-feira estava próxima e Diogo podia captar a tensão que fazia a vila pulsar como um imenso coração — oprimido e capaz de antecipar o desfecho dos eventos próximos.

A oficina irradiava um mormaço acolhedor em meio ao zunido arrepiante da chuva. O jovem encontrou o ferreiro limando distraidamente um estribo. Ao ver o cliente o homem levantou-se e buscou o sabre, pendurado em um prego na parede. Diogo se surpreendeu com o peso da arma. Apesar de ser forjada em aço e ter cerca de um metro, parecia muito leve. Ele a empunhou e sorriu. Em suas mãos, descrevia movimentos graciosos e precisos. Como o ferreiro adiantara, não houve tempo para pensar o metal mais vezes, como a boa metalurgia ordenava, e a peça não tinha o brilho das irmãs fabricadas com esmero, mas de certa forma era o mais belo sabre que já usara.

— A lâmina está virgem?

— Como Maria, Nossa Senhora — respondeu o ferreiro, fazendo instintivamente o sinal da cruz.

Diogo enfiou a mão na algibeira e retirou do fundo da bolsa um punhado de moedas que complementariam com sobra o adiantamento entregue dois dias antes, e voltou para o desconforto das ruas. Em minutos chegou à pensão, onde o francês o aguardava sentado na sacada. Desistira de evitar as goteiras que o perseguiram e recostou-se na viga de sustentação do telhado. Diogo percebeu que pela primeira vez desde sua chegada à vila Étienne não estava acompanhado da inseparável garrafa de aguardente.

— Chame João.

— Ele já espera por vosmecê. Pretende mesmo arriscar a vida de um escravo que escapou da morte e levar o infeliz para um passeio pelas ruas depois do toque do sino? — perguntou o francês, intrigado com o longo sabre que o jovem segurava.

Diogo retirou o chapéu, lavando o rosto nas gotas grossas. Étienne levantou-se enfurecido e entrou na casa. João surgiu minutos depois, curvado pelo peso das feridas em processo de cicatrização que tolhiam seus movimentos. O negro desceu as escadas e caminhou em direção ao patrão. A água da chuva penetrou nos cortes deixados pela chibata e ele se contorceu, embora o rosto permanecesse petrificado.

— Partimos amanhã cedo.

— Tião falou que nhô tinha uma missão para mim.

O jovem anuiu, esperando que João prosseguisse.

— Nhô sabe onde ele mora?

Uma estranha cumplicidade surgiu entre os dois. Uma intimidade modelada durante trinta anos, mas que até então se prestara apenas a anunciar pelo olhar ordens incontestáveis e castigos. Mais uma vez, Diogo assentiu.

— Essa é uma escolha que não cabe a mim. Se não quiser, vosmecê...

— Me leve até lá.

A reação de João não o desconcertou. Ele seguiu pelo córrego de lama entre as construções acanhadas, seguido de perto pelo negro. Logo avistaram o sobrado azul, arrogante e intimidador, entre o casario humilde. O sino ainda não havia tocado. Diogo decidiu aguardar em um beco a escuridão tomar as ruas e as improváveis

testemunhas buscarem o refúgio de seus lares. Em pouco tempo, o som metálico reverberou por Taubaté, impondo aos moradores o peso do toque de recolher. Não era a primeira vez que desafiava a proibição e soube aguardar com paciência até o silêncio absoluto se instalar. Logo diferenciou os ruídos de cães à procura de carcaças abandonadas dos passos dos quadrilheiros na monótona ronda de todas as noites. Em pensamento agradeceu pela ausência de soldados, aquartelados no Regimento por ordem dos vereadores. A presença de militares tornaria a tarefa de deslocar-se na vila muito mais difícil.

Embora a chuva voltasse a cair com mais força, nenhum dos dois tremia. Relâmpagos começaram a clarear o breu, seguidos do estrondo de trovões. João olhou para o patrão com indisfarçável ansiedade enquanto esperava a ordem para deixarem o esconderijo. Diogo, entretanto, era prudente e apenas saiu do beco quando teve certeza que não havia homens da Casa de Câmara capazes de surpreendê-los. Ele levantou-se e caminhou encolhido em direção ao sobrado enquanto imaginava uma maneira de forçar a entrada sem despertar a atenção dos quadrilheiros. Por isso mal acreditou quando viu o escravo marchar até a porta e arrombá-la com um único chute. Diogo o acompanhou e tentou acomodar as tábuas, agora presas por uma única dobradiça. A sala, iluminada por um punhado de velas em um castiçal de prata, era ampla. De um corredor à esquerda veio o som de passos.

Armando Quintana surgiu, atraído pelo barulho. Carregava uma lamparina e vestia apenas um camisolão. Atrás dele, um negro nu. Embora fosse alto e musculoso o escravo parecia acovardado e usava o vereador como escudo diante dos estranhos.

— Como ousam invadir minha casa?! Ignoram quem eu sou?!

A autoridade nos gritos era autêntica, assim como o ódio nos olhos empapuçados. As sobrancelhas perderam por um instante o aspecto delgado e feminino e se tornaram inquisidoras. Diogo tirou a garrucha da algibeira e apontou para o vereador, que aproximou a chama dos rostos dos invasores.

— Reconheço vosmecê! É o hóspede do barão de Piraitinga! E vosmecê também! O preto maldito que escapou da...

João acertou um potente soco na boca de dom Armando, que se desequilibrou e buscou os móveis ao redor. Agarrado em uma mesa, lutava para se apoiar quando um novo golpe, mais forte que o primeiro, o levou ao chão. O ataque surpreendeu o escravo nu, que recuou até a parede e derrubou um pequeno relicário. Diogo encurralou o cativo e encostou o cano da arma em seu peito ofegante.

— Como se chama?

— Tadeu...

— Há mais alguém na casa? Uma mucama?

— Não. Não hoje.

— Fuja, Tadeu. Ponha uma calça e se esconda até o amanhecer. Fuja, mas não seja visto por ninguém. Decerto, já fez isso muitas vezes, a pedido de dom Armando.

O escravo disparou em direção à cozinha, levando Diogo a crer que utilizaria uma porta nos fundos da casa, evitando aventurar-se pela rua principal. O vereador acompanhou a conversa prostrado no chão, aturdido. João o ergueu pelo pescoço e o arrastou até a parede.

— Vão embora! Se forem agora, prometo não dizer coisa alguma! — implorou o oficial da Câmara, sem convencer-se da honestidade nas próprias palavras.

Diogo puxou o punhal do cinto, e a lâmina refletiu o brilho amarelado das velas. Ele constatou com indiferença que as chamas não se moviam e não se prestou ao trabalho de olhar sobre o ombro para assegurar-se da presença da criança dos dentes pretos, provavelmente empoleirada em algum móvel. João recebeu a arma de suas mãos, segurando o cabo com dificuldade por culpa dos polegares deformados.

— Por que quer me matar?! Quem capturou vosmecês foi Gregório!! E Alfonso de Lisboa sentenciou a mulher! Mate um deles! Mate os dois!! Mas não a mim! — O sangue sujou os dentes amarelados de dom Armando, criando um sorriso encarnado.

— Julgar é o ofício de qualquer juiz. E apesar os que acredita serem inimigos, o de um soldado. Qual é vosso ofício? — perguntou João.

Armando engasgou, não apenas pela força do aperto em sua garganta, mas por acreditar que sua vida dependia daquela resposta.

— Qual é vosso ofício?!!!

— Cumprir a vontade de El Rei nestas terras — disse, após uma breve hesitação.

— E ele mandou negar um capuz a uma inocente que enfrenta a força?

O vereador percebeu que sua argumentação nunca penetraria na muralha de ódio ao redor de João. Lançou, então, uma última e arriscada cartada.

— Eu posso pagar!! Um diamante!! Deixará vosmecês ricos!!

— Mostre a tal pedra — disse Diogo.

A decepção cresceu no rosto de João, mas a malícia na voz do patrão o conteve. Dom Armando enfiou os dedos trêmulos em um pequeno bolso no camisolão e retirou o inseparável amuleto. A pedra foi entregue a Diogo, que a admirou por alguns segundos. O vereador obviamente exagerava ao afirmar que se tratava de uma fortuna, embora o cristal rendesse facilmente sete ou oito mil réis.

— É a única?

— Sim, sim. A única. Não tenho mister de aclarar o risco que corri para trazer das minas, debaixo das barbas da Intendência. Pretendia usar esse diamante para prover algum conforto na velhice que se avizinha, mas dou a vosmecês. Uma grande compensação por um pequeno estorvo.

Diogo encostou a garrucha na mão do vereador e disparou. Uma nuvem de fumaça subiu, seguida do cheiro ácido da pólvora. Dom Armando agarrou o punho, fitando o buraco escuro na palma sem acreditar que fora atingido. Da boca escancarada não saiu nenhum grito, apenas um filete de saliva e um murmúrio abafado. O jovem retirou a outra arma da algibeira e a apontou para o rosto lívido.

— Não pretendo destruir uma a uma de vossas santas até encontrar a oca.

O desespero por constatar devassado seu maior segredo sufocou a dor que irradiava da mão. Armando Quintana anuiu e guiou os dois até o andar superior a passos acanhados. A chama do castiçal mantinha-se congelada enquanto subiam a escada, dando a Diogo a certeza que o Diabo não se privaria de assistir o desfecho daquele encontro. Ao chegarem à sala de estar a criança dos dentes pretos

já os aguardava acocorada em uma viga do teto. A imagem de Santa Rita repousava no pequeno altar. Desenroscar a base da estatueta com a mão ferida foi uma tarefa árdua para o vereador, mas enfim os cristais deixaram o esconderijo, despencando no assoalho como uma torrente de luz.

— Levem todas. Todas. Vão e me deixem só — disse ele, alquebrado.

João voltou a agarrar o oficial pela garganta e aproximou-se dele até seus lábios quase se tocarem.

— Coma vossas pedras. Cada uma delas.

Perplexo, dom Armando encarou o escravo e seu patrão. A ordem do negro não o surpreendeu. A paixão pela mulher poderia embotar-lhe o raciocínio e impedir que julgasse com frieza a situação. O forasteiro, no entanto, era um homem de negócios, como ele próprio. O que repousava sobre as tábuas talvez fosse o maior contrabando trazido das minas em poder de uma só pessoa. Um verdadeiro tesouro, que mesmo dividido traria fausto e poder por toda a vida a quem o possuísse. Em seu íntimo o oficial pretendia que Diogo alvejasse o escravo e o poupasse, deixando Taubaté com as pedras roubadas.

O jovem parecia ter vasculhado a mente do vereador, pois sorriu quando deixou cair sobre as demais a pedra entregue momentos antes. Resignado, dom Armando ajoelhou-se e engoliu os diamantes brutos, um a um. Os pequenos desceram sem dificuldade. Os maiores abriram caminho arranhando a garganta com suas bordas irregulares e afiadas, mas em minutos a fortuna desaparecera.

— De que valeu tanta estupidez? Agora nada tem — provocou o vereador, com a voz rouca.

— Tenho vosmecê, e é o que me basta — disse João antes de puxar a cabeleira branca para trás e abrir-lhe o pescoço com o punhal. Dom Armando levou as mãos ao corte profundo, enquanto o sangue jorrou, grosso e vivo pelo talho. Ele gritou, e o som veio borbulhante. O vereador mergulhou no assoalho e começou a estrebuchar violentamente, mas o escravo firmou o pé em suas costas, restringindo os últimos espasmos.

João encarou Diogo, que sinalizou em direção à escada. O tiro poderia ter atraído a atenção de algum quadrilheiro, embora apenas o estampido seco não fosse suficiente para indicar com exatidão o local do disparo. Ainda assim deviam fugir, de preferência pela mesma entrada usada por Tadeu em sua debandada pelos fundos. Os dois se esgueiraram pelas ruas, evitando a claridade denunciante dos tocheiros, e ziguezaguearam entre casebres e becos. Por duas vezes se ocultaram em sombras, aguardando que homens da Casa de Câmara passassem por eles, para disparar em seguida. Quando chegaram à pensão a chuva ainda desabava, servindo como uma eficiente camuflagem. Circundaram a casa e abrigaram-se no pequeno lanço de taipa onde Brabo passava os dias, preso pelas rédeas. O animal se agitou ao perceber a aproximação do dono, mas Diogo não o acarinhou, como de costume.

— Entre e tente dormir. Quero deixar a vila antes do amanhecer. Se eu não voltar peça a Tião que leve vosmecê e Inácio ao engenho de meu avô. Lá estarão seguros. Não fujam. Vosmecês não são forros, e sem uma carta de liberdade não lograrão sequer sair da comarca.

João escutava as instruções com atenção, embora mantivesse o pensamento focado nos acontecimentos que ainda se desenrolariam

naquela noite. Se pudesse fazer alguma sugestão ou fosse dono de seus atos, partiria naquele instante. Seu patrão, todavia, tinha outros planos para a madrugada, provavelmente relacionados à viúva e ao novo sabre que trazia em uma das mãos. Estava certo que o jovem tentaria matá-la, o que os tornaria acusados de dois assassinatos.

— Está claro?

O escravo balançou a cabeça. Diogo entregou-lhe a algibeira.

— Diga a Tião que pegue o que houver de valor — ordenou Diogo, que já guardara o mapa maldito em uma das botas. — E leve Brabo com vosmecê. Cuide dele como se vosso fosse.

A montaria aproximou-se como se pressentisse ser o tema da conversa e estirou o pescoço musculoso em busca de um afago. Diogo por fim alisou o pelo lustroso e sorriu.

— Não, Brabo. Vosmecê fica. Já provou ser digno do vosso nome.

O cavalo o encarou com olhos imensos e carregados de pesar, e ele desviou o rosto, emocionado.

— Agora, vá.

O escravo virou-se e caminhou até uma porta nos fundos da pensão, pisando em fundas poças de água barrenta. Já puxava o trinco de madeira com cuidado para não acordar Étienne quando ouviu a voz do patrão.

— João?

Ele se virou e assustou-se com o que viu. Aquele não era Diogo. A boca contorcia-se em uma careta, e os braços estavam estendidos, como os de um cego em busca de apoio.

— Por quê?

O negro caminhou em sua direção, tentando compreender o significado da pergunta.

— Por quê? Pero quis recusar uma fortuna que julgava maldita. E vosmecê... Vosmecê sequer tocou nas pedras de Armando Quintana. Por que eu aceitei, João? Por quê?

Antes que desse mais um passo, Diogo já se ajoelhara no chão enlameado, convulsionado por um choro tão alto que certamente acordaria Étienne e sua família.

— Por que, João? Eu aceitei! Por quê?

O escravo hesitou em consolá-lo, não pelo ressentimento incrustado após anos de humilhações e castigos, mas por temer a reação do patrão ao receber a solidariedade de um cativo. Por longos minutos, Diogo repetiu a cantilena, balbuciando as mesmas palavras ininterruptamente, sem forças para pôr-se de pé. Então João aproximou-se com cautela e pousou a mão em seu ombro. O contato despertou o jovem, que se levantou de súbito, atordoado e esfregando os olhos com as mãos sujas de lama. Emudecido, ele voltou às ruas, desaparecendo no véu de água em direção à Igreja Matriz.

## ***56. Os amantes***

A cada trovão, padre Miguel encolhia-se na cama. Tempestades tinham deixado de assustá-lo desde a entrada no seminário, mais de dez anos atrás. Naquela noite, porém, um estrondo anunciaria a chegada do forasteiro, que não hesitaria em arrombar a porta para chegar à sacristia. Em outras circunstâncias teria comunicado as ameaças ao mestre de campo e receberia garantias de vida, mas sabia que não podia fazer isso. Não após Caetano ter escutado a conversa entre ele e Diogo. Ninguém em perfeito juízo acreditaria na alegada transformação de Catarina. Seu romance com a viúva, no entanto, encontraria muitos ouvintes. Uma audiência mesquinha e crédula, pronta a compartilhar a história com gulodice e na ausência de detalhes conhecidos, criar mentiras para apimentar o boato.

Passava da meia-noite quando ouviu as dobradiças da porta da sacristia rangerem. No catre iluminado apenas por uma lamparina, seu coração pesou no peito, pois verificara o trinco antes de se recolher. É verdade que fizera isso de afogadilho, ansioso para voltar para seu quarto onde estaria a salvo das almas na nave da igreja, mas dificilmente se teria enganado. Quando a porta bateu ao se fechar, teve a certeza que Diogo havia entrado. No silêncio absoluto, escutava o som deixado pela sola molhada da bota no chão de pedra. Não havia pressa no visitante. O sacerdote, que percorrera centenas de vezes a curta distância entre a entrada dos fundos e seu quarto, sabia quantos passos o separavam do forasteiro. Por isso

não se surpreendeu quando Diogo falou, sem emoção alguma na voz:

— Abra a porta, padre.

Resignado ele obedeceu, como se soubesse que os eventos daquela noite já estivessem determinados por Deus. Deslizou o trinco e deu passagem a Diogo. A aparência do homem encharcado e ofegante não assustou tanto o sacerdote quanto o sabre em uma das mãos. Sem trocarem palavra alguma, deixaram o quarto juntos pelo corredor estreito, guiados pela luz de uma vela em um nicho na parede. Padre Miguel ainda devaneava sobre a explicação para a entrada da sacristia estar desimpedida quando avistou a silhueta esguia do sacristão em um canto escuro. Ele interrompeu os passos hesitantes por um momento apenas, e então Diogo o puxou pelo braço. No segundo seguinte era bombardeado no rosto pelas pesadas gotas de chuva.

— Rápido. O quadrilheiro que vi há pouco logo deve terminar a ronda ao redor da praça. Breve estará de volta.

Os dois já desapareciam pela rua próxima quando o sacerdote virou-se para a Igreja de São Francisco das Chagas e espantou-se com a brancura da torre caiada contra o céu escuro. Com assustadora clareza, teve a certeza que seu mentor fora arrebatado pela mesma visão há exatos sete dias, e sorriu ao pensar nas coincidências da vida e da morte. As almas ocuparam a escadaria, mas surpreendentemente deram-lhe as costas, dispersando-se como areia em meio à tempestade que maltratava a vila.

Em minutos entravam na mata fechada. Diogo ia à frente, determinado, porém cauteloso. Padre Miguel acreditava que a caminhada entre as árvores não era errática. A intervalos regulares o

forasteiro parecia buscar algum ponto de referência — um tronco caído, uma rocha de formato curioso — fazendo crer que a estratégia para aquela madrugada havia sido traçada com extremo cuidado. A chuva finalmente começava a diminuir. O que agora os atormentava era um chuvisco grosso, carregado por um vento gelado.

Seguiram por três horas em silêncio. O sacerdote, pouco habituado a deslocamentos longos e em condições tão extenuantes, dava sinais de exaustão. As pernas doíam, e os pés, protegidos apenas por finas sandálias de couro, estavam feridos por pedras e galhos. No entanto, os pequenos cortes não o incomodavam. Antecipar em pensamento o encontro com a viúva era mais angustiante. Embora Diogo deixasse claro que enfrentariam uma besta de fogo, ele ainda relutava em acreditar em uma fantasia tão absurda. Uma mula, sem cabeça e a cuspir chamas pelas ventas? Invencível e armada com cascos afiados como lâminas? Ele presenciara a loucura da mulher e sabia ser ela capaz de ferir — ou mesmo matar. Mas transmutada em uma criatura dos infernos? Desconhecia o que os aguardava, mas não era Catarina. Não a Catarina que conhecera.

Subitamente, um relincho os surpreendeu. O sacerdote — que, como os outros moradores da vila habituara-se a ouvir às sextas-feiras o lamento da mula na segurança de seu quarto — descobriu-se o mais indefeso dos homens. Não era possível precisar de onde partira o som. Diogo acelerou o passo, aumentando a distância entre ele e o religioso, que se apavorou diante da possibilidade de se perder e seguir sozinho pela mata fechada. O forasteiro olhou sobre os ombros e encarou padre Miguel. Um semblante vazio, sem o ódio

habitual ou o desdém das ocasiões anteriores. Tampouco havia solidariedade ou piedade. Um olhar de despedida. Então Diogo uniu-se ao breu e desapareceu.

Padre Miguel gritou, em desespero. Tentou correr para alcançar o jovem, mas na escuridão da mata tropeçou em um tronco e estatelou-se. Uma pedra atingiu sua testa e ele encolheu-se com a dor profunda. Levou a mão ao local da pancada, mas não havia sangue. O impacto deixara apenas um inchaço e um latejar entre as têmporas. Ainda massageava a cabeça quando ouviu outro relincho. Dessa vez não havia dúvida. O que produzira aquele som o aguardava alguns metros à frente. O sacerdote se levantou, cambaleante, e tateou nos troncos até que a vegetação se abriu em uma pedreira, encravada na mata.

Ele não sabia, mas estava no mesmo local onde os quadrilheiros haviam sido encurralados há duas semanas e Rosário levava a garrucha que lhe custara a vida. Não havia sinal de Diogo. A muralha de pedra adiante impedia a passagem. À direita, partia uma picada, engolida alguns metros depois pelas árvores — talvez um caminho de volta a Taubaté. As nuvens agora apenas polvilhavam gotículas de chuva, permitindo que a lua crescente clareasse debilmente o ambiente. Nesse momento avistou o brilho no meio da mata. A chama se movia abrindo caminho entre os troncos e tornava-se mais viva a cada passo. Padre Miguel crispou as mãos sobre a batina molhada.

Catarina surgiu diante dele, nua e ardente. A cabeleira loira não era a juba desgrenhada do último encontro ao pé da jabuticabeira, mas sim uma torrente de fios dourados e flamejantes. Não havia marcas na pele branca e incandescente, de onde cintilava uma luz

que por um instante o cegou. Ela sorriu — um sorriso perfeito, sem dentes a menos e embelezado por lábios de vermelho-fogo — e estendeu as mãos delicadas e sedutoras. Como ela mesma afirmara, a maior obra de Deus. Padre Miguel chorou. Ondas de alívio, arrependimento e ternura irradiaram de seu corpo enfraquecido por dias de jejum involuntário e noites sem descanso.

Catarina também o enxergava com seus olhos irrealis. Pela primeira vez desde o início da maldição, o que lhe restou de humanidade não foi soterrado pelos instintos da mula. O fogo não distorcia as feições do sacerdote, e havia beleza em seus traços e gestos, ao contrário das caretas ofensivas de suas outras vítimas. No entanto, a mula pressentia toda a pestilência que escorria do corpo do forasteiro. O fedor de carniça misturava-se ao cheiro de terra úmida e contaminava toda a mata. Não conseguia captar seus contornos ou guiar-se pelos batimentos do coração. Sua percepção incomum de nada adiantaria contra aquele oponente, como os dois confrontos anteriores já haviam provado. No meio dessa profusão de odores intoxicantes, em algum lugar, estava Diogo.

O padre caminhou em sua direção e captou o calor intenso e reconfortante no rosto. Para seu espanto, Catarina sentiu que podia ser compreendida — e que entendia cada palavra que ele dizia. Foi ela quem falou primeiro.

— Vosmecê veio.

— Sim.

— Para morrer.

— Se vosmecê assim quiser.

— Sim. É isso que quero. Essa é a minha vontade.

— Então, assim seja.

— Sabe qual será vosso destino? O que aguarda os que arrasto comigo?

— O inferno onde vivo é pior do que o vosso.

— Não pode abraçar o inferno com tanta placidez. É um homem de Deus.

Padre Miguel lembrou-se da conversa com Diogo no dia anterior — quando fora provocado a assumir seu papel como líder espiritual da vila. Naquela ocasião defendera que somente soldados poderiam enfrentar uma ameaça como a mula. Agora, diante de Catarina, ardente e acolhedora, sentia-se incapaz de tratá-la como uma ameaça, mas tampouco a considerava uma ovelha desgarrada.

— Não sou um homem de Deus. Sou apenas um homem. Tudo que falei ou fiz desde que cheguei a essas terras me afastaram de minha vocação. E me aproximaram de vosmecê.

Estava perto o suficiente para admirar cada pequeno detalhe do corpo despido. Sua nudez turvada pelo ardor avivou seu desejo e ele tocou-lhe o rosto. A pele da ponta dos dedos escureceu e encrespou-se ao ser lambida por uma labareda, mas não houve dor.

— Não me sobrou coisa alguma. Nada me espera em Taubaté. Meu lugar agora é ao vosso lado — disse o sacerdote.

Beijaram-se demoradamente. A viúva sentiu os lábios de padre Miguel, não quentes como os dela, mas refrescantes. Quando se afastou para admirar as feições do amado, as chamas já lhe destruíam o rosto.

Catarina urrou. Seu desespero alimentou o fogo, que se ergueu do pescoço da besta em uma coluna com metros de altura. As labaredas se espalharam pela batina em segundos. Sem que soltasse um único gemido e livre de qualquer sofrimento, o

sacerdote foi consumido. Suas pernas não podiam mais sustentar o corpo, e ele se ajoelhou antes de tombar, sem vida. A mula escoiceou o chão possuída pela fúria, espalhando nuvens de faíscas com os cascos em brasa. Relinchava cada vez mais alto, até seu grito assumir o tom de um lamento assustadoramente humano. Um choro de mulher.

Era o momento que Diogo aguardava. Emergiu do buraco coberto com uma manta de folhas unidas em uma estrutura de galhos e correu em direção à mula. A ideia de cavar um esconderijo fundo o suficiente para abrigar um homem ajoelhado ocorreu-lhe quando sepultava Rosário. Se a terra era capaz de ocultar a escrava para sempre, também poderia permitir que ele esperasse a aproximação da besta sem ser descoberto. No dia anterior, após a tarde de ócio ao lado de Domingos e seus amigos, embrenhou-se com Brabo na mata e usou a mesma pá com que abrira a cova, escondida desde aquela noite no oco de um tronco. Tinha certeza que a criatura pressentiria sua presença e a de padre Miguel. Seu ódio — ou seu amor — a tornaria uma presa fácil de ser atraída. Faltava apenas a escolha do local. O lugar deveria ser longe o suficiente da vila e livre da vegetação cerrada da mata. A pedreira veio à sua mente de imediato.

Ele disparou, empunhando o sabre na mão direita e o braço flexionado ao máximo. Teria uma vantagem enquanto a mula estivesse atordoada pela loucura. Vindo por trás, chegaria a alguns passos do alvo sem ser descoberto. Levou segundos para ter o lombo escuro à frente, ao alcance dos dedos. Diogo ergueu a lâmina e a enterrou pela metade na carne.

A mula rinchou e ergueu-se nas patas traseiras, no que Diogo supôs ser uma tentativa de fuga. O jovem agarrou a crina, disposto a ser arrastado se preciso, e enfiou o que restava do metal virgem. Ela dobrou os joelhos, como um carneiro antes do abate, e o fogo que brotava do pescoço começou a se extinguir lentamente. A cada segundo, o pulsar das chamas era mais fraco, acompanhando a respiração, agora ofegante. Não havia mais vontade alguma na besta. As coxas musculosas tremeram e cederam, levando-a ao chão. Diogo permaneceu agarrado à empunhadura, embora soubesse que a força da mula fugira, como o calor de seu corpo.

Sua mão esquerda, pousada sobre o dorso, tremeu aos primeiros sinais da mudança. Os pelos grossos rarearam, e a pele branca tornou-se visível aos poucos. Diogo fechou os olhos. Não queria testemunhar mais uma vez a agonia da viúva em sua última transformação e apenas sentiu os espasmos que anunciavam a volta à forma humana. Foram os soluços que o fizeram encarar a mulher nua, deitada na lama. O sabre, curto para o lombo volumoso do animal, varara o peito magro, deixando exposta metade da lâmina. O sangue minava pelos dois cortes.

Catarina olhou para Diogo, pálpebras entreabertas, enfraquecida. Sua cabeça pendeu para o lado, e ela viu os restos de padre Miguel, envolto em chamas que aos poucos perdiam o vigor.

— Eu...não quero...ir para...o... inferno... — As palavras, sopradas com o resto de ar em seus pulmões, eram quase inaudíveis.

— Vosmecê não vai para o inferno — respondeu ele, com mansidão.

— Como... sabe?

Diogo lembrou-se do redemoinho negro e sufocante que o envolveu no dia do pacto, das caretas desfiguradas de infinitas almas perdidas que gritavam seu nome. Então respondeu, com convicção e pesar:

— Eu já estive lá e não vi rosto algum como o vosso.

Nunca soube se Catarina acreditou em suas palavras, pois os olhos verdes já estavam secos antes que voltasse a fitá-la. O jovem apoiou com cuidado o corpo frio no chão e se preparava para levantar quando avistou a criança dos dentes pretos à sua frente. Ele se pôs de pé e segurou a empunhadura da arma, disposto a arrancá-la. Por quase um minuto permaneceu estático, agarrado ao cabo do sabre, até desistir. Talvez tivesse medo que a viúva despertasse sem o metal virgem em suas entranhas, mas por fim deixou a lâmina encravada no peito imóvel. Ele passou pelo inimigo calado, que o acompanhou com o semblante estéril, e se embrenhou na mata.

Havia avançado apenas alguns passos em meio à vegetação cerrada quando uma sombra surgiu. Seu primeiro instinto foi buscar na cintura a única arma que lhe restara — o punhal usado por João para matar dom Armando — mas desistiu ao reconhecer a silhueta atarracada.

— Enfim vosmecê forjou pureza — admirou-se Seu Cura, em sua língua dos anjos. — É o que buscava?

— Não.

— O que busca, então?

— Morrer — balbuciou Diogo, em lágrimas.

— Morrer não é cousa que se queira. A morte vem quando bem entende. O homem deve querer o que perdeu. Ou o que nunca teve.

Responda minha pergunta. O que quer?

Ele refletiu por um breve instante, e então revelou, olhar severo e injetado.

— Minha alma de volta.

— Vosmecê é tão dono de vossa alma quanto ele.

— Não. Eu recebi o que pedi.

— Mas não desfrutou.

Diogo ouviu as palavras do benzedor, aturdido com a revelação.

— Somente será dele se lograr proveito do que recebeu. Ou se tirar a própria vida. Por isso ele persegue vosmecê com tanta sanha. E por isso não morre, como quer.

— Meu inimigo vela por mim? — perguntou o jovem, incrédulo.

— Não apenas ele.

— Quem mais?

Seu Cura sorriu ao tossir. Diogo pensou no temporal que extinguiu as chamas da mula na jabuticabeira, uma semana atrás, e lembrou-se da reação enfurecida do Diabo ao referir-se à chuva. Outras imagens surgiram. A garrucha do bandoleiro que raptou as filhas de Pero apontada para seu peito, falhando ao ser disparada. A providencial intervenção do capitão Ataíde, que com sua ousadia distraiu a besta em seu primeiro encontro e recebeu a fúria de um ataque certamente destinado a ele.

— Qualquer alma é um tesouro. Não apenas para ele.

Diogo olhou para o céu escuro onde as nuvens começavam a fugir, permitindo que algumas estrelas cintilassem pela primeira vez naquele dia.

— Agora, vá. Deixe Taubaté. Logo.

— Até quando devo fugir?

— Sou somente um benzedeiro. Trato feridas. Não tenho respostas para todas vossas perguntas. — O pigarro interrompeu uma risada esganiçada do escravo, que deu as costas para o forasteiro e sumiu entre as árvores.

Em pouco mais de uma hora amanheceria. Como Seu Cura dissera, não havia tempo a perder. Diogo disparou em direção à vila pela picada estreita.

## ***57. Libertação***

João não conseguiu dormir após ser deixado na pensão. Como imaginara, o choro de Diogo acordara Étienne, que ressonava embriagado e pulou da rede, desorientado. Ele o interrogou sobre a saída furtiva na madrugada, mas o escravo tergiversou. Inácio logo surgiu esfregando com força os olhos. O pai o levou de volta a seu quarto e conversaram brevemente sobre a partida de Taubaté em algumas horas. Após desencorajar as investidas do francês para revelar os acontecimentos daquela noite, João sentou-se em uma cadeira. Aproximou-se da parede e apoiou o queixo na soleira da janela, de onde, pelas frestas na treliça, podia observar a rua deserta. Minutos depois Inácio acomodou-se a seu lado e o acompanhou na longa e silenciosa vigília à espera do patrão. O dia nascia quando enxergaram Diogo esgueirando-se com cautela em direção aos fundos da hospedaria. Pai e filho correram e o encontraram apertando as tiras de couro da sela de Brabo.

— As armas estão amuniciadas? — perguntou, ofegante.

— Sim, nhô.

— E as mulas, prontas?

— Sim.

— Diminua a carga de uma delas. A maior. Vosmecê é mui pesado.

João anuiu, sentindo-se revigorado para a jornada que iniciariam em breve. Ele caminhou até a tropa e cumpriu a ordem, jogando no chão parte do conteúdo dos cestos presos no lombo de um dos animais.

— Entre e peça a Étienne alguma coisa para Inácio comer. Não sei quando poderemos pousar. Mas seja rápido.

Os dois obedeceram, deixando o jovem a sós. Acariciava distraidamente o pescoço de Brabo quando o animal inflou as ventas, denunciando a aproximação do inimigo. O Diabo surgiu, mais uma vez traído pelas feições humanas roubadas de Tiago.

— Se acredita nas palavras do benzedeiro é mais tolo do que imaginei. — O despeito na voz infantil era indisfarçável.

— Em quem devo acreditar? Em vosmecê? — retrucou Diogo, sem pretender conter o deboche. — Vosmecê, o pai da mentira?

— Como pode me acusar de ser um impostor se tudo o que disse era a mais pura verdade? Lembre do ferreiro Simão. Da santa oca do vereador Armando. Mormente, lembre da maldição que vosso Deus lançou na viúva, apenas por deitar com o padre. Onde estão as mentiras, dom Diogo?

— Vossas verdades ferem. As de Seu Cura, trazem esperança. Em quem devo acreditar?

O jovem contornou Brabo, verificando a firmeza do estribo, e prosseguiu.

— Me atormentaria se minha alma já pertencesse ao inferno? Tentaria me ensandecer, fazer com que tirasse a própria vida, ou esperaria com a paciência de um frade que eu buscasse vosso ouro maldito?

— Vosmecê me maldiz por reivindicar vossa alma, mas é dono de duas.

A provocação do Diabo paralisou Diogo. Ele se lembrou do medo nos olhos de Inácio — um sentimento que o acompanhava desde o nascimento e que por anos o impedira de dirigir a palavra ao patrão. E assim permaneceu por longos minutos tempo, inerte, sem palavras para contestar o inimigo, indigno de evocar a memória do filho, incapaz de destilar o costumeiro ódio ao desdém divino ou à perfídia maldita que o arrastara a um inferno em vida.

— Dom Diogo? — A pergunta de Étienne o tirou da letargia. — Devo crer que está a partir. E pela azáfama dos preparativos penso se tratar de uma fuga.

— Não posso falar agora, Tião. Tenho uma cousa mui importante a fazer. Antes que os homens de Gregório cheguem.

— Então, é uma fuga.

— Onde mora o tabelião?

— *Qui?*

— O tabelião, homem! Onde mora?

— Próximo ao chafariz, uma casa amarela de esquina. Amarela, com portas azuis.

— Chame João e Inácio. E mande trazer minha algibeira.

Étienne, que já se acostumara a ter suas perguntas ou ponderações ignoradas pelo visitante, virou de costas e resmungou os nomes dos escravos em voz alta. Pai e filho surgiram. O menino ainda mastigava um beiju e desceu as escadas aos pulos. João vinha logo atrás trazendo no ombro a bolsa de couro.

— Venham — ordenou o jovem, cruzando a algibeira sobre o peito.

Os três deixaram a pensão apressados. O céu, borrado com o roxo do alvorecer, estava finalmente livre das nuvens que tinham coberto a vila nas últimas horas. A chuva se fora, deixando o ar carregado de umidade e as ruas enlameadas e escorregadias. Faltava pouco para as seis da manhã, mas alguns moradores já deixavam suas casas. Em sua maioria, negros equilibrando potes vazios na cabeça em direção ao chafariz. Logo chegaram à casa do tabelião. Diogo bateu na porta com o punho fechado três vezes, repetindo as pancadas com mais força após alguns segundos. Um senhor sem camisa e com olhos inchados de sono apareceu na janela.

— Aqui mora o tabelião?

— Sabe que horas são essas?

— Tenho mister de vossos préstimos. Não posso esperar, mas pago mui bem — prosseguiu, ignorando a indignação do homem.

— O que vossa senhoria quer? — perguntou o tabelião, disposto a esquecer a irritação em troca de algumas moedas de ouro.

— Alforriar dois escravos.

João e Inácio se entreolharam, perplexos. O menino procurou a mão do pai para segurar e descobriu que ele tremia.

— Pela pressa, acreditei que fosse o testamento de algum moribundo. Passe depois das dez...

Diogo enfiou a mão na algibeira e retirou um punhado de dobrões. Uma quantia muito superior à custa do serviço e suficiente para fazer a porta se abrir no instante seguinte. O tabelião o

conduziu até uma mesa no centro da sala, iluminada por um candeeiro. Uma voz feminina atravessou a penumbra do corredor.

— Quem é? O dia mal amanheceu!

— Cale a boca e trate de dormir!

Encabulado, o homem pediu que Diogo se sentasse e puxou para si uma cadeira. De uma grossa pasta de couro retirou uma folha amarelada e mergulhou a ponta de uma pena em um pequeno frasco de tinta preta. Suas mãos correram pelo papel, desenhando letras com requinte e paciência. O capricho ao escrever destoava da aparência dos dedos do tabelião — rombudos e de unhas quebradas.

— Como se chama?

— Diogo Durão de Meneses.

— E qual o nome dele?

— João.

— Quantos anos?

— Trinta. Trinta e...

O jovem descobriu que não sabia a idade exata do escravo, embora o conhecesse desde criança. Suspeitava que apenas meses os separassem, mas nem o próprio João — atônito e boquiaberto — poderia responder a pergunta, pois a surpresa o imobilizara e embotara mesmo as lembranças mais simples.

— Trinta — decretou o tabelião.

Instantes depois, ele largou a pena e afastou o rosto da mesa, como se pretendesse detectar algum erro à distância. Abriu uma gaveta e retirou uma pequena caixa de madeira trabalhada, cheia de areia. Os dedos polvilharam um punhado de grãos finos sobre o papel para absorver o excesso de tinta fresca. O tabelião soprou a

folha e a ergueu, dessa vez para admirar a beleza da própria caligrafia. Assentou o documento na mesa e sorriu, satisfeito com o trabalho.

— Oitocentos réis. Apenas um pouco mais do que vossa senhoria pagaria no cartório, dada a urgência.

Enquanto Diogo contava as moedas, João espichou o pescoço e olhou para a carta de alforria. Mesmo que soubesse ler teria dificuldade para entender as letras floreadas. Eram apenas onze linhas, cujo significado sua mente não foi capaz de depreender de imediato. Como uma única folha, escrita em poucos minutos, teria o poder de livrá-lo de uma vida de trabalhos forçados, castigos e humilhações? Ou dar-lhe vontade própria e o direito de escolher onde trabalhar, o que comer e como se vestir?

Inácio ouvira falar das cartas, embora nunca tivesse visto uma, ou mesmo conhecido alguém agraciado pelo seu senhor. Ele apertou a mão suada do pai e o encarou em silêncio. A respiração ofegante de João fez-lhe suspeitar que um novo caminho — longe do patrão — aguardava ambos.

— Oitocentos réis por duas cartas? Falta o gibi.

— Ele é batizado?

Diogo olhou para o escravo, que balançou a cabeça em negação.

— Então leve o moleque à Igreja de São Francisco. Peça a padre Miguel que assente a alforria no registro. E certifique na ata paroquial. Tem se tornado um costume, nesses dias — lamentou o tabelião, sem disfarçar a contrariedade.

— Como?

— Ele pode ser liberto no batismo.

— Não quero ir à igreja! Tenho pressa!! Quero que vosmecê alforrie o menino! Aqui!!

— Quando era vivo, padre Gonçalo sempre se agradou de libertar negrinhos na pia batismal. Da última vez que lavrei a carta de um deles — e a custas mui baixas, por pura caridade, devo dizer — me acusou de usura. E me ameaçou de excomunhão, se repetisse a falta. Ele não está mais entre nós, mas até receber o consentimento do novo vigário não lavro carta para negrinho algum.

— Por que nunca batizou vosso filho, João? — perguntou Diogo, entre os dentes.

O escravo hesitou por alguns segundos antes de responder.

— Na última vez que padre Vasco foi ao engenho de vosso avô foi para batizar Inácio. Mas nhô enxotou ele. E depois trancou a capela.

As imagens da expulsão do vigário de Itu surgiram, claras como pinturas. Um ano sem ir à igreja, dissera Ailã. Diogo não conseguiu conter um sorriso ao pensar nas cruéis ironias que povoavam seu destino. Puxou a carta das mãos do homem, dobrou-a e deixou a casa, seguido por pai e filho. O fluxo de moradores já aumentara. A recusa do tabelião custaria preciosos minutos e colocaria sua fuga em risco. Acelerou o passo até a Igreja Matriz, onde uma pequena multidão de fiéis aguardava na escadaria a abertura dos portões para a missa das primas, às seis da manhã. Ele circundou a construção e entrou pela sacristia, usando a mesma porta que encontrara destrancada apenas algumas horas atrás. Flagrou Caetano tomando notas em um livro, sentado em frente a uma mesa acanhada. O sacristão pareceu não se surpreender com a aparição

súbita, mas fechou o volume e manteve ambas as mãos sobre a grossa capa de couro, em uma clara postura de proteção.

— Quero que batize este moleque.

— Sacramentos são celebrados por sacerdotes. Traga o vigário e peça a ele — provocou o açoriano.

— Quiçá eu deva procurar padre Miguel na mata, com ajuda do desmazelado que deixou a sacristia aberta.

Caetano olhou para os escravos, sem disfarçar a cisma por tê-los presentes em uma conversa comprometedora. Diogo captou a desconfiança do interlocutor e com um movimento de cabeça ordenou que o deixassem a sós com o homem.

— Como falei, não sou padre — murmurou Caetano, ao fechar a porta.

— Mas também não é sacristão.

O açoriano sorriu diante da perspicácia do forasteiro.

— O que sou não importa. Assim como não importa o que houve em Taubaté nos dois últimos meses.

— Exceto para os comissários da Inquisição, que decerto hão de ler com muita atenção o que está a relatar — emendou Diogo, apontando para o livro sobre a mesa.

— Sim. Exceto para eles.

— Vosmecê não lamenta o destino de padre Miguel.

— Todos os homens — santos ou não — têm contas a acertar com o Altíssimo. Até os sacerdotes devem seguir o destino traçado por Deus. E pagar por seus erros e vergonhas.

— Quantas linhas padre Miguel mereceu em seu relato? Ou Catarina e seu romance amaldiçoado? Ou mesmo o homem

misterioso que o arrastou no meio da noite, para ser tisonado pela mula dos infernos?

— Bastantes.

— A Casa de Câmara tem seus próprios registros. Se pretende apagar da história de Taubaté a passagem de uma besta dessa natureza, vosmecê...

— Todas as atas, testemunhos e escritos serão confiscados pelo Santo Ofício e levados para o Palácio de Estaús, em Lisboa — interrompeu o sacristão, com rispidez. — Não restará uma única palavra sobre bugres, defuntos queimados, feiticeiras enforcadas, mulas sem cabeça a cuspir fogo. Ou sobre padre Miguel.

— Esse é vosso problema. O meu é sair dessa igreja com Inácio batizado. E alforriado.

— Esse é nome do menino? Inácio?

— Sim.

Caetano fitou o forasteiro antes de levantar-se e abrir a porta, ordenando que pai e filho entrassem. Seguiu à frente em direção à pia batismal, preenchendo a nave vazia da igreja com o arrastar de seus passos.

— Temos muita pressa — advertiu Diogo.

O sacristão respondeu com movimentos mais rápidos, mas parou a alguns metros do altar. Olhou para o jovem e perguntou, intrigado:

— Quem será o padrinho?

— Padrinho?

— Somos quatro. Um a celebrar o sacramento, o pai, o catecúmeno e vosmecê.

O grupo manteve o silêncio por quase um minuto — um tempo excessivamente longo naquelas circunstâncias. Diogo admirava a

água benta na pia, ondulando em pequenos círculos concêntricos, do centro até a borda. Estava prestes a sorrir, pensando na grande farsa divina que era o acaso, quando o sacristão voltou a inquiri-lo.

— Quem será o padrinho?

— Posso correr até a pensão e chamar Tião. Ele deve se agradar de ter Inácio como afilhado — prontificou-se João, pressentindo a inquietação no semblante do patrão.

— Não há tempo. A essa hora deve estar bêbedo, quiçá a roncar em uma rede. Vosmecê teria que carregar o infeliz até aqui.

— Vou ligeiro e volto logo. Se nhô...

— Eu. Eu serei o padrinho — comunicou Diogo. — Mas ande, homem!

Inácio apertou a mão do pai com tanta força que João não conteve uma careta. O coração marretou as costelas e as pernas finas fraquejaram, vibrando como se suas forças houvessem minguado após uma exaustiva marcha.

— Pois então, continuemos.

O jovem recebeu uma vela, acesa com a chama de um candeeiro. O sacristão pensou em incensar o ambiente, mas deixou de lado as minúcias do rito, assim como omitiu a maior parte das falas destinadas ao sacerdote durante a cerimônia. Abençoou a água com um gesto apressado e pigarreou para limpar a garganta.

— Que todos os poderes adversos sejam aniquilados sob o sinal da Vossa cruz.

O sacristão gotejou óleo de um minúsculo vaso sobre a pia batismal. Após umedecer os dedos no líquido viscoso, ungiu o peito, as costas, as orelhas, as mãos e os pés de Inácio.

— Renega Satanás, a todas as suas obras, seus anjos, seu culto e o seu orgulho?

Diogo levou alguns segundos para perceber que não se tratava de uma acusação dirigida a ele, mas sim uma das perguntas mecanicamente formuladas durante o batismo. Nesse instante a criança dos dentes pretos surgiu à sua frente — franzina, porém ameaçadora — e o encarou. O jovem não desviou o rosto, ao contrário das milhares de ocasiões em que fora desafiado pelo inimigo. Ele manteve-se imóvel e pela primeira vez mergulhou na fossa inebriante que eram os olhos da criança dos dentes pretos.

— Eu renego — respondeu inabalável, arrancando uma risada obscena do Diabo.

— Adorará Cristo e Nosso Senhor todo poderoso?

— Sim.

— O servo de Deus, Inácio, é batizado em nome do Pai, do filho, do Espírito Santo — proclamou Caetano, baldeando com a mão a água benta da pia e despejando-a sobre a cabeça do menino.

Por um breve instante Diogo esperou que algo acontecesse. Seria o batismo de Inácio, a renúncia voluntariosa ao Mal e o arrependimento espontâneo a chave para recuperar a própria alma? Antes de terminar a cerimônia acreditava que sim. Entretanto, a água gotejava dos cabelos crespos e empoeirados e o inimigo ainda o desafiava diante do altar, com a costumeira careta de escárnio.

— Amém — concluiu ele, desolado.

— Amém — repetiu a criança dos dentes pretos, com dissimulado fervor.

Constrangidos, Diogo e o menino apenas se encararam durante alguns segundos. Transformado em padrinho por uma artimanha do

destino, sentia-se aturdido, despreparado e de certa maneira, traído. Aceitara a missão premido pela urgência em deixar Taubaté, mas acreditava que abraçar o Altíssimo em seu coração fizesse desequilibrar a seu favor a desigual relação de forças entre ele e o Diabo. A situação, no entanto, mantinha-se inabalável. Inácio, por sua vez, era devorado pelos sentimentos contraditórios que cresceram discretamente desde a chegada à vila. Há duas semanas, seu patrão personificava o sofrimento, a indiferença, a desesperança. Naquela manhã de sexta-feira, ele se tornara um segundo pai.

— Agora vosmecê tem um afilhado.

Em vez de reagir às palavras do sacristão, ele apenas estirou a mão em sua direção.

— A certidão de batismo. Com a alforria registrada na ata da paróquia.

Caetano anuiu e caminhou em direção à sacristia, seguido pelo trio. Sentou-se e em minutos preencheu com velocidade espantosa uma folha amarelada retirada de um pequeno baú aos pés da mesa. Em seguida dobrou o pedaço de papel e o entregou a João, sem demonstrar expressão alguma no rosto marcado pela varíola.

— Vamos — ordenou o jovem, puxando o menino pelo braço. Antes de chegar à porta pela qual entrara olhou para trás, mas o sacristão já desaparecera, assim como seu precioso livro.

Ao deixar a igreja espantou-se com a quantidade de moradores nas ruas. O número de pessoas era incomum para um alvorecer, mas ele se lembrou que Taubaté acompanhara, apenas algumas horas atrás, os assustadores relinchos da mula dos infernos, e se preparava para repetir o mesmo ritual das últimas sextas-feiras. Os

quadrilheiros já deviam estar percorrendo as cercanias e as matas próximas em busca das mais recentes vítimas da besta. Diogo e João entreolharam-se, apreensivos. Sabiam que o tempo se esgotava para ambos. O escravo de dom Armando não tardaria a voltar — e a denunciá-los. Nenhum dos dois se iludira em relação a isso. O vínculo entre cativos e senhores era capaz das piores deformações e não seria surpresa se Tadeu já estivesse a caminho do Regimento para alertar Gregório. O jovem também considerava uma questão de minutos até que o corpo de Catarina, traspassado por seu sabre, fosse encontrado ao lado dos restos calcinados de padre Miguel. Uma visita dos soldados aos dois únicos ferreiros do lugar o incriminariam duplamente. O primeiro revelaria a castração a que fora submetido e o segundo o apontaria como proprietário da arma.

A caminhada de volta à pensão foi tensa e acelerada. A todo momento esperavam ser abordados por um quadrilheiro ou algum homem do mestre de campo. Os três entraram pelos fundos da casa de Étienne, onde as mulas e Brabo os aguardavam. Diogo acomodou a certidão de batismo e a carta de alforria na pasta que recebera do sacristão. Abriu a algibeira e vasculhou seu interior. Não pôde evitar que seus dedos roçassem no mapa enrolado no fundo da bolsa, e seus testículos encolheram ao tocar no pedaço de couro. Trouxe um punhado de moedas, cujo valor calculou em um olhar de relance, e as colocou nas mãos do negro.

— Aqui há seis ou sete mil réis. É o bastante para vosso sustento até conseguir algum trabalho. Cuide bem do dinheiro. E dessa pasta. A liberdade de vosmecês está nesses pedaços de papel. Pegue duas

mulas. A maior para vosmecê e a menor delas, que já se habitou a carregar Inácio.

Ele continuaria a transmitir instruções se não visse no rosto de pai e filho um misto de incredulidade e incompreensão. Diogo suspirou fundo e disse-lhes.

— Vosmecês não virão comigo. São forros agora, e não os quero por perto. Sigam vosso caminho, longe do meu.

— Livres?

— Sim. Livres.

Os dois responderam com apatia à notícia, enraivecendo o jovem.

— Entenderam o que disse?! Eu não quero mais vosmecês como escravos!! — gritou Diogo com irritação, antes de prostrar-se: — Eu não posso mais ter vosmecês como escravos...

O menino olhou para o pai à espera de alguma reação. A cena era diferente de todas que João imaginara tantas vezes em sonho. Não houve grandiloquência alguma no anúncio. O fim da servidão não o encheu de orgulho, não fora conquistado ou acompanhado de pedidos de perdão. Ele e seu filho estavam sendo somente enxotados, sem justificativas ou compensações. No entanto, o que mais o inquietava não era o modo pelo qual eram agraciados com a alforria. João descobrira que a liberdade resultaria mais do que em júbilo e alívio. Naquele momento, a decisão do patrão trazia o maior dos dissabores: a necessidade de fazer opções — escolhas que proporcionassem segurança e conforto a Inácio.

Nos últimos quatro anos, vivera conduzido pelo senhor, como uma de suas mulas. Dormindo, alimentando-se, descansando e por vezes deitando-se com mulheres, quando era permitido. A comida

para o filho, embora minguada e de má qualidade, era garantida por Diogo, assim como as poucas mudas de roupa. E ainda mais ultrajante, a segurança nos deslocamentos pelo sertão ou nos pousos. A lembrança da emboscada dos índios duas semanas antes voltou, vívida e humilhante.

Também ouvira histórias sobre o calvário enfrentado por forros na colônia. Muitos deles, após vagarem durante semanas, sem ocupação, abrigo e meios para o sustento, retornavam para suas antigas senzalas, agora na condição de mendigos. Outros tantos abraçavam o crime, ou a prostituição, no caso das mulheres. Alforrias eram anuladas por motivos fúteis, como ingratidão. Nas vilas por que passaram frequentemente encontravam negros idosos — libertos das fazendas apenas para poupar os antigos proprietários de gastos com alimentação de peças inúteis — entregues à bebedeira ou a um eterno estado de estupor, de onde saíam apenas para serem sepultados em covas rasas e sem identificação.

João teve a certeza que a alforria não bastava.

— Para onde nhô vai?

— Não sei. Evite as trilhas ou o Caminho dos Paulistas. Antes do meio-dia Gregório vai caçar vosmecê como um cachorro.

— O que há de acontecer com Inácio se eu morrer? Ele não tem mais ninguém! Só nhô!

— Eu? Por que diabos?

— Nhô é padrinho dele.

Diogo estancou diante da obviedade nas palavras no negro. Olhou para o menino, recusando-se a aceitar a responsabilidade da missão imposta por ele mesmo, ao ver nos últimos atos a chave para a própria libertação. Voltou a lembrar-se do dia em que expulsou

padre Vasco e no que teria acontecido se Inácio tivesse sido batizado.

— Apenas concordei para apressar nossa partida. Já disse isso uma vez. Não tenho pendor para pajear negrinhos.

— Mas é padrinho dele — insistiu João. — E eu sou livre agora. E escolho seguir nhô.

— Vosmecê não conhece minha sina. Ou o que fiz. Acredite em mim quando digo que criança alguma deve crescer à minha sombra.

— Não sou criança! Sou homem, e foi nhô quem falou! — reagiu Inácio, ofendido.

— Talvez sim, mas nunca poderá conhecer o que me persegue.

— Eu já vi o que nhô enfrentou. E venceu.

— Há cousas piores. Mui piores.

O menino captou sinceridade na voz e chegou a hesitar, imaginando se existiria algo mais aterrador que a mula dos infernos. No instante seguinte, entretanto, encheu o peito e segurou a mão do pai com determinação.

— Se pretendem ir, partam logo — A interrupção de Étienne foi calculada, levando o jovem a crer que o francês acompanhara a conversa desde o início. Ele desceu a escada estreita que levava à porta dos fundos, ao lado de Clara e dos três filhos. — Vejo em vossos olhos que Taubaté em breve ferverá, e por algo que vosmecês fizeram. Para o vosso bem e de minha família, devem deixar a vila antes que os homens de Gregório cheguem.

Diogo anuiu. A permanência do grupo era perigosa para todos eles. Étienne apertou-lhe a mão com força.

— Procure Domingos e diga que tive de partir. Diga que o prezo muito e um dia nos encontraremos de novo.

— E vosmecê, cuide de Inácio como se fosse vosso próprio filho. Agora ele é quase isso.

O jovem retribuiu o cumprimento com um sorriso acanhado e recuou alguns passos, a pretexto de puxar as mulas pelas rédeas. Ele sabia que a mulher do francês o desprezava e queria poupá-la de constrangimentos. O restante da família acompanhou o pai na despedida. Étienne abraçou João demoradamente, sem atentar-se para as feridas que ainda cicatrizavam nas suas costas, e depois ajoelhou-se diante de Inácio.

— Tenha obediência por vosso padrinho. E respeito. Sempre. Ele há de saber o que é melhor para vosmecê.

O menino balançou a cabeça e sorriu quando seus cabelos foram afagados. Clara acariciou o rosto de João, percorrendo com o dedo os sulcos da marca do ferro. Diogo subiu em Brabo, que pareceu pressentir o início de um novo e longo deslocamento pelo sertão e balançou alegremente o rabo. Pai e filho o seguiram, montando nas mulas e esperando que ele autorizasse o deslocamento.

Nenhum deles olhou para trás quando tomou o rumo da rua enlameada. O jovem tinha pressa e bateu no lombo do cavalo, transformando o trote lento em galope. As mulas também aceleraram o passo, e em minutos haviam chegado à entrada de Taubaté. Não testemunhariam os corpos de Catarina e padre Miguel serem carregados em redes pelas ruas. Não veriam dom Armando descer à sepultura, levando para o fundo da terra um tesouro incalculável e para sempre esquecido — a vingança silenciosa de João contra a vila que considerava maldita. Não se regozijariam com Gregório de Muniz consumindo-se em frustração e ódio ao constatar que os homens culpados por três mortes haviam escapado e se

embrenhado na mata. Também não presenciariam dom Alfonso e dom Tomé assumirem o comando da Casa de Câmara, impedindo que o mestre de campo lançasse uma nova cruzada contra os poucos índios remanescentes da comarca e determinando a libertação dos gentios apesados.

Duas trilhas deixavam a vila. Uma na direção norte, e outra rumo ao leste. Diogo deteve-se, aguardando um sinal, como o que o arrancara de Mogi há duas semanas. Passados dois minutos, nada ocorreu. Então, ele aproximou os lábios da orelha da montaria e sussurrou:

— Para onde, Brabo?

O cavalo permaneceu imóvel, sacudindo o rabo erraticamente para espantar uma nuvem de mosquitos. O jovem hesitou antes de formular uma nova pergunta.

— Para onde, meu Deus?

Mais uma vez, escutaram apenas os sons da mata. Ele respirou fundo e cerrou as pálpebras, certo que agora seria ouvido.

— Para onde, Tiago?

Em um súbito estrondo de asas, uma revoada de pássaros deixou a copa das árvores e bailou no céu por alguns segundos até voar em direção ao norte. Diogo acariciou o dorso de Brabo e voltou-se para João e Inácio, que o observavam em silêncio. Ele pôs a tropa em movimento a tempo de ver o Diabo surgir a alguns passos à sua esquerda.

A criança dos dentes pretos os seguiu, e seus pés não deixaram pegadas na terra molhada.

## ***Epílogo***

Gregório entrou em sua casa no meio da madrugada. A caçada pelos assassinos consumira quase um dia inteiro e revelara-se inútil. Ele despachou homens até os povoados mais distantes, levando cavalos à exaustão, sem encontrar rastro algum do maldito paulista e de seu escravo. Depois de horas nas matas o próprio mestre de campo ordenara o fim da operação. Em breve seria obrigado a reportar-se em São Paulo de Piratininga e assumir o fracasso na busca dos criminosos e principalmente na manutenção da ordem em Taubaté. Havia, porém, reveses piores a suportar. Piores do que a desonra, a perda da patente, a injúria de irmãos de armas. Pior do que o mexerico surdo que corria ruas e becos nas bocas de cada preto, branco ou índio.

Acima de todas as desgraças reunidas repousava o escárnio do forasteiro. Sentado na penumbra de seu quarto, ruminando o gosto azedo da derrota, Gregório era capaz de vislumbrar em pensamento Diogo e o negro, juntos em uma gargalhada estrondosa. Haviam sem dúvida deixado o Caminho dos Paulistas e se embrenhado na mata fechada, onde nunca seriam encontrados. A essa hora deviam estar embriagados pela aguardente, contando ao negrinho histórias de como transformaram o mestre de campo no mais estúpido dos homens. Histórias que seriam repetidas em cada ajuntamento de brasileiros colônia adentro. Histórias que seriam imortalizadas.

Pensou no rastro de sangue trilhado pela dupla de bandidos nas últimas horas. Pouco sobrara do corpo carbonizado de padre Miguel. O padreco era pouco mais que um noviço — vacilante, inexperiente — mas, ainda assim, vigário de Taubaté. O segundo a ser enterrado em uma semana. O fim da viúva Catarina também o surpreendera. Quase nada sabia de sua vida e ao ser informado de sua morte teve dificuldade de lembrar-se de seu rosto até reconhecê-la trespassada pelo sabre do paulista.

Das tragédias recentes de Taubaté, a única que lhe trouxera regozijo fora a execução de dom Armando. Logo após o raiar do sol, quando entrou no sobrado do vereador conduzido pelo escravo Tadeu e deparou-se com o cadáver de bruços em meio a uma poça de sangue já ressecado, apenas o autocontrole digno dos soldados mais frios impediu que irrompesse em uma gargalhada. Odiava o velho com cada reentrância de sua alma e em segredo agradeceu ao paulista por mandar o infeliz para o Inferno. Presenciar a ascensão de Alfonso Lisboa causava-lhe desconforto — e não pretendia disfarçar esse sentimento. A vila livrara-se de um devasso arrogante para cair nas graças de um diletante patético, mas isso não mais lhe dizia respeito. Depois do fracasso em capturar o paulista, levaria anos a comandar algum destacamento.

O destino daquela vila maldita repousava agora nas mãos de seu sucessor e do titubeante magistrado. Problemas como as pedras que dom Armando escondia de El Rei e cuja existência já era de conhecimento de cada aventureiro da comarca. A santa oca encontrada ao lado de seu corpo deixou claro que um reles contrabandista abrigava-se na Casa de Câmara e seria sem dúvida motivo de muitos embaraços nas Cortes. Gregório sabia que bandos

se organizavam para empreender sua própria caçada a Diogo — uma incursão não motivada pela busca da justiça, mas por uma fortuna capaz de transformar o escolhido em um dos homens mais ricos da colônia. Ao longo do dia chegara a seus ouvidos que até militares haviam desertado para perseguir o paulista.

Gregório acomodou-se na poltrona, mãos unidas em uma pose de falso fervor. Não. O precioso contrabando de dom Armando tornara-se, na verdade, problema seu. Diogo agora era o fugitivo mais procurado da capitania. Não somente por estar envolvido na morte de um vereador e dois vigários — nada impediria que o forasteiro fosse também executor de padre Gonçalo, sendo ele o assassino do padreco, pensou o militar. A bolsa de diamantes que o paulista agora trazia junto ao peito alimentaria a cobiça de homens da pior estirpe, dispostos a tudo para fazer a fortuna trocar de mãos.

A imagem de seu inimigo às gargalhadas, rosto iluminado pelas chamas de uma fogueira pequena o bastante para ser ignorada na mata fechada, surgiu em sua mente. Gregório levantou-se em um pulo e esmurrou a parede. O reboco afundou com o golpe, e ele sentiu os ossos trincarem sob o impacto. Não houve dor. Apenas o sabor ocre da derrota — azedo como o gosto deixado pelo vômito na boca. Nunca encontraria Diogo. Dezenas já estariam à sua procura antes do anoitecer, e esse número cresceria com as semanas, desafiando até as previsões mais delirantes. Soldados, bandoleiros, capitães do mato, escravos forros, sem mencionar lavradores e artesãos, que veriam na empreitada a chance de abandonarem a triste condição de homens ordinários.

— Um dia, dom Diogo, hei de ter vosmecê em minhas mãos — sussurrou o militar.

Um farfalhar na escuridão do quarto chamou-lhe a atenção. Algo espreitava oculto nas sombras, entre a parede e um robusto armário. Gregório sacou a garrucha da cintura e atirou onde sabia estar o intruso. O disparo, no entanto, saiu fraco, quase um estalido. Impossível, pensou. Nunca uma arma amuniada por ele próprio falhara antes.

Não perdeu tempo em divagações desnecessárias e desembainhou o sabre. O ímpeto inicial, porém, dava sinais de abandoná-lo. E assim ficou, imóvel como a estátua de um guerreiro, lâmina erguida diante do rosto suado. Até que o vulto deixou a escuridão e deixou-se iluminar pela luz da vela.

— Eu sei o que vosmecê quer — murmurou Ailã, em um grunhido seco.